3 1761 07152584 4

Pinto de Carvalho (Tinop)

LISBOA D'OUTROS TEMPOS

II

OS CAFÉS

LISBOA

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA — LIVRARIA EDITORA
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

1899

Pinto de Carvalho (Tinop)

LISBOA D'OUTROS TEMPOS

II

OS CAFÉS

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54
1899

DP
756
G8
v. 2

TYPOGRAPHIA MODERNA
8, 9, 11 — Becco dos Apostolos — 8, 9, 11
LISBOA

EXPLICAÇÃO PREAMBULAR

Assim como o primeiro volume da "Lisboa d'outros tempos„ é um aggregado de artigos insertos em varias folhas periodicas, assim o segundo volume é uma serie de chronicas publicadas no "O Correio da Manhã„ e no "Diario da Manhã„. N'ellas desenhámos alguns perfis anecdoticos e fizemos passar, rapidamente, como em quadros dissolventes, individualidades e successos que se vão esbatendo nas brumas do Passado. As fontes a que recorremos para as escrever são as mesmas que utilisámos para os artigos constitutivos do primeiro volume.

Que se releve a maneira, talvez um pouco desconnexa, como os assumptos foram expostos por quem é, simplesmente, um "touriste„ na litteratura.

Pinto de Carvalho.

I

Origem dos cafés. — Os antigos cafés parisienses. — Os cafés no Segundo Imperio. — Gabinetes particulares e orgias nocturnas. — Algumas das que conquistaram a corôa de rosas e diamantes do hetairismo. — A fina flôr das elegancias. — Os *viveurs*. — Sombras frivolas. — Os clubs. — Origem da gorgèta em França. — A gorgèta em França. — A gorgèta em Portugal.

No seculo XV, em Paris, apenas as tabernas da *Cité* podiam vender vinho, porque o direito de fabricar e vender licores espirituosos e xaropes pertencia á corporação dos taberneiros *(vinaigriers)*. Receberam auctorisação para darem de beber em copinhos ou em pequenas taças de prata a agua ardente ou a *eau-clairette*, que consistia em ginjas conservadas no alcool com assucar, o mesmo a que, actualmente, chamamos *ginginha*. Os estatutos da companhia dos taberneiros foram estabelecidos pelo preboste Jehan de Folleville em 22 de julho de 1493.

Os italianos que vieram para França, depois do casamento de Henrique II, trouxeram os costumes do seu paiz. Começou o negocio de bebidas delicadas e refrigerantes, tendo por base a agua, o assucar, as fructas, o summo de limão e de laranja, bebidas que tomaram

os nomes de limonadas e laranjadas. Por outras palavras, appareciam os limonadistas ou *botilleros*, como lhes chamam os hespanhoes.

Até 1676 tiveram liberdade de venda. Mas, n'este anno, Luiz XIV transformou as corporações livres em corpos regulares, e os limonadistas receberam os seus estatutos, que lhes permittiam fabricar e vender licores, fructas conservadas em agua-ardente, essencias, cafés, chás e chocolates.

Alternativamente supprimida e restabelecida, esta corporação desappareceu de todo em 1706. Os botequins propriamente ditos estabeleciam-se então em Paris, o famoso café Procopio reunia os bellos espiritos, entre os quaes Piron, d'Alembert, Diderot, Voltaire, Destouches e Rousseau. E os limonadistas passavam á historia.

*

* *

Durante o primeiro Imperio e a Restauração, o café Tortoni foi o logar de confluencia da primeira roda e das celebridades de momento.

Mais tarde, ahi fazia Méry as suas improvisações, Romieux as suas *blagues*, e Roger de Beauvoir exercitava o seu humorismo.

Em 1830 era ás portas do Tortoni que se pavoneava a fina flôr do dandysmo parisiense, cuja impeccavel estylação de *toilette* desafiava os pigarros aziumados e os olhares colericos dos philistinos.

O popular Lord Seymour, que derreteu a sua fortuna nas phantasias mais descabelladas, estabelecia quartel-general no *restaurant Vendanges de Bourgogne*, onde planeava as suas aventuras carnavalescas.

A' volta de 1836 organisaram-se as grandes mascaradas satyricas de Luiz Filippe e dos seus ministros. A *Descente de la Courtille* teve então um brilhantismo singular com os bandos de mascaras que desciam á

cidade e concitavam a alegria de todos. *(Un Siècle de Modes Feminines.* 1794-1894.)

Triumphava o *débardeur* immortalisado pela ironia epica do lapis de Gavarni. As Diana de Maufrigneuse corriam ao baile da Opera, velando a sua graça enigmatica com o dominó preto, e escondendo debaixo da mascara veneziana o seu mysterio impenetravel de esphinges.

Os cafés do Palais-Royal tornaram-se notaveis no tempo de Carlos x por causa das reuniões politicas. N'elles se accendeu o rastilho da polvora revolucionaria, que havia de rebentar em 1830. No dia da publicação das celebres *Ordenanças*, viram-se alguns jovens, inflammados no santo amor da liberdade, subirem ás mezas e censurar calorosamente aquellas disposições draconianas. *(Journées Révolutionnaires.* Armand Dayot.)

O mais antigo dos cafés de Montmartre — o alto onde sopram todas as brizas do scepticismo parisiense — é o *Rat Mort*, de que foram frequentadores, durante o Segundo Imperio, Gambetta e Floquet, cujas vozes eloquentes ainda não tinham echoado na sala do parlamento. *(Le Gaulois du Dimanche.* 27-28 Novembre, 1897.)

*
* *

No Segundo Imperio, foi pela *Maison Dorée*, pelo café *Anglais*, pelos cafés de *la Paix*, de Paris, de Madrid, e *Riche*, que passou toda a aristocracia d'estirpe, do talento e da fortuna. Por ahi transitaram as figuras mais fim de raça, todos os nomes masculinos do *grand chic*, tanto da margem esquerda como da direita, isto é, tanto do velho Faubourg Saint-Germain como do novo Faubourg Saint-Honoré.

A's poeticas saturnaes, aos *nocturnal pleasures* nos seus gabinetes esplendentes, onde se fazia sentir a autocracia felina da mulher, e onde a *verve* — jovial

instrumentista — misturava os sustenidos do paradoxo com os bemoes da ironia, assistiram os mais celebres *viveurs*, esses elegantes que nunca se confundiram com os *cocodés*, com os *crevès*, vibriões da moda que hoje teem nos *gommosos* os seus successores... attenuados.

Relembrar o *Grand-Seize* do café Anglais e o *Grand-Six* da *Maison Dorée*, seria relembrar as tradições galantes da epocha em que o Riso e a Loucura se atrellavam ao carro triumphal da Moda Franceza.

Ahi beberam pela taça carminada do Prazer as primeiras cortezãs da Paris d'então, as heroinas d'uma Jerichó, cujas muralhas haviam de ruir ao toque das trombetas germanicas: a espirituosa Margarida de Jarny, a italiana Giulia Barucci, baroneza d'Ange, Deslions — a bellas das bellas, Carolina Letessier, Adèle Courtois, as irmãs Drouard, Rosalia Léon, Branca d'Antigny, Carolina Hasse, Rigolette, Catinette, e ainda outras... que arvoravam o pavilhão corsario por não poderem contrabandear sob as côres legaes, outras que tão insolentemente agitavam o thyrso das bacchantes sobre essa orgia parisianista do Segundo Imperio, cujos derradeiros echos chegam aos ouvidos modernos como uma longiqua de beijos e gargalhadas.

Recordar pois, estes cafés celeberrimos, seria chamar á autória todos os que sacrificavam nos altares da mysteriosa soberana — a voga; todos os que consagravam culto ao parisianismo — estranho mixto d'espirito mordaz, de polidez glacial, de scepticismo e de sentimento; todos os que consideravam a vida como um bello espectaculo, onde urge divertir-se até cahir o panno.

Ver-se-hiam reapparecer, como em lanterna magica, os actores d'essa operetta offenbachiana, que durou dezoito annos, as individualidades mais em evidencia nas caçadas e nos quadros vivos de Compiègne, nas equipagens grande estylo que desfilavam pela Avenida da Imperatriz á hora verde do absyntho, nos bailes

travestis da princeza Walewska, do palacio d'Alba e das Tulherias, onde Waldteufel conduzia a sua orchestra á victoria, nas *redoutes* maravilhosas da princeza de Metternich, d'Arsène Houssaye e do doutor Evans, nas *media-noches* da princeza Mathilde e da duqueza de Morny, nos salões semi-mundanos da Gortschakoff, da Musard, da Brimont e da condessa Castiglione, nas festas aromatisadas a *pó á Marechala* e a *íris de Florença*, nos festins em que o prazer fluia como um grande rio sobre o qual navegasse a barca de velas de seda onde Watteau conduzia os amantes para Cythera.

Rever-se-hia o duque de Grammont-Caderousse, arbitro da moda, geographo que marcava, com rigor, as sinuosas fronteiras dos diversos mundos parisienses; Paulo Demidoff, um esplendido rapaz ornado com a plena flor da belleza moscovita e principesca; o magnificente barão de Heckeren; o conde de Henckel, primo do chanceller de ferro e ultimo marido da Paiva; o principe Narisckine, um scytha valetudinario, com o passo ataxico, a physionomia simiana; o sybaritico Khabil-Bey, em cuja habitação a rainha do Sabá teria encontrado o seu leito e o seu talher, na phrase de Cora Pearl; Ismail-Pachá, um mahometano enkistado em parisianices, um doidivanas que trocou as odaliscas do harem pelas bailarinas francezas; Mauricio de Hérisson, alternativamente *sportsman*, financeiro, sinologo, viajante na China d'onde trouxe um traje de mandarim que fez sensação no baile da duqueza de Persigny; o principe *Citron*, a jovialidade hollandeza; Galliffet, simples capitão; Massa, auctor official das revistas theatraes palatinas; o conde d'Orsay, o banqueiro Mirès, o duque de Morny, Sagan (*le Pauvre Boson*), a correcção linear d'um inglez d'oleographia, o espirituosissimo Aurélien Scholl com o monoculo inamovivel encravado na arcada zygomatica esquerda, e ainda outros que subiram ás alturas da notoriedade levados na crista dourada da onda azul da Moda. *(Les Bals travestis et les Tableaux vivants sous le Second*

Empire. Pierre de Lano. *L'Amour à Paris sous le Second Empire*. Pierre de Lano. *Mémoires de Cora Pearl*, etc.)

Ver-se-hiam repassar, como nas vistas fugitivas d'um cinematographo, as nymphas eroticas que melhor sabiam pôr em valor os seus encantos, sublinhal-os, dar-lhes relevo, as mais apuradas mulheres de prazer que teem mudado de camisa ante um espelho de guarda-vestidos ou mostrado as espaduas assetinadas pela flor do pó d'arroz ante um espelho hieroglyphado de gabinete particular: da franceza Anna Deslions á polaca Madame de Paiva, da italiana Farelli á hespanhola Pepita Sanchez, da ingleza Cora Pearl á allemã Lucy de Kaula, da loira Helena Préjean, perspicacissima agente da alta policia diplomatica, á Rosa Pompon, morbida flôr desabrochada na estufa parisiense — um adoravel grupo feminino, um verdadeiro decamerão de Winterhalter.

E a evocação d'estas sombras frivolas leva a scismar nas contingencias da sorte. Porque as sacerdotisas da decadencia imperial, as convivas de Grammont-Caderousse, aquellas em cujas gargantas retiniram os mais sonoros guizos da jovialidade gauleza, acabaram, umas no hospital, outras na mendiguez, na loucura ou no esquecimento... Estrellas que tiveram a ephemera scintillação dos fogos fatuos! Só Léa d'Asco, tornada condessa Lagrange, ainda vive em Nice, onde embala as saudades ao som da musica do grande azul mediterraneano. Só Lucy de Kaula, a bella e espirituosa aventureira, foi esconder a sua ineluctavel decadencia na patria allemã, n'alguma d'essas cidades gothicas que conservam a sua muda poesia lapidar, onde vive, decrépita, esquecida, depois de ter esgotado toda a gamma das sensações fortes, depois de ter feito caça ao vil metal com o mesmo furor com que um mineiro procura o quartzo aurifero, depois de ter visto a seus pés grão-duques e generaes, depois de ter sido expulsa da Russia, como mais tarde o seria de França,

após estrepitoso processo, em que a vida vagabunda d'esta peccadora foi passada pelo laminador da perquisição judiciaria.

Só a phantasista Leónide Leblanc (que, na mocidade, jogava forte sobre os tapetes verdes de Baden-Baden, onde accendia charutos com notas de mil francos, e onde usava o nome de *Mademoiselle Maxima*, que, depois, serviu de titulo a um dos seus romances) conseguiu deixar um espolio valiosissimo, no qual avultavam 120 vestidos de velludo e de seda, e 200 camisas bordadas a rendas de Bruxellas — todo um luxo odorifero e artificioso, triste no seu lamentavel abandono, que chegou subito, brusco, como uma antithese romantica.

Só a Paiva — tarantula d'alcova cujas mordeduras eram nocivas como injecções sub-epidermicas de vitriolo — morreu socegadamente, porque foi expirar no seu castello da Silesia, onde, á pallida claridade do luar allemão, se ouve o perpassar mysterioso dos gnomos na espessura das florestas, e veem docemente morrer as notas melancholicas das canções bohemias... Esta rainha da libertinagem cosmopolita, esta bizarra flor altamente cotada nos bazares do vicio, passou atravez da chronica boulevardeira acompanhada d'um grande ruido de adjectivos, e logrou ainda a excelsa gloria de servir de pastio á litteratura: Houssaye retratou-a nas *Grandes Dames*, Engenio Pelletan na *Nouvelle Babylone*, os Goncourt no *Charles Demailly*, Pierre de Lano em dois dos seus livros de historia anedoctica, Camillo Castello Branco na *Bohemia do Espirito*.

*

* *

Depois da guerra, o conde de Dion fundou o *Club des Braconniers* na sobre-loja do café de Paris. Os ultimos *viveurs* do Segundo Imperio reuniam-se n'esse contubernaculo, onde a gastronomia tinha um altar, e

a conversação espirituosa a vida sardonica do phosphoro. Este club possuia uma lista de todas as mulheres convidaveis de Paris, e da hora a que podiam receber o convite, bastas vezes formulado n'um cartão bristol, em que se topariam as desinencias exoticas e asiaticas d'algum magnate.

Ao chamamento d'esses pagãos... de penteado á Capoul, as deusas desciam do Olympo para lhes trazerem todas as alegrias celestes, a formosura, o amor, os beijos atirados pelo arco vermelho e sonoro das boccas frescas, os olhos flammejantes como cirios, o immaculado das pelles macias e brancas como o setim das gardenias, o divinal impudor dos seios de neve em cujas pontas o sol tivesse pintado botões de granada, a poesia viva das formas, quando, desapertada a fibula, a tunica de renda lhes cahia aos pés...

Nos grandes jantares de série a luz escorria das bugias deslisando em rapidos scintillamentos pelas douraduras da baixella, irisando as frigidas pedrarias que picavam os lobulos das orelhas femininas, accendendo fulgores d'incendio nos espelhos, pondo reflexos de topazio nas garrafas dos licores, brilhantismos de soes pyrotechnicos nas joias, tons violentos de bronze novo no fulvo inverosimil dos cabellos, e caricias claras nos vestidos das commensaes, que, d'ordinario, eram as mais bonitas actrizes dos theatros de genero, as philomelas de bastidores, ou as mais gentis figurinhas do Gotha do Amor, as que embotavam a sensibilidade nas mil e uma noites do gozo tresloucado: Fanny Signoret, Clausmenil, Constancia Van Eschen, Terka, Oratchewska, e mais algumas das que abriam, com chave d'oiro, as portas encantadas dos paraizos artificiaes.

O Club des Braconniers extinguiu-se porque os seus membros se dispersaram aos sopros da phantasia e do acaso. Uns mudaram de latitude, outros adormeceram na paz florida dos cemiterios, outros tiveram um fim tragico... casaram. D'essa tertulia original apenas resta uma série d'artigos de recordação publicada por

um capitão de couraceiros na *Vie Parisienne* d'aquelle tempo.

Actualmente, os primeiros clubs parisienses são o *Union*, o *Jockey*, o *E'patant* e o *Agricola* ou *Rue Royale* almiscarado telonio onde se empenharam as legendarias partidas de *baccarat* entre o principe d'Orange, Khabil-Bey, o duque de Castries, de Gouy, etc., e onde ultimamente dominou soberano o principe de Sagan, hoje valetudinario, um Alcibiades que estaria disposto a cortar as caudas a toda uma raça de cães, um Brummel cujo monoculo era um poemasinho de vidro e tartaruga, monoculo que o principe *Chic* entalava no jugal da arcada superciliar direita com um gesto despotico de nababo, com uns ares impertinentes de superioridade desdenhosa [1].

---

[1] O monoculo do principe de Sagan, d'uma distincção exasperada, ganhou celebridade parisiense ao lado dos monoculos de Félix Faure, de Daudet, de Gaston Paris, de Capus, de Scholl, o condestavel da chronica parisianisante, o nobre mosqueteiro do periodismo gaulez.

Os mais notaveis monoculos luzitanicos são o d'El-Rei D. Carlos, monoculo extra-benevolo, o de Raphael Bordallo Pinheiro, monoculo de artista d'um talento polycordio, lupa voltaireana de genial graphista humoristico, o de Eça de Queiroz, monoculo fixo, despedindo scintillas em jacto continuo, microscopio avido de analysta, o de Augusto Rosa, monoculo conquistador de todos os suffragios estheticos.

Nos clubs londrinos de Pall-Mall, nos centros britannicos que se curvam ao jugo dourado do protocolo mundano, este crystal franchinotico tornou-se complemento indispensavel dos *clubmen*, dos gravatões, como a immarcescivel orchidea na sobrecasaca de Chamberlain.

Da mesma maneira que o *lorgnon* para as damas, o monoculo, para os homens, é uma arma de combate, e o seu manejo uma sportice nova. Com elle posto, toda a emoção é prohibida, porque, se se experimenta, o zygomatico afrouxa e o monoculo cahe. Dá impassibilidade physionomica. Eis a razão determinativa dos penetras descarregarem golpes de monoculo, sublinhativos da phrase e provocantes como uma negação ironista.

Leur monocle tenu par un large lien,
Leur fait croire qu ils ont l'esprit d'Aurélien.

As damas não se ficaram a chilrear nos salões litterarios, onde se conserva a tradicção d'aristocracia e d'intellectualidade, que deu tanto prestigio aos salões da Restauração. Crearam um club exclusivamente seu, o *Ladies' Club*, em cujo gabinete de leitura as folhas dos jornaes e das revistas devem estremecer contentes ao contacto de mãos brancas como a neve polar e palpitantes como pombas.

Lembraram-se, por ventura, das theorias de Mantegazza, das suas asseverações ácerca dos caracteres sexuaes do espirito feminino, e tentaram, por mais esta maneira, provar que — na nossa epoca de racionalismo avançado — elle não reproduz o espirito dos antigos povos civilisados, e que o cerebro d'uma parisiense que, entre duas sessões de mundanidade ou d'adulterio, corre a ouvir a palavra erudita de Brunetière, a palavra meliflua do Padre Olivier ou as polyphonias suggestivas de Wagner, differe muito do cerebro d'Aspasia, que escutava Pericles e Socrates, do cerebro de Clodia que convivia com Catullo e todo o creme da litteratura, do cerebro das romanas galantes que liam os stoicos e os livros platonianos.

No casino das damas affirma-se uma reivindicação dos direitos femininos, d'esses direitos que tiveram como primeiro defensor a Emilio de Girardin, e que hoje teem como intrepido paladino o novo jornal *La Fronde*, cujas chronicas são esmaltadas pelas vaporisações perfumadas da psychologia feminina, e cujos artigos doutrinarios devem resistir ás investidas da critica viril, como a cutis das articulistas deve resistir á acção corrosiva das drogas exoticas, aos acidos mordentes das aguas de toucador.

*

* *

Qual é a origem da gorgeta? O assumpto era de molde a ser tratado entre dois *bocks* á meza d'uma

loja de bebidas. Na velha Roma, os escravos que, nas salas dos festins, escanceavam as crateras e os acratophoros de phalerno nos copos dos patricios borrachos não apanhavam um unico sestercio de propina. Apanhariam, quando muito, a sua chicotada ou uma dose d'ergastulo. A gorgêta só podia apparecer com o creado assalariado. Mas quando e como? Eis o que suppomos difficil d'averiguar.

O costume de dar gorgêtas já existia na França do seculo XVII. Recebia o nome de *vin du valet*. Furetière definia-o assim: — «Pequeno donativo que se faz aos creados ou aos companheiros de profissão em recompensa de pequenos serviços que prestam.» Eis a gorgêta. Facilmente se reconhece. O poeta Colletet nos seus *Tracas de Paris*, em 1665, mostra quanto o habito da gorgêta estava já inveterado no seu tempo. E, ao descrever o fim d'um jantar, diz:

Holà, garçon! que quelqu'un monte!
Prends cet argent et fais ton compte;
Trente en chapon et six en pain,
Deux en fromage et seize en vin,
Dix en jambon, est-ce l'affaire?
Et cinq sols pour la bonne chére.
Sans compter les «deux sols» pour toy
Pour te mieux souvenir de moy.

A gorgêta tem, pois, os seus pergaminhos.

Ha quem diga que a gorgêta é uma das formas da esmola. Para nós temol-a com uma das mais pesadas contribuições do nosso tempo.

Em Portugal, o vezo de dar gorgêta, ainda ha poucos annos muito restricto, generalisou-se, e hoje nenhum creado de café deixa d'esperar que o bom animo do consummidor lhe faça ouvir as notas maviosas d'esse lindo rouxinol que canta dentro das carteiras, d'essa ave canora cujo canto dulcificador é mais attrahente que a voz argentina da Patti ou a voz musical da Paccini.

O *pourboire*, essa decima de Damocles, está sempre suspenso sobre a liberalidade dos clientes das lojas de bebidas.

Garçon, un second bock, et parlons d'autre chose !

II

Philosophia dos botequins lisboetas. — Os botequins lisboetas no seculo XVIII. — Fala-se do marquez de Pombal. — A Opera do Bairro Alto e El-Rei D. José.

Em Portugal nunca se conheceu a vida de café, tal a comprehendem na Hespanha, na França e na Italia. Ahi, os cafés como que são entrepostos intellectuaes, onde se permutam opiniões, onde a imaginação dá alôr aos voadouros ou a Rhetorica desdobra as azas de poderosa envergadura. São pontos centricos de reunião onde, á luz crua do gaz — esse grande illusionista — ou á luz poeirenta e vacillante dos globos electricos, se vae procurar a alegria dentro d'uma chavena de café, o esquecimento dentro d'um calice d'absintho, as chymeras que phosphoreiam no imo das esguias botelhas capsuladas, as borboletas da *réverie* que adejam nas espiraes de fumo alvadio dos charutos, e, muitas vezes, o prazer offerecido pelas socarronas frandunas do amor, que — sem biôcos de honra e com elegante despejo — amarrotam espelhantes sedas trescalando a perfumaria interlope, e acalcanham a Virtude com suas botinas d'altos talões Regencia, ao mesmo tempo que sofraldam os vestidos, mostrando as pantorrilhas que bojam sob meias de seda retezadas pelas ligas.

Entre nós, os cafés teem sido apenas, umas vezes a copia grotesca, caricatural, outras vezes a photographia pessimamente retocada dos lá de fóra. Pendo a crêr que os nossos botequins modernos — salvo raras excepções — vigem e viçam devido menos ás grandes consummações de bebidas do que á nora do bilhar, á moinheira do gamão e das *damas* — em que não se arrisca em lances de grande envite — ou ás suciatas nocturnas dos ribaldos peralvilhos com as hespanholas sorrelfas que vivem encloacadas nos sobrados fedorentos das betesgas do Bairro Alto.

Para uns vão os letrados, os sabichões, fazer phrases folhetinaes ou cravar a conversação d'adjectivos rutilos, como um pianista eximio criva o teclado de variações brilhantes; para outros vão os leonculos da moda engranzar parvulêzas no fio do cavaco, ou narcizar-se nos vidros luzentes das ventanas e nas couçoeiras polidas dos portaes; para outros vão os janotas toureiros, os pandilhas valentões — uma jolda de patáos e de patêgos,—que passam o tempo a falar em maléssos e boiantes, ou, muito bexigueiros, a fazer ingranzeu com pachuchadas tresandando um cheirête catingueiro. Taes são as casas de café n'esta nêsga da mal tozada gleba luzitana, e n'este momento do seculo.

Antes do terramoto de 1755 os rarissimos botequins lisboetas não logravam a frequencia da gente engravatada. O mais afamado em 1745 era o café do Rosa na rua Nova (rua dos Capellistas) apenas frequentado por negociantes estrangeiros.

N'esta mesma rua existia tambem o café de *Madama Spencer*. (*Gazeta de Lisboa*, 1741).

A ballela politica, a parenese *d'estaminet* e... a lixivia de roupa suja, que actualmente constituem numeros obrigatorios nos programmas musicaes *d'entre o café e o cognac*, eram assumptos caturrados em logares certos de reunião: o Alto de Santa Catharina (pas-

seio favorito da gente do Bairro Alto), a Cotovia, Valle Verde, Sequeiro das Chagas, Remolares, Caracol do Carmo, Arcada do Rocio e Adro de S. Domingos, Jogo da Pella, Taboleiro da Sé, Terreiro do Paço, etc. (*Dicc. Popular*). O peralta que, em passo de gavota, bandarreava pelos adros das egrejas e pelos pateos dos conventos, e o jarrêta de capote ás canhas e pitada de simonte engatilhada, iam para esses locaes ventilar os casos que hoje veem á tela da discussão nas salas dos cafés, onde são adelgaçados pelos cepilhos dos satyristas botequinaes.

Iremos ouvir mil pétas,
Quando mais o sol se empina,
Vendo acerrimos jarrétas,
Junto a Santa Catharina,
Argumentando em Gazetas.

Antes do terramoto de 1755 era a rua Nova d'El-Rei, dos Mercadôres ou dos Ferros, a principal arteria da capital, era o Chiado da epocha, a rua onde estadeavam os mais luxuosos estabelecimentos, entre elles os que vendiam objectos da India, ou as lojas de chá, como diriamos agora.

Por occasião do grande incendio nos Paços do Concelho (moderna rua Nova d'El-Rei) ainda havia n'esse edificio uma loja de louças da India, e hoje mesmo conserva-se n'essa rua a loja de chá do Bessone, fundada ha mais de oitenta annos, tendo então, além das duas portas que possue, mais outras duas, que actualmente pertencem á pastellaria Pucci.[1]

---

[1] A mais antiga pastellaria lisbonense data de 1812. Foi estabelecida pelo Baltresqui no largo de Santa Justa, e d'aqui mudou para uma loja da rua dos Capellistas no antigo edificio da camara, que foi presa das chammas em 1863. Baltresqui casou a filha com o Pucci, um italiano que viera para Lisboa como cosinheiro da duqueza de Palmella, e que foi o seu successor. Com o incendio da camara municipal, a pastellaria *Pucci* transferiu-se para a loja da mesma rua, onde agora a vemos. A filha de Pucci casou com o actual proprietario do estabelecimento.

Só depois de 1755 appareceram lojas de bebidas mais aprimoradas, melhor arreadas de mobilias, como convinha a uma cidade que encetava vida nova, postoque n'algumas d'ellas os tavolageiros armassem seus abuizes áquelles em que encontravam polpa para empolgar as unhas. A' actividade, a um tempo benefica e malefica, do marquez de Pombal nada escapava. Bem sabemos que o povo o classificou de *homem de prêsa*, que lhe attribuiu mil extorsões, mil expoliações, que aquelle epigramma do frade — que admirava sobretudo as *aguas-furtadas* dos palacios do Pombal — frisava perfeitamente. Mas sabemos tambem que, logo no reinado da beata D. Maria I, o mesmo povo se penitenciava dizendo em adagio: *Mal por mal, antes Pombal.*

Não pomos o fito em nos occuparmos d'esta alta individualidade, mas apenas dizermos que na sua febre de remodelador, até patrocinou o estabelecimento de bons cafés, e fez comprehender no numero das disposições pombalinas aquella que obrigava as tabernas a substituirem os ramos sobre as portas por taboletas de madeira pintadas.

O theatro da Opera, no Bairro-Alto, tinha um botequim, que foi arrendado por um tal José Alexandre. E' de presumir que tivesse farta concorrencia de *dilettanti*, porque o manteve de 1761 a 1770, conforme se vê das contas do Theatro do Bairro-Alto. (Bibl. Nacional. *Manuscriptos da Secção XIII).* Mas, depois de 1769, o José Alexandre começou a pregar calote, e o seu nome apparece no canhenho dos devedores do theatro, junto aos nomes d'alguns dos assignantes de camarotes e de logares de plateia: D. Antonio Flor da Murta, o Principal Camara, o lettrado Corte-Real, conde da Vidigueira, cadete Jance, *Madama* Ferrare, Morgado d'Oliveira, ministro da Dinamarca, o Estribeiro-Menor, etc.

El-Rei D. José ia á Opera do Bairro-Alto. Contava

um velho capellão da casa Sabugal ou Sabugosa, fallecido em 1848, que D. José era d'uma pontualidade ingleza. Chegava sempre á hora marcada, tirava o seu relogio e mandava principiar o espectaculo [1]. Este soberano não se deliciou só com as vozes do theatro do Bairro Alto, mas tambem (anteriormente a 1755) na Opera do Paço de Lisboa, na Opera do palacio d'Ajuda, na Opera do palacio de Salvaterra (sitio para onde ia muito, e onde se realisaram famosas touradas reaes), ouvindo os cantores Raff, Mazzoli, e Egypcielli, — este ultimo mandado vir propositalmente de Roma — e, finalmente, nas serenatas de Mafra, onde escutava, além d'aquelles, o cantarino Chuchi. (*Gazeta de Lisboa*).

[1] Este facto foi-nos referido pelo sr. dr. Augusto Cesar Alves d'Azevedo.

III

O botequim do Marcos Felippe. — Um pouco de historia contemporanea. — O botequim do *Casaca* e outros. — Parlatorios politicos. — O Pina Manique entra em scena. — *Os Mouchards*. — Modas femininas.

O botequim do Marcos Felippe foi um dos primeiros cafés de luxo que se estabeleceram em Lisboa. Estava ao canto do largo do Pelourinho na loja que hoje tem os numeros 23 e 24, e é occupada pela drogaria da viuva Serzedello.

Conta o sr. Fonseca Benevides no seu apreciavel romance historico *No Tempo dos Francezes* que este botequim foi estabelecido depois do terramoto, a solicitações do marquez de Pombal, que reconhecia a importancia d'este elemento de vida publica nos grandes centros populosos. O estadista, para vencer a contumacia do fundador da casa, foi lá, no dia da inauguração, almoçar chá e torradas com manteiga feitas de pão de Meleças, um logarejo saloio cerca de Bellas. A confecção d'estes almoços ligeiros constituia uma especialidade dos velhos botequins lisboetas.

O creador d'este botequim historico chamava-se Marcos Felippe Campodonico segundo se vê no seguinte annuncio da *Gazeta* de 10 de dezembro de 1805:

«Constando a Marcos Filippe Campodonico que varios sujeitos que vendem licores e aguas ardentes se teem valido furtivamente do seu nome no commercio dos ditos generos, não sendo talvez manipulados com aquella perfeição com que elle os fabrica, participa por este meio e põe de cautela a todas as pessoas d'estes reinos e do Ultramar que lhe fazem obsequio de se proverem dos referidos generos em sua casa, que esta fica situada no largo do Pelourinho n.os 16, 17 e 18; e que elle, além d'esta casa, não tem outra mais que o armazem onde fabrica os seus licores, situado á Bica do Sapato, dentro da horta do Excellentissimo Marquez d'Angeja, n.º 3; e por isso só aos sitios acima indicados é que deve dirigir-se quem quizer sortir dos referidos generos preparados na fabrica.»

Marcos Felippe figura na lista dos patriotas, que, apoz a expulsão dos francezes, concorreram com donativos para as despezas do exercito. Ao lado d'elle está, entre outros, o João dos Santos, almoxarife da quinta do Ramalhão e muito querido da rainha D. Carlota Joaquina, o qual offereceu dois cavallos. Marcos Felippe tinha a sua fabrica de licores na rua do Arco, aos Cardaes de Jesus, em 1816. (Torre do Tombo. *Livro 31 das Secretarias*).

No botequim do Marcos Felippe havia parlatorio dos partidistas dos francezes em 1809, taes como o Martins Leoni, professor de francez, e o sobrinho do Calvete (Intendencia. *Papeis diversos*. Maço 1.) N'este botequim juntavam se em 1824 alguns empregados da secretaria da marinha, como um tal Torquato e um tal Monteiro, que de tudo vociferavam e a todos os seus collegas de repartição chamavam ladrões. (*Policia Secreta dos Ultimos Tempos do Reinado do Senhor D. João VI).*

Em 1826, este botequim pertencia a Manoel Jeronymo Campodonico, filho, talvez, do fundador. (*Correspondencias dos Ministros dos Bairros*. Maço 148).

Esta loja de bebidas desempenhou um pequeno papel na historia contemporanea. A's duas horas da manhã de 8 de setembro de 1838 reuniram-se em armas, no Pelourinho, perto de quatrocentos homens de varios batalhões da guarda nacional e o batalhão d'Artifices do Arsenal, exigindo a demissão do ministerio Sá da Bandeira-Bomfim, o ministerio dos *pastelleiros* como lhe chamavam os adversarios. A' frente do movimento estava Ricardo José Rodrigues França, inspector do Arsenal, commandante do batalhão d'Artifices e exaltado setembrista. Mas, cercados pela tropa fiel em terra, e por uma corveta e um brigue pelo lado do mar, tiveram de capitular, pactuando-se então uma convenção que se ficou chamando *do Marcos Felippe*. O batalhão do Arsenal foi dissolvido e o França demittido. Apesar do sobresalto produzido por este pronunciamento militar, a procissão dos Passos, que se fazia n'esse dia, realisou-se sem inconveniente de maior. O França morreu d'um tetano que lhe sobreveio a um tiro da espingarda, que, casualmente, se lhe disparara na occasião em que (quando homisiado) saltava para um bote na Outra Banda.

O correspondente de Lisboa para o *Braz Tizana* do Porto dizia, em 1855, que morrera a viuva do Marcos Felippe, deixando sessenta contos de réis a um cambista. Não nos parece provavel que fosse a viuva do fundador do botequim; mas seria, talvez, a viuva d'algum descendente seu. O botequim do Marcos Felippe fechou em 1858 ou 1860.

Em 1783 existiam varios botequins que eram, cumulativamente, casas de tavolagem. Havia o *Caffé Neutral*,[1] onde entravam de sociedade Frey Antonio Belli com o christão novo Daniel de Cerqueira, o *do Casaca*, o do Antonio Luiz Capellista — que foi preso

[1] Em 1810 havia a casa de pasto *do Pedro Neutral* na rua do Principe, 61, indo do Rocio para o Passeio.

por roubar com dados falsos novecentos mil réis a um francez —, o d'um reposteiro junto á praça dos Leilões, e outros que haviam tirado licença para jogo de bilhar, mas que tinham diversos jogos. O Intendente de Policia, Pina Manique, dizia que n'ellas se juntavam individuos não só para aquelle fim, mas tambem para fallar com liberdade das sagradas pessoas de Suas Magestades. Particularisava a loja de caffé de um Manuel José na rua Nova d'El-Rei, onde ia um clerigo por appellido Viegas, e a d'um relojoeiro na rua Augusta. (*L.º 1 das Secr.*)

O botequim *do Casaca* foi historico. Era situado na rua dos Capellistas, junto á antiga sachristia de S Julião, e tomou esse nome porque o creado que servia ás mezas andava sempre de casaca.

O sr. Costa Cascaes na sua peça *A Inauguração da Estatua Equestre* colloca a scena d'um acto n'esse café, onde entrava o marquez de Pombal.

A loja *do Casaca* ainda existia em 1804, como se vê n'um annuncio da *Gazeta* d'esse anno.

Ultimamente soubemos que ainda existia em 1809, como se vê d'uma denuncia no tempo dos francezes. (*Pap. Diversos.* Maço 1).

O café *Neutral* era em Belem, e pertencia a José Baptista, em 1797. Ainda existia em 1803. (*Gazeta*).

Em 1782 estava na Patriarchal Queimada a loja de bebidas do Nicolau Vitaliano, e no largo de Belem, perto da calçada d'Ajuda, a do Theophilo José. N'ellas, bem como na loja da Gazeta, se vendia a 200 réis os bilhetes para as seges que partiam d'aquelles locaes todos os dias das 7 horas da manhã ás 8 da noite.

A sege partia logo que tinha dois passageiros. A venda cessou depois na loja da Gazeta, e passou a fazer-se na Casa da Neve, debaixo da Arcada da Praça do Commercio.

Em frente da Conceição Nova, na casa dos Padres da Boa-Hora, estava uma loja de bebidas em 1789, e por cima, na sobre loja, habitava *Madama* Delaval, fabricante de flores. A Casa da Opera da Rua dos Condes possuia seu botequim, cujo dono morava n'um primeiro andar á esquina da rua Aurea e da travessa de Santa Justa.

Esta loja começou a fabricar neve no 1.º de Julho de 1792, e participou, pela *Gazeta*, que a forneceria ao publico durante todo o estio.

Na escada das varandas do theatro de S. Carlos existia uma casa de bilhar em 1796. E no Poço Novo estava (em 1797) a loja de bebidas do Bento Valença, que vendia as obras de José Daniel [1].

Na *conta* de 5 de novembro de 1794 diz o Intendente Manique, que, no numero das casas que inspiravam desconfiança estava uma loja de café na rua dos Romulares, por baixo da casa do negociante Vianna Ferreira e Companhia, onde se juntava muita gente palrando contra o Principe Regente e fazendo a apologia da liberdade. E uma taberna, que existia na travessa, não era menos isenta d'essa pécha. Ahi, varios francezes tocavam rabeca e cantavam canções sediciosas. (*L.º 4 das Secr.*)

Nos cafés do Rocio então nem é bom falar. Por lá tudo cheirava a jacobinice, a maçonaria, e outros nomes com que o Intendente baptisava esta gafaria de sarampello politico, que atacára muito bom portuguez.

Um Aviso do Marquez Mordomo-Mór, enviado ao Manique em 15 de setembro de 1792, dizia-lhe que indagasse, com todo o segredo e recato, se nas casas publicas e cafés se proferiam proposições e referiam factos, com que se intentasse alterar a tranquillidade publica. (Int. *Avisos e Cartas do Reino. L.º 2).*

---

[1] Bento Valença era partidario dos francezes. *(Pap. Diversos.* Maço 1.)

O Pina Manique possuia a actividade, a mobilidade, de quem tivesse engulido uma pilha electrica. Entremettia-se com tudo, a tudo providenciava. Não queria que se usassem as luvas e os cocares *á Liberdade;* embirrava com os vestidos *á Jacobina* e com os penteados que as damas traziam «imitando os malvados de Paris,» com os sapatos sem fivelas, com os cabellos sem polvilhos e com os chapéos altos dos homens. *(L.º 4 das Secr.)* Fazia apprehender as caixas e trastes com pinturas licenciosas que vinham do estrangeiro por contrabando, os relojios contendo figuras emblematicas que appareciam ao tocar uma molla, e que vinham dirigidos ao negociante italiano Antonio Galli; os modelos em cera que elle mandava pisar pelos mariolas d'Alfandega. (*Avisos e Portarias.* Maço 1)

Fazia egualmente apprehender os livros suspeitos que vinham para o duque de Lafões e para o cavalheiro Lebzeltern.

As ordens severissimas do Intendente produziam os seus naturaes resultados. Porque o procurador Santos, Francisco Ferrari, João Ferrari e o alferes *Aytona,* andavam pelos botequins a mostrar uma caixa de rapé que tinha o distico: *Viva a Liberdade*, foram logo presos. (*L.º 4 das Secr.*)

Para este e para outros fins policiaes trazia espalhados espiões e *moscas*, como elle dizia. (*L.º 5 das Secr.*, pag. 188).

Os sagiões do Manique, impotentes para jarretar as protervias dos malandrins que assaltavam os transeuntes nas ruas de Lisboa, limitavam a sua actividade a fariscar casos urgicos, a espionar os botequins onde se conversava em *coïsas perigosas*, e a vigiar alguns cidadãos que *andavam em clubs* pela Praça do Commercio, onde se reuniam todas as tardes, pelo que prenderam o governador do Ceará, o capitão reformado Lacueva, o Salles ourives, o cirurgião Simão Gomes,

e outros. *(L.º 5 das Secr.)* Tambem os estrangeiros que aqui se juntavam provocavam desconfiança: o Lecenei, negociante francez, o Rubie, o Guillon, o Macé, fabricantes e artifices. *(Historia de Portugal.* Oliveira Martins).

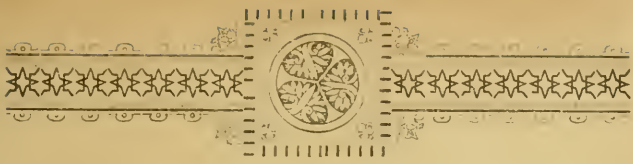
* *

No principio d'este seculo (quando era uso cantar ao cravo o *de saudades morrerei*, entoar a *Comporta*, dançar a contradança) as *toilettes* femininas, em seda amarella e vermelha, possuiam o colorido ardente dos quadros de Velasquez. Viam-se as senhoras ir á missa ou a passeio, de vestidos esguios, com amplos decotes, — *corbeilles* de seda d'onde parecia escapar-se a carne florida, — mangas curtas, cintura curtissima mal disfarçando as formas, e levantados do chão um ou dois palmos afim de mostrarem, coquettemente os, sapatinhos, parecendo cortados n'uma aza d'insecto.

Traziam uns chapéos d'abas compridas e feitio extravagante, ou de palha, chamados á ingleza, com fitas sob o queixo; os espartilhos, ó Leoty! eram muito exquisitos e atavam por detraz.

O complemento indispensavel da *toilette* feminina era um leque pequenissimo, que a zombaria tolentiniana appellidou *d'azas de mosquito.*

Pois o Manique voltou a embirrar com os trajes femininos, e publicou a celebre circular de 1804, com a qual tentava coarctar os excessos da moda. *(Summario de Varia Historia.* R. Guimarães).



IV

O botequim mais antigo de Lisboa — Filinto Elysio — As denuncias — Jogatina — A Arcada do Terreiro do Paço — *A Gazeta de Lisboa* — Todos jacobinos! — Os bilhetes de residencia — Procedimento anti-patriotico.

O mais antigo botequim é actualmente o da Arcada do Terreiro do Paço. Ao predio em que está este botequim anda ligado um facto historico-litterario. Foi n'um andar d'esse quarteirão (chamado do Anselmo da Cruz Sobral), habitado pelo escrivão do civel Joaquim José de Sousa, que Filinto Elysio teve uma conversa indiscreta sobre religião, conversa que foi delatada á Inquisição pelo padre José Manuel de Leiva.

Filinto Elysio foi perseguido e obrigado a emigrar para França em 1778, deixando seus paes em precarias circumstancias. (Torre do Tombo. *Inquisição*. Processo n.° 14:048).

Sabemos que esta loja de bebidas da Arcada existia em 1782, e que lhe chamavam a *Casa da Neve*. Em 1784 tinha o nome de *Casa de Café Italiana*. (*Gazeta*).

Era seu proprietario o italiano Domingos Mignani,

segundo se vê d'um aviso do Intendente de Policia (em 1785), no qual se dava parte d'um roubo ali praticado, em que levaram dinheiro e peças de prata, e lançaram fogo á porta seguinte, que dava serventia a um relojoeiro, tambem roubado na mesma occasião (*L.º 2 das Secr.*) Em 1795 chamávam-lhe café *do Commercio*, e era do mesmo Mignani.

Em 1795 armaram um telheiro para os canteiros das Reaes obras Publicas junto a esse botequim. (*Gazeta*).

Por denuncia feita em carta de J. F. S. e dirigida á Policia em 1809, sabia-se que n'esse botequim se reuniam muitos libertinos e muitos jacobinos. Mas estas denuncias eram vulgares, como adeante veremos.

N'outra denuncia de 1810, o café da Arcada apparecia entre as casas clandestinas de jogo de banca e dado. (*Papeis div.* Maço 1).

Na parte da policia secreta de 14 de novembro de 1823 affirma-se que o botequim da Arcada do Anselmo era um dos sitios em que havia mais conversações e mofas á *Gazeta* «na parte que tratava a respeito da Hespanha.» (*Idem.* Maço 11). Em 1824 era dono d'esse café um José de Mello.

Em 1825 appareceu um annuncio na *Gazeta*, dizendo que na porta n.º 7 da Arcada se forneciam almoços a tostão, e jantares e ceias para fóra. Quer-nos parecer que ainda se tratava d'esta mesma casa.

Em 1829 annunciava-se o trespasse da loja de bebidas com bilhar, debaixo da Arcada do Terreiro do Paço, e que se tratava com o arrendatario na mesma loja. Finalmente, em 25 de Maio de 1829 abria, completamente reformado, o botequim da Arcada. (*Gazeta*).

Este antiquissimo café pertenceu depois a Martinho Rodrigues, fundador do café *Martinho*, e, por morte d'elle, coube em herança ao actual proprietario de am-

bos, o sr. Julião Bartholomeu Rodrigues, escrivão do Tribunal do Commercio.

Martinho Rodrigues era o contractador da neve que se consumia na capital em 1810. Tirava-a da serra do Coentral Grande, d'ahi vinha em carros até á Barquinha, e em barcos d'agua-acima até Lisboa. (*Avisos*, etc. Maço 9.)

Em 24 de Novembro de 1832 foi mandado que as lojas de bebidas fechassem ás Ave-Marias, e as outras lojas ás 8 horas da noite, exceptuando as boticas que podiam fechar ás 9 horas, embora o ministro da Justiça dissesse n'um aviso que os boticarios, pela maior parte, *não possuiam bons sentimentos politicos*. (*Idem*. Maço 79.) O Martinho pediu para fechar ás 9 horas.

Sob as Arcadas do Terreiro do Paço houve varios estabelecimentos. A loja da Gazeta era na actual arcada do ministerio do Reino (até onde se prolongava o Senado); o livreiro Nogueira estava na arcada da Junta do Commercio (onde agora está a Junta do Credito Publico), mas cujo edificio pertencia ao Senado; a loja das cartas de jogar estava na Arcada do Anselmo, porta n.º 6; e junto á guarda principal (no lado da Alfandega) havia uma loja de livros. (*Gazeta*, 1804.) Antes do terramoto já havia alguns livreiros no Terreiro do Paço. Isto além dos papelistas que o frequentavam, como frequentavam a porta da Misericordia.

A guarda principal foi mandada estabelecer pelo marquez de Pombal em aviso de 27 de abril de 1775; compunha-se de subalterno, sargento, dois cabos, e trinta soldados, e aquartelava-se junto á porta da Alfandega na Arcada da Real Praça do Commercio. Principiou em 13 de Maio d'aquelle anno. (*Avisos da Intendencia. L.º 12.*)

Já que tocámos na loja de venda da Gazeta diremos mais alguma coisa a respeito dos locaes onde se vendia esta antiquissima folha. A Gazeta (com o nome de *Supplemento das Noticias de Lisboa*) vendia-se na loja do livreiro francez Lourenço Antonio Bonnardel, ao largo da Esperança; e em 1762 passou a vender se na casa de Pedro Ferreira, impressor da Rainha e impressor da Gazeta até 1759, o qual morava na calçada da Gloria, abaixo do chafariz de S. Pedro d'Alcantara, junto ao picadeiro do conde de Castello Melhor, e defronte da cerca dos padres de S. Roque ou da Companhia de Jesus. Pedro Ferreira começou a imprimir a Gazeta em 1752, tendo a sua officina n'um quarto andar da rua Nova dos Ferros, defronte da Conceição Nova. Depois do terramoto estabeleceu-se no cimo da calçada d'Arroyos, perto do Arco do Cego, e junto da quinta d'Antonio Pery de Linde; e, ainda depois, na rua de Nossa Senhora dos Prazeres, por baixo da rua do Pombal, no sitio da Cotovia.

Foi n'uma terça feira, 9 de novembro de 1799, que a Gazeta se principiou a vender e a distribuir na loja da Praça do Commercio, junto á arcada do Senado, ficando encarregado da gerencia Francisco José da Silva.

*

* *

Dissémos, anteriormente, que as denuncias no tempo dos francezes foram vulgares. Estas denunciações recebiam incitamento d'um decreto que a Regencia fez Publicar em 20 de março de 1809, pelo qual auctorisava a denuncia, vocal ou escripta, de todos os sequazes dos francezes ou traidores á patria, prohibindo, todavia, o infamar qualquer pessoa com similhante epitheto.

As denuncias choveram, e quasi se converteu em balda a accusação por espionagem e jacobinice. N'uma

d'ellas até figura o nome do illustre compositor Marcos Portugal, que então morava na rua de S. Francisco da Cidade, n.º 9, 2.º andar. Os commerciantes francezes residentes em Lisboa estavam naturalmente indicados como suspeitos. Mas não eram só elles. A lista dos portuguezes e italianos marcados com o ferrête do jacobinismo era longa: os padres Vicentes, José Maria o *Bimbas*, tenente de marinha, o dr. João Mourão, prior do Sacramento, homem turbulento, declamador até do pulpito; o Pratolongo, corretor italiano, conhecido por espião francez ha muitos annos, diz o denunciante; o dr. Manuel Ferreira Gordo, [1] do Rocio, «que vive de denuncias, e no artigo francezismo é até maniaco, grita publicamente contra o governo e tem forja de más noticias», dizia outro denunciante; o negociante Cambiaso, o genovez André Guidoti, negociante de quinquilherias, e seu filho João Maria, o primeiro, lingua e constante companheiro de Junot, e o segundo, empregado na secretaria do general francez e encarregado dos livros e trastes quando este retirou, (*Papeis Div.* Maço 1.); o medico Francisco Gomes da Motta, que fôra muito protegido pelo general Lannes, embaixador francez; João Antonio de Sousa Moraes, o *major Chicoria*, que, mais tarde, no tempo de D. Miguel, foi um grande perseguidor dos *malhados* (L.ºs 10 e 11 das Secr.), etc.

Indicavam mais, como jacobinos, um marceneiro de S. Francisco, que fôra muito do Lagarde, e em cuja casa estavam armas escondidas, cuja averiguação foi incumbida ao *Tim Tim*; o Jacob Dorham, encarregado de negocios da Hollanda, «que em todo o tempo tem sido o corypheo dos espias francezes»; o L'E'vêque, pintor, esmaltador e retratista, que dava informações

---

[1] Mandaram-n'o em 1810 para os Açores. Voltou em 1815, indo morar na R. Aurea, á entrada da T. da Victoria, do lado esquerdo, 2.º andar. Ficou sob a vigilancia da policia. (*Avisos*, etc. Maço 28).

aos francezes e tirava plantas da cidade; o pintor Pellegrini, que escarnecia o Regente, denunciava todas as pinturas boas que havia, e quando fallava de Junot chamava-lhe *Principe de Portugal*; Francisco Rossi, consul da Sardenha, um dos validos de Junot; um francez, antigo cabelleireiro da Princeza Real, que morava na casa do Dr. Bandelli, á rua de S. Bento, e que rasgara publicamente os retratos dos nossos soberanos, que estes lhe haviam dado; o Manuel Joaquim que fôra caixeiro e, depois, testamenteiro do celebre *Manteigueiro*; o Cosmelli que, certa occasião, estava a rir com um individuo por ter visto sahir do largo do Quintella o general inglez na sua carruagem, acompanhada de cinco guardas da Policia a cavallo. Indicavam tambem a casa da rua da Graça, 97, 1.º andar, em que se juntavam officiaes do 1.º batalhão nacional do Paço da Rainha, e, no numero d'elles, o poeta José Daniel Rodrigues da Costa, capitão d'aquelle batalhão, os quaes todos faziam critica, em verso e em prosa, dos actos governativos.

Muitos francezes, negociantes aqui estabelecidos, iam metter-se voluntariamente na cadeia para escapar ás furias populares, como succedeu ao livreiro Orcel. Outros viram as suas casas salteadas a pretexto de buscas, como aconteceu á do Jacome Ratton, na quinta da Barroca d'Alva em Alcochete. (*Idem*).

Muitas d'essas denuncias e accusações faziam-se por vingança, por interesse cupido, ou por despeito mal refreado.

Muitos foram expulsos do nosso paiz. Entre elles figuravam o barão de Serrabord ou Serrabordes, que usava de varios segredos de medicina, Henrique Solage, que fôra mestre de musica de diversos regimentos portuguezes, Jacques Lebon, mestre de florete do principe regente, do infante D. Pedro Carlos e do Collegio dos Nobres, e Frederico Joly, guarda-livros dos Ratton.

A policia tinha conhecimento de que havia ainda bastantes francezes escondidos. Em casa do Ratton estavam dois que eram empregados em fabricar *napoleões* no tempo do intruso governo. (*Avisos*, etc. Maço 5.)

Crearam-se então (1810) os bilhetes de residencia. Dizia o Intendente que este processo não devia chocar a nação ingleza, e parecia-lhe que lord Wellington e o ministro britannico achariam justa uma medida que tendia a combater a trama do inimigo. (*Livro XI das Secr.*)

Passado um anno já havia alguns *patriotas* que se aproveitavam da estada de Massena em Santarem para ganharem dinheiro com os francezes. Os catraeiros sahiam de Lisboa com generos que fingiam levar para os alliados. Escondiam-se nos esteiros e sinuosidades do Tejo, e, pela madrugada, chegavam a Santarem, onde os vendiam por bom preço, como, por exemplo, o tabaco a 3$200 réis cada arratel e o pão a 480 réis. Os moços de transportes das brigadas portuguezas tambem traficavam com o inimigo, atravessando, para esse fim, os postos avançados nos sitios mais proprios. E foi assim que o tenente-coronel Raymundo José Pinheiro conseguiu entrar n'aquella cidade, acompanhado d'um d'esses moços, sob pretexto de vender chocolate. (*Avisos*, etc. Maço 12.)

V

O café *do Grego*, assemblea de revolucionarios—Lojas suspeitas á policia — Odysséa d'um botequineiro—O copeiro de Luiz XVI — Um antiquissimo freguez do *Grego* — Os cafés do Caes do Sodré — Casas de pasto.

O café *do Grego*, á esquina do largo do Caes do Sodré e da rua larga da Ribeira das Naus, tinha uma porta para aquelle largo e outra para esta rua. Foi estabelecido no principio d'este seculo por Angiolo Canalhoti, alcunhado *o Grego*.

Em 1809 este botequim era considerado um centro de propaganda das *idéas francezas*, e o seu dono tornou-se suspeito por consentir gente na loja depois da porta fechada, e ainda porque a casa era muito frequentada por estrangeiros.

O Grego figurava no numero dos cafés vigiados pela espionagem: os botequins do Marrare no Arco do Bandeirra e em S. Carlos, o do Carlos Piemontez no largo de S. Carlos, o que estava sob o Arco do Bandeira [1], o

---

[1] «Na loja de bebidas que tem porta para debaixo do dito arco (do Bandeira) e frente para o Rocio, é uma cambada de ladrões que ahi se juntam. e vão buscar os pontos do que hão de fazer.» (*Pap. Diversos.* Maço 1.)

fronteiro ao Collegio dos Nobres, os da rua do Principe, o do cimo da rua Nova da Palma, n.º 26, o da esquina da rua das Pretas, o muito antigo botequim do Bento Valença, no Poço Novo, o da esquina da Cruz de Pau, ao Calhariz, o do Antonio Archeiro na rua da Mouraria, o da rua do Amparo á esquina da travessa dos Doidos, e o do Santiago Marques, defronte da egreja do Loreto, onde ia todas as noites um francez que fôra cosinheiro de Junot. E ainda havia outras casas maculadas de suspeição como eram: o confeiteiro Simões Diniz no largo do Loreto, a papelaria do Stattini á esquina do Chiado e da rua de S. Francisco, o chapelleiro F. da Cunha Pessoa no Rocio, 89, á ilharga da botica Azevedo, a casa de cambio de José *o Bonaparte* no 1.º quarteirão da rua Augusta, vindo do Rocio, onde se apostavam moedas em que voltavam os francezes, e a botica do Joaquim, na rua Augusta, onde havia grandes assembléas de negociantes, medicos e partidistas, que iam jogar e conversar n'uma casita ao fundo da loja. (*Pap. div.* Maço 1.)

Um dos que espalhava mais noticias politicas no café *do Grego* era o negociante genovez Cosmelli, morador na rua larga de S. Roque.

Mas havia mais alviçareiros de botequim: no Marrare de S. Carlos era o negociante italiano Polleri, morador no predio do Anselmo da Cruz Sobral na rua de S. Francisco; e no botequim defronte do Loreto n.º 1 era o Felippe Alberto Patrone *o Ala-Diabos* [1], official de marinha, que dizia ter traçado um plano para os francezes desembarcarem a são e salvo no Brazil, e que na sua residencia (defronte da Cruz de Pau) reunia assembléas de partidistas.

---

[1] Foi o unico que requereu, em 1822, para que, pelo ministerio da Justiça, lhe passassem certidões das denuncias que lhe deram de 1808 a 1810, e das pessoas por quem foram feitas. (*Avisos*, etc. Maço 42.)

Angiolo Canalhoti apparece na lista dos jacobinos denunciados á policia em 1809. O motivo foi o seguinte. A's 7 horas da tarde de 12 de julho de 1809 entrou no café *do Grego* o genovez Pedro Candido, banquista e negociante de leuras, e exclamou alegremente:

— «Então agora já somos todos francezes!» Depois, levando um papel na mão, entrou para a casa interior da loja acompanhado do Canalhoti.

Alguem ouviu a phrase e communicou a á Intendencia de Policia. (*Idem. Idem.*) A repressão não se fez esperar. Um aviso de João Antonio Salter de Mendonça, datado de 4 d'outubro d'aquelle anno, e dirigido ao Intendente, Lucas de Seabra da Silva, ordenava a prisão e a expulsão para fóra do reino do Canalhoti «que tem botequim ao Caes do Sodré», do leornez que vendia queijos, licores e outros generos no largo do Corpo Santo n'uma loja ao pé da botica, e do alfayate piemontez André. (L.º 2 da Int. *Collecção vinda do Min. do Reino*).

Ainda n'uma lista de denunciados apparece isto:

«O Grego que tem uma loja de bebidas ao Caes do Sodré. Desavergonhado». E ao lado a nota: «Saiu do reino». Do Pedro Candido, tambem muitissimo suspeito, davam os seguintes signaes: «de 53 annos, alto, magro, córado de cara, nariz torcido, olhos pequenos, feio de rosto; anda sempre depressa, veste sempre de preto e com chapéo redondo».

O Canalhoti ou Canaglieti embarcou para Malta, mas em 1810 foi descoberto em Lisboa, e outra vez preso. Embarcaram n'o com sua familia a bordo da polaca grega *A Activa*. (*Avisos*, etc. Maços 9.)

Primo avulso non deficit alter. Homem ido, homem substituido. Quem succedeu ao Canalhoti como proprietario do botequim foi o italiano Bernardini, tambem suspeito de jacobinismo.

Felippe Bernardini, fôra copeiro de Luiz XVI, e, emigrando para Portugal, pela morte d'aquelle sobe-

rano, serviu como copeiro do duque de Cadaval, como caixeiro do *Grego* no tempo dos francezes, e, depois, como seu administrador.

Em 1810 foi preso, mettido no segredo da cadeia da Côrte, e embarcado para a ilha Terceira.

Os motivos d'estas prisões foram o continuar, depois da Restauração, a fazer club da dita loja, ter mettido a ridiculo o facto de se queimarem as proclamações do marquez d'Alorna no largo do Pelourinho, e dizer que no dia em que este aqui chegasse havia d'alugar um cavallo para o ir esperar.

Bernardini voltou a Lisboa, e em 1814 estava em liberdade. (*Avisos*, etc. Maços 11, 12, 13 e 26).

O café *do Grego* era um ponto onde mais se discutia politica, em que se sabiam as novidades, e onde se juntavam os estrangeiros, e os que professavam idéas avançadas. O negociante britannico Walsh era um dos principaes politicos do Caes do Sodré em 1824. (*Policia Secreta, etc.*) N'este botequim, pela noite, havia um ruido ensurdecedor. Negociantes de grosso trato, argentarios, armadores, ahi se davam *rendez-vous*.

Quando se festejou o juramento da Carta, em 1826, o Caes do Sodré foi um dos locaes que appareceram melhor ornamentados. A festa, n'este sitio, realisou-se á custa dos freguezes do café *do Grego*, «antigo foco do liberalismo commerciante», pelo Lamas, pelos Costas, pelo Cunha Vianna, pelo Travessa, pelo Fernandes. (*Port. Contemporaneo*. O. Martins.) [1]

Ha perto de dois annos [2] que morreu o mais antigo freguez do café *do Grego*, um freguez ideal, um fre-

---

[1] Em casa de José da Cunha Vianna, no Caes do Sodré n.º 13, 1.º, reuniam-se diariamente, de manhã e de tarde, varios liberaes (em 1829). Vianna já estivera preso, por egual motivo, depois da queda da Constituição de 1820. (*Correspondencia Confidencial*. L.º 2.º Côrte.)

[2] Publicado em fevereiro de 1897.

guez incomparavel, que o frequentou, ininterruptamente, desde 1811, isto é, durante oitenta e dois annos. Era o sr. Sampaio, proprietario do estaleiro da Outra Banda, que, aos seis annos, apenas, principiou a ir lá, em companhia de seu pae. E tanta amisade consagrava ao velho botequim, que, embora almoçasse em sua casa, nunca deixava de se metter no trem e de vir ao *Grego* tomar a habitual chavena de chá.

Em 1815 existia na calçada d'Ajuda um café chamado *O Grego*. Na noite de 7 para 8 de setembro d'aquelle anno bateram-se em duello á espada, á porta d'esse botequim, um alferes e o capitão Malcher, ambos de voluntarios Reaes, ficando morto este ultimo. (*L.º 15 das Secr.*)

No Caes do Sodré houve muitos botequins, bilhares e casas de pasto. Em 1800 estava no 1.º e 2.º andares do n.º 3, a casa de pasto e bilhar do francez Jorge La Tour, jacobino façanhudo, denunciado por ter recebido como creado um francez que servira a cantarina Catalani, embora outra denuncia affirmasse que o homem viera com o francez que casou com aquella comica de S. Carlos. (*Pag. Div. Maço 1.*) La Tour foi preso, mas conseguiu livrar-se por ter como hospede a Mr. Windham, ministro inglez na Russia.

Em 1816 ainda o La Tour mantinha o café com dois bilhares. Em 1802 estabeleceu-se no Caes do Sodré, ao pé da rua do Alecrim e por cima do arco da rua dos Romulares, a casa de pasto do *Leão d'Ouro*, pertencente ao João Baptista Casanova, o qual tambem tinha uma casa da mesma ordem na Cova da Piedade, em Almada. Casanova retirou-se de Lisboa em 1808 com o general Junot (*Ibidem*).

No *Leão d'Ouro* haviam prendido, uma vez, ao grande jogador Domingos Vietti, mas o embaixador de França, que então era o general Lannes, interveiu, e o batoteiro foi solto.

Em 1801 estava no Caes do Sodré a loja de bebidas do Pedro de Sousa (*Gazeta*), em 1816 o *Café da Marinha*, e, muitos annos depois, o *Café do Commercio*, que já acabou ha perto de trinta annos.

Citaremos ainda, como contemporaneas, a casa de pasto *Ingleza*, nas casas de D. José Lobo, á Boa Vista, e a *Cruz de Malta*, no quarteirão novo que tornejava da rua Augusta para a rua dos Capellistas, (*Gazeta*, *1805*). Chamavam-lhe quarteirão novo, porque se tinha acabado de construir, conforme se vê na *Gazeta* de 1803, onde se annunciava o terreno que fazia frente para aquellas duas ruas, e que foi á praça dividido em tres lotes.

VI

A segurança publica no fim do seculo passado — A gatunagem — Creação da Guarda Real de Policia — Rondas civis — Ruas e casas perigosas — Navalha e guitarra — O bandidismo nas provincias — Medidas governamentaes

Antes de proseguirmos com esta conversação sobre os cafés, diremos alguma coisa a respeito do que era a segurança em Portugal nos fins do seculo passado e começos do actual.

Nas ruas de Lisboa appareciam quadrilhas de vinte e trinta ladrões, armados de trabucos e pistolas.

Arrombavam as portas das tercenas e dos negociantes de grosso trato, roubando fazendas de volume e pezo. Estas quadrilhas eram tão fortes que as rondas civis, ou *rondas da chuchadeira*, não se atreviam a atacal-as. Muitos dos larapios, que salteavam as pessoas que transitavam a pé ou de carruagem pelas ruas de Lisboa e estradas do Termo, andavam vestidos de casaca, e alguns d'elles traziam uniformes militares. Por isso o Intendente ordenou que se apalpassem todos os que fossem encontrados de noite a pé, «ainda que fossem vestidos em corpo».

Com o fim d'obstar a estes latrocinios, o Pina Manique requisitou treze patrulhas compostas de nove

soldados de cavallo e de quinze infantes, que se distribuiram pelos treze bairros da capital. No entretanto succediam-se as arruaças a horas mortas, as depredações, os ataques á mão armada, as luctas em que se arrancavam facas. E o *Joanico*, um ratoneiro que dava sota e az ao mais pintado, continuava a fazer das suas.

A elle allude Tolentino nas suas poesias:

Quando todo o ginja rico
Para casa a prôa inclina.
Por temer facas de bico:
E cuida que a cada esquina
Lhe lança mão o Joanico.

Todos estes motivos determinaram a creação da Guarda Real de Policia em 1801. Tornou-se então desnecessaria a acção dos lojistas, que, munidos de chuços ou piques, eram obrigados a intervir nas rixas que se dessem nos respectivos arruamentos, segundo preceituavam as leis de 25 de junho de 1760 e de 15 de janeiro de 1780.

Eram elles ainda, assim como os operarios dos estabelecimentos fabris do Estado, os officiaes do Tabaco, etc., que constituiam essa tropa fandanga, a que o povo dava os *sobriquets* picarescos de *Chuços*, *Bicha*, *Patamaes*, e *Chuchadeira*, mas cuja designação official era a *d'Ordenanças*. O decreto de 23 de dezembro de 1808 mobilisou dezeseis legiões *d'Ordenanças* para defeza de Lisboa. As companhias provinciaes obedeciam aos capitães móres, sob cuja farda verde muitas vezes se alapardava um tyrannête. As reiunas dos terços do conde de Novion substituiram as partazanas d'essa gêba milicia lisboeta, como aquellas haviam de ser, um dia, substituidas pelos chifarotes rebarbativos da Guarda Municipal.

Os chuços continuaram em poder dos lojistas, tanto que o Intendente aconselhava, em 1808, a que lh'os

tirassem por assim convir ao socego e paz interna da capital. (*L.º 9 das Secr.*)

No tempo de D. Miguel as rondas praticavam muitas arbitrariedades. O Intendente dizia, em nota a um aviso do Corregedor do Bairro Alto, que não se devia permittir o uso de paus com choupas. Mas continuaram não só a usar esses paus, mas punhaes, pistolas e espadas. Quando davam buscas, armavam-se, mettiam nas algibeiras o que lhes convinha, espancavam, e ainda por cima davam partes de resistencia para melhor encobrirem os crimes perpetrados. Apenas aquelle Corregedor determinou que as espadas, os chuços e os paus que serviam ás rondas do bairro fôssem arrecadados em sua casa. (*Correspondencias*. Maço 19.)

Com a ronda do bairro da Mouraria dava se um caso interessante. Quando passava por casa do ministro da Justiça, em 1832, subia algumas vezes a cumprimental-o. Uma noite, o ministro recebeu tão bem os rondistas, que, á sahida, proromperam em vivas a El-Rei Nosso Senhor, á Santa Religião, e outros, aos quaes o ministro correspondeu levantando vivas aos Honrados Portuguezes. (*Correspondencias*, etc. Maço 110.)

Annos depois da creação da Guarda Real de Policia, dos *morcegos* ou dos *nocturnos*, como lhes chamou o povo, ainda a segurança publica era um mytho. A Mouraria era logar perigoso. E o Intendente Lagarde, por causa d'uns tumultos que ahi se deram em maio de 1808, mandou prender doze dos seus habitantes que tivessem peor fama, que todas as mulheres publicas d'aquella rua e visinhanças as evacuassem em quatro dias, sob pena de serem presas, rapadas, e desterradas para fóra do Termo de Lisboa, e que todas as tabernas, baiucas e Casas de Povo fossem fechadas no praso de 48 horas, não podendo tornar a abrir senão seis mezes depois. (*Gazeta*). Tal quantidade de

cães vadios enxameava pelas ruas, que o mesmo Lagarde prohibiu que elles andassem por Lisboa e seu Termo.

Em 1810 ainda havia ruas da nossa capital tão perigosas como o East-End londrino, bairro onde fermenta a podridão dos lupanares, das tabernas e das enxovias, moderno labyrintho em que é arriscado penetrar sem a salvaguarda do *detective*. As ruas dos Mastros e da Silva eram os *bas-fonds* da miseria, o valhacouto da biltraria estrenoitada, o latibulo da ultima ralé crapulosa, dá maruja marafoneira. Acolhiam-se nas muitas barracas que por ahi existiam, e em que abundavam os cafés *borgnes*, as tascas immundas, os intimos bordeis.

No meio d'aquella balburdia, o Vicio arreganhava a dentadura minacissima. Esses coios tinham numerosa frequencia de soldados e maritimos estrangeiros, principalmente inglezes.

O cio dos mareantes, represo nas viagens de longo curso, explodia com o puxavante do alcool. E quando as moafas os desaprumavam, obrigando-os a riscar curvêtas, zig-zags, como em dançarás tabernaes, e a desentranhar-se em obscenidades, que arrugariam os supercilios a um soldado com trinta annos de tarimba, travavam-se brigas serias, em que os mais barras faziam reluzir as laminas metallicas das navalhas afiadas. O som da viola nacional perdia-se por aquellas alfurjas de michêlas, acompanhando alguma cantiga do tempo:

Ai! Ai! já não ha quem queira,
Ai! Ai! já não ha quem queira.
Ganhar um vintem,
Levar a chiquita
A's bandas d'além.

Uma noite, a policia, picada d'escrupulos, deitou a rede varredoura, levando 33 rascoas que andavam á matroca, alcovêtas, e muitos marinheiros inglezes, e

fez fechar todos os botequins e todas as bainicas. (*L.os 11 e 12 das Sec.*)

Tambem as bandas de S. Paulo não eram, como ainda durante muitos annos não foram, das mais seguras. Querendo os devotos do Senhor Jesus da Assumpção solemnisar a restauração do reino com festa e procissão na egreja de S. Paulo, foi-lhes permittida a primeira e negada a segunda, porque a egreja estava precisamente n'um sitio «em que sempre ha um grande concurso de gentes de diversas nações, e de homens dados ao vinho», dizia o officio.

Não eram estes os unicos locaes onde se juntava gente de tal laia.

No botequim da rua do Principe n.º 7, e no botequim do *José Chalaça*, em n.º 6, por baixo do Jardim do Regedor, reuniam-se jacobinos e ladrões. No largo do Terreirinho, ao cimo da rua dos Cavalleiros, havia um café em que se juntavam larapios, entre elles um soldado côxo que tocava zabumba na Legião Luzitana.

A casa de pasto de João Nepote (um italiano que veio no exercito de Junot), estabelecida no largo da Feira das Bestas, defronte do Passeio Publico, na casa de Pedro José Baptista, tambem tinha grande frequencia de valdevinos. O italiano esteve preso por ladrão no castello de S. Jorge. (*Pap. Div.* Maço 1.) Um botequim perto da Sé era receptaculo de mulheres perdidas, rufiões e arruadores, contra o que allegaram os ecclesiasticos da bazilica de Santa Maria Maior, obrigando o Juiz do Crime do Limoeiro a fechar esse perfeito prostibulo.

Nas provincias ainda a segurança era menor. No Alemtejo, em principios do seculo, as hordas de ciganos, a que se juntavam soldados dos regimentos provinciaes e desertores hespanhoes, escalavam as casas, e assaltavam as herdades e os montes dos lavradores.

Faziam-se acompanhar de cavalgaduras para levar o producto da pilhagem, depois exportado por almocreves para Hespanha. Em Guimarães apparecia um bando de maltezes chamado *A Nova Sucia*, que percorria o reino, roubando e provocando barulhos nas feiras. Havia um chefe de salteadores d'estrada, que, como o Francisco Carrilho, morto nas Alcaçovas em 1791 (*Gazeta*), como o *Chuço* [1] da Beira em 1821, e, mais tarde, o Galamba, o Batalha de Portel, o João Brandão, de Midões, e o José do Telhado, fez epocha, sobretudo na provincia da Extremadura. Era o famoso *Ruivo da Espera*, um bandoleiro hespanhol, que, entre muitos roubos, praticou um de setenta e seis contos de réis aos conductores da mezada do tabaco, quando seguiam pela estrada do Cartaxo a Alcoentre. O perdigueiro judicial viu-se em pancas para filar o ladravaz, até que o alcançou, em 1806, no sitio da Trindade, em Lisboa. (*L.º 8 das Secr.*)

O Corregedor de Coimbra queixava-se d'uma quadrilha que infestava aquella comarca e que se compunha, na maior parte, de ciganos e desertores de tropa de linha. Aconselhava a que se lhe fizesse um cerco.

O governador d'Abrantes queixava-se egualmente dos ataques que outra quadrilha fazia nas estradas d'Abrantes a Niza, Portalegre e Elvas, queixa que obrigou o marechal Beresford a mandar o coronel Campbell com cavallaria 4 para auxiliar o Corregedor de Setubal, encarregado da captura dos criminosos. (*Avisos*, etc. Maço 22).

---

[1] Este salteador assignava as suas cartas com o nome de Antonio Chuço de Trancoso. (*Correspondencias*, etc. Maço 87.) Uma circular da Regencia aos Corregedores recommendava, particularmente, a prisão do famoso *Chuço*. (*Avisos*, etc. Maço 39.)

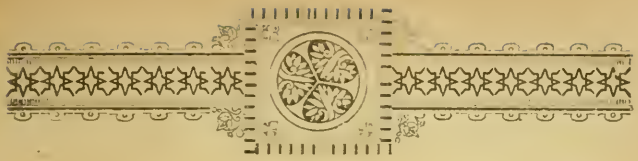
Em 1823 appareceram em Coimbra dois celebres chefes de quadrilha: o *Bocca Negra* e o *Assoreiras*. (*Corr. Confidencial*. L.º 1.º L. 225-299.)

Até exportavamos salteadores para Londres. Tres portuguezes, João da Silva, José Antonio e Bernardo José, tantos roubos praticaram n'aquella capital e tanto terror inspiravam que foram detidos na nova prisão de Clerkenwell, e, depois, mandados para Lisboa na fragata *Melpomene*. (*Avisos*, etc. Maço 18.)

A audacia dos rapinantes tocou a méta, e d'ahi o decreto da Regencia de 26 de dezembro de 1812, mandando que esses reus fossem autoados em simples processos verbaes e remettidos ao desembargador Costa Pinto, que os levaria á Relação para sentenciar summaria e verbalmente. Mais tarde, em 1816, foi necessario restabelecer a observancia dos mesmos tramites de processo em eguaes casos, porque as quadrilhas haviam deixado resquicios no Alemtejo e no Algarve, onde pintavam a manta e faziam o diabo.

Um dos sálteadores que conseguiram matar foi o temido *Joannico*, cuja prisão fôra posta a premio. (*Avisos*, etc. Maço 37.)

O Senado portuense chegou a dirigir uma representação ao Regente, ponderando-lhe o lastimavel estado em que o Porto se encontrava no tocante á sua policia. Os roubos escandalosos, as malfeitorias de toda a ordem praticavam-se de noite e de dia. (*Avisos*, etc. Maço 29.)



VII

O café do Nicola. — O italiano Nicola. — Bocage. — Vem á baila o José Agostinho de Macedo. — Seu temperamento. — Audacia da fradaria. — O Pina Manique corta-lhe os vôos. — Um trovador tonsurado.

Cabe agora dizer alguma coisa ácerca dos botequins da epocha que vimos de nos occupar. O botequim mais falado era o *do Nicola*. Sabemos que já existia em 1787.[1] Occupava a loja do Rocio, numeros 81 e 82 antigos, 24 e 25 modernos, onde esteve o Silva livreiro e hoje é a casa de modas do sr. Francisco de Salles Ramos, e a loja numeros 79 e 80 antigos, 22 e 23 modernos, onde se encontra o deposito de vidros da Marinha Grande, mas que então era occupada pelo bilhar do café.

As duas lojas communicavam por um corredor ao fundo.

Contou-nos o fallecido livreiro Silva, que, durante muitos annos, conservara a antiga pintura do tecto do botequim, a qual era em grinaldas, tendo ao centro

---

[1] N'um annuncio da *Gazeta* de 19 de Julho de 1794 se diz que liquidava a loja grande de bebidas, estabelecida na rua dos Ourives do Ouro, pegado ás casas de N. Senhora da Victoria, e a uma casa de bilhar.

uma figura a oleo. Ao Nicola succedeu, em 1834, o sombreireiro Dias, o qual trespassou a loja a um irmão do Silva em 1837. Este botequim foi estabelecido pelo italiano Nicola.[1]

Ribeiro Guimarães escreve no *Summario de Varia Historia*, que, antes de 1755, houve um italiano Nicola, que foi o primeiro fabricante de vellas de cebo que Lisboa teve. O logar do cebo era junto ao pateo das Comedias, que demorava, pouco mais ou menos, entre as ruas Augusta e da Prata.

Ignora, porém, se o Nicola botequineiro era descendente do Nicola fabricador.

A rua do Logar do Cebo era (no sentido Norte Sul) do Rocio até á Picheleria. No logar do Cebo havia um becco no sentido Leste Oeste, o qual ligava com o becco do Nicola, que tinha de comprimento, desde a rua das Arcas até ao sitio onde voltava, sessenta palmos, e de largura de oito a dez e meio palmos; voltando para o Norte tinha duzentos e setenta palmos de comprimento até ao largo do Magalhães. (*Tombo da Cidade*. L.º X. Rocio.) Seria o Nicola fabricante quem deu o nome ao becco? Seria o Nicola do botequim descendente d'aquelle? São perguntas a que não podemos responder.

O botequim *do Nicola* e o botequim *das Parras*, de que adeante falamos, foram dois botequins politicos e litterarios, davam uma pequena idéa do Procope e do Foy parisienses. O café do Nicola immortalisou se porque ahi iam muito o Bocage e os poetas proeminentes da epocha. N'essa *academia* improvisou o *numeroso Elmano* (como dizia Filinto) os mais arrebatados dos seus sonetos, muitos dos seus carmes viris, trovejou

---

[1] Encontrámos noticia de dois Nicolas existentes em 1808: Joaquim Nicola, correio, e um Nicola Marengo que não queria pagar a um creado seu. (*L.ºs 1 e 2 de lançar os despachos dos requerimentos*.)

as suas coleras, motejou com a sua veia inexhaurivel, riu com a sua alegria dythirambica.

O grande poeta regressara a Lisboa em agosto de 1790, onde vivia intimamente com José Agostinho de Macedo, ex-frade agostiniano, que gosava de pessima fama, não só por haver soffrido prisão no convento da Graça, cujo prelado informou que elle usava de faca, e que era «d'uma irregular conducta, relaxado, turbulento e perverso,» não só por vagar pelas ruas de Lisboa «na mais triste e deploravel figura,» mas por haver roubado a livraria dos Paulistas onde estava recluso por ordem do Nuncio, e d'ahi haver fugido, andando pela capital em trage de secular, sem signal algum religioso.

O temperamento bellicoso, a indole amaviosa de José Agostinho não se compadeciam com o pacato sedentarismo claustral, com o canonico neutrismo d'escorropicha-galhetas. Era um indisciplinado, um incorregivel. Sentindo o coração a solevantar a estamenha do habito, sorriu, talvez, como os satyros sorriem escarninhos ás nymphas impuberes nas velhas estampas; deitou o breviario ás hervas, e mandou á tabúa o prelado mais a fradaria bronca para se lançar, com a coragem das resoluções desesperadas, no mundanismo do seculo, para vir nadar, a largos braços, no azul buliçoso da vida airada, para poder reclinar a cabeça de chamôrro sobre a curva audaciosa dos seios palpitantes, electricos, do fameaço venal, e mordicar com beijos soffregos as boccas de cravo das collarejas da praça. *Homo sum*... diria elle com Terencio. Assim, preferiu incorrer nos aziumes dos pontifices da moral irritada, a gastar a vida, de giôlhos, esperando o bater d'azas das visões angelicas sob os baldaquinos da egreja conventual.

Isto não foi um caso esporadico. Não foi este o unico frade frascario, que, atirando as camandulas ás orti-

gas e o habito por cima dos moinhos, se entregou ás usanças gentilicas e mundanas, ou se expoz á somenos tacha d'inconveniente. E foi por isso que o Pina Manique, no empenho de cortar cerce alguns abusos, fez publicar a circular de 16 de dezembro de 1798, na qual se referia aos frades que frequentavam theatros, «apresentando-se com a maior desenvoltura nas plateias. á face dos camarotes, e a passear nas salas d'entrada, observando indignamente as pessoas de differentes sexos que para alli concorrem, ou que á sahida esperam que cheguem as suas carruagens».

Accrescentava que frequentavam casas de pasto, bilhares, lojas de bebidas, e o Passeio Publico, onde contendiam com as mulheres. Finalmente, que providenciara para que não se repetissem estes abusos.

Participou tambem n'uma conta ao Regente quaes as medidas que tomara contra os desmandos dos religiosos seculares e regulares. (*Avisos e Cartas do Reino*. Classe 3.ª L.º VIII.)

Bocage e José Agostinho entraram para a *Nova Arcadia*, estabelecida n'uma sala do palacio do conde de Pombeiro, depois marquez de Bellas, protector perpetuo d'esta academia. Quem occupava a cadeira presidencial era um apaniguado d'aquelle fidalgo, o padre Domingos Caldas Barbosa, brazileiro torrado de côr, tirante a mulato, feiissimo, e propenso a grimaças, gatimanhos simiescos e meneios exquisitos, que provocavam a hilaridade. Tinha por costume zangarrear na viola, quando improvisava, afinando as trovas por uma cantilena particular. (*Memorias da Academia Real das Sciencias*. Tomo XXVII).

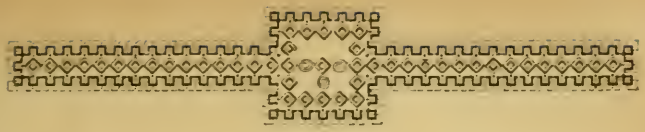
O cantarino de sobrepelliz — que trocava o ripanço pela guitarra — não era insensivel ás seducções eternas da saia; improvisava louvores ás graças de cadentes d'algumas senhoraças, que lhe retribuiam «com pausas nas pitadas e lagrimas nos lenços», asseverava Bocage. Namoricos sem consequencias, mas que, não obstante, deixariam no coração do cafricornio um per-

fume de paraizo perdido... O fusco auctor da *Viola de Lereno* fazia *pendant* a um outro brazileiro authentico, o celebre mulato Joaquim Manoel, «grande tocador de viola e improvisador de modinhas», ou, como lhe chamou Bocage, *Orphéo de carapinha*. Ambos campavam nas salas da epocha «por darem ao *lundum* um accento libidinoso como ninguem», diz Oliveira Martins, e — com sua voz crapuliforme — tornarem as modinhas brazilicas tão excitantes como uma pastilha de cantharidas.

Essas melopèas licenciosas, dengueiras, faziam com que muitos olhos ardessem n'uma dôce febre de secretas voluptuosidades, faziam entreabrir muitos labios como que palpitando ao vôo perdido d'invisiveis beijos, sentir nos corações como que a angustia suffocante d'uma syncope...

Caldas Barbosa, beneficiado e bacharel, conforme dizem os annuncios do tempo, reuniu em folhetos *in octavo* as suas Cantigas e os seus Improvisos, impressos por Antonio Nunes dos Santos, livreiro impressor estabelecido no Rocio, o qual tambem vendia o *Almanack das Musas*, livreco em que fôra recolhido o coryza poetico distillado por aquella commandita litteraria da Nova Arcadia.

Mas Bocage, cançado de tanta versejadura e de tanta asnidade dos *neo-arcades*, rompeu com a esnoga litterateira em 1793, e, sem dar tento ao coaxar das rãs parnasianas, passou a frequentar o café *do Nicola*.



VIII

Contenda de bardos — A Estanqueira do Loreto e o seu grande nariz chymerico — Fala-se novamente de Bocage — Nicolau Tolentino — Medidas prohibitivas do Intendente Geral de Policia — Carne em dia de jejum — Os officiaes do exercito francez frequentam o Nicola — Aspecto d'este botequim — A' porta do Nicola — O Nicola do Campo Grande — Mais outro Nicola.

Travou-se então um duello poetico entre Bocage e o pandorga tonsurado. Aquelle retezou o seu arco certeiro, e despediu esta setta:

Preside o netto da rainha Ginga
A' corjá vil, aduladora, insana,
Traz sujo moço amostras de chanfana,
Em copos deseguaes se esgota a pinga.

Vem pão, manteiga, e chá, tudo á catinga:
Masca farinha a turba americana;
E o ourango-outang a corda á banza abana,
Com gestos e visagens de mandinga.

Um bando de comparsas logo acode
Do fôfo Conde ao novo Talaveiras,
Improvisa berrando o rouco bóde:

Applaudem de continuo as frioleiras
Belmiro em dythiramho, o ex-frade em ode:
Eis aqui de Lereno as quartas-feiras.

Vieram as represalias. A uma satyra que José Agostinho de Macedo — que ficára com os arcades — ululou de dentro da sua loba gordurosa, ripostou Bocage com a sua eloquentissima *Pena de Talião*. Conta-se que *Elmano*, ao ter conhecimento da satyra de José Agostinho, entrara furioso no botequim do Nicola, com o papel amarrotado na mão. O morgado d'Assentiz, unico dos seus amigos que ahi se encontrava, viu entrar o poeta com a cabeça perdida, e passear agitadamente d'um lado para outro. Afinal parou deante do morgado, e exclamou:

— *Tolo! Tolo! nem elle!*

Esta phrase encontra-se reproduzida na resposta de Bocage. Em seguida passou a dictar a *Pena de Talião* ao morgado d'Assentiz, que a escreveu em tres horas, emquanto o poeta emborcava calices de genebra, e fumava duzias de cigarros. *(Mem. da Acad.)*

Esta contenda, de que o Caldas Barbosa sahiu mal ferido, deu ansa a que elle cahisse no ridiculo. A sua physionomia esquipatica tornou-o tão celebre como á Estanqueira do Loreto, a Helena do estanco, aquella de quem a musa bocagiana dizia:

> A estanqueira tem marido,
> Que quando deitar-se intenta,
> Como não cabe na cama
> Dorme dentro d'uma venta.

Desmastreado d'auctoridade, passou das recamaras do conde de Pombeiro para os debiques da troça popular. A logica nunca perde os seus direitos.

E' geralmente sabido que Bocage, regressando certa noite do café do Nicola a sua casa, foi detido por uma patrulha da policia, que, apontando-lhe as pistolas aperradas, lhe perguntou quem era, d'onde vinha, e para onde ia. Outro, que não elle, sentiria passar á flôr da pelle um fremito gelado, sentiria o terror de

ser preso como suspeito, o que, n'esse tempo, não era brincadeira. Bocage, porém, respondeu imperturbavel:

Eu sou o Bocage,
Venho do Nicola.
Vou pr'o outro mundo,
Se dispara a pistola.

Um caso algo parecido succedeu com Nicolau Tolentino no tempo dos francezes. Uma noite, Tolentino recolhia a sua casa na rua dos Cardaes de Jesus (casa substituida pelo predio do sr. Eduardo Coelho). [1]

O poeta, já bastante doente e inchado, andava devagar. Ao passar perto d'uma sentinella franceza, esta, mal divisou um vulto, deu a voz regulamentar: *Qui vive?*

Tolentino, que ia mal humorado, em vez de lhe responder com o sabido *Napoleon*, mandou-o, simplesmente, para a mãe que o parira.

A sentinella, satisfeita com a resposta, exclamou contente: — *O' Paris! Paris!* E deixou-o seguir em paz.

Refere o abalisado escriptor A. F. de Castilho, na sua *Livraria Classica Portugueza*, que se deu o seguinte caso entre Tolentino e Bocage, n'uma occasião em que este ultimo estava encostado ao humbral de uma porta de loja no Rocio.

---

[1] A casa onde Tolentino habitou e morreu era na R. dos Cardaes de Jesus 25 moderno, 35 antigo, e foi demolida em 1886. Para alli mudara elle a sua residencia, quando a secretaria do Reino (onde exerceu o logar d'official) se transferiu da calçada d'Ajuda para o Rocio, á entrada dos francezes. Nos ultimos tempos, Tolentino, melancholico, hypocondriaco, apesar de dotado de favores dos seus, passeava no quintal da casa, almoçava o seu chocolate e torradas, e ia de sege de boleia para a repartição. (*Diario de Noticias*, 6 de Julho de 1886.)

Tolentino foi nomeado official da Secretaria do Reino em 25 d'Outubro de 1783, e em attenção ao bem que n'ella tinha servido como official praticante. (*L.º XVIII d'Avisos*, pgs. 218 v.)

Citamos o facto por suppormos ter-se dado á porta do Nicola, quando não se tivesse dado á porta do botequim das *Parras*, lojas muito frequentadas por *Elmano*. Tolentino abordou Bocage, que estava pensativo, e disse-lhe ao ouvido:

Elmano a lyra divina
Porque razão enmudece?

Ao que Bocage respondeu:

Porque mais cala no mundo
Quem mais o mundo conhece.

Tornou Tolentino:

Que tens achado no mundo
Que mais assombro te faça?

Replica o Bocage:

Um poeta com ventura,
Um toleirão com desgraça.

Em poucos minutos, os improvisadores cercaram-se d'ouvintes. E, picados pela emulação, continuaram longo tempo, sem fraquejar, n'esse duello poetico.

Nos fins do seculo XVIII representou se no theatro do Salitre uma farça intitulada *Casa de café e bilhar*. Era ornada com musica de Marcos Portugal. N'ella eram satyrisados, entre outros individuos, o José Pedro *das Luminarias*, então empregado no Nicola, o padre *Lagosta* (José Agostinho de Macedo), e o *Pax-Vobis*, um pobre diabo que, trajando casaca encarnada, vagueiava pelas ruas seguido da gaiatagem. N'esta farça visava-se o botequim do Nicola.

A primeira vez que encontrámos referencia a este botequim, nos documentos officiaes, é n'um aviso do Manique datado de 5 de julho de 1800, no qual se diz que se reuniam pessoas suspeitas na casa de café do

Nicola, no Rocio, onde conversavam em assumptos menos proprios «especialmente na presente conjunctura.»

O Intendente ordenava ao ministro do bairro para que essas pessoas se demorassem apenas o tempo preciso para tomarem os seus refrescos. (*L.º 6 das Secr.*)

Cafés, bilhares e casas de pasto eram estabelecimentos que o Pina Manique trazia d'olho. Tornavam-se suspeitas as conversações sobre politica, ou sobre religião, eram suspeitas as cantigas estrangeiras, que, para logo, tresandavam a liberalismo, a francezia. Não havia até permissão de comer carne ás mezas redondas das casas de pasto nas sextas-feiras.

Assim, por esse motivo foram presos sete sujeitos portuguezes e um tal Side, que estavam comendo carne na casa de pasto d'Antonio Joaquim, á Trindade, «dando escandalo aos estrangeiros, que viam n'estes portuguezes a transgressão da lei que tinham a fortuna de professar.» (*L.º 8 das Secr.*)

Em 1810 mantinha se a mesma disposição, tanto que os donos das casas de pasto e estalagens dos Romulares assignaram um Termo para não venderem carne em dias d'abstinencia. E no tempo de D. Miguel ainda vamos encontrar em vigor esse preceito policial.

N'um dia de jejum (em 1832) o Miguel Alcaide deu busca ás tabernas das proximidades do Limoeiro, revistou cassarolas e panellas, e havendo encontrado uma isca de carneiro que estavam a assar para um preso doente, prendeu o taberneiro, um gallego chamado Rodrigues, e aferrolhou-o nos carceres da visinhança. (*Correspondencias*, etc. Maços 133 e 135.)

Conta o sr. Fonseca Benevides no seu bom romance historico *No tempo dos francezes*, que, durante a occupação de 1807-1808, tanto o café do Nicola como o *das Parras*, mas principalmente o primeiro, foram

muito concorridos por officiaes do exercito invasor. Beberricavam á grande, ora bebidas *de guerra*, ora refrescos, e, embora a miude julgassem que tudo era *roupa de francezes*, os dois cafés realisaram soffriveis lucros durante o tempo que Lisbsa gemeu sob a bota ferrea do louro duque d'Abrantes. Aquelles dois botequins — duas Castalias onde os poetas iam beber a inspiração... e os licores — estavam extremamente *movimentados* d'uniformes scintillantes como um montão de preciosissimas crystallisações d'arestas fulgidas expostas n'um escaparáte de joalheiro rico, flammejantes como uma flexa de sol no zenith incidindo n'um zimborio de crystal. Misturavam-se brilhantismos irritantes, ophthalmicos, de oiro, de prata, de aço, de cobre polido. As bainhas das catanas riscavam bruscamente o chão, como formões mal afiados riscam uma tabua de téca; os bordados reluziam como phantasticas florescencias de mercurio ao luar; tilintavam boldriés e acicates de metal branco. E a arraia miuda quedava se embasbacada deante das casacas agaloadas, dos *spencers* bem justos, das pelliças forradas de velludo amaranto, das dragonas com tons fulvos de velha ourivesaria, das pastas de *hussard*, dos botões ornados com a aguia imperial reluzindo no entrelaçamento dos alamares, das pantalonas de côres cantantes, dos shackos, dos kolbacks, das correias brancas *en sautoir*, das durindanas recurvas da officialidade que haveria brilhado, á luz radiante dos lustres, nas festas — entre duas victorias — dadas nas Tulherias e em Malmaison, que haveria valsado com essas bellezas do primeiro Imperio, que tão admiravelmente sabiam envolver a geometrica elegancia espiral nos vestidos direitos, lisos, sem complicações, sem colchetes e fitas inuteis. Eram os officiaes da legião napoleonica, que, em breve trecho, se iria estrellar ante as boccas das espingardas dos *pion-pions* luzos e dos fuzileiros vermelhos de Sir Arthur Wellesley nos campos da Roliça e do Vimeiro.

Os franchinotes, escanchados nos môchos, falavam pelos cotovellos, entresachando a conversação com *jurons* gaulezes, peneiravam as lerias pela joeira da zombaria voltaireana, ou traquinavam nas mezas com chavenas e com calices, cujo conteudo fazia ascender os menos reportados ás irisadas regiões de Falstaff, para depois cahirem, de roldão, nos braços do ammoniaco, e do café simples... *Hic virtus bellica gaudet.*

Refere ainda o sr. Benevides, que, no dia 23 de julho de 1808, Junot mandou, sem razão conhecida, occupar militarmente as principaes ruas e praças. A' vista d'este apparato marcial das escopetas forasteiras, muitos estabelecimentos fecharam as portas. O Nicola preparava-se para fazer o mesmo, quando o cavallo em que montava o major do 4.º esquadrão do regimento 26 de caçadores a cavallo, que ia a catrapós, rente aos portaes do café, se encabritou e, em seguida, se chapou, atirando o cavalleiro d'encontro á cantaria das hombreiras. O official quebrou a cabeça e perdeu os sentidos. Transportado para a loja do Nicola, foi soccorrido pelo medico do seu regimento, que lhe collocou pontos na testa e o fez conduzir ao quartel. Poucos mezes antes, egual caso havia succedido ao general Kellermann, no mesmo logar, recebendo tambem soccorros na loja do Nicola.

Em 1809 reuniam-se no Nicola muitos partidarios das idéas francezas, como por exemplo: o Labeche, secretario do Mordomo-Mór, e o Gaio, escripturario da secretaria (*Pap. Div.* Maço 1). Em 1811 iam lá, bem como ao José Pedro e ao Caes do Sodré, muitos hespanhoes suspeitos, no numero dos quaes um frade graciano. (*Ibidem*).

Em 1824 tambem era muito frequentado por gente suspeita. Era certo encontrar ahi, todas as tardes, um celebre Pinet, antigo assalariado da policia, que, segundo affirmavam, maçonisava até pelas escadas, con-

ferindo grans a troco de dois mil e quatrocentos reis, e denunciando depois os adeptos.

Iam tambem o padre Alexandre, muito falador, e Fr. Joaquim, frade da Trindade e jogador de gamão, ambos suspeitos de partidistas da *Abrilada*. (*Policia Secreta, etc.*)

Em 1825 já este café não pertencia ao Nicola, porque, por uma intimação policial, se vê que era de Rosa Maria d'Athayde. (*Correspondencias*, etc. Maço 127).

O Nicola tinha muito boa neve, cuja venda principiava, d'ordinario, em fins de Maio. A *Gazeta* de 29 d'Outubro de 1829 annunciava o trespasse ou o arrendamento d'esta loja de bebidas, com seu bilhar e jogos de gamão, e que quem a desejasse fosse á rua do Loreto, 72, onde se tratava. Nos annuncios da *Gazeta* encontra-se, muitas vezes, a designação de — *quarteirão do Nicola*, como indicação para procurar qualquer loja situada n'aquelle lado do Rocio.

Em 1827 existia uma vivenda campestre na rua do Campo Grande n.º 136 chamada *a casa do Nicola*. Ahi se vendiam raizes de rainunculos vindas de Italia e de Hollanda.

Ora, segundo desconfiamos, esta casa era do Nicola botequineiro. Em 1829 annunciava na Gazeta pela ultima vez. Dizia, então, que a casa pertencia a Nicolau Breteiro, sendo este, portanto, na nossa hypothese, o nome do Nicola do Rocio.

Como já dissemos, este botequim famoso acabou em 1834. A viuva do Nicola morreu pobremente. Contou-nos o sr. dr. Augusto Cesar Alves d'Azevedo — um erudito temperado por um espirito jovialissimo — que visitando uma vez uma enfermaria do hospital de S. José, acompanhado do dr. Antonio José dos Santos, vulgo o dr. Santos Cabelleira, este lhe dissera, apon-

ando para uma das camas occupadas: — Alli está a viuva do Nicola. Chegou a ter dezoito creados...

Em 1809 existia na praça do Rocio um botequim chamado o *Nicola pequeno*. Era em numero 28, no quarteirão dos frades de S. Domingos. Pertencia ao genovez Nicolau Ventura, que foi preso, assim como os seus dois caixeiros tambem genovezes, por terem chuços escondidos, e uma nota dos movimentos das tropas inglezas e portuguezas. (L.º 10 das Secr.)

Um dos caixeiros, o Thomaz, «era um raio contra o estado», affirmava um confidente da policia. (*Pap. Div.* Maço 1.) Este botequim fechou em 1823. (*Gazeta*).

IX

Junot, *o conquistador*. — Casas que foram destinadas para seu alojamento. — Algumas linhas a respeito d'este homem de prêsa. — Os seus manuscriptos. — Intenção dos seus herdeiros. — Depredações dos francezes em 1808. — Geoffroy Saint-Hilaire.

EMQUANTO os officiaes do exercito invasor folgavam no *Nicola* e no botequim *das Parras*, o seu general em chefe passava *de grande e á franceza* no palacio do Quintella, *flirtava* com a loira condessa da Ega, para cuja bocca — flôr purpurina desfolhada por um sorriso de bacchante — voavam os seus beijos como borboletas sequiosas, para cujo corpo, delicadamente cinzelado no nacar da sua carne deslumbrante, batiam azas todos os desejos do triumphador.

A Ega offereceu-lhe sumptuosos bailes na esplendida *sala dos marechaes*, no seu palacio da Junqueira — hoje propriedade do conde da Folgosa — onde o general viu sorrirem-lhe em volta das dragonas douradas pelo sol d'Austerlitz as mais aristocraticas lisboetas [1]

Junot tornou-se a coqueluche dos nossos salões, em que servia d'alvo aos olhares sobrescriptados pela pon-

[1] Artigo de Pinheiro Chagas no *Correio da Manhã* de 18 de junho de 1888.

taria das mais fidalgas lunetas feminis, e converteu-se no terror do palco de S. Carlos, onde a sua petulancia militar punha uma nota marcial, e onde pretendia tomar d'assalto as mais formosas interpretes da voluptuosa e ligeira arte da dança. [1]

Vem a pello dizer que a habitação que primeiramente lhe destinaram não era o palacio do Quintella, porque o ministerio do Reino, por aviso de 27 de novembro de 1807, mandou apromptar o palacio da Bemposta com a precisa decencia para hospedagem do general Junot, fazendo se egualmente apromptar todo o trem para a copa e cosinha. Mas quem o occupou depois foi o general da 1.ª divisão Delaborde. Tambem, por aviso do Ministerio da Guerra, foram mandadas pôr á disposição do general francez a casa do conselheiro d'Estado, e antigo ministro na Russia, Antonio de Araujo d'Azevedo, e a casa de João Pereira Caldas, com sete camas boas e doze para creados, e, outro sim, um quarto da casa das Chagas para Mr. Hermann (*L.º 17 das Secr.*), que exerceu o cargo de ministro das finanças de Junot.

Junot sahiu de Portugal depois da convenção de Cintra. E' sabido que esta convenção não agradou em Portugal, nem em Inglaterra, nem em França. Por isso o duque d'Abrantes só teve, de futuro, um papel secundario nas campanhas napoleonicas. O jornal parisiense *Le Gaulois* de 9 d'outubro de 1897 dá curiosas informações a respeito d'este cabo de guerra. Foi n'esse dia que a sociedade *Souvenir Français* fez exhumar as cinzas de Junot e as de seu pae Michel Junot, que estavam no cemiterio de Montbard (Côte d'Or), e transportal-as para as catacumbas do tumulo que, por iniciativa d'essa aggremiação e custeado por subscripção publica, se vae erigir. O coração de Junot, que estava na egreja da Magdalena, em Paris, como se prova pelo recibo do cura Serphanion, não foi encon-

[1] *No Tempo dos Francezes.* F. da Fonseca Benevides.

trado. A duqueza d'Abrantes repousa no cemiterio Montmartre, em Paris.

Ainda se não disse tudo a respeito d'esta interessante figura militar e de sua mulher, a quem Victor Hugo dedicou uma famosa ode. O conde de Moüy, casado com uma neta de Junot, possue o retrato de seu avô, pintado por Gros, assim como conserva numerosos documentos, cartas autographas de Junot e papeis de familia, cuidadosamente guardados n'uma pasta de marroquim vermelho com sua fechadura, que pertenceu ao celebre batalhador.

Moüy tenciona reunir estes e outros documentos em um volume, que constituirá digno *pendant* ás *Memorias* da duqueza d'Abrantes.

*

* *

A prata das egrejas figurava, principalmente, entre os roubos commettidos pelos soldados de Junot.

O encarregado de negocios de Portugal em Paris, Francisco José Maria de Brito, officiava em 26 de setembro de 1815 para que lhe mandassem as listas das reclamações publicas e particulares dos objectos tirados pelos francezes, listas que haviam de ser enviadas aos commissarios que as potencias deixariam em Paris, encarregados de receber, verificar e apresentar as ditas reclamações. O citado diplomata dizia que ainda se podiam reclamar dois quadros de Nicolau Coelho existentes na bibliotheca de Junot, que diziam pertencer á Sé de Coimbra, e que na mesma casa se encontrava um armario cheio de papeis do Estado. que se não podiam requerer, sem se saber se o gabinete de Junot ficara ou não em Lisboa.

Os Governadores do Reino fizeram então expedir a portaria de 23 de Novembro de 1815, dirigida a to-

das as estações officiaes, aos prelados, ás ordens religiosas, etc., para que formulassem listas exactas de tudo o que fôra usurpado pelos agentes francezes.

Nos *Avisos e Portarias* que temos citado, encontrámos quatro d'essas listas. Na 1.ª lista vemos reclamação do coronel Fonseca Tavares, que ficou sem um apparelho de chá, salvas e bandejas de prata que lhe levou o general Loison; o abbade de S. Domingos de Bemfica um painel de grande estima; a Real Fabrica de Sedas varias fazendas de que se não fizera cargo a Geouffre, cunhado da mulher de Junot; o abbade do convento de S. Bento um mappa de Portugal, e seis mil cruzados dos estragos feitos pelo regimento que alli estivera aquartellado; o procurador geral do mosteiro de Belem reclamava a Biblia (ou exposição e opusculos de Nicolau Legrá) pela qual se haviam desprezado seiscentos mil cruzados (!) offerecidos por Luiz XIV, rei de França; a Ordem Terceira da Penitencia a biblia Polyglota do cardeal Ximenes, etc.

Na 2.ª lista vem o Corregedor de Thomar que se queixava do roubo de mais de cem arrobas de prata das egrejas; Domingos Antonio de Sequeira apresentava uma relação das drogas e pinturas tiradas do palacio d'Ajuda; os credores do ausente João Antonio de Souza Caldas pediam vinte contos de réis dispendidos com o theatro de S. Carlos; o procurador da egreja patriarchal muito oiro e prata que Geouffre roubara, etc. Na 3.ª lista apparece o Corregedor de Trancoso reclamando oito contos de réis em dinheiro que Loison lhe roubara, além d'uma mula arreada, a sua baixella, etc.; o Prior dos Carmelitas Descalços da rua dos Fanqueiros que ficara sem um vaso, offerta de D. João IV; dois sujeitos reclamavam 5 contos que lhe ficara a dever o Intendente Lagarde; etc. Na 4.ª lista estão os credores de quantias determinadas.

Estas listas foram feitas por Baptista de Salles, que as acompanha d'uma carta, onde fala do roubo da corôa de brilhantes e do menino Jesus, que o general Thomiers fizera em Leiria, e que valiam mais de cincoenta mil cruzados. Fala tambem da carruagem do principe Augusto, que Cambis (ou Camby), ajudante de Junot, fizera embarcar nos navios dinamarquezes. A carta diz mais que «tendo se extrahido da casa da Moeda 1.1[illegible]6:[illegible]00$000 réis até 31 d'Agosto, ainda depois se tiraram 234.345$247 réis, em que Setaro e outros muitos trabalharam em seu beneficio. Similhantes extorsões indevidamente se estavam fazendo no Arsenal Real do Exercito, no da Marinha, Deposito Publico, Reaes Cavallariças, Palacios Reaes, Repartição das Munições de bocca, etc». (*Avisos*, etc. Maço 28).

Muitas reclamações não se poderam fazer, porque o Intendente Lagarde, antes de abandonar Lisboa, queimou grande quantidade de papeis da Intendencia de Policia, principalmente os que se referiam a successos de Maio a Agosto de 1808. (*L.º XVII das Secr*).

Na sua missão de rapinancia, Geouffre fazia-se conduzir n'uma sege da Casa Real, e era acompanhado do official maior da Secretaria da Policia, Jerónymo Esteves. (*Avisos*, etc. Maço 34).

*

* *

O naturalista Geoffroy Saint-Hilaire, que já acompanhara o exercito de Bonaparte ao Egypto, veiu tambem com o exercito de Junot a Portugal. Trouxe a missão de colher nos nossos museus os exemplares de historia natural precisos para completarem as collecções dos de França. De facto, alguma coisa obteve em Lisboa. Provam-n'o os documentos seguintes: — (Copia)

«Mr. le Dezembargador Monteiro, Directeur de l'imprimerie Royale, remettra à Mr. Geoffroy Saint Hilaire, membre de l'Institut, Professeur d'Histoire Naturelle, et commissaire du Gouvernement Français pour la requisition des objets de Sciences et arts, tous les cuivres gravés de la Flore du Fleuve de Rio de Janeiro, cuivres au nombre de cinq cents cinquante et quatre, dont les quels ont été gravés sous la direction du père Velloso, auteur de la dite Flore. — Les cuivres ont été demandés par le gouvernement français pour faire partie du Museum Imperial d'Histoire Naturelle. — Le present ordre tiendra lieu de recepissé. — Lisbonne, le 1 de Aout de 1808.

Le gouverneur du royaume de Portugal : Le duc d'Abrantes.

Contadória da Impressão Regia, 7 de setembro de 1808.

Joaquim José Escopezy.»

Em 7 de Agosto, Junot mandou passar uma certidão que diz :

«O deputado thesoureiro deu conta n'esta Junta, de que no dia de segunda-feira, vinte e nove do presente, veiu a esta Impressão Regia Mr. Geoffroy Saint-Hilaire apresentar uma ordem do Ill.mo Ex.mo Sr. General em chefe da data do primeiro d'este mez, a qual fica no cartorio, para se lhe entregarem as chapas da Flora do Rio de Janeiro, feitas pelo Director Litterario, Fr. José Marianno da Conceição Vellozo, exigindo-as logo, o que se executou, entregando se-lhe quinhentas e cincoenta e quatro chapas d'estampas da dita Flora. E para constar se fez este termo. Lx.a em trinta e um d'Agosto de mil oitocentos e oito annos. Neves. Escopezy Oliveira. Annes da Costa.»

«E para constar onde convenha passei a presente. Lisboa oito de Setembro de mil oitocentos e onze.

João José Escopezy.»

Ha mais uma carta do Director Geral da Impressão Regia, Domingos Monteiro d'Albuquerque e Amaral, participando aquella entrega.

Desappareceram tambem as chapas da triangulação do reino, levantadas pelo Dr. Ciera e outros engenheiros, e os 7 mappas do Brazil levantadas pelo padre-mestre da Companhia de Jesus, Diogo Soares, geographo-mór d'aquelles estados no tempo de D. João v.

D. Miguel Pereira Forjaz reclamava (em 1811) aquellas chapas, e as chapas ou estampas do gravador Dupuis, que fôra director da gravura, a fim de as remetter para o Rio de Janeiro.

Entre os mappas desapparecidos contava-se uma carta das sondas do Tejo, talvez a unica que então existia, e que devia estar em poder de Magendie ou do coronel engenheiro Vincent. (*Avisos*, etc. Maço 12.)

X

O Rocio em 1808. — Capotes e *jozésinhos*. — Cita-se a duqueza d'Abrantes. — Modinhas dos bons tempos. — As habitações no Rocio. — Os adellos da rua do Arsenal. — Feiras e vendedores ambulantes. — O *Bota-Abaixo*. — A Praça da Figueira. — Outras feiras.

Por 1808 o Rocio era em terra solta. Carros, seges e cavallos atravessavam-n'o livremente.

Passeavam por elle não só os peões e os cavalleiros, mas as cadeirinhas com damas que, usualmente, não se apeavam. Emquanto o exercito francez occupou Lisboa, era esta praça um esplendido mosaico de trajos, onde se via e capote e lenço das mulheres do povo ao lado dos coloridos uniformes militares, os trajos populares ao lado dos *jozésinhos* de mangas e cabeção curto, muito em uso, e dos capotes em que todos os bons peraltas se embuçavam, porque lá se cantava:

Toque, toque, toque,
Vamos a S. Roque
Vêr os peraltas,
Que vem de capote.

que era a letra do *lundum* do Monroy, uma peça musical que fez tanto furor como a modinha *As azeitonas*

novas, composta sobre o pregão das vendedeiras de Lisboa por Pedro Anselmo Marchal, eximio tocador de cravo e de piano-forte, com armazem de musica ao largo de Jesus. [1]

Os capotes vermelhos que as mulheres usavam eram muito graciosos, tanto que a elles se referiu a duqueza d'Abrantes no livro *Souvenirs d'une ambassade et d'un séjour en Espagne et en Portugal de 1808 a 1811*. Dizia ella que as mulheres em Lisboa usavam uma capa de panno encarnado bordada de velludo negro, e que as jovens tornavam-se encantadoras com essa capa e um lenço de linho branco na cabeça.

As moradias no Rocio eram muito disputadas. Contou-nos o sr. dr. Alves de Azevedo, que seu pae se deu a perros para mudar a sua habitação d'um quarto andar para um primeiro. No tempo de D. Miguel já não acontecia o mesmo. As sedições militares, que, d'ordinario, tinham a sua repercussão no Rocio, afastavam os moradores, pelo que abundavam os escriptos.

No tempo da occupação franceza ainda se fazia a Feira da Ladra no Rocio. Em 1809 foi transferida para a rua Occidental do Passeio e praça d'Alegria. Foi n'aquelle tempo, que, a requerimento do commandante da marinha franceza Magendie [2], o Intendente da Policia, Pierre Lagarde, fez remover da rua do Arsenal para a rua Occidental do Passeio e praça fronteira à

---

[1] Era um musico distincto, que tomou parte em varios concertos, entre elles no que o Pina Manique deu na Casa Pia, então estabelecida no castello de S. Jorge, com o qual se festejou o nascimento da princeza da Beira. Sua mulher era distincta harpista. (*Gazeta* 1792 e 1793).

[2] Magendie morava na rua de S. Francisco, em casa do negociante Lima, e tinha por criado a Thiago Tirolet, que depois foi empregado no Assento d'Alcantara, por ordem do Governo Francez. (*Avisos*, etc. Maço 32.)

sua entrada a venda permanente ou mercado dos ferros-velhos e adellas. (*L.º 10 das Secr.*) O Regimento do Senado da Camara só permittia o trafico de roupa-velheiro ás mulheres affiançadas. Mas já em 1793 os algibebes ponderavam, que se havia introduzido um tropel d'homens vadios a venderem roupas e fatos novos, contra o que elles reclamaram. (*L.º 4 das Secr.*)

Um edital do Senado dizia (1808) que se continuavam a illudir as posturas, que os ferros-velhos continuavam a transitar pelas ruas, continuava a feira dos domingos e dias santificados na Ribeira Velha, a frequencia das adellas no caes da Ribeira Nova, e a dos vendedores com logares volantes, pela tarde, no Rocio, principalmente ao lado e defronte do Erario, «do que se tinha originado tumultos, alaridos e até assassinios.» Por derradeiro estabelecia penas para os infractores.

Um Alvará Regio de 1810 derogou estas disposições, permittindo a venda volante pelas ruas. Mas uma portaria dos Governadores do Reino, datada de 3 de Dezembro de 1814, prohibia, de novo, a venda pelas ruas, a não ser dos homens que vendessem com bestas. (*Avisos*, etc. Maço 27).

As adellas venderam depois (1816) não só no Passeio, mas nos logares da Ribeira-Velha, no becco do Carvalho, a S. Paulo, e nos logares da Ribeira Nova. Estes logares serviam para os ladrões e os vadios se acoutarem de noite..

Pleiteavam competencias com o pinho do Caes do Tojo, as arcadas do Terreiro do Paço, e a Patriarchal Queimada. (*L.ºs 17 e 19 das Secr.*) Joaquim Gregorio Bonifacio, o *Bota-Abaixo*, foi quem fez sahir as adellas dos logares que occupavam até ao meio da rua na Ribeira Velha, obrigando-as a estacionarem dentro dos passeios.

Conta se até a este respeito uma anecdota, que nos é vedado reproduzir por causa da sua frescura.

A armação e arrumação das tendas ou barracas portateis na praça d'Alegria, destinadas ás adellas, foi concedida, por portaria de 10 de Setembro de 1818, á capatazia chamada da *Cerca*, outr'ora da *Descarga e conducção do Pão do Ribatejo*. (*Correspondencias*, etc. Maço 10).

A praça da Figueira tem existencia desde 1775. O terreno para a installação d'esse mercado de hortaliças e fructas foi concedido por decreto datado de Pancas aos 23 de novembro d'aquelle anno. A Ribeira foi creada por decreto de 2 de janeiro de 1765, determinando-se um plano em que havia lojas, sobre lojas e cabanas para a venda de comestiveis. (Bibl. Nac. *Manuscriptos da Secção Pombalina*. N.º 616.)

N'outro tempo existiram algumas pequenas feiras curiosas. Havia uma que se realisava no pateo do hospital de S. José em Março e Junho. Quando, em 1812, se prohibiram as feiras, foi esta exceptuada, attendendo ao beneficio que d'ella advinha ao mesmo hospital. Mas, em 1818, a Santa Casa da Misericordia requereu para que se transferisse a dita feira para o Campo de Sant'Anna, e que se reduzisse a tres dias, sómente, em cada uma d'aquellas epochas, devendo os feirantes tirar as cedulas de licença no hospital. A Santa Caza obteve deferimento. (*Avisos*, etc. Maços 18 e 33).

Existia tambem a costumeira dos moços do hospital de S. José sahirem mascarados e percorrerem as ruas na tarde do dia de S. João. (*Avisos*, etc. Maço 35).

O Juiz e mais festeiros da capella do Monserrate ás Amoreiras promoviam, todos os annos, pela Paschoa, uma feira que durava tres dias, e que se fazia no largo das Amoreiras.

A Irmandade do Senhor Jesus chegou a realisar uma feira ou arraial em S. Pedro d'Alcantara, que em

1821 já lhe não auctorisaram, allegando o Corregedor do Bairro-Alto não só o pouco lucro que aquella corporação tirava, mas que a muralha estava embaraçada com bastante madeira e pedra, e que trabalhavam lá os cordoeiros. (*Correspondencias*, etc. Maço 10). Um aviso da Regencia mandava vigiar os jogos n'este local em 1821. (*Avisos*, etc. Maço 39).

A muralha de S. Pedro d'Alcantara era um deposito d'animaes mortos. Os moradores das ruas subjacentes requeréram em 1822 para que se impedisse o lançamento d'animaes mortos pela muralha abaixo, o que causava um cheiro insupportavel [1] O Corregedor informava que era difficil tornar effectivas as penas da policia, porque aquelle sitio era um deserto. (*Correspondencias*, etc. Maço 10).

José da Cunha Lemos requereu, em 1808, para cultivar o terreno da muralha de S. Pedro d'Alcantara. (*Liv. de lançar os requerimentos das partes*. L. 269-353).

Quem fez arborisar a alameda foram os officiaes da companhia da Guarda Real de Policia, que tinha o seu quartel em S. Pedro d'Alcantara.

[1] Os entulhos e o lixo da cidade, e tambem os animaes mortos, eram lançados nas terras de Valle de Pereiro. (*Avisos*, etc. Maço 20).

XI

O botequim *das Parras*. — José Pedro *das Luminarias*, a gazeta viva. — Tertulia de poetas. — José Pedro *das Luminarias*, o pacificador. — Centro de conspiratas.

Ao botequim do Nicola seguia-se o do José Pedro da Silva, vulgó o José Pedro *das Luminarias*.

Mettia-se de permeio a porta d'escada, então numero 83. José Pedro fôra administrador do Nicola, e installou o famigerado botequim *das Parras* nas lojas que tinham os numeros 84, 85 e 86, e agora teem os numeros 27, 28 e 29, actualmente occupadas pela tabacaria Gusmão e casa de modas de J. A. Moutta & Companhia.[1]

Chamaram-lhe o botequim das Parras, porque a pintura interior representava cachos d'uvas e folhas de videira.

Mais tarde affirmava-se que nas paredes d'esse botequim havia muitos versos, que Bocage ahi escrevera a lapis.

---

[1] José Pedro da Silva teve outra loja de bebidas na rua Nova do Carmo. Mas trespassou-a em 1807. (*Liv. de lançar os requerimentos das partes*. L. 269-353.

Quando José Pedro o estabeleceu, tratou, antes de mais nada, antes mesmo da cosinha e das garrafas, de mandar construir um gabinete reservado para as assembléas nocturnas dos seus amigos poetas.

Esse pequeno gabinete, *o agulheiro dos sabios*, era um laboratorio litterario. Ahi se planeavam obras, ahi se improvisavam versos, ahi se discutia o *agora*, o *antes* e o *depois* de todos os factos d'ordem politica, ou de todos os escandalos que vinham á tela da discussão. «Era ao mesmo tempo o artigo do fundo, o folhetim e o noticiario da epoca». (*Revolução de Setembro de 1863*).

Politicos, curiosos, indagadores da vida alheia, mexeriqueiros d'officio, más linguas encartados, todos corriam ao botequim das Parras a fim de perguntarem ao José Pedro o que é que diziam os poetas. Elle era a gazeta viva da epocha, era uma folha falada em que collaboravam os talentos primaciaes da nossa terra no alvorecer do seculo XIX. Tinha sempre assumpto para todos os gostos, manjares *à toutes les sauces:* para os amadores dos acepipes delicados, os sonetos e as decimas de Bocage; para os apreciadores dos pratos fortes, as satyras coruscantes de José Agostinho; para os enthusiastas dos fricassés politicos, as sabias reflexões de Bernardo da Rocha.

O botequim das Parras foi o ponto de reunião do *claro auditorio* que cercava Bocage. Eram constantes, á noite, os poetas Malhão, Pato Moniz, Bingre, Santos e Silva, D. Gastão, Ferraz de Campos, João Bernardo da Rocha (que foi chronista mór do reino, deputado, e, na sua emigração, redactor do *Portuguez*), e Pimentel Maldonado, o fabulista, a cujos saraus em sua casa concorriam os litteratos, que perguntavam uns aos outros, com notavel ingenuidade, o que teria ido fazer Bonaparte ao Egypto. (*Annaes das Sciencias e Letras da Academia R. das Sc. Vol.II*).

Nos serões litterarios d'este botequim celeberrimo

tinham importante papel o bom vinho e a boa agua-ardente da casa.

A's vezes as cabeças turbavam-se com as musas e com o alcool — porque os poetas do seculo passado bebiam como os de hoje não bebem — e os vates corriam ás panoplias para esgrimirem com as aceradas armas do epigramma e da satyra. O enthusiasmo crescia á maneira que o alcool punha o sangue em ebullição, derramava nas veias o veneno de todas as audacias, e, por mais d'uma vez, o povo accorreu ao botequim, attrahido pela algazarra, até que o José Pedro intervinha, restabelecendo a paz e a concordia entre os cultores das Musas.

D'estas *soirées* poetico-recreativas, derivava a cordeal amisade que o José Pedro manteve com algumas pessoas notaveis do seu tempo, entre as quaes, particularmente, com Manuel Fernandes Thomaz e com o Principal Souza, além dos frequentadores effectivos do botequim. D'estes ultimos tinha elle os retratos na sala.

Mais tarde, em 1820, o botequim das Parras foi um centro revolucionario, onde se preparou, em grande parte, o movimento vintista. (*Summario de Varia Historia*. R. Guimarães.)

O nome de José Pedro anda jungido ás tradições da *Nova Arcadia*. José Agostinho de Macedo, que fez parte d'aquella aggremiação, não punha os pés no botequim das Parras, mas ia a uma chapelleria fronteira *arranhar mortos e atassalhar vivos*, como o Bocage dizia na *Pena de Talião;* ou então — de ventas cheias de rapé, olhos chammejantes, fremitos colericos na façoula glabra, cachaço de roscas suinas, membrudo, bezuntão, arrimado á bengala — traçava poemas musculares de socco sobre o balcão sebento dos livreiros Bertrands, ao Chiado, invectivando com a sua phrase

desbocada de recoveiro alemtejano, capaz de fazer córar uma lagosta viva... ou a freira d'Odivellas, com quem, sem embargo das ordens sacras, andava abarregado.

A chapellaria — estancia de José Agostinho — era a do Daniel de Souza Amado, sita no Rocio, n.º 48. (*Gazeta*).

XII

Odios de José Agostinho de Macedo — Seu feitio de luctador — Sua linguagem — O jornalismo antigo e o jornalismo moderno — Serviço de José Agostinho — Penna venal e peccado venial — A vaidade de José Agostinho.

O desbragado *Elmiro* não podia tragar a predilecção que o José Pedro manifestava pelo grande *Elmano*. D'ahi, as referencias azedas que lhe fez na *Prefacção* do seu poema *Os Burros*, esse poema a que Rebello da Silva chamou — especie de Juizo Final.

N'ella escrevia o rabido follicularío, o violento polemista: — «O espirito da asneira preparou no centro de Lisboa um domicilio onde quiz levantar o throno, e dilatar o imperio dos sandeus. Uma fatal força centripeta para ali puxa os mais asneirões de todas as classes, e d'alli, como do club dos Jacobinos de Paris, se prepararam e dirigiram todos os golpes contra todos os governos que não fossem revolucionarios, e se dirigiram todos os golpes, todos os tiros, todos os ataques contra o imperio da razão, do gosto, da critica, da poesia, em que reluzisse um pequeno vislumbre de senso-commum. Eu falo de um botequim ou café de um José Pedro da Silva, no Rocio de Lisboa, *sanctuario* conhecido não só dos vagabundos de Lisboa, mas dos

estupidos e alarves provincianos, que se persuadem figurar no mundo, quando, entre calotes, apparecem seis mezes no immundo e sebento theatro d'uma estalagem, onde entraram com reposteiro á porta, e sahem embrulhados na manta que de lá furtaram.

Uma necessidade fatal que nos arrasta n'este seculo para o cahos da ignorancia, desde a desgraçada installação d'este botequim, faz alli presidir a asneira, desde que o orate Bocage, levantado, de motu-proprio e poder absoluto, arbitro do Parnaso portuguez, alli começou a beber e a gritar.»

Este producto da sua musa enfermiça era offerecido ao Geral dos Bernardos, e, como amostra da *amavel dedicatoria*, damos o trecho seguinte: — «Os meus burros ficarão *sympathicamente* unidos a V. Reverendissima com a mesma arreata, cobrirá a todos uma mesma albarda, e bambolearão nas nadegas de todos os mesmos atafaes. O mundo applaudirá a escolha e ao mesmo tempo se arredará vendo passar os meus burros com o Geral dos Bernardos á sua frente; e assim mesmo desviado, e fóra do alcance da artilheria da garupa, não deixará de dizer cheio de satisfação — alli vae a Communidade com o seu Prelado.»

O feitio litterario d'este arrieiro das letras, d'este caceteiro da penna, como o alcunhou Oliveira Martins, nunca variou.

Basta lêr os jornaes que elle creou depois de virar o carnaz liberalista de 20, e que fraguava nas suas residencias do Forno do Tijolo, primeiro, e de Pedrouços, depois: *A Tripa Virada*, *O Desengano*, *A Besta Esfolada*, de que chegaram a tirar-se quatro mil exemplares! jornaes que estavam para o *Spectator* e o *Tatler* de Addison e de Steele, como um sedenho revulsivo está para o attricto flacido d'um botão de rosa-chá, como os trompões anarchicos d'uma phylarmonica de lapuzes estão para um desenho de violinos n'uma partitura d'opera.

Era na folha periodica que toda a ira politica do *reverendo epico* explodia, como enorme calhau crespo estilhaçado por tiros de broca.

José Agostinho punha-se em mangas de camisa, e, transformando a penna em estadulho apostolico, zurzia a bom zurzir todos os que não se deixavam manietar ás gramalheiras miguelinas.

A insolencia desbragada estava na sua corda. Conhecia o phraseado gafo das collarejas e das *mulatas calhandreiras,* a geringonça prostibular das tarascas do fanico e das *marafonas de giga;* sabia o calão corriqueiro das enxovias, a giria das presigangas; manejava a chufa torpe do egoariço, o dicterio com pico de bordel pataqueiro, a invectiva beocia do carrejão caínho, o circumloquio sevandija das alcaiotas linguarudas, a avita chocarrice do mesteiral, a bisca bordalenga do mariola, a praga algarvia, o plebeismo achamboado do ribeirinho, a mordacidade chulà das marisqueiras, a palavrada maruja rescendente aos assucarados aromas do Torres e do Cartaxo, zurrapas que elle beberricava com prazer, quando a sède o picava. Suas dicacidades ferreteantes não lembravam reluzentes alfinetes de oiro, mas pesados garrochões da praça do Salitre. Seu estylo era um enxurro de dejectos e de lodo, irrompendo d'um cano de despejo.

D'elle não emanavam os perfumes embriagantes da anemona, da baunilha e do junquilho, mas os miasmas deleterios que se evolam das palanganas secretas manuseadas pelas fregonas balordas, ou de certas porcelanas intimas manejadas pelas servilhètas d'alcova.

José Agostinho de Macedo é o patriarcha do gazetismo politico nacional, foi o fundador do jornal de combate portuguez, o nacionalisador do pamphleto.

E' a sentinella avançada da moderna cohorte dos sagitarios da imprensa ligeira.

E' a vedeta exploradora d'esse exercito aguerrido, que viria a ter como condestaveis a Rodrigues Sampaio, Teixeira de Vasconcellos, Latino, e Pinheiro Chagas, para só falarmos dos mortos.

A sua linguagem hypo-acida serviu de modelo a Fr. Fortunato de S. Boaventura, creador do *Punhal dos Corcundas* e do *Mastigoforo*, (mais tarde arcebispo d'Evora), e ao padre Alvito Buela, o charro tosador do *Cacete*, o tonsurado que manejava a penna como quem brande uma hacha d'armas, como quem florea uma espada columbrina.

Pugnaz por temperamento, vicioso por determinismo physiologico, auctoritario por insito pendor, o seu ideal supremo era levar tudo á tapôna.

Em seu entender, a sociedade luza era simplesmente um rebanho alfeiro, ou, antes, um bando de poldros serris, que urgia almofaçar com brossa rija e desancar com fueiro de carvalho-cerquinho.

E para que não se diga que fazemos asseverações sem prova, ahi vão tres trechos selectos do jornalista fradesco. O primeiro é do *Espectador:* — «Os homens não se governam por philosophia; leis e forca, eis aqui o verdadeiro e profundo Cornelio Tacito».

O segundo é da *Tripa Virada*: — «O' S. Miguel, nosso defensor cá de telhas abaixo, *corda* e mais *corda*, olha que elles são teimosos como o diabo». O terceiro é da *Besta-Esfolada:* — «Trabalhar o cacete, desandar o bordão, descarregar o arrôcho, são axiomas eternos e invariaveis regras de justiça, quando se trata de tirar manhas ás bestas, quando se pegam, quando se deitam, quando mordem, quando se desviam do caminho, quando se mettem n'um atoleiro ou dão comsigo e com a carga n'algum barranco; cacete, bordão, arrôcho, conforme os principios da veterinaria (medica) são especificos applicaveis e proficuos: torna d'aqui besta! chó besta! isso não faz nada; é perder o tempo, e com bestas não ha contemplação: perde-se

a obra, perde-se o trabalho, se o pau não trabalha, e trabalha devéras».

Pode afoutamente dizer-se que José Agostinho encarnou os vicios, as paixões e as qualidades dos portuguezes n'aquelle momento historico.

Suas objurgatorias decotadas, suas verrinas arregaçadas, faziam vibrar os nervos do povo com todos os frémitos do enthusiasmo; suas replicas energicas como um insulto, suas monitorias acerbissimas faiscavam electricidade no espinhaço, coavam calafrios pela medula dos ossos; seus doestos ora picavam como choupas de magarefe, ora sarjavam a derme como o tagante d'um bolieiro, applicado com a força bestial de um estoura-vergas e a desenvoltura d'um gymnasta.

O espirito popular aquecia com as suas diatribes contundentes como pontapés gallegos dados abaixo do coccyx.

Por isso o povo — que só pedia arrôcho — amou deveras o demagogo de batina, o escriptor avinhado, o prosador escurril, que mourejava, ininterruptamente, do Anno Bom ao S. Silvestre, e ao qual os parcos redditos da faianca litteraria e do pulpito obrigavam a limitar-se a magra pitança, a pôr uma surdina nos desejos. Assim devia ser. Estava na logica brutal dos factos, e, para empregarmos a linguagem parlamentar de Gambetta, na justiça immanente das coisas.

Exhauriu a vida em polemicas arremangadas, gastou os nervos em trava-contas azedas, nas quaes fervia bordoada velha, como n'aquellas turras minhotas em que um varapau decidido ensarilha e varre uma feira, que debanda. Dentro da sua alma latrinaria sopitava um marrão; estourava de vaidade — o seu cancro roaz; exercitou o papel de carrasco nas execuções capitaes pela imprensa; tinha a rude franqueza d'um cynico, porque todo o mundo era seu. Mas jámais chatinou na tenda do interesse vil, nunca alquilou a sua penna em cambio de benesses ou preben-

das, nunca foi um *condottiere* do jornalismo, bandeando-se com os agrupamentos politicos que pagassem melhor.

Hoje em dia a profissão jornalistica é uma brincadeira de petizes traquinas, de litteratiços aguados, que trepam ao coreto arraialesco do artigo de fundo para executar solos macabros de birimbau e de marimbas, ou que se põem em bicos de pés e esganiçam a voz para apanhar bolo. E a rapazia dos badamecos não tem consequencias graves. Nem sequer chegam a abiscoitar uma cacholeta. Mas n'aquelle tempo fiava mais fino... Arriscava-se a pelle, jogava-se a vida. E o periodista — que não alimentava só odios fingidos, enthusiasmos postiços, e interesses avidos — applicava ao seu caso pessoal o famoso alexandrino de Corneille:

A' vaincre sans péril, on triomphe sans gloire!

Que distancia do jornal d'então ao jornal d'hoje — a coisa ephemera, a flor que se colhe de passagem e que no dia immediato está fanada!

N'aquella epocha a redacção d'uma gazeta compunha-se simplesmente d'um patusco encarregado de roncar as notas graves, rispidas, no contra-baixo do estylo solemne. Hoje é legião: o articulista politico, o folhetinista, o critico d'arte, o chronista sportivo, o gazetilheiro, que tempera os chistes com o perrexil da graça aristophanica e o espirito anacreontico dos poetastros cançonetistas, o alfarricóque das novidades, o localista ameno, o correspondente provinciano, sempre amavel e gratuito, o informador alcovêto, o *reporter* — scriba incaracteristico, escriptor amphibio que a Europa importou da America —, e o chroniqueiro gamenho, papa-fina, que usa a preciosidade e o *phebus* do hotel Rambouillet, que trata os assumptos com a sagacia diplomatica do barão Grog, e que calça, gar-

bosamente, os guantes claros do principe Cornelio Gil, quando entra em campanha... pelas damas.

Todavia, o padre prestou um bom serviço. Foi quando, no tempo dos francezes, se deu a revivescencia da seita *sebastianista*, que pretendia predizer as calamidades da patria com a leitura das prophecias do Gonsalianes Bandarra, dos versos do Preto do Japão, e da descripção das visões de Madre Leocadia da Conceição e da beata d'Evora, Leonor Rodrigues, espalhando o terror entre o povo fanatico, e fazendo acreditar que as hostes gaulezas conquistariam a Peninsula, porque um verso do Preto dizia: *A Hespanha perderá a valentia.*

O *sebastianismo* ressuscita, como que animado d'uma vida galvanica. Não se esperava a volta do *Desejado*, é certo, mas procurava-se tirar certos horoscopos da leitura d'aquelles trechos litterarios, que tinham a monotonia angustiosa das carpideiras.

A Regencia — com um golpe de vista machiavelico — entendeu urgente esmagar a seita exotica, cuja doutrina estulta repugnava ao lume natural. Com esse intuito, assoldadou a penna do padre, estygmatisante como ferro em braza. De feito, Agostinho de Macedo combateu o ouzio do *sebastianismo*, deixando-o a escorrer sangoeiras (*Annaes das Sc. e Letras, etc.*), e atacando tambem, de raspão, os *pedreiros-livres*, em cuja defeza sahiram á estacada as pennas masculas de Bernardo da Rocha e de Pato Moniz. Ainda fez mais. Empicotou-os no pelourinho da irrisão, fazendo subir á scena a sua jocosa comedia em um acto *O Sebastianista desenganado á sua custa*, que se representou oito noites successivas na Rua dos Condes, e em que eram satyrisados aquelles dois escriptores sob os nomes de *Louro* e *Pato.*

Pato Moniz, na *Agostinhcida*, queimava as escorvas

dá sua zombaria contra a vaidade balofa de José Agostinho. Pregava um ráboléva na sotaina ennodoada do clerigo pugil. Mas *o feroz dictador do Forno do Tijolo*,[1] como o chrismou Latino, fazia tranqueira do *Espectador Portuguez*, e d'ahi disparava os tiros, nem sempre certeiros, do seu mosquete de forquilha.

[1] José Agostinho de Macedo morava na calçada do Forno do Tijolo, 45, 2.º andar. Anna Genoveva, encarregada de guardar a casa, gritou ás 9 horas da noite de 12 de Maio de 1828, porque, indo alli, encontrou a porta aberta, conhecendo haverem roubado uma casaca, uns calções, duas camisas e um lençol, tudo pertencente ao referido padre. (*Partes Diarias de Policia*. Maço 1.)

Sagrado tunante! Roubarem-lhe a casaca, a elle, que tantas vezes a virara do avêsso!...

XIII

Volta-se ao botequim *das Parras* — No tempo dos Francezes — José Pedro, festeiro-mór d'estes reinos — Um patriota... á antiga — Uma anecdota — Morte de Bocage — Elogio de José Pedro *das Luminarias*.

Depois de tão larga divagação regressemos ao botequim das Parras.

O dono d'este botequim principiou a popularisar-se depois da retirada dos francezes.

Junot concentrara em Lisboa as suas tropas, mandando-as bivacar no Rocio, no Terreiro do Paço, no largo de S. Paulo, e em outros pontos, emquanto o exercito inglez de Dalrymple acampava em Arroyos e no Campo de Sant'Anna, prompto a entrar apenas aquelles evacuassem a capital. Os francezes principiaram o embarque a 10 de setembro de 1808, e terminaram-n'o a 15. N'este dia o povo expandiu a sua alegreza, manifestou-a de todos os feitios, embora exercitasse vingança n'algum pobre diabo francez desgarrado, vingança ainda assim desculpavel não só pelo comportamento provocador dos francezes durante a occupação, mas ainda pelas barbaridades commettidas por elles nas vesperas da sua retirada, em que fuzilaram muitos viandantes pacificos, quando, ao passarem

perto dos seus arraiaes, não correspondiam logo ao *Qui vive?* das sentinellas.

N'esse dia memoravel, o povo perseguiu um soldado francez, que fugia a bom fugir pela rua do Principe fóra.

Este, ao passar em frente da drogaria do Feliciano Alves d'Azevedo, atirou com a mochila para dentro d'uma lojita de correeiro, uma loja *de má morte*, fronteira á drogaria. O povo espatifou o soldado, e voltou atraz a procurar a mochila. Indagou por todas as lojas, rebuscou todos os cantos, sem dar com o seu paradeiro. Alguns mezes andados, o correeiro, que era um pobretão, mudava o estabelecimento para loja mais vasta na rua Nova do Carmo, entrava a deitar figura, a alardear fortuna, e morreu em 1849 com fama de rico.

Em 15 de setembro houve muitas festividades em Lisboa. Illuminaram-se brilhantemente todos os edificios publicos, mas não se viu em toda a cidade uma illuminação tão pomposa como a do botequim das Parras.

N'esta illuminação a porta principal apresentava um grande quadro de dez palmos d'altura por oito de largura, onde se representavam a Grã Bretanha, a Luzitania e a Hespanha, e, em baixo, o rio Tejo, afóra muitas outras allegorias.

Na base do quadro estavam escriptos dois versos de Bocage.

Nas duas portas lateraes havia duas abélas, cada uma com seu pavilhão suspenso em varios remates, que descobriam dois versos do mesmo Bocage.

Auxiliaram-n'o n'esta festa o estro dos nossos mais notaveis poetas, e o talento de Henrique José da Silva, o pintor *Herino*, que imaginou aquella ornamentação pictorica. Calculava-se que esta illuminação não custara menos de seiscentos mil réis.

Estas illuminações repetiam-se logo que se recebia noticia d'alguma victoria alcançada pelos exercitos alliados, ou se festejava o anniversario d'um principe portuguez ou estrangeiro, aparentado com a familia real portugueza. Houve-as á expulsão dos francezes do Porto, á victoria d'Albuera, á retomada de Badajoz, á victoria de Salamanca, nos anniversarios da rainha, de D. Carlota Joaquina, do principe de Galles, etc.

Appareciam sempre arcos vistosos, lanternas de todas as côres, poesias allusivas á liberdade da patria, e os retratos illuminados dos principaes heroes da epocha como: Wellington, Beresford, Jorge IV, Principe Regente, etc.

Desde então o povo de Lisboa ajoujou ao nome do José Pedro o cognomento — *das Luminarias.*

A mais notavel, porém, de todas as illuminações foi a que celebrou a sahida das tropas inimigas para fóra da capital. Durou as tres noites de 15, 16 e 17 de Setembro de 1808. Durante ellas o Rocio esteve apinhado de povo para vêr a *feerica* illuminação do botequim das Parras.

José Pedro costumava pedir aos poetas seus freguezes que compozessem algumas poesias para estas solemnidades, poesias que elle distribuia gratuitamente. Essas composições poeticas foram reunidas por elle em um folheto *in octavo,* publicado com o titulo seguinte: «Collecção dos Versos e Descripções dos quadros allegoricos que em todas as solemnidades publicas d'esta capital mandou imprimir e gratuitamente distribuir José Pedro da Silva por occasião das illuminações da sua casa na praça do Rocio. Reimpressa á sua custa em beneficio da Casa Pia. Lisboa. Na Impressão Regia. 1812. Com Licença.»

Na *Advertencia* que abre o folheto se diz que o José Pedro «agasalhador de todo o talento menos afortunado, bom portuguez, ardente patriota, e fiel vassallo, desde o principio da nossa restauração patenteou publicamente, por meio d'illuminações, em que a Poesia e a Pintura allegoricamente se davam as mãos, um jubilo nunca desmentido, e cada vez mais fervòroso, logo que uma acção brilhante cobria de gloria as tropas combinadas, e o grande Genio que as commanda; ou quando os anniversarios dos *nossos amados Soberanos* ou *Generosos Alliados* publicamente se celebravam n'esta grande capital». Na pagina d'abertura diz: «Pela Feliz Restauração de Portugal em 15 de Setembro de 1808, José Pedro da Silva, na Praça do Rocio, do lado occidental, na loja n.os 84, 85, 86, erigiu uma rica e apparatosa illuminação, com que quiz dar a conhecer seu honrado patriotismo».

O volumesinho continha poesias de D. Gastão, Thomaz Antonio dos Santos e Silva, Pato Moniz, Costa e Silva, Ferraz de Campos, Miguel Antonio de Barros, etc. Foi vendido em todos os livreiros e teve grande extracção. José Pedro mandou entregar o producto á Casa Pia.

O dono do botequim das Parras fez imprimir outras poesias, de que trata o Diccionario do Innocencio.

Diz o sr. visconde de Castilho, que possue uma collecção rara de 1826, onde ainda se vê este café celebrando o juramento da Carta n'esse mesmo anno. (*Lisboa Antiga, vol. VI*).

José Pedro dirigiu, em Maio de 1811, um requerimento ao Principe Regente, pedindo para que a policia não embaraçasse os festejos que elle promovia no seu café, e queixando-se de haver sido insultado pelo capitão Vióte na noite em que festejava o fausto acontecimento da batalha d'Albuera. (*Avisos*, etc. Maço 13.)

Póde-se contar agora uma pequena historia aqui succedida no tempo da guerra peninsular. Fronteiro ao botequim *das Parras* habitava n'uma agua-furtada um beneficiado bracarense, conhecido pelo *Pataina*. Este ratão vivia só, e querendo, n'um certo dia de gala, sahir cedo para jantar, viu que o José Pedro começava a preparar os seus lendarios transparentes allegoricos para a habitual illuminação nocturna. José Pedro todas as noites de festa punha luminarias na frente da loja, e fazia espevitar as torcidas dos candieiros do Rocio. Quem não punha luminarias era um precito, era tido por francez, pedreiro-livre, e revolucionario, nomes que, n'aquelle tempo, se consideravam peiores do que uma febre maligna. O padre desejava sahir, mas não queria voltar á noite para collocar as lanternas festivas, porque era muito gordo, e custava-lhe immenso a subir a escada. O que havia de fazer? Accendeu duas lanternas, pôl-as á janella, e sahiu. Ora luminarias de dia era um caso novo, e a policia viu n'ellas um signal revolucionario, em consequencia do que deitou o gatazio ao padre, sendo levado á presença do Intendente de Policia, Lucas Seabra da Silva, que o accusou de mação e de revolucionario.

—Não o sou, senhor, dizia o padre todo atarantado. Queria ir jantar ao Izidro, e não desejava voltar á noite para pôr as luminarias. Assim, o prejuizo é só meu. Accendi-as, pul-as á janella, e lá estão á espera das luminarias do sr. José Pedro.

O intendente cascalhou umas gargalhadas, como se vira os esgares d'um maninello em arremedilho bem apimentado, e mandou em paz o padre caturra.

Do tempo dos francezes para cá não houve dia de gala ou festejo publico em que na residencia de José Pedro—o 3.º andar por cima da loja—não bruxuleassem, logo ao anoitecer, nove lanternas festivaes—tres em cada janella. Muitas vezes succedeu não se saber qual o anniversario que se devesse commemorar, mas

os nove lumes patrioticos lá ardiam na casa do José Pedro *das Luminarias*. N'este ponto mettia n'um chinello a propria folhinha do Padre Vicente.

Alma aberta a todos os sentimentos generosos, foi elle quem soccorreu Bocage durante a sua doença, quando as borboletas brancas dos bons sonhos já não adejavam ao redor do seu pobre leito... Fez-lhe uma subscripção entre os amigos, a qual, junta ao producto da edição dos *Improvisos na sua mai perigosa doença*, chegou para custear as derradeiras despezas do genial poeta. A Gazeta annunciava então os *Improvisos* de Bocage «feitos á sua triste situação por causa da aneurisma que padece, aos quaes ajuntou as obras que os seus beneficos amigos lhe dirigiram na mesma occasião.»

E, quando Bocage — quebradas todas as rodas da sua machina gasta — cahiu ao sopro gelido da morte, e se escondeu, para sempre, nas dobras da mortalha, foi o José Pedro quem lhe fez o funeral, e o acompanhou á sepultura na egreja das Mercês [1].

Herino, auxiliar das festas de José Pedro, tirara o retrato de Bocage, e mandou-o gravar por Bartolozzi. A gravura era dedicada a Antonio de Araujo d'Azevedo, ministro dos estrangeiros e da guerra, socio da Academia das Sciencias, e antigo ministro em S. Petersburgo.

Poz-se á venda, em 1806, na loja da Gazeta e no botequim do José Pedro.

Foi o mesmo Bartolozzi quem gravou o retrato do Principe Regente feito por Pellegrini.

Malgré tout, a troça fartou-se de alvejar o José Pedro.

Não escapou ás rinchavelhadas do povinho ignaro, á estolidez dos parvajolas que faziam retinir os guizos

---

[1] Não longe d'elle foi sepultado Nicolau Tolentino.

carnavalescos como os machos das liteiras faziam retinir os seus.

Mas a penna nervosa do sr. visconde de Castilho vingou-o nobremente, fazendo, na *Lisboa Antiga*, o merecido elogio ao desinteresse puro, á stoica firmeza de principios, aos sentimentos altivos, do modesto botequineiro, mas exaltado patriota, tão outro dos da actualidade, em que o patriotismo se toma... aos granulos dosimetricos, como os de Burgraeve.

XIV

Medidas policiaes — José Pedro — Sua vida — Suas anecdotas — Sua morte — As batotas de 1810 a 1817 — Jogadores — Uma rifa interessante.

Durante a occupação franceza foram mandadas fechar todas as casas de jogo, á excepção das de bilhar.

Poucos dias depois, e em consequencia das desordens que se travavam entre portuguezes e francezes nas tabernas, foram estas obrigadas a cerrar as portas ás 5 horas da tarde. Esta ordem do governador de Lisboa tornou se extensiva a todos os cafés. No dia immediato ao da retirada dos invasores, um edital do Intendente determinava que a policia puniria os que antes do sol nado, ou depois das 6 horas da tarde, vendessem vinhos e licores espirituosos.

Dois annos depois, em 16 d'abril de 1810, o José Pedro pedia licença para ter a loja aberta até ás 11 horas da noite, allegando ser frequentada sómente pelas pessoas mais bem reputadas de Lisboa, ser um homem que sempre manifestara o seu patriotismo, e ter concorrido para as necessidades do Estado, conforme as suas posses.

O Intendente indeferiu, porque não se podia abrir uma excepção.

Mas, em 1811, foi lhe concedida a licença requerida «attendendo ao seu patriotismo, de que dera provas durante a occupação franceza, e porque, segundo um officio de Lord Wellington, já não occorriam os motivos que haviam dado logar a fechar os botequins ao anoitecer» (*L.º 13 das Secr.*).

Em 8 de junho de 1823, José Pedro foi obrigado a assignar um termo perante o Intendente de Policia para que nunca mais consentisse na sua loja de bebibas «conversações sediciosas e de qualidade tal que alterassem o espirito publico,» sob pena de, não só lhe ser fechado o estabelecimento, mas ser processado e contra elle se proceder com todo o rigor das leis. José Pedro allegava que a loja não era sua, mas sim de Pedro Logè, a quem a arrendara. Não obstante, ficou cumulativamente obrigado com o dito Logè a cumprir o que lhe fôra determinado. (*Pap. Div.* Maço 11.)

Depois da *Abrilada* o botequim das Parras foi obrigado a fechar as portas. Então o José Pedro foi preso, e esteve na prisão em companhia do visconde de Laborim. No tempo da usurpação de D. Miguel teve de homisiar-se em casa do seu amigo Manuel José Machado.

Suppomos que o seu botequim largou depois uma das portas — a da actual tabacaria Gusmão —, porque ahi estava, no tempo da Maria da Fonte, a chapellaria Carvalho. N'um cubiculo d'esta loja era redigido um jornal, que o governo cabralista nunca conseguiu saber d'onde vinha.

Em 1846, José Pedro, aos setenta e cinco annos d'edade, serviu como soldado no batalhão da Carta. Desempenhou o logar de ordenança, e andava, ordinariamente, de bayoneta e muleta.

A lizura do seu comportamento não o alcatruzou a

altos postos. Foi nomeado continuo do Congresso em 1821, continuo do ministerio da Marinha em 1826, e chefe dos continuos da Camara dos Pares em 1834, exercendo os dois ultimos logares até a sua morte. Nascido em Paço d'Arcos, morreu em 1862, contando noventa annos completos. E morreu na mesma casa em que vivia desde 1801, o terceiro andar do lado direito, no Rocio, por cima da sua loja de café. Ao lado d'elle, no esquerdo, morara o Joaquim Francisco, chapelleiro do lado oriental do Rocio, e no quarto andar habitou, durante muitos annos, o francez Logè ou Legey, a quem elle trespassara a loja.

O José Pedro *das Luminarias* era, na occasião da sua morte, o mais antigo freguez da freguezia de Santa Justa e Rufina. Patriota eximio em 1808, e, mais tarde, *cartista* puro, foi sempre um monarchico *enragé*. Adorava D. Pedro V. Referiu-nos o sr. dr. Augusto Cesar Alves d'Azevedo que o José Pedro, apesar de seu amigo, o censurara asperamente só por elle não trazer lucto pesado, logo no primeiro dia de nojo pela morte do monarcha.

José Pedro ia á praça da Figueira fazer as compras, e, quando regressava de cabaz repleto de hortaliça, tinha por habito dizer ás pessoas conhecidas, que encontrava: «É para ellas.» Alludia a suas duas filhas, ás quaes legou algumas inscripções, gannas, sabe Deus, á custa de quantos sacrificios.

Foi um liberal ás direitas, um luzitano de priscas eras, um homem a quem não se podia botar em rosto um resvalo da honra. Em sua alma habitavam muitos d'esses nobres sentimentos, que inspiravam tão pomposos alexandrinos aos heroes de Corneille.

Sua conversação era animada; gostava immensamente de falar das antigas glorias do botequim das

Parras. Além d'isso tinha bons ditos. Citaremos um. Era ministro da marinha o visconde de Sá. O official maior chamou o continuo, e, ao toque da campainha, José Pedro arrastou-se até ao gabinete do ministro, onde se encontravam alguns personagens.

O official-maior carrega o semblante e diz:

— Ande depressa, senhor, não se póde mexer? Eis aqui está de que serve ter na secretaria empregados d'estes!

— Tem razão, senhor, diz o José Pedro, e é por isso que eu, todas as noites, envio preces ao Altissimo...

— Para quê?

— Para que v. ex.ª não chegue á minha edade.

* * *

Em 1810 abundavam as tavolagens. A corja dos trapaceiros, iscados de raposias, versutos em gamboinas e pescansos, lá iam armar azeiros aos incautos, como os camponios ladinos vão, de mingachos ao hombro, lançar tarrafas á cata das bogas nas ribeiras placidas.

Havia batotas na travessa da Victoria, no café *das Sete Portas* na travessa d'Assumpção, na rua do Crucifixo, na Arcada do Terreiro do Paço, no theatro de S. Carlos. (*L.º 13 das Sec.*), na casa de pasto por baixo do Arco do Bandeira, etc.

N'esta ultima houve um barulho em que os jogadores, entre elles um frade, saltaram pelas janellas para a rua, e alguns officiaes inglezes resistiram ao juiz do Crime do Rocio.

A do café *das Sete Portas* estava sob a protecção da justiça do bairro. (*Pap. Div.* Maço 1.)

O producto das licenças de jogo era applicado á

Casa Pia do Castello de S. Jorge. Cada bilhar pagava annualmente 38$400 réis, cada jogo de bola 6$400 réis. cada jogo de laranjinha e chinquilho 4$800 réis. (*L.º 9 das Secr.*)

Por alvará de 7 de junho de 1809 foi determinada uma nova contribuição extraordinaria de Defeza para com ella se auxiliar a salvação do Estado e da sua Santa Religião, e a conservação da independencia nacional, paga sómente n'aquelle anno.

Por ella satisfizeram as lojas de bebidas e licores de 4$800 réis a 28$800 réis, as casas de bilhar de 9$600 réis a 24$000 réis, e as casas de pasto de 19$200 réis a 48$000 réis. (*Avisos*, etc. Maço 9.)

Entre os jogadores presos em 1810 figurava um vadio, Francisco Maria Freire Roza, que fôra favorecido pelo conde da Ega durante o governo de Junot. (*L.º 11 das Secr.* pag. 195.)

Raphael Lorenzani e José Galli, que desejavam tomar a empreza de S. Carlos, requereram privilegio para casas de jogo de parar, assim como Francisco Antonio Lodi requerera (em 1808) licença para ter jogo de roleta em S. Carlos. Mas tiveram indeferimento, tal qual succedera a este ultimo. (*L.os 9, 12 e 14 das Secr.*)

E' sabido que o theatro de S. Carlos teve casas de sortes e fazia loterias. O theatro da Rua dos Condes teve lojas com o mesmo destino. Em 1810 a empreza d'este theatro desejava a continuação d'esse auxilio, e allegava que soccorria, patrioticamente, a Caixa Militar, e que, portanto, tambem a nação era interessada. [1]

---

[1] José Joaquim da Costa Queiroz, antigo emprezario da Rua dos Condes, ainda requereu em Agosto de 1814 para realisar nova loteria de doze mil bilhetes, como as que lhe haviam sido concedidas por aviso de 10 d'Abril de 1807. Mas não obteve deferimento, porque já não era emprezario e tinham decorrido muitos

A febre das rifas generalisou-se. Alguns até pediam para rifar predios. (*L.º 11 das Secr.*) O theatro de S. João, do Porto, teve egualmente a concessão de loterias.

A proposito de casas de tafularia, onde os batoteiros pescavam sem sedêlla, referiremos um curioso caso de rifa. No ultimo de Fevereiro de 1810, foram presas Anna do Livramento e sua filha Izidora Gertrudes Paula, duas catraias, que, para darem novo estimulo ao vicio, rifavam as suas pessoas; assim como foram presas sete gandaéiras, que entravam no mesmo jogo, e remettidas á Casa da Correcção na Cordoaria. (*L.º 11 das Secr.*)

Em 1812 existia uma tasca na rua da Cruz de Pau, com um subterraneo, onde se jogava de grande. E a casa de jogo de Carlos Barlazina, na rua do Crucifixo 48, 2.º andar, era das mais afamadas. Na mesma rua, 50, estava a espelunca do Beiça, onde um D. Marianno, hespanhol, batoteava com dados falsos, a que chamavam *gascões*.

Cinco annos depois, em 1817, eram apontadas a batota do Urraca, na rua Aurea, 20, 1.º, onde se davam bailes com o fim d'attrahir os jogadores; a que se estabeleceu por cima da loja de bebidas do *Ananaz* no Caes do Sodré; e a da sala do theatro de S. Carlos, cujo arrendatario, ou que passava como tal, Francisco Antão Mendes, *o Suzana*, foi preso. (*Corr. confidencial.* L.º 11. 222-293.)

---

annos depois que a concessão lhe fôra feita. (*Avisos*, etc. Maço 26.) O aviso dos Governadores do Reino, de 8 de Fevereiro de 1814, concedera a Manoel Baptista de Paula, director e caixa de S. Carlos e da R. dos Condes, a continuação de oito casas de sortes, podendo, se assim lhe conviesse, transferir uma d'ellas para a villa de Setubal. (*Idem.* Maço 25.) Em 12 de Janeiro de 1815 fizeram-lhe egual concessão até ao Carnaval do anno seguinte. (*Idem.* Maço 27.) E o aviso de 12 de Dezembro de 1818 prorogou-lh'a até ao Carnaval de 1820. (*Idem.* Maço 34.)

Antigos estabelecimentos do Rocio — A botica do Azevedo — Soneto de Tolentino — Aguia de folha — Concili bulos na botica do Azevedo — Lojas conhecidas — Historia do *passo* do Senhor dos Passos da Graça — No tempo de D. Miguel — Os *mauvais lieux* da calçada do Duque.

Abramos agora um discreto parenthesis para dizermos duas palavras ácerca d'alguns estabelecimentos visinhos do botequim do José Pedro.

Em seguida a este café era a botica do Azevedo, que então tinha os numeros 77 e 78. Estabeleceu-a em 1777 o padre Francisco José d'Aguiar, frade dominicano. N'este laboratorio chimico (dizia a *Gazeta* de 1783) o medico Joaquim Henriques de Paiva dava licções gratuitas de chimica e pharmacia todas as segundas, quartas, e sextas-feiras, ás 11 horas da manhã, e de Historia natural ás terças-feiras e aos sabbados. O frade trespassou a botica a José Cardoso Rodrigues Crespo. E, por morte d'este ultimo, veiu a pertencer a Antonio Feliciano Alves d'Azevedo, seu genro.

Na capital ha sómente duas boticas mais antigas que a do Azevedo: a da rua de S. João da Praça, estabe-

lecida logo depois do terremoto de 1755, e a antiga botica do Anacleto, na rua dos Retrozeiros, estabelecida na mesma occasião. O marquez de Pombal era amigo pessoal do fundador da ultima, e, a pedido d'este, o estado auxiliou-o na construcção do predio onde ficou a loja, e na do predio fronteiro.

A figura que decora o balcão da botica Azevedo data do começo da loja. Mais tarde tiraram-n'a, e, ha uns quarenta annos, foi repintada e reposta no seu logar. Em Lisboa apenas duas outras boticas possuiam adorno d'este genero: uma no terceiro quarteirão da rua Augusta, indo do Rocio, a qual tinha um S. Miguel, e outra ao fim da calçada de Sant'Anna, a qual tinha um anjo.

Nicolau Tolentino frequentava muito a botica do Azevedo. A um canto d'ella, á direita, foi onde se passou aquella scena que o zombeteiro poeta descreveu no soneto *A Dois velhos jogando o gamão*, soneto que Almeida Garrett considera entre os melhores de Tolentino:

Em escura botica encantoados,
Ao som de grossa chuva que cahia,
Passavam de Janeiro um triste dia
Dois ginjas no gamão encarniçados.

Corra, visinho, corra-me esses dados,
Gritava um d'elles, que nem boia via:
De sangue frio o outro lhe dizia
Mil annexins n'aquelle jogo usados:

Dez vezes falha o misero antiquario;
E ardendo em furia o tremulo velhinho,
Atira c'uma tabola ao contrario:

O mal seguro golpe erra o caminho;
Quebra a melhor garrafa ao boticario
Que foi só quem perdeu no tal joguinho.

Em 1808 ainda a botica do Azevedo tinha sobre a porta uma aguia de folha, que datava do principio do

estabelecimento. Quando os francezes evacuaram a capital, o povo amotinou se e correu á porta do Azevedo, tentando derrubar a aguia, e clamando que o dono era um jacobino Alves de Azevedo trouxe uma escada, subiu a ella, e, disposto a destruir a passarola, arengou á turba, dizendo lhe que aquelle objecto ornamental estava alli desde a fundação da botica. O populacho comprehendeu a sem razão da sua exigencia, e retirou-se em boa ordem, permittindo que a ave de rapina continuasse a pairar, com desgarro, sobre o portal da pharmacia.

Na botica do Azevedo reuniam-se muitos conspiradores no tempo dos francezes.

Foi aqui que, muitos annos depois, alguns lojistas se juntaram, planearam e fizeram a representação para que fossem supprimidos os frades nos arruamentos da Baixa, e substituidas as portas dos estabelecimentos, as quaes, n'esse tempo, abriam para fóra. As ruas do Ouro, Augusta, da Prata e dos Fanqueiros, eram ladeadas de *frades* de pedra da altura d'um homem, postos á beira dos estreitos passeios, e que nada se pareciam com os *frades* pitorras, que, ainda ha poucos annos, havia n'alguns sitios de Lisboa.

Em mais d'uma parte da Policia Secreta, em 1823, se fala do Lourenço da botica d'Antonio Feliciano. Lourenço dos Reis Napoles, 1.º official da botica, era, realmente, não menos enthusiastico liberal do que muitos frequentadores d'essa casa, apesar do medo que inspirava o refece Miguel Alcaide, de triste memoria. Escamugiu-se para a America, quando este galfarro mór já tinha ordem para lhe deitar o gatazio. [1] No tempo de D. Miguel, intimaram Antonio Feliciano

[1] Estas informações devemol-as á obsequiosa amabilidade do sr. Dr. Augusto Cesar Alves d'Azevedo.

para que tirasse os bancos da loja, isto com o fim de evitar os conciliabulos. Mais tarde, a botica Azevedo era ponto de confluencia dos politicos esturrados. Lá se encontravam o morgado d'Assentiz, o padre José Theotonio Canuto de Forjó, profundo latinista, o padre Marques, professor de philosophia, José Gregorio Lopes da Camara Sinval, primeiro commandante do batalhão academico, D. Gastão Fausto da Camara, e, uma ou outra vez, o notavel Castilho.

Na loja onde está a *Monaco* era a mercearia do José Dias, o *Consciencia*, assim appellidado por ter sempre moedas de 3 réis para os trocos. Ao lado do Azevedo estava a loja de sombreireiro do *Zaranza* e do *Pão com manteiga*. A seguir, na casa agora occupada pela confeitaria Carvalho, era a muito antiga confeitaria do Aguiar. Este começou pobremente; a mulher ia, embiocada em modesto capotilho, á missa d'alva. Juntaram fortuna, e edificaram, pouco a pouco, o predio da rua do Principe, 23, onde esteve o forno. A ambos succedeu seu filho, Ezequiel d'Aguiar, que foi pae do eminente professor e estadista Antonio Augusto de Aguiar. Se queriam ver o Ezequiel dar o cavaco, era dizer lhe que tambem fôra da *archotada*, uma manifestação *Saldanhista* feita n'uma noite de Julho de 1827, e que consistiu em andarem com archotes pelas ruas, realisando-se tambem identica manifestação em S. Carlos.

O predio que torneja para a calçada do Carmo, em cujas lojas está a tabacaria Neves (loja do livreiro Antonio José de Carvalho, em 1800, e loja de caixotes em 1809), pertenceu ás freiras Grillas, que o haviam cedido aos frades Grillos, sob condição d'estes occorrerem ás despezas do culto na egreja do seu convento. Pela extincção das communidades religiosas e em virtude da lei de desamortisação, o predio foi posto em almoeda, e vendido ao capitalista Sequeira Lopes. O

predio seguinte a este, que tambem pertencia ás Grillas, foi arrematado pelo capitalista M. A. de Seixas.

Mais adiante, junto á chapellaria Roxo, existe um *passo* do Senhor dos Passos da Graça. Antes de 1755 estava quasi no mesmo local, mas encravado no Paço dos Estáos (que partia pelo Norte com o largo do pateo do Duque, pelo Sul com a parede divisoria das casas de Thomaz Antonio d'Araujo, e pelo Oeste com o dito largo). Todavia, a mesa da Irmandade da Graça foi paga do valor do chão d'este passo por precatoria de 25 de Janeiro de 1782. (*Tombo da Cidade*. L.º X).

E' claro que o antigo Rocio não correspondia exactamente ao da actualidade. Quando se reconstruiu a praça, o provedor e mais irmãos da Irmandade dos Passos dirigiram uma petição ao rei para que, aos supplicantes, fosse dado o logar, que lhes tocava na praça do Rocio. O conde d'Oeiras, por aviso de 3 de Janeiro de 1761, mandou, em nome da monarcha, que o Arcebispo Regedor assim o fizesse cumprir. (*Avisos da Intendencia*. L.º 4).

Quando (em 183.) a municipalidade compellia o duque de Cadaval a demolir as barracas e os casebres que occupavam esse lado da praça, e o obrigou a fazer novas construcções para symetrisar o Rocio, o duque tentou desapossar a Irmandade d'essa parcella de terreno, e intentou uma demanda, cuja resolução se protelou por alguns annos. Mas a irmandade ganhou-a, e foi, por consequencia, mantida na posse, porque o terreno foi considerado encravação.

O letigio versou apenas sobre a possessão do terreno, visto o duque de Cadaval desejar manter o *passo*. (*Portugal Antigo e Moderno*. vol. IV).

Em tempos de D. Miguel estacionava, habitualmente, ao pé do *passo* um *tuti-li-mundi*, pertencente a um pobre homem sem pernas. Sentava-se sobre um banco

em X, e d'ahi puxava os cordellinhos das vistas. A penultima era *a grande cidade de Napoles* — uma vista que então figurava em todas essas exposições chinfrins —, e a ultima era o retrato d'*El Rei nosso Senhor D. Miguel.* Ao passar esta, o homemsinho gritava para um petiz, que sempre o acompanhava: — O' rapaz, tira o bonet.

Afastando-nos um pouco d'este local, referir-nos-hemos ainda a um homem muito conhecido depois de 1820. Queremos fallar do mestre Maximo, cordoeiro na rua das Portas de Santo Antão, n.os 33 e 35 modernos, do predio que se está demolindo. [1]

Passava por notavel entre os do seu officio, e tão notavel, que era elle o encarregado de fabricar as cordas para os sentenceados á forca, assim como fazia, annualmente, a corda para a cintura do Senhor dos Passos da Graça. Apesar de ter meios de fortuna, morreu miseravelmente.

A calçada do Duque (a dois passos do Rocio) foi considerada um sitio deveras perigoso. As ruas da Condeça e dos Gallegos (hoje do Duque), e o pateo do marquez de Penalva, na calçada do Carmo, não o foram menos.

Quem dictava a lei por estes logares era o José Cota — um fadistão velhaco, um azevieiro cheio de farofia. Na calçada do Duque, á direita de quem sobe, havia uma tasca, que communicava com o pateo, conhecida pela taberna da Joaquina do Forno. (*Crimes de Diogo Alves.* L. Bastos).

E na mesma calçada, n.º 17, lado direito, descendo para o Rocio, havia a taberna da Ritta, onde todos os domingos e dias santos se juntavam 15 e 20 ratonei-

---

[1] Estava-se demolindo em Fevereiro de 1897. Agora está reconstruido.

ros dos que infestavam a cidade. (*Correspondencia confidencial*. L.º 2.º Corte).

Os harpejos dolentes, as subidas diatonicas na guitarra, a toada ronquenha das gargantas estragadas pelo alcóol e pela syphilis, o fanhosear dos borrachões, a versalhada fadistal, muito estrangulada de *ais!* o sapateado tremulo do fado, do solo inglez e dos fandangos desnalgados, era o que mais se ouvia n'esses antros, onde a ronda não se atrevia a entrar, com receio de andar em bolandas deante do bico dos sapatos e do bico das facas da frandulagem.

Meretrizes frangalhonas, esmammalhadas, de pomas molles á mostra, croias muito avezadas a apregoar as melancias da vargem e os bribigões cosidos, ratoneiros atrevidos, *souteneurs* tresandando a suor e a fumo de cigarro, constituiam a chusma parasitaria, que escornava pelo bairro como uma manada de garraios desembolados. Nos casebres que demoravam dentro do pateo (derrubado para a construcção da estação central dos caminhos de ferro), e d'ahi até á rua do Principe, deram-se muitos actos criminosos, que ficaram impunes, praticaram-se infamias a cujos auctores a justiça dos homens nunca poude pedir contas.

XVI

Na rua do Jardim do Regedor. — Palacio da Inquisição. — O café *das Sete Portas* e o café *Montanha*. — Antonio Marrare, reformador dos botequins lisboetas. — Os italianos. — Os cafés do Marrare. — O *Marrare* de S. Carlos. — Uma campanha em S. Carlos. — Um excentrico. — O mais antigo logista do Chiado.

Revenons à nos moutons.

Por baixo do Jardim do Regedor, á face da rua d'este nome, havia algumas lojas. N'uma d'ellas estava (em 1806) um café, que, n'uma das portas, tinha o letreiro seguinte: *Hinc quod bonum est intrinsecus videtur*. (*Lisboa Antiga*. Castilho).

O palacio da Inquisição possuia seu jardim sobre um muro que fazia frente ás ruas do Principe e do Jardim do Regedor. Esse jardim foi illuminado brilhantemente por 300 lanternas e varias tochas de cera, na varanda que cahia para a parte exterior, durante as noites de 13 e 18 de junho de 1785, quando o embaixador hespanhol, conde de Fernan Nuñez, festejou os casamentos do infante Gabriel com a infanta portugueza D. Marianna da Victoria, e do infante portuguez D. João com D. Carlota Joaquina, mas, mais especialmente, a chegada d'esta ultima a Lisboa, porque os primeiros já haviam sido festejados antecedentemente,

para o que o embaixador pedira o palacio do Rocio, afim de celebrar essa funcção. (*Gazeta*).

O jardim, ainda que de curto recinto, accrescenta a Gazeta, serviu de grande desafogo aos concorrentes, e excitava a idéa de uma engraçada festa campestre.

O conde de Fernan Nuñez esteve muitos annos em Lisboa, e aqui lhe nasceu um filho em 1779, dando, por occasião do baptisado, grande ceia e baile, que durou até ás 5 horas da manhã.

Não podemos precisar a data em que o jardim da Inquisição desappareceu para dar logar aos predios que lá se vêem agora. Mas o que sabemos é que em 1802 alguns predios fronteiros na rua do Principe (lado Occidental) ainda estavam em construcção (*Gazeta*. 1802), e que aquelle jardim ainda existia em 1813. (*Gazeta* n.º 235).

Em 1795 já havia á esquina da rua Nova dos Martyres, defronte do theatro de S. Carlos, a casa de pasto do Carlos José *Piemontez*. Ora esta casa, (café em 1810) tornou-se suspeita por ahi se juntarem francezes e italianos, taes como o Serino, e o rabequista José Galli, de S. Carlos, o Caetano Milanez, figurante d'esse theatro, o negociante Traberso, etc. Supponho ser este o café Genovez, que ainda em 1824 existia no largo de S. Carlos. (*Gazeta*).

O café das *Sete Portas* ou *Minerva das Sete Portas*, na travessa d'Assumpção, n.º 10, antigo, á esquina da rua do Arco do Bandeira, tinha no primeiro andar (em 1810) um bilhar e jogo de banca, pertencentes a Antonio José de Sá. A jogatina era patrocinada pela justiça bairrista. (*Pap. Div.*) Em 1817 foi preso o caixeiro por ter aquelles jogos e mais os de gamão e cartas, sem estar munido de licença para tal. Mas o sugeito allegou que a licença estava em nome d'outros, que haviam tomado a casa por trespasse a um Francisco Peres. (*L.º 33 das Secr.*) Em 1818 pertencia a

um João Victor, que annunciava o trespasse do café na Gazeta. Em 1827, anno em que fechou, pertencia a Joaquim Manuel Coutinho. Este botequim tomara o nome das *Sete Portas* por ser o numero de portas que tinha para o Arco do Bandeira.

O predio foi, mais tarde, occupado nas lojas pela cocheira de trens d'aluguel do Pedro *Manhoso*, por uma taberna, e pelo estanco d'uma mulhersinha, é no primeiro andar pela hospedaria da Romana.[1]

Eram esses os inquilinos, quando, em 1864, o sr. Manuel Nunes Ribeiro Montanha, arrendou a casa por espaço de doze annos, e estabeleceu n'ella o café *Montanha*, que abriu na quarta feira, 15 de fevereiro de 1865. O dono do café comprou depois o predio, e ambos, por fallecimento do sr. Montanha em 1881, passaram a seus herdeiros.

---

[1] Nos fins do seculo XVIII houve cafés, ou casas assim chamadas, que davam hospedagem. Estavam n'este caso o café Inglez, na rua Nova do Sacramento, e o café Neutral, a que nos referimos em pag. 21. Foi n'este ultimo que se hospedou o famosissimo Caghostro, que tão importante logar teve na chronica secreta d'aquelles tempos. Um aviso do visconde de Villa Nova da Cerveira, datado da Villa das Caldas aos 8 de Maio de 1787, e enviado ao Pina Manique, ordenava-lhe que investigasse se um homem que alli se alojara e usava o nome de D. José, conde de Stephanis, era, realmente, o celebre Cagliostro, que fugira de Londres. Este aviso respondia á carta de 7 de Maio, em que o Intendente expunha as suas suspeitas, depois de ter annunciado a chegada do aventureiro. O ministro determinava que o tivessem bem vigiado, e que, se praticasse algum acto criminoso, o fizessem sahir da Corte e do Reino, «debaixo das comminaçoens das penas, que V. S.ª achar que podem tirar-lhe a vontade de tornar aqui a apparecer.» Assim fechava o aviso. (*Registo de Decretos, Alvarás e Avisos*. Liv. 83-246, fls. 202 e 202 v.)

Este documento, arrancado ao pó funerario dos archivos, prova bem que o Cagliostro, na sua passagem por Lisboa, não escapou, apesar de suas astucias de nigromante, aos fogos crusados das pesquizas policiaes do Manique.

O botequim ou casa de pasto por baixo do Arco do Bandeira não primava pela decencia. Caetano Piacentini estabeleceu ahi uma academia de dança, mas, poucos dias depois da inauguração, foi preso por ter introduzido bailes indecentes, chegando a admittir meretrizes com bilhetes que se vendiam á porta, o que determinou ajuntamentos escandalosos. (*L.º 33 das Secr.*)

*

* *

Passemos agora aos celebrados botequins do Antonio Marrare.

Este homem foi o restaurador das lojas de bebidas lisboetas. Era napolitano, e veio para Lisboa contratado como copeiro da casa dos marquezes de Niza. Pançudo, córado, inxundioso, meio adormecido, andava vagarosamente, amava com delirio os appetitosos productos da cozinha italiana, e superintendia, com seus pequeninos olhos d'espertalhão, aos negocios botequinistas. Conservava-se, habitualmente, em pé, e, quando muito, encostava-se ás paredes ou aos humbraes das portas. Se lhe pediam que se sentasse, obtemperava logo na sua linguagem mesclada: *Grazie. Non mi sento, nó, perché se mi sento... dormo. Che volete? dormo.* (*Lisboa Antiga.* Castilho.)

Paulo Midosi dizia, pittorescamente, que o velho Marrare tinha o feitio d'um garrafão monstro.

Marrare desempenhou em Lisboa o mesmo papel que outro napolitano, o Velloni, representou em Paris. Velloni fundou, além d'outros cafés, o famigerado *Tortoni.*

N'uma lista que o consul geral da Sicilia, Vicente Mazzioti, mandava ao ministro do Reino em 1813, na qual dava os nomes dos italianos residentes em Lis-Lisboa, antes da Revolução de França e Italia, appare-

rem: Antonio Marrare, siciliano, Francisco Ferrari, genovez, que se naturalisou portuguez para não pagar meio por cento que pertencia á egreja do Loreto; Luiz Ferrari, capellista e Hilario Ferrari, com loja de bebidas, ambos genovezes; José Midosi e filhos, romanos; Bento Cosmelli e José Cosmelli e filhos, genovezes; Marcos Filippe Campodonico, genovez; Radich, negociante siciliano; Raphael Gavazzo, negociante siciliano; Jeronymo Pedro Ghira, negociante veneziano; Pedro Scola, guarda-livros, milanez; Lourenço Testa, genovez; José Del-Negro, com loja de crystaes, toscano; Alberto Gnecco e Francisco Gnecco, com lojas de bebidas, genovezes; e Angelo Filippe Bessone. (*Avisos*, etc. Maço 24.)

Cremos que todos, ou quasi todos, teem ainda representantes em Lisboa.

Domingos Caetano Marrare, filho do botequineiro, teve uma aventura amorosa em 1821 com uma conhecida senhora franceza, C. T. B., o que lhe valeu um processo ruidoso. (*Correspondencias*, etc. Maço 10.)

Ainda houve um processo em que figurou o Marrare, pae. Foi quando o seu cozinheiro Agostinho Clemente assassinou o seu caixeiro José Nancelli, em 1814. (*Avisos*, etc. Maço 26.)

Antonio Marrare fundou quatro botequins; o de S. Carlos á esquina da rua da Figueira (hoje rua Anchieta), o chamado Marrare *das Sete Portas* no Arco do Bandeira, o Marrare *de Polimento* no Chiado, e o do Caes do Sodré n.º 9, á esquina da Travessa dos Romulares (hoje a Taberna Ingleza). Este ultimo acabou em 30 de Junho de 1827.

Asseveramos que os botequins do Marrare em S. Carlos e na travessa de Santa Justa já existiam em 1804 (*Gazeta*), e o do Caes do Sodré em 1809 (*Pap. Div.*)

N'essa epocha todo o serviço dos seus botequins era de prata, as bebidas das melhores, e o café puro, immune das tranquibernias mysteriosas de copa.

O Marrare tambem teve uma loja de vinhos engarrafados no largo de S. Carlos, a qual mudou para a rua das Portas de Santa Catharina (Chiado) em 1818.

O café Marrare, da rua da Figueira, tornou se suspeito de ponto de reunião de jacobinos em 1809. E a essa suspeição não escapavam o proprio Marrare, os seus dois caixeiros, e o administrador italiano.

Por fallecimento do fundador d'estes botequins, o seu testamenteiro annunciou no *Diario do Governo* de 30 de Dezembro de 1839 que, em publico leilão no escriptorio da testamentaria, se trespassariam as lojas de bebidas e bilhares sitas na travessa de Santa Justa, 5 A, e na Travessa da Parreirinha, 2. Esta ultima foi tomada pelo Henrique Antonio Nunes. Tornou-se muito frequentada pelos *dilettanti* do theatro lyrico. Lá se planearem muitos triumphos e muitas derrotas aos cantores de S. Carlos.

O café do Henrique era o ponto de reunião da *mocidade dourada e prateada*, pois tambem lá iam velhos foliões, diz Paulo Midosi; era o quartel-general dos *boccabadistas*, quando se deram as celebradas luctas entre os partidarios das cantoras Barili e Boccabadati. (*Folhetins do Diario de Noticias*. 1881).

Quantos episodios curiosos, quantas ovações e quantas pateadas provocaram os dois grupos arregimentados sob as bandeiras d'aquellas duas Clorindas da arte...

Por entre allusões maliciosas appareceu um dia no *Entre-acto* o seguinte: — *As pateadas*: «Corre que ha em Lisboa uma *seita*, que tem por fim promover o consumo do calçado que por ahi jaz *resequido* n'essas vidraças, e que decidira patear tudo nos theatros, sem

conta, pêso, nem medida, por ser este o melhor meio de gastar *tacões*. A ultima pateada fez augmentar um vintem em cada par de botins.» Passados dias o grupo da Barili fazia distribuir no theatro o seguinte soneto:

Á BOCCABADATI

Jamais farta d'essencias, d'arrebiques,
Indo ao pincel devendo alguns retoques,
Para que um riso motejador provoques,
Cobrindo a estuque os ultimos tabiques.

Cheia d'idéas vãs, de tiques miques,
Primeiro que estouvada o palco embiques,
A parasytas mil dando remoques
Para te auxiliarem quando embiques.

Arrotando a licor e «bifestéques»
Afim de que nas volatas não afraques,
Entras aos tropeções quebrando leques.

O ultimo *tercetto* não é publicavel.

O grupo da Boccabadati *ripostava* mandando distribuir o seguinte soneto:

Á BARILI

Da negra inveja a furia detestada
Roubar te em vão pretende da harmonia
Boccabadati, a primazia,
Pelo applauso confirmada.

Apenas da Barili a brejeirada,
A zurro e coice e bruta gritaria
Se deleita em mostrar a vilania
Pifio esfôrço d'alma depravada!

Mas para que do publico os ouvidos
A capricho de biltres, cinco ou dez,
Hoje sempre não fiquem aturdidos.

Tambem n'este o ultimo *tercetto* era insolente. A lucta continuou dura e fera, chegando a Barili, uma

occasião, a ameaçar o D. Alvaro, *o malladetto nero*, como ella lhe chamava, de que lhe faria engulir a sombrinha.

Afinal os dois grupos pactuaram, n'uma reunião que se effectuou em casa da Barili, na rua da Figueira, suspender as hostilidades na noite em que se realisava a *première* da *Joanna Primeira*, do maestro Coppola, o que se daria a 11 d'outubro.

Apesar de n'essa noite chover torrencialmente, o theatro estava repleto, e o espectaculo correu sereno até certa altura, entre poesias, flores das bambolinas, ricos presentes do conde de Farrobo, embora fôsse *boccabadista*, um soneto em italiano do Perfume e uma corôa offerecida pelo Freitas Jacome, com a seguinte quadra:

Em premio do teu merito subido
Essa corôa recebe, eximia actriz,
Ganhaste-a novamente a quem t'a offerece
E' de teus dons imparcial juiz.

A breve trecho, porém, o tal pacto fracassava, porque os applausos excediam a gamma, e, como *trop de zèle gâte les affaires*, no dito de Talleyrand, o espectaculo terminou por uma pateada medonha [1]. Passados dias o *Entre-Acto* inseria este soneto:

De lédas graças pudibunda Rosa
Magico emblema mil suffragios tinha:
Foi proclamada inclita rainha
Da Flora nos jardins, côrte mimosa.

Eis desabrocha a Tulipa invejosa
Quanto em seu calix mais gentil continha,
E em circo d'ella a multidão se apinha
Voluvel sempre, e sempre caprichosa.

Mas passa a Primavera e vae com ella
Da Tulipa o ephemero reinado,
Ficando sem rival a Rosa bella.

---

[1] Folhetins de Paulo Midosi, publicados no *Diario de Noticias* de 1881.

Assim linda Barili foi teu fado
Socega, que passando átra procella
Teu solio te será outra vez dado.

Reatemos. Em 1845 deu-se no café da rua da Figueira uma academia ou desafio de bilhar, em que cada bilhete d'entrada custava um pinto (180 rs.). Eram dois os contendores. O que ganhou recebeu sessenta pintos, que tantas foram as entradas.

Refere Paulo Midosi que, entre os bohemios frequentadores de botequins, havia então o Castellani, cantor menos que mediocre, mas um engraçado *bon vivant*. Tinha a mania de haver estado na Russia. No Tavares, no Marrare de polimento, e no Henrique Antonio Nunes, terviam as apostas ás *pulas* e ás bolas mettidas n'uma garrafa forrada de verga.

O Castellani não seria um grande artista, mas era, com certeza, um pelintra de *primo cartello*.

Apostava sempre no numero mais baixo das bolas da pula, jogo em que ganha quem tem o mais alto numero. Pois, ao infeliz, sahia sempre o numero *um*.

Raivoso com a sua desdita, resolveu tirar vingança, e, uma noite, empalmou o numero *um* e foi escondel o em certo sitio debaixo da cama. No dia immediato voltou ás apostas; como não apparecesse o numero *um*, convencionou-se que o *dois* seria *um*, e assim por deante.

Chocalham-se as bolas, e, ó fatalidade! o italiano tira o numero *dois* que representava o *um*. Castellani, furioso, exclama então. *Maladetto biglardero, una piova d'ursi bianchi comme ho vedutto in Russia, cósi grandi!* (indicava um tamanho estupendo) *ti rompa la testa!*

Outra noite, Castellani não tinha dinheiro. Jogou, e tirou da algibeira uma nota, que lançou no azar onde se mettia a bola. A sorte foi-lhe, como sempre, adversa, e elle tomou a resolução de se pôr ao fresco. Quando o parceiro feliz, admirado do italiano não ter esperado

pelo troco, foi procurar a nota, viu, com pasmo, que elle apenas mettera um numero do *Gratis*, um jornal d'annuncios que era impresso n'um quarto de papel pardo, jornal que deu uma pequena fortuna ao seu dono, o typographo Manoel Antonio Ferreira Portugal.

O segundo proprietario d'este café foi socio com o sr. Francisco Marcos Pereira, estabelecido com papelaria na rua Nova dos Martyres (rua Serpa Pinto) [1].

O cfaé do Henrique — bello, farto e decente — fechou em 1844, e o Henrique morreu ha mais de vinte annos.

A' loja do Pereira iam muito os criticos theatraes, sendo o principal Ribeiro Guimarães, com quem o Pereira costumava ir, de tipoia, às esperas de toiros, segundo elle mesmo nos contou.

O Commercio de Portugal n.º 3.439 diz que Vicente Corradini, que morava no 3.º andar por cima da antiga loja do Pereira (hoje armazem de Ramiro Leão), quasi que fazia escriptorio d'este estabelecimento. Com o Corradini deu-se um caso pouco vulgar.

Depois da sua morte soube se que nunca se chamára assim, mas que o seu nome era Ciro José Antonio Brati.

Quando os parentes vieram habilitar-se para herheiros restabeleceram o seu verdadeiro nome. Parece que se vira obrigado a mudal-o, em consequencia de ter emigrado por motivos politicos. Corradini empregava a seguinte formula para aquilatar o merito das

---

[1] Francisco Marcos Pereira merece uma nota. Foi immensamente conhecido dos frequentadores de S. Carlos d'antigos tempos. A' sua loja de papel no Chiado iam muito os emprezarios Domingos Lombardi e Vicente Corradini, Bianchi (conde de Lavagna), director de scena, Baptista Podestá, que fundou o hotel Universal, e cujo pae dava hospedagem aos artistas de S. Carlos n'um 2.º andar da rua do Outeiro. Entre os primeiros hospedes que o filho recebeu contavam-se o Beneventano, o Fraschini e o Bartolini (que era cunhado do Tamberlick).

operas — eram, apenas, boas as que enchiam a gaveta de dinheiro.

Marcos Pereira era o mais antigo lojista do Chiado. Paulo Midosi definiu-o assim:

«Tribuno philosopho e livre pensador, inoffensivo, atirando para republicano por indole e organisação».

Sendo intelligente, possuia conversação variada, interessante, temperada por uma pontinha azeda de má-lingua, por certo sainete avinagrado de maledicencia, que, afinal de contas, é o *pick-me-up* da cavaqueira na nossa terra. Morreu em Maio de 1858.

XVII

O Marrare do Arco do Bandeira — Vintistas acerrimos — O Manoel Hespanhol — Mudança de clientella — João da Matta e as suas subtilezas gastronomicas—Os *restaurants* do Chiado e os seus sophismas culinarios — O Marrare *de polimento*, quartel-general do dandysmo — Descreve-se o *Marrare*—Scenas marrarenses—Depoimento de testemunhas oculares—O Ferrari—Uma curiosidade zoologica.

O Marrare do Arco do Bandeira estava sob a vigilancia da espionagem policial em 1820. Ahi concorriam muitas pessoas que ella affirmava serem partidistas dos francezes: o dr. Moraes Callado, Francisco de Paula, guarda mór da Chancellaria-mór do reino, o sargento mór de milicias de Henrique de Mello, o dr. João Chrisostomo e Joaquim Gregorio, revedor da Chancellaria. (*Pap. Div.*)

Passados annos, em 1820, juntavam-se n'este caffé os radicaes vintistas.

O tenente de caçadores Antonio Ignacio de Paiva Raposo, mais tarde miguelista da gemma, empoleirava-se n'uma meza do Marrare do Arco do Bandeira, e d'ahi dava e fazia dar vivas á Constituição. Era da mesma força d'um D. Gil que ia interromper os comi-

cos da Rua dos Condes com uma berraria sem fim; do D. Antonio da Silveira que, uma noite, se espojou doido d'alegria no salão de S. Carlos; e do Alpoim, o poeta do Cabreira, cujos versos eram repetidos n'este theatro e no quartel-general do largo do Quintella. Por derradeiro todos elles voltaram a casaca. (*Policia Secreta*).

Em 29 de janeiro de 1821 travou-se desordem n'esse café entre João Carlos Mourão Pinheiro e Antonio Marcellino, ex-Corregedor de Santarem. Este mandou depois desafiar aquelle para se baterem á pistola no Terreiro do Paço! Abriu-se devassa, em que depozeram os caixeiros do Marrare. (*Correspondencias*, etc. Maço 10).

A policia continuava a ter este botequim debaixo de vista em 1823. A parte da policia secreta de 13 de Novembro diz que na noite anterior se haviam reunido n'uma das mezas uns cinco sujeitos, que conversavam muito devagar, e que se tornaram suspeitos, mas que só se haviam conhecido o Euzebio Candido, tenente-coronel d'engenheiros, e um Motta, de habito de Christo, morador no largo d'Annunciada. A parte de 22 do mesmo mez diz que na noite anterior houvera muita gente n'este café, mas que falavam em voz tão baixa que nada se poude perceber, á excepção d'algumas palavras soltas pelas quaes se conheceu que se referiam á Gazeta, ao trigo e á esquadra ingleza. (*Pap. Div.* Maço 11).

Em 17 de Fevereiro de 1824 deu-se o seguinte desacato n'este botequim famoso. O major de milicias, Antonio Lobo da Gama, já conhecido por vociferar contra o rei e a familia real, entrou alli, e, vendo a *Gazeta*, amarrotou-a, limpou com ella os botões do fato e os botins, e, por fim, atirou-a ao chão e pisou-a aos pés, mostrando, por tal forma, o desprezo «que lhe merecia aquelle papel ministerial», conforme diz um

officio do Juiz do Crime do Castello. (*Corr. Confidencial.* Côrte. N.º 1).

Quem administrava este café em 1829 era o italiano José Salomão Marquezzi. (*Correspondencias, etc.* Maço 130). [1]

Fallecido o Antonio Marrare, foi Antonio Lodi, cunhado do Farrobo, quem arrematou este botequim para o Manoel *Hespanhol*. N'essa occasião o estabelecimento possuia em deposito, no subterraneo, grande quantidade de bons vinhos e cerveja engarrafada.

A casa contava como clientes assiduos os actores Epiphanio, Tasso, e Theodorico, nos bons tempos da *Prophecia* e do *Templo de Salomão*. Jogava se o bilhar entre artistas, avultavam as apostas, tomava-se o seu café antes do theatro.

A' noite, ceava-se lautamente, e o gerente da casa, o Domingos, pegava na costaneira respectiva e debitava os janotas, que, d'ordinario, nunca pagavam. (*Os excentricos do meu tempo.* L. A. Palmeirim)

Manoel Antonio Peres, appellidado o *Manoel Hespanhol*, morreu em 5 de junho de 1868, victima d'uma queimadura n'um braço, á qual sobrevieram erysipella e febre typhoide. Foram herdeiras a viuva e uma filha, actual proprietaria do café.

O *Diario de Noticias* d'aquelle anno, referindo-se áquella loja de bebidas, dizia o seguinte: — «*Forum* e tribuna, escriptorio e praça de commercio, palco onde se representaram dramas sentimentaes e comedias burlescas, o decano dos botequins da Baixa, successor das glorias do Nicola e d'outros respeitaveis ascendentes».

---

[1] Marrare teve como seu empregado, até 1832, a Alexandre Fernandes da Fonseca, o iniciador das associações de soccorros mutuos em Portugal.

Com o decorrer do tempo o Marrare *das Sete Portas* (porque tambem lhe davam este nome) cambiou de clientella. Aos politicos e aos artistas succederam os amadores taurinos e os calaceiros profissionaes.

A's conversações, cujo motivo fundamental era um d'esses factos deliciosos ou perversos, que o acaso borda, em arabescos, sobre a trama d'uma existencia de politico ou d'artista, succederam as cavaqueiras pascacias em que se parvoeja ao escôte, em que fervem as salabórdias brejeiras, e em que, vagamente, transluz a preoccupação tacanha do salto de garrocha, da péga de cernêlha, ou d'aquellas pontinhas muito retorcidas que se erguem ameaçadoras no horizonte dos matrimonios modernos...

Ao Manoel *Hespanhol* cabe a gloria de haver creado o primeiro *restaurant* fino de Lisboa. Estabeleceu-o no primeiro andar do predio que torneja do Caes do Sodré para a rua do Alecrim. Ahi lhe succedeu João da Matta, em 1854, com o seu primitivo *restaurant*, annunciando então que «offerecia uma sala decorada com um gosto totalmente novo, e ainda não visto em Lisboa.» Tornou-se a casa favorita da roda *chic*. Teve uma clientella magnifica. Janotas e litteratos, politicos e bohemios, todos vinham á *jube domine* do marechal dos cozinheiros nacionaes, do principe dos manipuladores d'acepipes, que — d'avental e barrete branco — dictava a lei em assumptos culinarios.

Os principaes *restaurants* da epocha foram o do Matta, o do Chapellier — um inspirado, um bruxo! como lhe chama Benalcanfor —, e o do Simão Molle, primeiramente no largo do Pelourinho e depois no Corpo Santo. O visconde de Benalcanfor prestou a merecida homenagem a todos estes eminentes discipulos de Brillat-Savarin no seu espirituoso folhetim, *As Necropoles do estomago*, inserto no *Diario de Noticias* de 1882.

O Matta mudou o estabelecimento para a rua do

Oiro, onde hoje está o Monte Pio Geral, d'ahi passou para a rua Nova do Carmo, depois abriu um hotel no Chiado, tendo, ao mesmo tempo, um *restaurant* na do Outeiro, ainda depois transferiu o hotel para o Calhariz, e, por fim, para a Avenida da Liberdade.

Póde, francamente, dizer se que nenhum portuguez comprehendeu melhor do que elle toda a philosophia... pantagruelica, que se encerra na nossa quadra popular:

Comer e saber comer
São dois pontos delicados,
Os que comem são sem conto,
Os que sabem são contados.

O Matta teve por succedaneos: o Souza da rua do Outeiro — que já lá vae ha muito — o *restaurant Club* e o *restaurant* Augusto, onde as archi-usadas Cleopatras de pacotilha — com habitaculo nos lupanares castilhões de S. Roque — vão devorar as ostras e os lagostins regulamentares, borrifados pelas lagrimas da viuva Cliquot ou pelo *ouro potavel* de Xerez, que ellas seriam capazes de beber com perolas desfeitas... se os Antonios modernos não soubessem o preço por que sahiam as que a outra — a prostituta historica — tomava com o vinho de Syracusa. E' aqui que se dão os agapes, onde as *estrellas* do *demi-monde* — vaga lumes que se tomam por estrellas — trazem o turbilhão das suas saias, o carrilhão do seu riso, e o vasconço do seu dizer, arrevezado, indecifravel como o *volapuk*, incomprehensivel como o enxacôco dos caixeiros janotas.

O Marrare *de polimento*, no Chiado, 25 e 26 antigos, 58 e 60 modernos, onde é a chapellaria Augusto Ribeiro, foi, incontestavelmente, o mais famoso de todos os botequins lisbonenses. Era frequentado pela corrupção dourada, pelos petimêtres mais elegantes e de bom recibo, pelos noitibós bohemios, pelos *dilettanti* que lá iam trocar o santo e a senha para a proxima

pateada em S. Carlos, pela nata dos lettrados, por todos os que possuiam *brevet d'esprit*, por todos os que se habituavam a mirar — atravez do vidro sem grau do monoculo inamovivel — os anjos cahidos... no Chiado ou as virgens que vinham de Cythera... e iam para o Loreto.

Teve tambem como freguezes alguns artistas de S. Carlos: Tamberlick, Fiori, Conti, Baldanza [1], o gordo Miraglia, o Volpini, etc.

Com este botequim deu-se o caso insolito de, nos seus primordios, não ser permittido fumar ahi. (*Summario*, etc.)

Por cima do Marrare do Chiado esteve, em 1829, um armazem de papeis pintados (*Gazeta*), e em 1850 o alfayate Yung, fornecedor d'el-rei D. Fernando. Yung pagava quatrocentos mil réis de renda annual, e o Marrare pagava duzentos mil réis. Depois esteve o cartorio do tabellião João Baptista Ferreira, o *Musica*, que era filho d'um cabelleireiro do primeiro barão de Quintella, e que frequentou a Universidade de Coimbra, subsidiado pelo cofre da Intendencia Geral de Policia. (*L.os 20 e 21 das Secr.*). Depois foi traductor do Emilio Doux, do theatro Normal, e, finalmente, tabellião, graças ao conde de Thomar.

Este café tinha duas taboletas: uma dizendo — Vinhos superiores engarrafados, café — e outra dizendo — Licores e outros objectos. Bilhar. — Entre as duas portas estava um lampeão, e, sobre elle, o distico — Marrare. Entrando-se, havia á frente uma sala pequena, á direita um corredor com mesas que conduzia ao bilhar, á esquerda outro que levava á cosinha.

---

[1] Com o Baldanza houve um caso singular. Deu o nome a uma taberna na rua Nova dos Martyres (hoje rua Serpa Pinto). Porque o dono d'esta era baixo, gordo e se parecia immenso com o cantor, o publico começou a chamar-lhe o Baldanza, nome que se extendeu á caza de pasto e que ficou.

Chamava-se *de polimento*, porque, até certa altura, era forrado de madeira polida.

A esta *sancta sanctorum* das elegancias chamava Silva Tullio — «este *pandemonium* da janotaria e da litteratura lisbonense, este museu de typos extravagantes, emfim o primeiro café de Lisboa». (*A Semana*. vol. II).

Era o principe dos botequins, que então abundavam desde o Chiado até á rua Larga do Loreto; era o café do bom tom. Ahi se agrupavam alguns dos mais ladinos jogadores do xadrez politico, ahi se via José Estevão conspirando contra os Cabraes, e Passos Manuel fazendo a sua propaganda da maçonaria; ahi se modulavam, entre o café e o *cognac*, os trechos mais perturbantes do *sparttito* da Maledicencia, ahi confluiam os estrategicos de pacotilha para tramarem planos de campanha no theatro lyrico. A's portas casquilhava a *fleur des pois* alfacinha, os mais filauciosos homens de prol, cortejando as damas que passavam, rastolhando sedas crepitosas, rubricadas por Levaillant ou Lombré, as notaveis modistas.

Em summa, ahi se viam todos os que dominavam a seu talante n'aquella rua *chic*, todos os que pertenciam á *seita do marrarismo*, na phrase de Silva Tullio, o *tout-Lisbonne* da elegancia, da litteratura e da politica.

Ia-se ao Marrare como os romanos iam a Athenas — questão de haurir o fino gosto, de se saturar com a quinta-essencia de mundanismo. E que scenas se não passaram ahi... Umas alegres como comedias de Labiche, outras simples como as ingenuas de Scribe, outras, ainda, sombrias como dramas de D'Ennery. Quem se houvera dado ao trabalho de conscienciosamente estudar esse microcosmo chamado *Marrare de polimento* teria contribuido para o estudo psychologico da epocha.

Ouçamos agora o depoimento d'algumas testemu-

nhas contemporaneas. «Entrar no Marrare, era caso». Como que se precisava apresentação. Ninguem lá ia sósinho á primeira vez.» (*Apontamentos d'um folhetinista.* J. C. Machado). «Foi notavel aquelle café; assumiu um caracter litterario e politico que hoje pertence á historia». (*Memorias.* Bulhão Pato).

«Sem a consagrção do Marrare *de polimento* não havia talentos n'esta terra, nem artistas que prestassem, nem governos solidos, nem mulheres bonitas, nem toiradas excepcionaes, e estas com razão, porque era d'alli que sahiam os mais garbosos cavalleiros, o Vimioso e o Cazusa, os mais intrepidos capinhas e os mais valentes homens de forcado». (*Os Excentricos do meu tempo.* L. A. Palmeirim). «Havia sitios por onde era arriscado transitar, e a passagem do Chiado, junto ás portas do Marrare, era tão perigosa como a do Cabo das Tormentas, antes de Vasco da Gama! Não entrava no Marrare quem queria!» (*Folhetins do Diario da Manhã,* 1883. Zacharias d'Aça).

As bebidas do Marrare do Chiado eram todas de primeira ordem. Os sorvetes tinham o encanto indefinivel da neve polar, o chocolate egualava se ao que se tomava na chocolateria madrilena de Doña Mariquita,[1] o Champagne parecia sorrir com aquelle sorriso fragil e ambiguo que volita nos labios das parisienses *cascadeuses*, das garrafas alinhadas nas prateleiras dir-se-hia escapar a voz embriagante da tentação....

A memoria d'este café não se apagará tão cedo debaixo da cinza parda do tempo. Tem a vida das recordações amadas, essas recordações que levam os antigos a repetir melancholicamente a velha canção:

Autrefois, oui vraiment,
Tout était mieux qu'à présent.

---

[1] Antiga loja de chocolateiro na calle de Alcalá, em Madrid.

Antonio Marrare forneceu, durante annos, o botequim de S. Carlos, assim como o serviço para algumas das mais notaveis funcções da capital. Por exemplo: a ceia, refrescos, e decoração do salão nobre de S. Carlos para a festa que o Senado da Camara ahi effectuou em 12 de outubro de 1814.

O Marrare *de polimento* passou em 1840 para a posse de José Marrare, sobrinho do fundador, e, quando este falleceu, a viuva arrendou o ao Ferrari. Por cessação do arrendamento, esse café acabou em 1866, estabelecendo-se na mesma loja a sapataria de Manoel Lourenço.

O mais estimado dos creados do botequim era o gordo José, que ahi se conservou largos annos.

*

* *

Antonio Marrare teve a empreza de S. Carlos de 1825 a 1828. Durante ella travaram-se as luctas descabelladas entre os partidistas das cantoras Sicard e Pietralia, de longiqua memoria. Os commandantes das hostes *pietralistas* eram Bernardino Ruffo, de quem já tivemos occasião de falar no 1.º volume d'esta obra (pag. 276 e 277) e João Paulo da Silva, caixeiro de uma loja de ferragens ao Pote das Almas. Ora entre os individuos presos em Julho de 1826, *por soltarem vozes tumultuarias e indiscretas nos theatros*, apparecem Manoel Leite de Barros, com loja de ferragens á esquina do Pote das Almas e da travessa de S. Nicolau, o seu caixeiro, e um irmão d'este, Caetano Silva, com loja de seges d'aluguel na travessa da Palha. (*Corr. Confidencial.* L.º 2.º Corte. 224 298).

Cremos que João Paulo da Silva, o fanatico adorador da Pietralia, era aquelle caixeiro, sendo, portanto,

Leite de Barros o seu patrão. Motivos politicos obrigaram-n'o, mais tarde, a emigrar para Londres, e ahi foi recebido amabilissimamente pela Pietralia, que não olvidara os favores recebidos.

*

* *

De resto, dois renglões ácerca do Ferrari. Mathias Ferrari era filho do genovez Hilario da Cruz Ferrari, conserveiro, que em 1821 estava estabelecido na casa que depois demoliram para edificar o palacio Ribeiro da Cunha, á Patriarchal Queimada.

Foi um grande realista, e tanto que, á maneira de outros realistas retintos, chegou a pedir auctorisação para usar a medalha com a «Real Effigie d'El-Rei Nosso Senhor». (Int. *Coll. vinda do Min. do Reino. L.º VI*).

Tambem exerceu as *altas funcções* de cabo de policia, como se vê n'uma relação dada pelo Corregedor do Bairro Alto. (*Correspondencias*, etc. Maço 10).

Quando os liberaes entraram em Lisboa, Ferrari e sua mulher fugiram para Elvas. Na volta á capital encontraram a casa reduzida a cinzas.

Suppomos que chegou a reedifical-a, e foi d'ahi que, em 1846, seu filho, Mathias Ferrari, veiu estabelecer-se na rua Nova do Almada, na loja onde estivera a modista *Madame* Olivier Botto, tão notavel confeiçoadora de *toilettes* como Madame Justine, na mesma rua; Madame Sardin, «primeira e unica modista da infanta regente D. Izabel Maria», com *atelier* na rua da Horta Secca; Madame Maria Anna Burnay (avó do actual conde de Burnay), «modista da Serenissima Infanta D. Maria d'Assumpção», cujo estabelecimento era na rua do Alecrim, 10, mas que tambem vendia relogios d'alabastro, de bronze, com chafarizes fingindo agua,

paineis com relogio e musica, lamparinas com e sem relogio, vasos neveiros, louças, e os jornaes francezes *Petit Courrier de Dames* e o *Journal de Modes;* e Madame Hermann, que chegara em 1825, e se estabeleceu na rua de S. Francisco da Cidade, n.º 1, (loja e primeiro andar) á esquina do Chiado, onde, de 1827 em deante, esteve a Levaillant; e a Duprat, na rua da Prata.

Mathias Ferrari tambem forneceu, durante annos, os botequins do theatro de S. Carlos.

Em 1857 requereu ao ministerio do Reino para que modificassem as condições de preço por que os arrematára.

Como aforador de casos bolorentos contaremos um, que parece *blague*, mas cuja veracidade nos foi garantida por cavalheiro muito respeitavel. Na grande area de terreno entre as ruas de S. Francisco (Ivens) e do Thesouro Velho existiam duas castas de ratas especiaes — umas brancas com olhos encarnados, e outras felpudas. Aquelle cavalheiro disse-nos que nunca viu as segundas, mas das primeiras algumas viu, apanhadas em ratoeiras pelos creados do botequim do theatro de S. Carlos, ha, pelo menos, quarenta annos.

Qual a origem d'esta bicharia é que nunca se soube, posto que alguem affirmasse que promanava d'alguns d'esses espertos roedores, trazidos por uns italianos que moraram na rua do Thesouro Velho em principios d'este seculo. Mas isto é inverosimil.

XVIII

A segurança publica em 1820 — Vendilhões, vadios e mendigos — Na quinta da Bemposta — Plethora de larapios — Duas proezas notaveis — A limpeza das ruas. — Bocage em situação assaz critica. — Um feito de Diogo Alves.

Vamos tratar dos botequins posteriores a 1820, mas, antes d'isso, diremos alguma coisa sobre o estado de segurança publica n'essa epocha. Grupos de soldados armados de cacetes juntavam-se, todos os domingos, no sitio da Madragoa, atacando as patrulhas e fazendo disturbios (*L.º 19 das Secr.*). Por outras ruas andavam aos tres e quatro armados de paus, depois do toque de recolher. (*Pap. Div.*) Os moradores da Boa Vista queixavam-se dos ataques perpetrados por malvados, que se escondiam nos cascos velhos que havia n'aquella praia. Um aviso de José da Silva Carvalho determinou até que as entradas para as Lamas da Boa-Vista se fechassem com cancellas, cujas chaves ficariam nas mãos da Guarda de Policia alli estacionada. (*Avisos*, etc. Maço 40)

Abundavam os vadios, eram frequentes os roubos e assassinios. Encontravam-se bandos de cegos e vagabundos com guitarras, entoando cantigas d'um picante de malaguêta, como a do *negro melro*, e fazendo tregeitos indecentes. Os cabazeiros, os aguadeiros, e vendilhões de palitos e rocas, de sapatos d'ourêllo, etc., obstruiam

os estreitos passeios das ruas. Os lojistas da travessa do Amparo queixavam-se de que a multidão de peixeiros e outros vendedores ambulantes lhes pejava a frente das suas lojas. Homens de jaleco, soldados e vadios appareciam de cacetes a toda a hora do dia; os mendigos e os cães içavam a capital; as seges e as cavalgaduras cruzavam livremente o Rocio, onde abundavam os rapazes que seguravam cavallos, como o *Carulha* e o *Pérra Guéssa*, porque os trens eram pouquissimos, mas, em compensação, eram muitos os rocinantes particulares e d'aluguel.

Os ministros dos bairros eram os principaes protectores dos ladrões, dos botequins mal afamados, e das batotas notadas.

A illuminação era escassa, e, bastas vezes, as ruas ficavam ás escuras (*Policia Secreta*, etc.). Appareciam italianos vendendo figuras de gêsso obscenas. (Int. *Coll. vinda do Min. do Reino.*) [1] A ladroagem pullulava em S. Domingos, rua Nova da Palma, calçada de Sant'Anna, e Passeio Publico. Muita gente não queria passar de noite pelo Loreto, onde campeava, bem como no Bairro Alto, a quadrilha de ladrões do *Sacavem*. Este (que andava sempre armado de punhal) e os seus sequazes tinham protecção dos officiaes de justiça do bairro. (*Pap. Div.*) As ruas do Passeio, principalmente a Oriental, eram muito solitarias de noite. O mesmo acontecia á rua Augusta, aos domingos, em que não se encontrava viv'alma ao anoitecer. [2]

---

[1] Os *Figuristas de Gésso*, como lhes chamavam, foram mandados sahir de Lisboa dentro do praso d'oito dias. (*Avisos*, etc. Maço 36.)

[2] Nas tabernas-barracas á entrada da R. Augusta e no Caes da Lage, e na taberna da casa do barão de Sobral, á entrada da R. da Prata, todos os dias se juntavam gatunos e vadios, dos quaes o mais conhecido era um tambor do 22. (*Avisos*, etc. Maços 39 e 40.)

Tres annos antes (em 1817) appareceram alguns vadios com o

Os negociantes estrangeiros queixavam-se de que os seus armazens e tercênas de Alcantara a Santos soffriam assaltos nocturnos, o que os obrigava a mandarem-n'os guardar por gente armada. [1]

Os moradores do Caes do Sodré reclamavam a mudança da guarda da travessa dos Romulares para aquelle largo, por este ser um local onde se praticavam muitos roubos, e onde, de noite, se acoutavam os ladrões, que fugiam para os botes que tinham atracados para este fim. O pateo da Gallega, na Boa-Vista, era outro esconderijo de gatunos. (*Correspondencias*, etc. Maço 89.)

Até nos theatros os pilhos exercitavam a sua arte. A parte de policia de 10 de Novembro de 1823 diz que Joaquim José Lisboa, comico da R. dos Condes, contara que, na noite anterior, haviam estado n'esse theatro o capitão e dois subalternos da companhia de pilhantes que trabalhava pelo sitio do Passeio, Portas de Santo Antão e Rocio, e que três d'essa mesma *troupe* andaram explorando os camarotes. No dia immediato retornaram lá e conseguiram furtar varios objectos. (*Pap. Div.* Maço 11.)

Até á quinta do Real Paço da Bemposta era logar mal seguro. [2] D. João VI ordenou que se realisasse uma busca á quinta Velha, á horta e ao jardim do palacio, busca que foi passada pelo Corregedor do Crime d'Andaluz, acompanhado do major da Policia e d'uma força do mesmo corpo. Prenderam uns poucos de va-

---

uniforme de officiaes de marinha, e dizendo-se vice-consules de Portugal em paizes estrangeiros. Taes eram: Angelo de Sal, um debochado que frequentava os botequins do Loreto; João Chaves, picador e alquilador ao Passeio Publico; um Andrade que andava pelos cafés do Caes do Sodré; e Antonio Chrispiniano Sounier, poeta que recitava versos nas lojas de bebidas, e que ficara fiel ás tradições errantes da litteratura vagabunda dos tempos bocagianos. (*Avisos*, etc. Maço 32.)

[1] O Intendente mandou perseguir os ladrões com energia.

[2] Em 1825.

dios que se encontravam n'uma choupana junto á eira, e um tal Miguel Vassallo. (*Correspondencias*. Maço 23).

Para ajuizar do estado de segurança basta citar os seguintes casos, que nos foram contados como veridicos.

A rainha D. Carlota Joaquina, a estrafalaria princeza, assaz conhecida pelas repetidas canivetadas que dava no contracto matrimonial, combinou encontrar-se perto de Cintra com um bolieiro das suas relações. Mas houve quem os visse d'um casalejo proximo, tendo sido apanhados em tudo que ha de mais flagrante delicto, em plena situação... physiologica. A adultera percebeu, e, passados alguns dias, a familia do casalejo apparecia assassinada. A policia tomou conta da occorrencia, investigou, mas, por fim, pôz-se pedra sobre o caso.

A familia da sr.ª D. Gertrudes Justina do Carmo Gonçalves, residente em Sacavem, onde lhe chamavam a familia do *Couve*, foi accordada alta noite, e intimada a abrir a porta em nome d'El-Rei. Aberta a porta, viu a casa invadida por homens que traziam o uniforme da Policia. A familia foi amarrada, e roubada em tudo que possuia. Como dispunha de meios de fortuna, incumbiu a mesma policia de descobrir os auctores da proeza.

De feito, metteram mãos á obra, devassaram, indagaram, até que, um bello dia, a familia do *Couve* recebeu participação da Intendencia, na qual lhe diziam *que seria melhor não proseguir*. A familia roubada deu-se por satisfeita, e não foi mais além.

*

* *

A limpeza corria parelhas com a segurança. A administração do marquez de Pombal estabelecera as

pias caseiras, e relegara a legião de pretas da Lapa, Canephoras de novo genero, que conduziam ao Tejo os despejos das casas. Os latoeiros fabricavam depois uns vasos especiaes que obstavam ao mau cheiro das cloacas e pias. Assim o annunciava um latoeiro de folha branca em 1806. (*Gazeta*).

Mas em 1820 ainda as aguas sujas eram lançadas das janellas para as ruas — depois das 9 horas da noite —, ao grito do *agua vae!* obrigatorio por velha postura senatorial. E' bem conhecido aquelle caso do Bocage, que encontrando-se, certa noite, em momento assaz critico e posição *shocking* n'uma rua de Lisboa, apanhou um banho fetido, porque uma rapariga de touca, escancarando a adufa, atirou, de chapuz, com uma porção d'agua porca sobre elle, sem previamente ter dado a voz sabida. O poeta, retomada a perpendicular, largou-lhe a quadra seguinte, que rescende uns odores scathologicos:

O' menina do toucado
Já que tem a mão tão certa,
Venha buscar o offerta,
Que ficou do baptisado.

Depois de 1832 ainda a segurança publica deixava muito a desejar. Continuavam a existir quadrilhas de ladrões mobilisadas dentro da capital.

A mais famosa foi a do trombudo Diogo Alves, cujo campo d'acção se extendia de Valle de Pereiro ao Salitre.[1] Contava-se que essa quadrilha atacara uma vez

[1] Uma nota a respeito do Salitre. A febre da innovação que, com frequencia, saltea a municipalidade lisbonense, tem n'a levado a mudar os nomes de muitas ruas, ás vezes um pouco arbitrariamente. Assim aconteceu á Carreira dos Cavallos, cujo nome a edilidade cambiou para rua Gomes Freire, na supposição de que este brilhante cabo de guerra morava ahi, quando foi preso por causa da conspiração de 1817. O tenente general Gomes Freire, porém, morava no Alto do Salitre, n.º 193, habitação a

a D. Carlos Mascarenhas, commandante da guarda municipal, quando voltava das Laranjeiras, surripiando-lhe importante quantia, e deixando-o em ceroulas, trajo em que elle e o seu bolieiro, o *Escarrancha*, chegaram a Lisboa. (*Crimes de Diogo Alves*). [1]

que foi passada busca, e onde foram apprehendidos os objectos seguintes: um sacco de linhagem usado, atado e lacrado; outro de linhagem, tambem atado; um bahu comprido, ovado, velho e pregado com pregos; um caixão quadrado, velho e tambem pregado com pregos; e um bahu usado, forrado de coiro de boi e fechado com um cadeado. (*Correspondencia confidencial com as auctoridades*. Corte e Reino. L. 222 — 293. fl. 125).

Muito se tem escripto a respeito da conspiração de 1817. Mas a sua historia exacta, feita á luz dos documentos, a historia imparcial como a justiça, está por escrever.

[1] Diogo Alves morou na casa que faz esquina da rua d'Arroyos para o antigo Caracol da Penha, e que vae ser demolida (1898) para alargamento da rua.

XIX

Pasquins — Protestos e protestantes — Revolta d'infanteria 4 — Alexandre Herculano — O chapeu alto em Portugal — O inventor do chapeu alto — Este chapeu cobre o craneo dos mais refinados elegantes — Um chapeu alto no seculo XV — O chapeu armado. — Uma pirraça feita a José Agostinho de Macedo.

Lisboa era uma terra semi-barbaresca. A civilisação chegára cá e emperrara; fôra atacada de rheumatismo articular. Em compensação a alegre musa do povo fartava-se de dar á luz versos pasquinarios. Quando, em 1820, o papel moeda baixou muito de preço, appareceu n'uma janella do muro do Passeio Publico a decima seguinte:

Nação papalva, e coitada,
Teu ouro déste aos inglezes,
Dás tua prata a maltezes,
Que te resta? Papelada.
Olha que ficas sem nada,
Grita com grandes clamores:
Vós que sois Governadores
Fazei valer o papel,
Ponde a pregão e cordel
Os Ladrões Rebatedores.

Em 1823, entre os pasquins politicos appareceu este:

Prometter, esquecer passado.
Mas usar com ingratidão,
Só o fez em Roma Nero,
E em Portugal D. João.

(*Pap. Div.* Maço 11.)

Outro, affixado no largo de S. Paulo, dizia:

Que policia! ! ! Que governo tem Portugal!
Consentir-se que se peça para a carta constitucional,
Ora, para tal governo e para quem eu sei... c...

O' padre José Agostinho de Macedo
Se as redeas te lançam de mão
Conta que não vaes só para o Ramalhão.

Se aos dois não dás grande trambulhão
Conta que não vives pobre João.

Se te queres salvar e á Luza Nação
Larga tudo e agarra-te á Constituição.

(*Correspondencias*, etc. Maço 135).

Outros, em prosa, tinham um sabor trocista. Por exemplo, o que encontraram pregado nas esquinas do districto policial de S. Pedro d'Alcantara: — «O padre guardião de S. Francisco da Cidade convida a todas as pessoas que quizerem crear porcos, vão contractar com elle, porque tem feito na Egreja Nova todos os arranjos necessarios para estarem, e por preços commodos, attendendo ás presentes circumstancias». (*Papeis diversos.* Maço 11).

As manifestações d'esta ordem continuaram, mas, de todos os manifestantes, só foi preso um, Manuel José Rodrigues, soldado que fôra dos Voluntarios Reaes do Commercio, que teve o atrevimento de collocar uma

cabeça de pato no patibulo do Caes do Tojo, facto que coincidira com a apparição de pasquins incendiarios nas ruas da capital. Preso, confessou o delicto, que o Intendente classificava de grande transcendencia politica, alvitrando que, sem discussão judiciaria, fosse o delinquente mandado para as possessões ultramarinas no primeiro navio que se fizesse de vela. (*L.º 22 das Secr*).

Os protestos d'esta sorte continuaram em tempos do *usurpador*. Parodiando a phrase de mr. Salvandy no baile do duque d'Orleans ao rei de Napoles, podia-se dizer que se andava sobre um vulcão. As manifestações armadas tiveram o seu momento. A do 4 d'infanteria, que estalou a 21 d'agosto de 1831, teve tristissimas consequencias. Albino Francisco de Figueiredo, *o agente incognito*, iniciador d'este pronunciamento militar, conseguiu escapulir-se, deitando-se do muro que fechava o lado direito da Cotovia para o largo das Taipas, porque então não havia sahida por esse lado, nem para a frente, pelo chafariz da Alegria. Passava um cavalheiro acompanhado de duas damas, quando Figueiredo resvalou pelo muro, e lhes implorou a salvação,

O cavalheiro recolheu-o em sua casa, e *o agente incognito* salvou-se, apesar do conto de réis que o governo miguelista offerecia a quem o denunciasse. Albino de Figueiredo era irmão do Figueiredo, que foi lente de botanica na Escola Polytechnica. [1]

Dezoito soldados do 4 foram passados pelas armas em Campo d'Ourique, e deu-se a circumstancia curiosa

[1] Desde 1829 que Albino de Figueiredo se tornara suspeito. Prova o o seguinte aviso confidencial, que o Intendente enviava ao Juiz do Crime de Santa Izabel em 29 d'Abril d'aquelle anno: «Informe me V. Mercê confidencialmente sobre a conducta politica e moral de Albino Francisco de Figueiredo, Mestre da Academia, e morador na Praça das Flores». (*Correspondencia confidencial*. L.º 2.º Corte 224-298).

de um d'elles se agarrar vivamente ao frade que lhe levara as consolações da religião, e lhe havia dito que se preparasse para bem morrer, porque ia ceiar com Deus n'essa noite. O soldado não queria largar o frade, e pedia-lhe que o acompanhasse no tal repasto d'além-tumulo.

Alexandre Herculano — Arethusa da politica portugueza — achou-se envolvido n'esta conspiração e teve de refugiar-se em casa do capellão dos allemães, de onde passou para bordo da fragata franceza *Melpomene*, ancorada no Tejo, e d'ahi para um paquete inglez que o conduziu a Inglaterra. Transportando-se a França, alistou-se como soldado raso — o 35 da 3.ª — no batalhão de voluntarios da Rainha, e fez parte do troço de Mindelleiros, dos valentes que, mais tarde, poderiam dizer com as maneiras altivas e castelhanas do Cid: *Desembarquei no Mindello*, como, na antiga Grecia, os *Marathoneiros* podiam exclamar com orgulho: *Estive em Marathona!*

E, agora, permittimo-nos fazer uma pausa de suspensão na nossa narrativa, para referir um acontecimento da primeira mocidade d'este grande homem. Tres annos antes da revolta do 4, estava Herculano na feira das Amoreiras, quando, sem se saber como, nem porquê, foi ferido. Esta occorrencia, como se diria em moderna linguagem policial, teve sua notação nos documentos da Intendencia Geral de Policia. Transcrevemos, fielmente, o aviso que a menciona:

«Em observancia do aviso de V. Ex.ª de 12 de Julho ultimo encorporado no summario a fl. 4, procedi a este para averiguações da conducta, vida e costumes de Joaquim Antonio Rodrigues Galhardo e seu irmão João Rodrigues Galhardo, presos na cadeia da cidade, do qual summario nada resulta contra os ditos presos, nem tambem da devassa que tirei pela desordem acon-

tecida na feira das Amoreiras no dia 29 de Maio, em que foi ferido Alexandre Herculano de Carvalho, que declara no auto da mesma devassa não terem sido os ditos Galhardos quem o ferira, mas sim outro homem que não conheceu, accrescentando que, nem áquelles nem a este, quer ser parte em juizo. Os referidos Galhardos, nas perguntas constantes dos appensos n.os 1 e 2, negam o terem entrado na dita desordem, e confessam terem-se retirado para o termo d'Almada e quinta do Cheira-Ventos, pelo motivo de, na noite de 29 de Maio, recolhendo-se para sua casa, os seus visinhos lhes dizerem, que soldados da Guarda Real de Policia os haviam procurado para os prenderem. Consta-me que os ditos Galhardos não são pessoas da melhor conducta politica, porém não apparecem factos contra elles. Envio a V. Ex.ª todo o processo e ordenará o que fôr servido. Deus Guarde a V. Ex.ª muitos annos. Lx.ª 23 de Julho de 1828.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Intendente Geral da Policia da Côrte e Reino.

O Juiz do Crime do Bairro d'Andaluz.

Joaquim Carreira Barreiros de Carvalho.»

Este documento tem a seguinte nota escripta a lapis: — «E reverte o summario e devassa para pronunciar segundo fôr de Direito, dando conta e assignando o d.º da 2.ª testemunha da devassa.»

(*Correspondencias*, etc. Maço 24.)

Os dois Galhardos eram constitucionaes, e chegaram a estar presos por esse motivo. (*Ibid m*) Um d'elles, o Joaquim, casou com uma irmã do grande historiador.

*

* *

O chapéo alto era tido como um symbolo revolucionario em 1820. Foi n'este anno que o *penante* entrou em Portugal, como diz Herculano, e Oliveira Martins repete. Usavam n'o, comtudo, de copa mais baixa que o modelo francez, e com a aba quasi direita e sobre o largo. O chapéo alto de pello, *o chapéo gindelhado*, é de uso muito anterior, visto que a elle se refere Tolentino nas suas quintilhas. O chapéo alto de seda (*silk hat*) já se usava em França no principio do seculo (1803).

Os inglezes sustentam que o chapéo alto é d'origem insular, e que foi introduzido na moda londrina por um capellista do Strand, sir John Hetherington, o qual, em 15 de janeiro de 1797, arvorou uma *cartola* novinha do trinque, fabricada por *Whackle and Company*, de Fleet Street. Referia o *Times* da epocha que, havendo aquelle commerciante saluido da sua loja, o aspecto do phenomenal *quico* despertou a curiosidade dos *mirões*, e determinou ajuntamento, que, affim, degenerou n'uma ingrezia diabolica.

O teiró contra a chapeleta manifestou-se, e o homem, por um triz, que não anda em ritão.

Quer seja anecdota, quer não seja, o facto é que os francezes teimam, por seu lado, que o sombreiro de copa alta é devido á sua invenção, apresentando como prova uma tela de Carle Vernet, intitulada *Un incroyable de 1796*, onde a *urna* já figurava triumphante.

Em todo o caso essa forma de chapéu foi adoptada pelo principe de Galles — que vaidosamente se intitulava *o primeiro gentlemen da Europa* — e generalisou-se entre os *maccarroni* (pouco depois chamados *pandies*), entre os *londoners* mais sècios, entre *a joven*

Inglaterra, como se dizia então, ou a fina flor da *Gentry*, como diriam os brixótes d'agora, á qual pertenciam o marquez d'Anglesea, Lord William Russell, Mr. Lambton, Lord Jersey, e o pae de Lord Durham, ha pouco ainda mancommunados contra o uso dos polvilhos.[1] E Georges Brummel, o *leader* das elegancias, o proto-typo liró, o peralta que fazia a chuva e o bom tempo nas regiões superiores da alta vida, a coqueluche dos salões. Brummel, que se demittira de capitão de *hussards* só por causa do uso dos polvilhos no cabello, tambem gastou a *claque* ou o chapéo cylindrico, que lhe dava novo realce á prosapia de gran-senhor, novo relevo á nazofia de casquilho d'alto lote, e que lhe ia ao pintar com a casaca azul *wig* de golla de velludo e botões d'oiro, o collete amarello, as esguias calças pretas, as luvas claras, os afiambrados sapatos de polimento, o amplo collarinho — que era um mundo, e a gravata de nó artistico — que era um poema. (*The Life of Brummel* By Captain Jesse).

O chapeu alto não podia deixar de ser querido e respeitado na *Old England*. Tem um certo ar grave, ordeiro, conservador, e, como todos sabem, o espirito inglez é eminentemente conservador. Refere-se até que

---

[1] O actual principe de Galles, o *globe trotter* universalmente conhecido, o galanteador cuja casaca apparece, tão a miude, maculada de pó de arroz como um heroe da *Guerre en dentelles* de d'Esparbès, o *viveur* a quem a chronica tem dedicado tantas das suas folhas volantes, não quiz ficar atraz do filho de Jorge III. Guiado por uma originalidade de bom tom, pelo senso agudo do pittoresco, foi elle quem primeiro usou o chapéo alto branco, e as luvas brancas pespontadas de negro, quem primeiro se apresentou, em pleno estio, com as calças dobradas em baixo, como se se preparasse para atravessar um lamaçal.

E' o figurino copiado pelo *swell* donjuanisante, d'uma elegancia delicada, que rebrilha com vivo esmalte em Picadilly e em Regent Street, tumido, ponderativo, correctamente desdenhoso, o olhar parado, a articulação da palavra molle e indistincta, monoculo brincando sobre o peitilho d'um branco importuno, gardenia arrogante nas bandas setineas do fráque.

Gladstone hesitou muito tempo em conceder o titulo de lord a Tennyson, o poeta laureado, por temer que elle se apresentasse com chapéu desabado, como habitualmente usava, e não com o chapéu alto — polido e brilhante como um sabre — na camara dos *lords*.

Ainda este anno (Janeiro de 97) os investigadores inglezes e francezes deitaram a prateleira abaixo, para consultarem os cartapacios pulverulentos, ennegreceram resmas de papel, falaram de papo, deram quináu uns aos outros, com o louvavel intuito de provar a quem de direito cabia a invenção do chapéu alto. E vae-se a vêr, o chapéo alto, ou coisa parecida, já figurava n'um quadro do seculo XV, existente no nosso museu de bellas-artes, ás Janellas-Verdes. Lá se encontra uma figura masculina com um chapéu *haut de forme* branco. E eis aqui está como se escreve a historia... do vestuario!

Antes de 1820, e mesmo depois, usou-se muito o chapéo armado. D. Miguel tambem o trazia quando vinha a cavallo, á desfilada, de Queluz a Lisboa, ou nas suas correrias pelas ruas da cidade.

Conta-se que achando-se José Agostinho de Macedo n'uma loja de chapelleiro, ao Rocio, entrara um individuo e pedira para mandar fazer um chapéu armado, perfeitamente egual ao d'aquelle padre.

José Agostinho accedeu a emprestar o seu para modelo.

Dias depois, representava-se na Rua dos Condes uma peça (que, segundo supponos, era o *Mau Amigo*, de Antonio Xavier), uma comedia de grande sainete ribaldeiro, e n'ella apparecia o actor Ignacio Caetano dos Reis, imitando soberbamente a José Agostinho. Este, que estava na plateia, viu-se obrigado a retirar do theatro, vexado com a zombaria da peça. Depois reclamou ao Intendente contra a exhibição da sua pessoa no palco, e a personagem foi mudada para o *Pax-Vobis*, um mentecapto que vadiava pelas ruas.

O homem do chapéu era o actor Caetano, que poz o sal na molleirinha ao frade pimpão, conseguindo reproduzir em scena, d'uma maneira, por assim dizer, graphica, o typo grotesco do padre roncador, ferrabraz. E nós, dado o caracter assanhado do canonico, pendemos a acreditar que elle se desataria em destampatórios agros como mingaus brazileiros, picantes como caril indiano, em bravatas ousadas como investidas de bicho chavelhudo, que está pedindo uma péga de cara.

XX

Crapula batoteiral. — *O Manèta* do largo do Soccorro. — Jogadores emeritos. — Os *salsifrès* de D. Claudia e a sua nota patusca. — Um solo de bengala. — Sumiço de D. Claudia.

A jogatina era, como já dissemos, protegida pelas auctoridades.

Havia batotas n'algumas casas d'espectaculo como no theatro do Bairro Alto, e em S. Carlos (junto á sala grande e junto ao bilhar). A Regencia ordenou que não se consentisse mais similhante abuso; e, assaltando-se a batota de S. Carlos, foram presos alguns individuos em flagrante jogo de banca. Tinha por dono a João Antonio Franco. (*Correspondencias*, etc. Maço 1).[1]

O Hilbrath e a Bruni, emprezarios, ainda pediram concessão para estabelecer uma roleta no theatro, mas não obtiveram deferimento.

Um anno depois (em 1824) proseguia o jogo no mesmo local, porque, dado novo assalto, prenderam

---

[1] Alguns cidadãos e paes de familia mandaram uma representação ao Soberano Congresso e á Regencia contra as casas de jogo dos theatros de S. Carlos e Rua dos Condes, e as do Arco do Bandeira e travessa de S. Nicolau. (*Avisos*, etc. Maço 39).

varios sujeitos, e o dono foi multado em 200$000 réis. (*Policia Secreta*, etc).

No terceiro quarteirão da rua Aurea, indo do Rocio, existia casa de jogo de cartas do F. Ardisson, onde se juntavam os individuos que compunham a sociedade *Minerva*. (*Corr. confidencial*. Côrte. N.º 1. 223-297).

A casa da *Sarradara*, na rua do Arco do Bandeira, 90, 1.º, era ponto de grande jogatina. (*Pap. Div.* Maço 41).

N'outros sitios o jogo continuava quasi ás escancaras. No largo de S. Roque, n.º 2, 1.º andar, a tavolagem estava debaixo da protecção do filho do escrivão do Crime do Bairro Alto. O botequim do Francisco *Maneta*, no largo do Soccorro, além de ser um coito de ladrões, era espelunca com jogos de bilhar, vasa, e outros. Para lá entravam homens de casaca, de jaqueta, e de capote. O *Maneta* asseverava aos concorrentes que não temessem ser presos, porque tinha a certeza de ser avisado dos assaltos, e, em ultimo caso, tinham muito para onde fugir. (*Pap. Div*).

A casa de pasto do Firmo, junto ao Arco do Bandeira, era um ninho de jogadores, que roubavam com cartas falsas e dados chumbados, e exploravam os officiaes do exercito. Estava sob a protecção de certa auctoridade graduada, que levava rasca na assadura. (*Avisos*, etc. Maço 38).

Em 1827 participava o Juiz do Crime do Bairro da Mouraria que dera um assalto á loja de Francisco Antonio de Andrade, *o Maneta*, sita no largo do Soccorro, defronte da freguezia, e junto ao pateo, que prendera 25 individuos, no numero dos quaes se contava o dono da casa e alguns officiaes do exercito, e que os remettera para as cadeias do Limoeiro e do Castello. (*Correspondencias*, etc. Maço 105).

O descaramento chegou a tal ponto que se jogava jogos de parar nos botes das carreiras de Belem, Moita e Aldêa-Gallega. (*Avisos*, etc. Maço 42).

O aviso de 14 de Março de 1825 ao Juiz do Crime d'Andaluz affirmava que na rua dos Condes, defronte da porta do theatro, em casa do camaroteiro Paula, se jogava a banca e outros jogos prohibidos, em que eram socios os jogadores bem conhecidos Joaquim Francisco Carneiro e um tal Pires.

Uma denuncia detalhava as casas de jogo mais escandalosas, e que eram patrocinadas pelo Miguel Alcaide, o escrivão das diligencias da policia, Eustaquio, e o escrivão do bairro do Limoeiro, Santo Antonio. Este ultimo tinha casa de batota no Arco do Bandeira. (*Correspondencia confidencial*. L.º 1.º Côrte. 223 297).

Passemos em revista as batotas de 1828. Havia grande numero d'ellas. A da rua do Arco do Bandeira, 75, 1.º, acobertava-se com uma taboleta de Fabrica de Plumas, e pertencia ao *Sardo;* a *da Chicoria* era na rua dos Sapateiros, 33; a do Guilherme era na mesma rua, 93, e ahi se jogava a banca e os dados, havendo perdas de centos de moedas. Um dos grandes jogadores d'essa espelunca era o Zafardini, administrador e socio de S. Carlos. (*Correspondencias*, etc. Maços 85 e 135).

No Rocio, 42, 2.º, morava o Contador d'Argote, official de marinha, que proporcionava jogatina aos amadores, mas, certa noite, deram lhe assalto e prenderam onze pessoas, entre as quaes estavam proprietarios, officiaes de marinha e um padre. (*Idem*, Maço 129).

No lupanar *da Chicoria* sempre se jogou feio e forte. Constituia um caracteristico das casas d'esta ordem

n'aquelle tempo: Um aviso do Corregedor Semblano asseverava que alli havia jogatinas, principalmente quando ia o conde de ***. (*Idem.* Maço 131) Até o Luiz Scassa, secretario da empreza de S. Carlos, vice-consul de Napoles, e morador na rua do Norte, 80, foi preso (em 1831) por ter casa de jogo. (*Avisos*, etc. Maço 76).

Nos botequíns, que tinham licença para isso, jogava-se o gamão, e outros jogos de tabulas, como o *Passo de Roma*, o *Tipe*, o *Empurra*, as *Descarregâdas* e o jogo de *Damas*.

Em 1843, as mais notaveis casas onde a pecunia andava nos bolêos da fortuna eram: a do Jannario Correia, a do antigo alfayate Mesquita, a do antigo chapelleiro João de Moraes — forte na banca franceza —, a do Azinhaes, no Arco do Bandeira, a da Gertrudes, á Praça da Figueira, a da D. Claudia, a dos A., na rua Augusta, e a *Casa Amarella*, a S. Carlos, no predio da rua Nova dos Martyres contiguo á egreja. Jogava-se o dado, o monte, a banca franceza e a portugueza. Havia o costume d'ir jogar para a hospedaria do Victor, em Cintra, aos sabbados, voltando-se para Lisboa á segundas feiras.

Houve jogadores espertos, finorios em maranhas de batota. Nas ardilosas pugnas sobre os tapetes verdes os pontos habeis bigodeavam os incautos com escamotagens mais ou menos dignas de prestidigitadores astutos. *Cosi fan tutti.*

Da *Casa Amarella* á *dos Velhinhos*, da D. Claudia ao Silva *Bate Folha*, que serie de tavolagens! que epopéa de traficancias! que longa cadêa de trapaças, de galezias, de pouca-vergonhas!

A mais divertida, porém, de todas as casas onde abatiam vôo essas striges nyctalopes chamadas *joga-*

dores era a da D. Claudia. Em tempos de D. Miguel morava no lado direito do primeiro andar do Rocio n.º 86 (hoje numero 30); mas mudou antes da expulsão do Usurpador. Era casada com um bilhostre, o Brito, mestre de meninos, que dava aula diurna e *soirées* nocturnas, as quaes, á meia volta, se transformavam em partidas de jogo. Ahi por 1840 a D. Claudia era uma quarentona muito fresca. Ella e o marido viviam no primeiro andar do predio que faz esquina para a calçada do Garcia e travessa de S. Domingos,[1] e, mais tarde, viveram n'um segundo andar do Rocio, á esquina do Arco do Bandeira. Dava sessões de jogo grande aos domingos, quartas e sextas-feiras. Chamavam lhes, ironicamente, *as partidas de D. Claudia.*

Estas partidas, em que se sacrificava, hyperdevotamente, ao *Dio del oro*, tinham uma concorrencia mesclada, em que predominavam tavolageiros falhos ao naipe, ginjas avellados, enrugados como o cortix, fufias esgaivotadas, serigaitas pandilhas, que davam trella a qualquer qaidam, rapazes pandegos que deixavam ir o dinheiro á gagósa.

E' possivel que nos demais garitos pairasse a tristeza mesenterica de quem vê o seu dinheiro voando aos desgarrões da sorte, emquanto os monticulos das peças de duas caras, das esterlinas e dos cruzados novos, elevados ao pé dos parceiros felizes, vibravam lampejos crús de oiro e de prata. Ao envés, aqui soprava para todos o ar d'alegria patusca dos banzés sapateiraes; circulava o perfume tabernal dos bailaricos alfamistas, o fartum raposinho dos sarambeques muito remexidos por cabindas catimbáos, das chibambas americanas, dos batuques australianos, choreographicamente imitativos dos movimentos gôches do kangurú; perpassava um cheiro heteroclito de fumaraça dos paivantes, de almiscar e de cebola de refogado.

---

[1] Chamou-se a esse predio o *Himalaya.*

Ouçamos o depoimento d'uma testemunha ocular: — «Aos domingos, quartas e sextas-feiras é a *soirée* de *madame* Claudia; ha monte e banca franceza; *Mesdemoiselles* D. Anna e D. Sebastiana são os encantos d'este bello e instructivo *divertissement*. E' director o C. A., logar que desempenha com summa habilidade. Ha chá e contradanças executadas por C. M. M. No fim da noite o immortal Sequeira faz sempre um montesinho para tornar os parceiros mais volateis. As reuniões de *madama* Claudia acabam sempre ao romper do dia.» (Correspondencia do *Braz-Tizana*.)

N'uma sexta-feira da procissão dos Passos houve mosquitos por cordas em casa de D. Claudia. O Assumpção, filho d'um procurador, entrou lá acompanhado d'uma sucia, e praticou toda a casta de inconveniencias, pondo em debandada as visitas. Passados dias, o Assumpção encontrou o Brito (marido de D. Claudia e polypo familiar) na rua dos Retrozeiros, e, como lhe attribuia a descripção da barulhada do *salsifré* que apparecera nos jornaes, applicou lhe uma tareia de bengala.

D. Claudia mudou-se da calçada do Garcia para o Rocio. N'uma saleta, virentemente enfeitada de buxo, guardavam-se os chapeus e as bengalas. O Domingos Ardisson ia a casa da D Claudia para apresentar os officiaes inglezes (*Os Excentricos*, etc.) e para tocar *a sua polka*. Esta peça musical foi a unica que perpetrou durante toda a sua vida. Orgulhoso da composição, mal alguma dama lhe perguntava pela sua saude, elle retorquia immediatamente: — O quê, a minha polka? Prompto, minha senhora. — E, sentando-se ao piano, passava a exhibir esse producto da sua lavra.

Era de ver o regimen dietetico a que D. Claudia sujeitava os convidados — chá do Bessone e pifias torradinhas com manteiga.

A companhia de cavallinhos de Avrillon veiu fazer concorrencia ás *partidas* de D. Claudia. A plastica da Poletti e as habilidades do cavallo *Phenix* deram em razo com os *salsifrés* espeluncaes. (*Ibidem*). E os proprietarios d'esse telonio de tafues e não tafues foram bugiar, deixando um brilhante cadastro de trapacices.

XXI

Botequins de S. Roque — Um livreiro antigo — O café Tavares — Uma pagina de historia politica — Rei Chegou — Perseguições — O Miguel Alcaide — A biltraria dos caceteiros — Justiça popular — O diabo e D. Miguel não eram tão feios como os pintavam — Liberaes fingidos e liberaes verdadeiros.

Em S. Roque e proximidades enxameavam os botequins. Citaremos o do Campiano no largo de S. Roque, á esquina, o do Vicente Conselheiro na rua larga de S. Roque, n.º 1, o do Domingos Marques no largo de S. Roque, 5 e 6, o do Fonseca na rua larga de S. Roque, 17, á esquina da travessa da Espera. Na outra esquina, onde agora está uma loja de merceria e um talho, era o café *das Columnas*, assim chamado por ter umas pequenas colúmnas. N'uma noite de inverno, em 1823, dois sujeitos que sahiam d'esse café notaram que a quadrilha do *Sacavem* atacava um homem em plena rua de S. Roque. Correram em auxilio d'elle, dispersaram os biltres, e retalharam a cara do *Sacavem* (*Pap. Div.*)

N'umas casas abarracadas da mesma rua, que foram demolidas para se edificar o theatro da Trindade, estava a loja de chocolateiro da gorda Dyonisia. Tinha grande fama e grande frequencia de gente pouco respeitadora da ordem.

Ahi foi o celebre facinora Diogo Alves tomar o seu chocolate, depois de haver perpetrado o roubo e os assassinios em casa do medico Andrade, na rua das Flores. (*Crimes de Diogo Alves*. L. Bastos.) Essa loja mudou-se para a esquina fronteira, alindou-se, e ficou com duas portas para o largo da Trindade e outras duas para a rua de S. Roque, conservando, todavia, a antiga loja, que servia para arrecadações, até que as barracas foram expropriadas.

Ha largos annos, porém, que deixou de pertencer á primitiva proprietaria, e que deixou de ter a clientella especial e o credito não menos especial que disfructava. Dyonisia mudou a sua residencia para os Anjos, mas ignoramos se ainda vive.

Antes de continuarmos n'este passeio recreativo pelos botequins, e como nos encontramos na rua Larga de S. Roque, referir-nos-hemos a um livreiro que ahi estava estabelecido no principio d'este seculo. Queremos fallar de José Fermino Mariette que vendia pergaminhos ordinarios e finos, de vitella, e papelão e papel de Hollanda de todas as qualidades. (*Gazeta*).

Suppomos que este Mariette é o mesmo livreiro e encadernador Mariatti de que o marquez de Rezende falla no seu curiosissimo opusculo *Pintura de um outeiro Nocturno e um sarau musical ás portas de Lisboa no fim do seculo passado*. Diz elle que, em uma reunião no solar das Picôas, havendo D. Catharina de Souza perguntado a Nicolau Tolentino se era certo que elle vira pôr fóra da cerca dos Barbadinhos italianos o livreiro Mariatti por devorar os olhos das alfaces, o jovialissimo poeta respondera com esta quadra :

Comeu um livreiro a dente
D'alfaces um canteiro,
E comeu, sendo livreiro,
Desencadernadamente.

Mais para cima, no largo de S. Roque, morava, pela mesma epocha, o Dr. Manoél Correia Picanço, parente, segundo suppomos, do Dr. José Correia Picanço, que o marquez de Rezende dizia ser «homem de muita sciencia, de muita pratica e de muito sal.»

* * *

O mais notavel de todos os botequins S. Roque era o do Manoel Tavares, na rua d'aquelle nome, n.º 13, hoje n.º 37, loja agora occupada pelo luxuoso café *Tavares*.

Esta loja de bebidas era suspeita de liberalista. Em 8 de junho de 1823, Manoel Tavares foi intimado a comparecer perante o Intendente de Policia, e obrigado a assignar um termo «de não consentir de futuro que na sua loja houvessem conversações subversivas, e que alterassem o espirito publico, como constava terem havido», e concluia dizendo que, no caso contrario, «ficava sujeito a proceder-se contra elle com todo o rigor das leis, e mesmo a ser fechada a sua loja». (*Pap. Div.* Maço 11).

Uma parte da Policia Secreta irmanava este café com o *das Columnas*, o *do Bosque*, no Rocío, e o da Arcada, como conventiculos politicos. Outra cita o café do Tavares como ponto onde se reuniam politicos suspeitos, entre elles o capitão de navios Marcos, o Lucas do Sello, o Judeu Simão, e outros mais, que depois se dirigiam á casa de jogo do largo de S. Roque (*Ibidem*).

No tempo de D. Miguel tambem ahi se reuniam muito os *malhados*, pelo que o botequim soffreu differentes assaltos dos caceteiros, que chegaram até a levar presos os caixeiros e os donos, sendo estes compellidos a fechar as portas do café.

Citaremos alguns d'esses assaltos. Em 26 de Maio de 1828 o Alcaide do Bairro-Alto e tres soldados de Policia deram busca ao café. Tanto o Antonio Tavares como os empregados já estavam a dormir. Em seguida foram dar busca á casa da rua de S. Roque, 6, 2.º, morada de Manoel Tavares, então ausente na Outra Banda.

Um mez antes houvera grande desordem n'este botequim, provocada pelos liberaes, ficando ferido o padre José Pinto d'Almeida, e sendo preso o aggressor, José Valerio Capella, estudante, que soltara gritos subversivos. D'aqui nasceu uma certa indisposição contra as pessoas que lá iam, indisposição que augmentou com outra desordem que se travou entre alguns liberalistas e dois soldados do 16. A consequencia foi ser intimado o Tavares para fechar o café. Em Julho reabriu, mas o Corregedor, Martinho de Brederode, sempre ia dizendo que seria bom que o Tavares assignasse um termo, para que não consentisse mais na sua loja conversas contra o governo d'El-Rei Nosso Senhor. (*Correspondencias*, etc. Maço 14).

Em 1829 abriu se devassa a fim d'apurar quaes eram os sentimentos politicos de Manoel Tavares. Dizia o Corregedor que o Antonio fôra despedido pelo irmão por ser muito affecto ao governo constitucional. (*Idem*. Maço 15.) Em 1831 assignou novo Termo para não permittir ajuntamentos nem conversações contrarias ao governo.

O Tavares declarou que mandara collocar na parede um distico concebido n'estes termos:

«O dono d esta loja não consente aqui discordias nem conversações de qualquer qualidade e opiniões politicas.» (*Idem*. Maço 17).

As suspeitas reappareceram em 1833. No entretanto o Corregedor do Crime avisava o Intendente que trazia esse botequim vigiado, não por causa do compor-

tamento do Tavares, que era bom, «mas pela má fama da loja, adquirida por um irmão d'elle, que era muito constitucional, e o administrou, o qual se retirara ha annos para o Brazil, onde se achava estabelecido, segundo o informavam.» (*Idem*. Maço 19).

*

* *

Os tempos não eram para graças, estavam muito difficeis. Os miguelistas andavam assanhados, viam liberaes por toda a parte, e cantarolavam a toda a força de seus pulmões

O' Braga fiel,
O' Porto ladrão,
Para que juraste
A Constituição.

Eu sou realista,
Eu sou de nação,
Eu nunca jurei
A Constituição.

Já temos Rei Senhor,
Já D. Miguel é rei,
Já D. Miguel é rei,
Já D. Miguel é Salvador.

ou berravam o monotono *Rei Chegou*, que os gaiatos repetiam se se lhes dava uma moeda de 5 réis.

Para o que os constitucionaes encontravam fraca desforra no trautear, *mezzo voce*, a parodia á estupida Marselheza do miguelismo, essa canção mollanqueira em que não tiniam os guizos d'oiro das rimas delicadas, nem as notas bellicosas dos hymnos triumphaes :

Para nos matar a fome
Uma cantiga se inventou,
Quanto mais a fome aperta,
Mais se canta o Rei Chegou !

Rei Chegou, Rei chegou,
Com cangalhas desembarcou...

O enthusiasmo dos absolutistas manifestara-se desde a chegada de D. Miguel. A canalha esturrada, a plebe ignara, quadrupedava pelas ruas, como que via tudo atravez d'um vapor de sangue tepido e fumegante. De sombreiro *á Realista* e cacete nas unhas, apanhava léo para mostrar a sua biliosa ira politica. Quem lê os documentos da Intendencia Geral de Policia pasma perante tanta pouca-vergonha, perante tanta arbitrariedade commettida.

A *corcundada* perdera a tramontana. Havia uma alegria quente, communicativa, electrica, um enthusiasmo purpureo, despotico, franco como o impudor. Até os presos do Limoeiro soltavam vivas a D. Miguel e a toda a Familia Real! (*Correspondencias dos Carcereiros das differentes Cadeias*. Cidade. Maço 11).

Com o advento do rei-toureiro começavam as perseguições politicas, reappareciam as suspeições e prisões consequentes. Todos suspeitos! era a palavra de ordem. Era suspeita a loja de sola do Baptista Fernandes á esquina do Arco do Bandeira e da calçadinha do Tijolo (travessa de Santa Justa), porque ahi se fallava contra as pessoas reaes. Era suspeita a loja de ferragens do Souza Pereira, no quarteirão de S. Domingos, porque seu dono fôra um dos que tinham ido a Val de Pereiro, quando lá estavam os inglezes, para promoverem assuadas do hymno constitucional. [1] Era suspeito o livreiro Rei, ao Chiado, porque lhe frequentavam a casa os conhecidos constitucionaes Bor-

[1] Na tarde de 24 de Março de 1828, dirigiu-se grande numero de pessoas ao quartel do regimento inglez em Val de Pereiro, onde deram vivas a D. Pedro IV, D. Maria II e á Carta. A musica ingleza tocou o hymno Constitucional, o inglez e o de Riego. (*Correspondencias*, etc. Maço 24).

ges Carneiro,[1] Ferrão, prior dos Anjos,[2] Bomtempo e Soares Franco. Eram suspeitos o Rolland e o Semiond, «estes dois mais famosos contrabandistas de venenos que teem semeado por estes reinos os germens da impiedade e da revolução com os pestilentos escriptos do seu prelo, e introduzidos de fóra,» dizia a denuncia de Fr. João Baptista de Figueiredo, frade do Carmo, e Censor Regio em 1825.

Tambem eram suspeitos o padre Emanz, da Bibliotheca, o Brandão retrozeiro, que fôra tosado na rua do Ouro no dia em que chegou D. Miguel, o afamado Coqueijo, com seges d'aluguel na rua da Horta Secca, n.º 5,[3] o Pedro Cavigioli e seu filho Carlos Cavigioli,[4] negociantes sardos com deposito de vinhos no largo de S. Paulo e moradores no largo do Corpo Santo n.º 11; e os bolieiros do alquilador Barbosa da rua da Figueira. Entre a turba de suspeitos vinha o Pinto, bo-

---

[1] Manoel Borges Carneiro foi preso no Rocio em 26 d'Agosto de 1828 por Antonio Bernardo d'Almeida, alferes do 1.º batalhão de Voluntarios Realistas, e conduzido á cadeia da cidade, onde ficou no segredo á ordem do Ministro do Bairro de S. José. (*Partes Diarias*, etc. Maço 1). Em 30 foi conduzido para prisão fechada na Torre de S. Julião. (*Correspondencias*, etc. Maço 138). Durante o captiveiro, valeu-lhe o seu antigo creado Manoel Luiz, que foi, depois, mordomo do *Club Lisbonense*. (Artigo do Sr. Brito Rebello no *Occidente* de 1879.) José Ferreira Borges teve mais felicidade, porque conseguiu escapar-se para bordo d'uma fragata franceza, o que motivou reclamações do visconde de Santarem ao encarregado do consulado francez e ao commandante das forças navaes francezas. (*Avisos*, etc. Maço 62).

[2] José Ferrão de Mendonça, prior dos Anjos, já se tornava suspeitoso, depois da *Villa-francada*, em 1823, pelo que fôra mandado sahir do Patriarchado. (*Avisos*, etc. Maço 44).

[3] Perto da cocheira do Coqueijo era a do alugador de cavallos Damião. E na rua de S. Roque, defronte da T. da Espera, estava á de seges de Manoel Pequeno, a quem succeden o José Maria Cabelleireiro.

[4] Foi o filho de Pedro Cavigioli quem, na manhã de 24 de Julho de 1833, participou ao duque da Terceira, em Cacilhas, a nova da retirada dos miguelistas. (*A Côrte de D. Pedro IV*. A. Pimentel).

ticario na rua dos Capellistas, porque na sua botica se reuniam os medicos Soares Franco e Benevides, e o Valladares do ministerio da guerra, e porque fôra elle quem dera as drogas para se embalsamar Manoel Fernandes Thomaz e quem se offerecera para este trabalho. (*Correspondencias*, etc. Maços 18, 19, 129, 133, 138, 139, 140 e 141, e *Correspondencia Confidencial*, L.º 2.º Corte).

Certa denuncia apontava tres familiares do barão de Quintella: o inglez João Guilherme, creado de trazeira, Luiz de Souza, guarda-roupa, e Luiz José Romão, caixeiro. Provocava desconfianças a academia de concertos do musico Bomtempo.[1]

Citar as pessoas suspeitas seria quasi impossivel. As prisões succediam-se com uma rapidez vertiginosa. Era uma razzia. Eis a razão porque o Juiz do Crime d'Andaluz podia dizer no seu officio de 28 de Março de 1832 que n'aquelle bairro não havia pessoa alguma suspeita, porque aquellas que existiam estavam todas presas. «No entretanto, concluia o zeloso servidor do absolutismo, eu estou sempre alerta, e logo que se apresente a suspirada occasião da esperança ultima dos inimigos d'El-Rei Nosso Senhor e nossos, póde V. Ex.ª ficar muito certo de que pouca gente conhecerá melhor n'esta capital do que eu taes malvados, e aonde quer que os vir estou na firme resolução, não de os prender, mas sim de lhes atirar á espingarda como a

[1] O aviso expedido ao Corregedor do Rocio em 30 de Abril de 1828 diz: «Sendo informado de que a casa do Muzico Bomtempo, no palacio do Ex.mo Duque de Cadaval, ao Rocio, concorrem a titulo de Sociedade Filarmonica varios individuos de altas gerarchias que são desaffectos á Realeza, bem como o dito Bomtempo, havendo receio de que fação conferencias para transtorno da ordem do Estado, incumbo a V. Mercê de averiguar com resguardo se estas noticias podem ter fundamento, e me informe do que apurar». (*Correspondencia Confidencial*, L.º 2.º, Corte). Outro aviso de 3 de Maio recommendava que se vigiasse a casa de João Domingos Bomtempo.

lobos derramados, e na de morrer na defeza d'El-Rei, na minha e de minha familia». (*Correspondencias*, etc. Andaluz. Maço 27).

Formulavam-se curiosissimas listas de *malhados* empregados nas repartições publicas. Copiámos esta, em que o Juiz do Crime da Ribeira apontava os empregados suspeitos da repartição das Obras Militares e da Inspecção dos Quarteis: Thomaz d'Aquino Leal, contador, que dizia ao porteiro da repartição — «Aposto que V. é um refinado corcunda!» porque este falava no marquez de Chaves; o Ribeiro Soares, escripturario, que mandara imprimir tres odes a D. Pedro IV, D. Maria II e D. Izabel Maria; o Coelho Moniz, que não cumprimentava os collegas realistas, e que, quando solicitou uma subscripção para o retrato de D. Pedro, dizia: — «que lhes crescia agua na bocca, se o vissem, mas que cuspissem fóra que eram maus humores»; o Vicente Bastos, que cumprimentava os collegas dizendo-lhes: — *Adieu, Frère Maçon;* o Quadrio, bonapartista e antigo sectario dos francezes; o José Joyce, de origem ingleza, que fizera muitos serviços na revolução do Porto de 1828; o Arejoens, que usava lenço com o retrato de Bonaparte, e costumava extendel-o, em ar de triumpho, na cadeira em que se sentava na repartição; o Moraes, encarregado da fabrica de cobertores, o que mais influira para as luminarias que se fizeram na rua dos Fanqueiros, quando veiu a Carta Constitucional; o Alexandre Rossini, director das obras dos quarteis e Collegio Militar da Luz, que se intitulava parente de Bonaparte. Etc. (*Avisos*, etc. Maço 73).

Qualquer coisa, apparentemente inoffensiva, servia de motivo para procedimento policial. Porque D. Mathilde de Mello, que morava na rua das Canastras, usava laços azues e brancos, deram-lhe busca á residencia, onde lhe encontraram tres livros de Volterro (textual), uns folhetos sobre a conspiração de 1817,

duas cartas de Gomes Freire, e umas quadras que, dizia ella, lhe haviam atirado para dentro do seu camarote, em S. Carlos, no tempo da Constituição. (*Correspondencias*, etc. Maço 17). Porque a viuva de um inglez, que morava na rua do Moinho de Vento, tinha uma barraca de chita azul e branca no quintal, foi logo vigiada. (*Avisos*, etc. Maço 73).

Os *morcêgos* e os beleguins fariscavam por toda a parte, imaginavam *clubios*, como elles mesmos diziam em suas participações, collavam os ouvidos aos buracos das fechaduras á cata de conversações compromettedoras, patenteavam o seu odio frio como uma lamina d'aço. Serviam de caceteiros, eram fautores de roubos, violencias e assassinatos.

No entretanto, D. Miguel dizia, pela penna do ministro da Justiça, «que presava mais ser rei dos Portuguezes do que do mundo inteiro». [1]

*

* *

A inquietação d'animos era um estado permanente. Quando a esquadra franceza do almirante Roussin entrou no Tejo, o povinho andava assarapantado pelas ruas de Lisboa, e a tropa formava no Rocio com receio d'algum levantamento dos liberaes.[2] Foi então que,

---

[1] Aviso datado do Paço de Caxias aos 9 d'Agosto de 1832. (*Avisos*, etc. Maço 76).

[2] A esquadra veiu reclamar a entrega dos subditos francezes Edmundo Potenciano Bonhomme e Claudio Sauvinet. O almirante Roussin reclamou egualmente seis empregados do Sauvinet, que estavam presos, o padre Mr. Bias, Mr. Restier, um caixeiro do Orcel, *Madame* Tamboril, mulher do Dr. Romain, a viuva Cominge, o boticario Ravel, o pintor João José Lecoq, Manoel Lecoq, preso no Porto, e o Clamouse, preso em Torres-Vedras. Exi-

uma noite, um sujeito se ergueu na platéia do theatro da Rua dos Condes, e recitou uma poesia, que terminava assim:

> E eu tambem, no dia da entrada,
> Molhei a minha sopa, e dei a minha cacetada!

E o povinho applaudia delirante, sem que, nem por sonhos, tentasse intervir a sentinella que estava na plateia, como era de uso em todos os theatros, uso que terminou quando veiu D. Pedro IV.[1]

O recitador casou depois com a filha do Miguel Alcaide. Este tambem tinha um filho, Francisco José de Castro, alferes de milicias do Termo.

Miguel Rodrigues de Castro, vulgo *o Miguel Alcaide*,[2] tinha 63 annos (em 1833), e era um homem grosso, mal encarado, e d'altura regular. Morava n'um terceiro andar do quarteirão chamado *do Paço*, junto ao Paço da Regencia (como ao quarteirão onde está o Francfort-Hotel chamavam *dos Vicentes*, e ao que torneja para S. Domingos chamavam *de S. Domingos*), e, du-

---

giu tambem a entrega do letrado Adriano Ernesto Castilho Barreto (irmão do poeta Castilho), que fôra defensor de Mr. Bonhomme, e que se refugiara em casa de João Baptista Gambette, professor d'esgrima do Collegio Militar, e morador na R. da Conceição, 33, 3.º, onde foi preso á 1 hora da tarde de 27 de Julho por alguns officiaes de Justiça. A casa de Sauvinet, em Val de Pereiro, tivera cerco por uma força do 16, e elle foi encontrado escondido no forro da agua-furtada. Passaram-lhe busca, sendo-lhe apprehendidos, nos bufetes, todos os papeis, incluindo a correspondencia com seus filhos, que estavam em França, e com sua filha a Snr.ª Curvillers. Sauvinet e Bonhomme estiveram presos na Cadeia da Côrte, e, depois, na Torre de S. Julião. Bonhomme foi açoitado. (*Avisos*, etc. Maços 70, 71, 72. *Correspondencias*, etc. Maço 26).

[1] Tambem havia sentinellas nos corredores.

[2] Miguel Rodrigues de Castro exercia o logar de simples official de justiça do Bairro do Rocio em 1820. (*Avisos*, etc. Maço 38), e fôra escrivão das armas do Bairro da Ribeira em 1811. (*L.º 2.º dos Despachos em requerimentos*. fls. 125 v.)

rante os motins de 24 ou 25 de julho de 1833, arrombaram-lhe as portas de casa, e deitaram lhe toda a mobilia para o meio da rua. O Miguel Alcaide fugiu para Santarem, e ahi foi assassinado.

O Corregedor do Crime do Rocio era o Dr. Izidoro Antonio do Amaral Semblano, que tambem não disfructava de muitas sympathias.

N'essa epocha ominosa qualquer innocente estava sujeito á ferocia canaca dos caceteiros e dos *morcêgos*, então commandados por Joaquim José Maria, *o Cavallo das Cortezias*, assim chamado por ser muito cumprimenteiro.

No dia 24 de Julho os caceteiros e quejandos viram uma bruxa com a populaça amotinada. Um d'elles foi o celebre Matta. O Matta possuia uma loja de barbeiro na calçada de Sant'Anna, mas accumulava o officio com as funcções de caceteiro. Como outros partidarios do miguelismo usava chapéo armado, que elle collocava tal qual D. Miguel, isto é, d'esguêlha, ou *ás tres pancadas*, como se dizia n'esse tempo. Era medonho, um patife, um malvado, um dos mais ferozes miguelistas.

Ao rasgar do dia 24 de Julho, o Matta, que não tinha conhecimento da retirada das tropas miguelistas para fóra de Lisboa (retirada que se combinara em conselho de generaes no palacio do duque de Cadaval), exclamou: — Eu vou amansar estes malhados! — Contam que chegára até ao largo de S. Domingos, mas, ahi, foi morto com tres tiros d'espingarda. A justiça popular saldava as suas contas.

Antonio Joaquim da Matta era barbeiro, como dissemos, e em 1828 requerera para ser nomeado official de diligencias da Intendencia, porque, allegava, os constitucionaes lhe haviam espancado e afugentado os

freguezes da sua loja. (*Correspondencias*, etc. Maço 129)

Havia um corpo nacional fixo, chamado o *batalhão de Malta*, cuja missão se limitava a fornecer guardas para o Paço Real da Bemposta. Poucos dias antes do exercito de D. Miguel fechar o cerco de Lisboa, os constitucionaes mandaram uma força do batalhão para trazer as pratas da egreja de Monte-Mór, perto de Caneças. Não sabemos se o conseguiram, mas o que sabemos é que tiveram de fugir de lá a unhas de cavallo, ficando morto o chefe da expedição.

A este corpo pertenciam o José Maria Saloio, o valentão, mestre de jogo de pau, e Francisco Alves d'Azevedo da botica, que, mais tarde, tambem fez parte da Guarda Nacional.

No dia 24 de julho passava pelo Rocio um homem do campo, quando alguem, ao vêl-o, levantou a voz, dizendo: — Aquelle é *o Sem Tripas*, que matou o official do batalhão de Malta em Monte-Mór! — Immediatamente saltaram todos em cima do homem, que foi morto n'um abrir e fechar d'olhos. Momentos depois, o José Maria Saloio entrava na botica do Azevedo, e gabava se de ter dado uma canivetada no *Sem Tripas*, já depois de caído, para assim vingar a morte do seu capitão. Ainda ha poucos mezes dizia um velho de Caneças que o homem morrera innocente. Não fôra elle que matára o commandante da expedição.

Os realistas convictos, serios e honestos, reprovavam os processos radicaes dos energumenos, da plebe ignorante, beata e feroz, prompta sempre a dar vivas ao vencedor. O mesmo D. Miguel não era tão mau como o pintavam. Prova-o, entre outros casos, o seguinte, que foi contado pelo fallecido medico dr. Gaspar Gomes.[1]

---

[1] Contado ao sr. Dr. Alves d'Azevedo.

Estando D. Miguel na quinta de Queluz, acompanhado dos seus amigos Sedvem, José Verissimo, e Vassallo, estes notaram que vinha pela estrada o mestre de meninos de Bellas, constitucional ferrenho, e pae d'aquelle medico.

—O' que patife que alli vem! exclamou um. Já te vamos arranjar! — D. Miguel voltou-se para elles, e disse-lhes com intimativa: — Deixem-n'o, que é um homem de bem. —

A par d'isto tinha excentricidades, ratices, cuja raiz talvez se encontrasse na pouco cuidada educação.

Assim, quando D. Miguel estava em Santarem, foi procurado pelo coronel Wylde, que vinha na qualidade de parlamentario do Saldanha, para ver se cedia e evitava a effusão de sangue.

Responderam-lhe que não podia falar ao soberano, porque estava muito occupado n'aquelle momento.

O coronel chegou, por acaso, a uma janella, e, qual foi o seu pasmo, ao vêr D. Miguel a tosquiar uma mula, entretenimento que elle muito apreciava!

Ainda infante, em 1823, atirou, por brincadeira, com uma bacia cheia d'agua sobre a cabeça de dois homens que estavam a uma janella do Paço da Bemposta, por baixo d'aquella em que elle se encontrava. Certa vez, na feira do Campo Grande, apreçou um canivete pelo qual lhe pediram meia-moeda. Regateou, offereceu dezeseis tostões, mas, não obstante mostrar muito gosto n'elle, não o comprou, porque não quiz dar mais. O caso foi á parte da policia secreta, que dizia «que tudo isto era pequeno, improprio á grandeza d'um infante.» (*Papeis Diversos*. Maço 11).

Appareceram liberaes da ultima hora, malandros que aproveitavam a occasião. Um d'elles era o *Alfayate Côxo*, a quem o eruditissimo escriptor sr. Alberto Pimentel, se refere no seu magnifico estudo historico *A Côrte de D. Pedro IV.* (*Pgs.* 181). Tinha por

costume encostar-se ás paredes, e, n'essa posição, manejava a muleta, dando pancada de cego.

Appareceram outros, liberaes sinceros, convictos, que se tiveram de soccorrer a trêtas para escapar ao cacete e á prisão. N'este caso estava o Camara Sinval, muito frequentador da botica do Azevedo, e que veiu a ser lente da Escola Medica do Porto, graças a Passos Manuel, de quem era intimo amigo, o mesmo Camara Sinval, que mereceu algumas paginas espirituosissimas a Camillo Castello Branco no seu livro *O Vinho do Porto.*

Sinval fingia-se muito miguelista, muito religioso, e ia para o convento do Espirito Santo orar de braços erguidos. Um dia, um brejeiro enfiou-lhe um chapéo por uma das mãos, do que immediatamente lhe pediu desculpa, dizendo que se enganára, julgando ser um cabide.

XXII

Prosegue-se com a historia do café Tavares — Os irmãos Tavares — Freguezes do cafe Tavares — O novo cafe.

Fechado o largo parenthesis, prosigamos na narrativa.

Manuel Tavares foi um dos principaes influentes para a construcção do arco que se levantou na rua de S. Roque por occasião do Juramento da Carta em 1826.[1]

O botequim do Tavares vendia neve no verão, carapinhadas depois das 11 horas da manhã, e sorvetes de tarde.

Os manos Tavares eram dois excentricos. Trajavam sempre de jaqueta, e usavam sapatos d'ourêllo. Um era triste como os gatos pingados do Lagoia, o outro, pelo contrario, era jovial como os saltarilhos do Salitre. Se aquelle tinha a gravidade chôcha d'um rotundo desembargador da Casa da Supplicação, ao revez, este animava-se com a alegria d'um jogral, agitando os cascaveis em entremez palhaço dos pateos de comedias.

Um d'elles — o Antonio, parece-nos — fazia versos como Mr. Jourdain fazia prosa, isto é, sem o saber.

Se chegava o José Carlos *Poeta*, gritava logo: — Café para o sr. Carlos José!

---

[1] Fôra tambem subscriptor para a grande festa que se realisou no largo das Duas Egrejas em 4 de Julho de 1822, celebrando o anniversario do regresso de D. João VI.

Se chegavam os manos Britos, exclamava açodado:
— Ovos fritos, para os srs. Britos!

Os botequins não conheciam o moderno serviço de *restaurant*. Apenas cozinhavam ovos.

Freitas, o rabequista de S. Carlos, e soldado da Guarda-Nacional em 1836, indo uma vez para o quartel, fardado e de calças brancas, entrou no *Tavares* para beber o seu habitual café. Ao sahir, chovia a cantaros. Salta logô de lá o Tavares:

Adeus, sr. Freitas, honrado cidadão,
Está hoje um dia de verão!

Arranjara uma quadra favorita para os mendigos não causticarem a freguezia do botequim:

Perdoar, e não entrar,
Pedir, nunca importunar
E ainda não demorar,
Freguezes não apoquentar.

Dedicavam todos os seus desvelos a um cãosito sarnento que possuiam, e a que chamavam, arcadicamente, *o Phyleno*. Quando o fraldiqueiro dormia a sésta, o Tavares entretinha-se a coçar-lhe o lombo com o seu sapato d'ourèllo. O animal tambem provocou o estro claudicante do quitandeiro:

Phyleno, amigo do coração,
Tu não és mais do que cão,
Mas não sou teu inimigo, não!
E's facil de contentar,
Qualquer coisa te pode sustentar,
Não és cão de duas boccas,
Lambes apenas umas magras sopas,
E nenhum bruto de boa fé
Te poderá dar um pontapé.

Paulo Midosi affirmava ser esta a fiel metrificação do vate.

Afinal não passava d'um pobre diabo. Um freguez pediu-lhe, uma occasião, que désse um recado a alguem, que ahi havia d'ir. O Tavares respondeu parvoamente: «E se não vier que lhe direi?»

Entre os freguezes mais assiduos figuravam: o Freitas, rabequista da orchestra de S. Carlos, que acompanhava a violino os ensaios dos bailados, o Monteiro, escrivão e feliz jogador da *pula* e do gamão, o Guilherme Lima, flautista de S. Carlos, tambem chamado o Lima *da flauta* e o Lima *de S. Carlos*, e Domingos Ardisson, que, entre outras proezas, tinha a d'emborcar doze calices de genebra, que elle formava sobre uma meza, e bebia, a seguir, sem lhes tocar com as mãos.

Esta loja de bebidas nada se parecia com o actual café; era taciturna, tristonha, com uma especie de kiosque junto á columna central, e illuminada a azeite de peixe.

O velho Manuel Machado referiu-nos o seguinte caso succedido no *Tavares*.

Nos tempos da Maria da Fonte frequentava este café um tenente de caçadores alcunhado de *Salomé Carrega*, grande cabralista. O valente José Maria Christiano, amigo do Machado e exaltado patulêa, travou tal discussão politica com o tenente, que terminou por lhe pespegar com uma chavena de café n'um olho. Machado affirma que viu perfeitamente saltar o olho do tenente fóra da orbita. O tenente foi levado em braços, e o Christiano fugiu para casa do Machado, onde se escondeu durante tres dias.

O antigo café Tavares passou a um gallego que tinha loja na rua das Gaveas, depois a um tal Pimenta, um pandego, a quem o José Maria, camaroteiro de S. Carlos, emprestou o dinheiro para o trespasse, mas que, a breve trecho, desbaratou tudo, e, finalmente, em 1861, ao sr. Vicente Caldeira.

XXIII

Chez ces dames. — Reuniões de constitucionaes. — *O Chicoria.* — Soneto a este alcaiote. — Disposições de policia. — *A Casa da Estopa* e o Recolhimento da Cordoaria.

N'outros tempos jogava-se muito nas casas das mulheres faceis.

Duas que pertenciam ao *haut gratin* da classe, duas *cocottes*, como diriamos agora, a Eugenia (Eugenia Bebianna de Magalhães da Matta), e a Gaioso (Maria Antonia Xavier Gaioso), soffreram detenção (em 1832), pagaram nove mil e seiscentos réis de multa, e assignaram um termo de nunca mais consentirem filhos-familias em sua casa. A Anna Emilia, que morava acima do Pote das Almas, á esquina da travessa de S. Francisco era suspeita de liberalista, por causa do irmão. O Corregedor opinava que se lhe passasse busca á residencia. (*Correspondencias,* etc. Maço 133).

A conhecidissima *Chicoria* viveu na travessa do Cotovello, em tempos de D. Miguel.[1]

A casa era frequentada por grande roda de constitucionaes. Mesmo a proprietaria era uma enthusiastica constitucional, e tão enthusiastica que chegou a soc-

---

[1] Em 1808, os moradores do largo do Corpo Santo queixaram-se das mulheres publicas que habitavam no mesmo sitio. (*L.º 2.º dos despachos em requerimentos*, fls. 118).

correr com dinheiro a muitos liberaes. Por isso os caceteiros assaltaram a casa por varias vezes.

A *Chicoria* tinha um irmão frade, o Nicolau.

Por 1838, 1840, a jogatina continuava com furor.

A' entrada da rua das Gaveas encontravam-se duas famigeradas casas de mulheres *irregulares:* á direita a da *Chicoria*, á esquerda a da Joaquina dos *Cordões*. A casa da primeira occupava dois andares. No segundo, o andar *sério*, o andar a que davam o nome de *sala dos deputados;* jogava-se o *monte*, e *a ronda*, um jogo de cartas de que já ninguem fala e de que pouquissimos se lembram.

Muchachos repimpados, repetenados nos canapés, entravam em concorrencia batoteiral com langroias que entretinham assiduas relações com tascas e boticas; rapaziada gabarola, inexperiente, para a qual tudo isso passava como um regabofe, lá ia largar os seus patacos. Gamberrias de trampistas, alicantinas, tramoias armadas aos estroinas, não faltavam. Estes percalços alli mesmo tinham sua compensação... de concerto com a theoria optimista d'Azaïs.

Na rua das Gaveas, 10, 1.º andar, havia casa de jogo... e o resto em 1826. (*Correspondencias*, etc. Maço 24). [1]

---

[1] N'um plano geral de segurança publica que o Intendente expunha ao conde de Sub-Serra em 28 de Julho de 1824, as meretrizes são incluidas no numero das pessoas susceptiveis de prestar auxilio nas indagações policiáes. E diz que «n'essa classe podem-se escolher algumas de certa ordem, porque muitas vezes conseguem pela industria, ou pelo artificio, em que pelo commum estão mui exercitadas, informações e particularidades mui interessantes». (*Policia Secreta*, etc. pag. 33).

Ora tal modo de ver foi exactamente o de Napoleão III, que empregou como agentes, não já da policia secreta, mas da alta policia diplomatica, as cortezãs e *cocodettes* mais vibrantes entre as vibrantes, mais notaveis por sua seducção physica e seu machiavelismo sentimental. Assim, Helena Préjean foi incumbida de

O almanak das *Pequenas* (que não era pornographico), publicado em 1839, alludia a essas casas duvidosas. Depois de citar a casa da *Chicoria* dizia:

Na mesma rua
O' que peixões!
Mora a Joaquina,
A dos Cordões.

Ainda na rua das Gaveas morava a muito conhecida D. Marianna, cuja filha Catharina foi a herdeira da *Chicoria*. E n'essa rua, entre as travessas do Poço e dos Fieis de Deus, por cima da loja onde agora existe uma fabrica de papelão, habitava a Luiza *do Frade*, uma mulher que deu brado.

Sua irmã, a Custodia, nunca conseguiu guindar-se á importancia d'aquella; mas sua filha, a Henriqueta, foi uma formosura deslumbrante, muito gabada, andou na bérra, como diz o povo.

A Constança S., linda como os amores, filha da modista franceza S., que tivera manufactura de modas perto da Academia Phylarmonica na rua do Alecrim, tambem se tornou conhecida, para descer, por fim, aos *bas-fonds* da prostituição.

---

penetrar segredos diplomaticos de grandes nações, foi encarregada de espinhosas missões, em que a versúcia de muitos politicos fracassaria. Carolina Hasse, a Soubise, as irmãs Drouard, Rosalia Léon, Pepita Sanchez e outras das que faziam do amor um idolo e do leito um altar, pozeram seus encantos venaes ao serviço do ministerio dos negocios estrangeiros

Os allemães soccorreram-se, egualmente, d'este meio d'espionagem, antes e depois da guerra de 1870. Haja vista o que succedeu com a legendaria baroneza de Kaula, que, sendo amante do general Cissey, pretendeu arrancar-lhe, subrepticiamente, os planos das fortificações de Paris e da organisação do exercito para os entregar á Allemanha.

Estes factos d'ordem particularissima, mas capitosos como um camarim d'actriz e instructivos como uma embaixada, pertencem aos bastidores da historia.

A Joaquina *dos Cordões* teve este appellido por usar sempre ao pescoço dois cordões: um muito grosso e outro fino.

Foram dignissimas successoras da Maria Mulata, na rua das Gaveas, da Rosa Mulata na rua d'Atalaya, da Gertrudes Sequins, na calçada do Duque. (*Corr. Confidencial.* L.º 11. 222-293), da Severina Theodora,[1] alcaiota muito conhecida em 1816, e ainda antes, uma coscuvilheira de quem a policia dizia em 1818. — «Esta mulher é uma das alcoviteiras mais escandalosas.» (*Avisos*, etc. Maço 33), e da Maria Luiza, mulher facil que morava na rua do Loreto n.º 83, casa onde se davam desordens, chegando-se a arrancar de facas. (L.º 33 *das Secr.*)

Por denuncia particular enviada á Intendencia de Policia em 1809, sabe-se que existiu um chefe de larapios, Manuel dos Reis Cordeiro, que passeava a toda a hora pelo Rocio, «e cujo menor defeito era ser alcoviteiro». Notava-se, entre os jacobinos, o italiano José Cryo, alcaiote e ladrão. E no numero das pessoas que podiam depor a respeito d'este e d'outros partidistas, que infestavam o Marrare de S. Carlos, appareciam o Sericó, o Luiz que repartia os bilhetes dos camarotes em S. Carlos, e Manuel Francisco Costa, que morava dentro do mesmo theatro. (*Pap. Div.*).

Em 1810, o tenente João Antonio de Sousa Moraes, o *Chiçoria*, era accusado de jacobino, d'usar, indevi-

---

[1] *As Chicorias* formaram uma dynastia... marafonense. Em 1814, Thereza Chicoria morava na rua Nova do Carmo, descendo do Convento do Espirito Santo para o Rocio, n.º 10, 1.º andar; Josepha Chicoria, filha d'esta, morava na rua Aurea, 205, 2.º direito; e Anna Chicoria, filha da segunda, morava na rua do Outeiro, junto ás escadas que descem para S. Carlos, n.º 2, 2.º andar. (*Correspondencia com as auctoridades. Particular.* L.º 11).

A digna rival d'ellas e da Severina Theodora, no Porto, era a famigerada Maria Ignacia, uma proxeneta de primeira ordem, a quem o poeta portuense Ferro allude n'um dos seus sonetos pornographicos.

damente, o habito de Christo, e de ter alcouce. Uma denuncia feita á policia em 19 de Janeiro de 1810 dizia que o *Chicoria*, «que bem conhecido era por ser um inculcador do genero feminino», ia grazinar contra o governo e fazer a apologia dos francezes nos botequins do Nicola e do José Pedro. (*Pap. Div.* Maço 1). Este homem foi um grande perseguidor dos *malhados* de 1828 a 1833. tinha o posto de major, e alcunhavam-n'o de *major Chicoria*. (*L.º* 11 *das Secr*).

Foi a este *inclito varão* que fizeram uns versos, que o pintam perfeitamente. Esses versos foram parar ás mãos do Corregedor dos Romulares, conforme elle dizia no seu aviso confidencial de 25 de Junho de 1828. (*Correspondencias*, etc. Maço 138).

Era o soneto que se segue;

No Terreiro do Paço o heroe Chicoria,
De velha pantalona transparente,
Alça a medonha voz, e de repente
Se lhe ajunta da plebe a infame escoria.

Rôtos illustres d'inclita memoria,
(Diz), pois fizemos rei nosso Regente,
A nós só cumpre, com valor ardente,
Dar lhe contra os do Porto alta victoria.

Marcha logo o famoso alcoviteiro;
Segue-o furioso toda a vil canalha,
Que tu tambem animas, grão Pinheiro.

Chegam á Ajuda, formam-se em batalha,
Pedem pão, e sapatos, e dinheiro;
Eis o nobre triumpho da canalha!

Parece que, em 1829, não era permittido que as mulheres *irregulares* occupassem as frizas e os camarotes de 1.ª ordem nos theatros. Pelo menos é isso o que se deprehende de um aviso do Semblano. Diz elle que D. Anna Emilia, de quem já falámos, frequentava o theatro de S. Roque, sem interrupção, apresentan-

do-se nos logares que citámos. Ora aquelles logares, dizia o Corregedor, eram frequentados pela Nobreza e pessoas em decoro, e nunca por similhante gente. Este ministro preveniu então para que não lhe alugassem camarotes da primeira ordem para baixo.[1] Era possivel, continuava elle, que outras de egual jaez os frequentassem, mas, por não conhecidas e por não assiduas, não se tornavam reparadas. (*Correspondencias*, etc. Maço 130).

A casa de correcção para mulheres foi creada em 1814, e estabelecida na Cordoaria. Este estabelecimento tomou o nome de Santa Maria de Cortona, e veiu substituir a antiga *Casa da Estopa* que havia no Arsenal de Marinha. Foram nomeados administrador Antonio Joaquim dos Santos e regente D. Thereza Brainer, que não acceitou, nomeando se então para esse cargo a D. Fillipa da Penha de França Sá e Mendonça, moradora na rua do Oiro, 5. (*Avisos*, etc. Maço 25).

O ministerio da Justiça officiava á Intendencia, em 12 de Março de 1832, perguntando-lhe se se podia restabelecer essa antiga casa de correcção, que estivera no Arsenal de Marinha, e que depois passara para o castello de S. Jorge e para a Cordoaria. (*Avisos*, etc. Maço 74).

[1] Os camarotes com destino exclusivo não eram novidade. Consta-nos que no antigo theatro da Graça havia um camarote privativo das meretrizes. No seculo XVIII, o theatro da Rua dos Condes tinha um camarote com rotulas de madeira, por detraz das quaes os frades assistiam ao espectaculo sem ser vistos. Chamavam-lhe até *o camarote dos frades*.

XXIV

Os botequins em 1824. — O café *do Bosque* e outros. — Barracas do largo do Passeio Publico. — *O Troca.* — Seu valimento.

Em 1824 os cafés mais ordinarios, mais fartamente concorridos, eram o do José Maria, á esquina do largo de Belem, no qual faziam assembleia os criados e picadores da Casa Real, o do Francisco José de Serpa no largo das Duas Egrejas n.º 16, o da rua direita do Loreto n.º 1, muito antigo, pertencente a Thiago da Martha, [1] o botequim fronteiro, em n.º 91, pertencente a Bernardo Velho, o do Julião de Barros em n.º 4, o do José Vasques em n.º 5.

O de n.º 1 era ponto de confluencia de ladrões; o de n.º 91 ainda era mais temivel porque tinha frequencia de soldadesca da Brigada Real de Marinha, de artilheiros, da Guarda Real de Policia, e de rameiras — toda a canalha.

Havia mais, o botequim *do Abbade*, ao Passeio Publico, o da Rua dos Condes, ao pé do theatro, o do *Maneta*, ao Soccorro, o Retiro do Cabeço de Bolla, o *do Bosque*, e o do Friza. Nas ruas da Atalaya, da Barroca, da Rosa, e em algumas travessas do Bairro Alto, existiam tabernas e tendas com venda de vinho, onde, de dia e de noite, se juntavam malfeitores conhecidos. (*Policia Secr.* etc). Era tal a quantidade de mulherio

---

[1] O botequim do Thiago da Martha já existia em 1807.

que andava á matroca pelo Loreto que os donos de cafés e bilhares, proximos á egreja, reclamavam medidas repressivas contra essas femeas que se adargavam com modos despejados. (*L.º 32 das Secr*).

Junto ao adro do Loreto estacionavam (1821) umas doze vendedeiras de fructas, doces e outros comestiveis. Para esse fim tinham barracas de lona e volantes, e gigas e taboleiros. Mais abaixo, á esquina da travessa de Estevão Galhardo, havia um logar de hortaliça e fructa, logar que se armava de manhã e desarmava á noite. (*Correspondencias*, etc. Maço 10).

A' lista acima podemos accrescentar os seguintes cafés populares: o do Alberto Nheco na rua do Amparo n.º 4, á entrada vindo do Rocio, o do Matheus Tortello na rua Oriental do Passeio n.º 38, o do Barnabé da Martha no largo de Santa Justa, o do Bartholomeu Tasso na rua do Amparo, fronteiro á portaria dos Camillos, o bilhar da rua de S. Vicente, á Guia, n.º 1, o do Guisande, ao Poço Novo, e o chocolateiro do largo do Carmo, á esquina da rua da Oliveira, que ahi se encontra ha perto de oitenta annos e ainda se conserva na familia do fundador.

A Real Fabrica de Cerveja de Valle de Pereiro (propriedade do Sauvinet, avô dos srs. Sauvinets) tinha depositos no Caes do Sodré e na rua do Arco do Bandeira. (*Gazeta*).

Na rua dos Algibebes contavam-se tres botequins conhecidos. O do João Baptista dos Santos, ao pé da rua da Prata, vendia neve manufacturada e tinha «um decente quarto particular». O do Nunes, em n.º 45, hoje n.º 82, tambem perto da rua da Prata, tendo um gabinete para senhoras, e entrada pela escada junta. O café *dos Sete Espelhos* em n.º 51, proximo á rua dos Fanqueiros, tinha, contiguo á loja, um quarto particular para senhoras. Vendia neve e fructas geladas. (*Gazeta*).

Este foi muito suspeito das reuniões de constitucionaes. (*Correspondencias*, etc. Maço 129.)

Saltemos para o Rocio. A'esquina do palacio da Inquisição, em n.º 10, apparecia-nos a loja de bebidas do *Madre de Deus*. Vendia agua de salsa-parrilha. Passou ás mãos do italiano Seraphim Pistachino.

Pistachino foi copeiro do principe de Hesse, que veio a Lisboa em 1828, e esteve hospedado na Bemposta. (*Correspondencias*, etc. Maço 62).

O café do Pistachino tambem possuia seu gabinete particular para as damas tomarem os refrescos. O copeiro italiano Abondano fornecia carapinhadas depois das 10 horas da manhã, e sorvetes depois das 5 horas da tarde, e, além d'isso, fabricava fructas geladas. Nesse tempo todos os botequins tinham copeiro.

A loja do *Madre de Deus* já alli estava em 1793. Vendia estampas e folhetos, como, por vezes, tambem succedia no botequim do José Pedro.

Em 1809, expôz á venda uma estampa intitulada: —«A grande desordem, susto e terror dos Francezes no dia da procissão do Corpo de Deus, succedida na Praça do Rocio de Lisboa, na qual se representa a dita Praça, a artilheria franceza desamparada, e infinitos francezes cahidos pelo chão, assim como as suas armas, barretinas, espadas e tambores».

A loja do *Madre de Deus* não foi a unica do seu genero no palacio da Inquisição. Lá esteve tambem (1797) um estabelecimento de chocolateiro, fornecedor da Casa Real. (*Gazeta*).

Dois ou tres dias depois da entrada da esquadra franceza, que vinha reclamar a entrega dos francezes presos (1831), passava D. Miguel pelo Rocio. Todos lhe tiravam o chapéo e davam vivas a El-Rei Nosso Senhor. Alguns sujeitos que estavam á porta do *Madre de Deus* retiraram-se para dentro. Mas um que ficou de fóra, e não quiz tirar o chapéo, o *Maravedy*,

cobrador d'açouges, foi logo filado pelo Miguel Alcaide, e processado mais tarde. (*Correspondencias*, etc. Maço 132).

O café *do Bosque*, no Rocio, 108 e 109, tinha jogos de bilhar, gamão e cartas. Pertencia a Joaquim José do Amaral. Para entrar n'esse botequim desciam-se tres degraus de pedra.

Estava nos casebres que foram demolidos, e substituidos pelos predios do duque de Cadaval, ficando, pouco mais ou menos, no logar da actual chapellaria Roxo. Era concorridissimo, e tinha um creado, o Manuel, muitissimo conhecido. (*Pap. Div.* Maço 11). O seu dono enforcou-se em 1828. (*Correspondencias*, etc. Maço 129).

Em 1829 annunciava-se na Gazeta o trespasse ou arrendamento d'este café que tinha dois bilhares; e em 1830 repetia-se o annuncio.

Junto ao café *do Bosque*, em numeros 104, 105 e 106, achava-se a chapellaria do José da Silva Dias, que vendia chapéos de seda, de pello, armados e redondos. (*Gazeta*).

Na rua do Principe, 49 B, nos casebres junto ao muro do duque de Cadaval, pouco mais ou menos no local do moderno *restaurant* Varella, estava a casa de pasto do Bosque, propriedade do dono do café *do Bosque*. Vendia copos de geleia manipulada pelo systema do da antiga casa de pasto chamada *A Pinta*, na rua dos Condes, que, em 1830, tinha o mesmo proprietario. (*Gazeta*).

Junto ao theatro da Rua dos Condes existiu (1826) uma casa de pasto onde iam comer os actores, tanto de dia como de noite. (*Corr.* Maço 148).

Em tempos de D. Miguel encontrava-se uma boa casa de pasto no primeiro andar por cima do Nicola,

no Rocio. Occupava o andar todo até á rua do Principe. Chamava-se a casa de pasto do *Manuel do Lumiares.*

O proprietario tinha este nome, porque estivera empregado do conde de Lumiares. A mulher d'elle falleceu de cholera em 1833.

O antigo inspector dos incendios, Barreiros, era filho do *Manuel do Lumiares.*

O botequim *do Abbade* estava na rua do Principe, n.º 1, proximo ao largo do Passeio. Tinha bilhar. Contiguo á loja de bebidas estava um armazem de vinhos do mesmo dono. Foi um dos centros de reunião dos partidistas de D. Miguel. Em 1825 pertencia a Leonor Maria Rebello, a quem o Intendente da Policia, barão de Rendufe, mandou cassar a licença que ella tinha para conservar a loja aberta mais uma hora depois de corrido o sino. (*Int. Casa Pia.* Maço 6). Em 1827 pertencia a Pedro Antonio Lourenço. (*Gazeta*).

No largo do Passeio, junto ao sitio onde vemos o *Avenida Palace* havia umas barracas de madeira onde se alojavam adelleiros.

N'uma d'ellas estava uma cocheira. (*Gazeta.* 1829). N'esse mesmo largo, logo á sahida da rua do Principe, e dentro d'essas barracas, havia o pateo *do Troca*, tendo um poço ao fundo. O famigerado *Troca* (cujo nome era Antonio Ferreira) foi uma notabilidade no seu genero.

Começou por contrabandista e marchante, depois foi alquilador de importancia e receptador de roubos. Era um homem secco, usando sempre botas altas. Mantinha estreitas relações com todas as quadrilhas de pilhantes, principalmente com as alemtejanas.

Quem necessitava ir com dinheiro para o Alemtejo, e não queria experimentar a forte emoção que sente quem vê, apontados ao peito, uns poucos de trabucos carregados de zagalotes, ao mesmo passo que a bocca silenica d'um marau mal-assombrado pede a bolsa ou a vida, reclamava um salvo-conducto do *Troca.*

Na posse da papeleta com desalinhados gregotins — dada a troco d'uma percentagem convencional — ia socegado, porque os bandoleiros acatavam o *documento*. Chegou-se a affirmar que o *Troca* livrava da cadeia e do degredo os criminosos, porque se abroquelava com a protecção d'um alto magistrado conhecido pelo *Tim-Tim*.[1] (*A Anthropologia Criminal*. F. Deusdado). Cada *passe* para se poder atravessar *socegadamente* o pinhal d'Azambuja custava uma moeda ou 4$800 réis.

O *Troca* não sabia lêr, nem escrever. Assignava de cruz, que fazia d'uma maneira especial, tanto que conhecia quando não era feita por elle.

Deixou fortuna importante. Alguns dos predios de Santo Antão foram mandados construir por sua ordem. A filha casou com um sr. Crô, e d'essa familia ainda existem representantes, um dos quaes é um medico conhecido.

[1] Referimo nos a elle em pag. 31.

XXV

As tabernas do largo do Passeio — Diogo Alves e Companhia — Origem de dois ditos vulgares. — O Passeio Publico antigo — A Lage. — Nova referencia ao capote. — O Passeio Publico moderno. — Sob a batuta magica de *Madame* Amann. — O Passeio ao domingo. — Fantoches e fantasmas.

Na Praça d'Alegria, defronte do Passeio Publico, ao canto, perto da rampa, existiu a taberna do José Gordo, baiuca pessimamente afamada, onde os malfeitores realisavam conferencias, tertulias, cochichavam mysteriosamente, escabichavam a vida alheia. Os teres e haveres dos abastados vinham á baila. Leite Bastos consagrou um capitulo a essa tabernoria no romance, *Crimes de Diogo Alves*.

No interior da loja havia uma espelunca nojenta, onde a infima ralé arriscava uns tostõesilhos. Cá fóra patuscava-se com comezainas labrêgas, petisqueiras de comer e chorar por mais — iscas, bacalhau com grêlos, petinga, cavalla — copiosamente regadas por uma boa pinguinha. Sentia-se o pesado rumor da grulhada gallega, impolida, boçal como o charlar zúlu, selvagem, rustica como a algaravia cafre dos Amatongas. Entre os freguezes da locanda avultavam morrinhentos aguadeiros do chafariz d'Alegria e gatunos de tres assobios, de muita ronha, com quem aquelles se conchavavam — uma cambada de tratantes.

Lá appareciam o Diogo Alves — ruim como as cobras —, *o Beiço Rachado*, seu collega, *o Pé de Dança*, — um que tinha immensa labia —, João das Pedras, *o Enterrador*, aguadeiro do chafariz d'Alegria, e o Antonio Martins, caixeiro do celleiro na rua Oriental do Passeio, e amigo do Diogo Alves. Tramados os planos estrategicos, marcados os que deviam cair na esparrélla, os tratantes punham-se na alhêta, safavam-se á sorrelfa.

O desconhecido que penetrasse n'essa caverna de Caco ficava com as algibeiras limpas, ou, ás duas por tres, apanhava a sua facadita á chucha-calada.

José Gordo, que deixou seu nome ligado ás tradições populares do sitio, adquiriu meios de fortuna, e, quando liquidou o estabelecimento, foi gozal-a para a Galliza.

Na taberna havia um garotinho azougado, d'olho perspicuo, um pangaio, encarregado de cocar quem ahi entrava, e de avisar para dentro, para a batotinha, se era pessoa estranha á casa.

Pozeram-lhe a alcunha de *O Vigia*. Succedeu ao José Gordo, fundando em 1832 a casa de Pasto chamada *O Vigia*, na rua Oriental do Passeio, casa de pasto que se conserva na mesma loja, hoje numero 72 da Avenida da Liberdade. Em 1858 creou o café *do Vigia*, proximo áquella casa, em numero 88. Por sua morte succedeu-lhe o irmão, e, a este, os seus herdeiros.

A taberna do José Gordo era a mesma que em 1821 pertencia a Marco Gonçalves, notavel receptador de roubos. Ahi se aggremiavam gatunos muito conhecidos n'aquelle tempo, como eram: o Joaquim *d'ao pé das Caldas, o Setubal*, *o Inglezinho*, o Luiz Mulato, e outros que andavam de dia pelo Caes das Columnas e ficavam, de noite, debaixo dos carros no pateo da Regencia; o aguadeiro Manoel, *o Sul*, o Narcizo do Porto, e ainda outros. (*Corr.* Maço 146).

Perto do Passeio, entre a praça d'Alegria de Baixo e a de Cima, havia um chafariz.

Algumas vezes aconteceu os proprietarios dos quintaes do sitio extraviarem as aguas d'esse chafariz, que deviam correr para dentro do Passeio, onde serviam para a rega do arvoredo. D'isso se queixava o Intendente das Obras Publicas em 1817. (*Avisos*, etc. Maço 31). [1]

A' porta do Passeio estacionava um homem que vendia copos d'agua d'essa fonte, e uma mulher que vendia uns canudinhos de dôce chamados *gaitas*. Os petizes e mesmo os adultos relamborios comiam esses canudinhos, bebendo, por cima, um ou mais copos da agua, o que elles consideravam muitissimo gostoso. D'ahi veio o dizer-se, quando qualquer comida sabia bem ao paladar: — *Sabe que nem gaitas*.

A origem do chamar-se *frigideira* a quem deseja figurar, tambem remonta a essa epocha. Os soldados dos batalhões nacionaes usavam uns bonets com tampo largo, a que se dava o nome de *frigideiras*. Como a maioria d'esses militares de pechisbêque gostava de deitar figura, apparecendo com as carapuças do uniforme em todas as solemnidades, começaram a chamar *frigideiras* aos que assim procediam, designação que tornaram extensiva a todos os vaidosos, os paspalhões, os salientes, que morrem por se mostrar nas

---

[1] Os sobejos da agua do chafariz de S. Pedro d'Alcantara iam para o Passeio Publico em 1780. (*L.º 1 das Secretarias*). O porteiro e jardineiro d'este passeio, queixavam-se, em 1795, «de que alli se faziam algumas desordens e havia desinquietações,» o que determinou um aviso do Marquez Mordomo-Mór ao Pina Manique recommendando-lhe, para atalhar o mal, as providencias que mais opportunas lhe parecessem. (*Registo de Decretos, Alvarás e Avisos*. L.º 84-247. fl. 23 v.)

Em 1807, quem encontrava algum objecto, que fôsse perdido na rua, annunciava a achada por meio d'um escripto affixado nas portas do Passeio Publico. (*L.º de lançar os requerimentos das partes*. L. 269-327.)

festas com os seus grandes ares, as librés espectaculosas, as fitas ou as veneras, a todos aquelles que, á maneira dos cavallos de luxo, teem a *coquéteria* das crinas, do pello, da cola, dos penachos e... dos arreios.

A' porta do Passeio (lado do Norte), pouco distante da guarda da Policia, era a botica de José Victorino da Costa Aroeira. Chamavam lhe a *botica da Copa*, e tinha entrada pela rua Oriental do Passeio n.º 7, e por dentro do Passeio Publico. Vendia agua ferrea aos copos. Aroeira possuia outra botica na rua dos Capellistas, defronte da torre de S. Julião. Foi elle a primeira pessoa que pôz musica no Passeio Publico.

Então, o Passeio era cercado por um muro alto e grosso, com suas janellas gradeadas, tendo cada uma dois assentos de pedra. Uma das janellas defrontava com a calçada da Gloria. A fachada do lado do Norte era formada por um muro com grades, a do lado do Sul era uma especie de tapume em madeira grossa. Em cada uma d'ellas estabelecera se um posto da Guarda Real de Policia. Não se permittia a entrada a homens de jaqueta, ou sem gravata, e a mulheres de capote. A' noitinha partia um soldado do lado do Norte e outro do lado do Sul, os quaes se iam encontrar no centro do Passeio, com o fim de impedir que alguem ficasse lá dentro.

O Passeio era pouquissimo concorrido. Nos dias de semana não se encontrava viva alma.

Ali está a razão por que *O Toucador*, de 1822, podia dizer, depois de gabar os jardins de Paris e de Londres: — «Se quizermos falar a verdade e ser sinceros diremos: que ha em Lisboa umas poucas d'arvores plantadas á linha, que a isto se chama o Passeio Publico, onde não vae ninguem; e que a este se reduzem todos os logares de passeio de Portugal, Brazil e Algarves». E, depois de lamentar que as senhoras o não frequentassem e o desprezassem, dizia mais: — «Até aqui, o afêrro a usos antigos e o genio caseiro

e desconfiado de nossos avós foi, em grande parte, a causa d'isto; mas hoje que a franqueza do *bom tom* tem-destruido aquella causa, a culpa de tal desleixo não pode recahir, com justiça, senão sobre as senhoras. Os homens não frequentam o Passeio porque as senhoras o abandonam, e porque assentaram comsigo (bem ou mal?) que não deviam ir onde ellas não fôssem.»

Effectivamente, as damas não se atreviam a ir ao Passeio para mostrar os novos chapéos *à la Berton*, as capinhas *á romeira*, os vestidos com enfeites de fitas azues e brancas (côres constitucionaes que se usavam até nos chapéos, nos lenços e nos toucados) e com as cinturas compridas, que, então, principiavam a substituir as cinturas curtas, os sapatinhos d'entrada abaixo, e os leques pequenos, fragil muralha dos pudores alarmados.

Mais tarde, em 1840, nas noites de verão, às senhoras do *high-life*, como se diria agora, iam fazer *o passeio da Lage*, que consistia em dar uma volta pelo Terreiro do Paço e Caes das Columnas ou Caes da Pedra, entre os vendedores d'agua fresca e as pyramides de caramellos. Por ahi chinellavam desde a dama elegante com seu vestido enramalhetado, chale de *tonkin*[1] — esse chale que, quasi poderiamos dizer, fez

---

[1] O chale de cachemira entrou na moda franceza depois da expedição de Bonaparte ao Egypto. Foi tão usado, que se fez figurar n'uma dança chamada *o passo do chale*, em que a condessa Hamilton obteve um dos mais ruidosos e lidimos triumphos mundanos d'aquelle tempo. *(Le costume historique,* vol. IX. Racinet). Foi a futura imperatriz Josephina, que então era uma rainha da moda, que o adoptou em 1798.

Em 1815, o chale continuava a ser parte obrigada na *toilette* feminina.

Durante a Restauração, a épocha da romanza sentimental e dos turbantes á Corinna, quem em França deu o *ton* da suprema elegancia foram a duqueza de Berry, e madame Récamier, os dois corypheus da moda. Se se queria usar um chale, pôr um chapéo

a volta do mundo como a *cocarde* de Lafayette —, e chapeu gigantesco, até á burgueza de capote e lenço e cordão de trinta moedas. As mulheres duvidosas, as *horizontaes*, usavam capote azul.

O capote era o suprasummo da janotice: Nos principios d'este seculo foi usadissimo, mas gastavam-n'o de baetão encarnado com duplo cabeção, não muito comprido, deixando ver tres ou quatro dedos do vestido. Já anteriormente nos referimos a este modo de trajar. Daremos mais algumas indicações. Antes de 1755, as damas usavam uns *mantos* de seda negra, cobrindo a cabeça, e ligando-se á cintura por meio de uma fita, cahindo por fim em longa cauda. Esse trajo cedeu o logar ao capote e lenço, que foi substituido nas damas de tom pelos chapeus de palha grandes, os véos de gaze e de seda, e por outros artigos de estranha importação. Antes de 1755, quando as damas iam á missa, seguiam em fila pela rua Se um homem as acompanhava, precedia-as a distancia d'alguns passos, e se iam creanças, eram estas que precediam os homens.

Depois modificou se o costume. Em 1810 as senhoras distinctas, as damas da moda, só sahiam de sege ou de cadeirinha.

---

cabriolet, ou gastar d'um confeiteiro, copiava-se a *bôa duquesa* ou Madame.

Hoje como hontem e, talvez, como ámanhã, o culto fetichista do trapo, mas do trapo repassado de todas as graças ligeiras do parisianismo, obsta a que a mulher da moda seja empolgada por esse taciturno Mephistopheles das Margaridas elegantes — o aborrecimento, por esse achaque aristocratico que a nosologia mundana averba de *spleen*, de *blue-devils*. Da fidalga mais sangue azul até á *momentanea* que se dá aos cabellos a côr da palha humida ou o loiro anemico das suecas, a todas, sem excepção, se impõe esse problema febril e mordente de

Ses chiffons chéris ;
Et, de pied en cap, d'être la poupée
La mieux épuipée
De Rome à Paris.

A pé era rarissimo encontral-as, por causa da sugidade, quasi habitual, das ruas. As mais elegantes eram seguidas por escudeiros; as burguezas faziam-se acompanhar por creadas, parentas ou alguma velha que substituia as primeiras.

As camponezas das cercanias de Lisboa, ou *saloias*, já traziam a desgraciosa bota de cano. Usavam, porém, um artigo de trajo, hoje inteiramente abolido. Era uma carapuça de velludo preto, terminando em ponta, e que assentava sobre o lenço da cabeça. (*Costume of Portugal. Henry L'Eveque.*)

A usança do capote teve larga vida.[1] Garrett, exul na Inglaterra, relembrava-o, harto saudoso, nos seus engraçadissimos versos *O Natal em Londres:*

Ver na minha catholica Lisboa
As festas de tal noite!
Sinos a repicar, moças aos bandos
Co'a bem-trajada capa,
E o alvo-têso lenço em côca airosa,
D'onde um par d'olhos negros
Dão as boas-festas ao vivaz desejo
Do tafulo devoto...

*

* *

Só depois de 1836 é que o Passeio Publico principiou a ser mais concorrido aos domingos, entre o meio-dia e as quatro horas. Depois da missa da uma hora no Loreto, palmilhavam-n'o as *leôas*, como chamavam em Paris ás mulheres da moda, segundo a rima que Musset encontrou para baptisar a sua amante, a sua *leôa*, a andaluza *au teint bruni*.

O Passeio Publico experimentou varias modificações na sua disposição interna, em diversas epochas.

---

[1] *O Verdadeiro Liberal*, de 1821, chamava *mascara* ao traje de capote e lenço.

Em 1861 cortaram a rama das arvores, de maneira que não davam sombra. O Taborda aproveitou o caso. Quando apparecia no *Tio Matheus*, de calça de ganga, e fraque velhote, acatasolado, ar de chacota, gesto de quem anda á mandria, dizia, referindo-se ao Passeio:

Mas eu que já dei no vinte!
Armaram aquella trama
Para vêr se os passeantes
Faltando a sombra da rama,
Já meios fritos de sol.
Vão cahir no Cosmorama!

E que furor produziu o *Tio Matheus!* Que furor, e que receitas...

No nosso tempo, o Passeio Publico attrahia *meio mundo*. Era um *pandemonium* da uma ás tres da tarde.

Enchia-se quando, aos domingos, tocava a famosa banda de marinheiros dirigida pelo Reinhardt. Depois vieram os concertos nocturnos do Cardim; e, rodados annos, em 187.., os concertos de madame Josephine Amann, que já lá está na terra da verdade...

Que lindas noites d'estio se não passaram ahi, ouvindo a *polka dos Cucos*, rindo com o Justino Soares [1] — Terpsychore de pantalonas — a conduzir as choreas infantis que se entrelaçavam sob as arvores, bebendo cerveja Vienna — a grande novidade — admirando a

---

[1] Em Madrid houve, e não sabemos se ainda ha, um rival de Justino Soares. Era o francez Mr. Journée. Veio para áquella capital em 1862 ou 1863, onde creou a primeira academia de baile publico ou de *buena sociedad*, uma especie de academia Fenians. O homem teve a alcunha de *Musiú Chuleta*, e foi alvejado pelas dicacidades castelhanas, hilariantes, embriagadoras como protoxydo d'azote:

Musiú Chuleta
Tiene un gaban
Y en cá bolsillo
Le cabe un pan.

(*Illustracion Espanola y Americana*. Num. XXVIII de 1898).

pyrotechnia do José Rodrigues e o *Calospintocromocreme*, escutando as canções dos Tyrolezes! Que noites tão bellas, quando a lua, como enorme globo de ambar, ia subindo, subindo, por entre o enxame de estrellas espalhadas no céo como confeitos d'oiro; quando os accordes do *Beau Danube Bleu*, de Strauss, pareciam segredar-nos aos ouvidos as coplas da valsa allemã, com toda a sua graça nostalgica:

Il est au pays du Danube
Un peuple éprouvé bien souvent...

E a *festa chineza*, devida á invencionice do Amann, uma festa que levou a Baixa em peso ao Passeio Publico... *La Chine est un pays charmant*, cantava-se no *vaudeville*... E vae depois, a Baixa — a Baixa que meditava em lerias — pegou-se a cogitar nas carantonhas mongoloides, carafuzes, como que esculpidas em bolas de buxo amarello, nas mulheres enfronhadas em vestidos largos, fluctuantes, entrajadas para a immobilidade como um idolo, na religião chineza, fossilisada, petrificada em ritos mechanicos, na philosophia restricta a engoiados raciocinios d'arithmetica, na moral assente sobre a tradição e mantida pelo bambú do Estado, na linguagem monossyiabica, na phrase curta — agglomeração de pequenitas equações — em mil coisas trescalando ao rancido do Celeste Imperio, ao velho mundo afferrolhado e trancado no Extremo Oriente... Mas a funcção chineza, annunciada como uma festa de metter os tampos dentro, foi simplesmente um *fiasco*, a que o lapis scintillante de Bordallo Pinheiro prestou *a devida homenagem* no *Antonio Maria*. Já lá vão dezenove annos...

Ai! Era no Passeio Publico que as dêas da Baixa, espevitadas, garridas, iam tecer idyllios entre as olaias, e que as seresmas, amesendadas em cadeiras do Asylo, á beira da alea central, trocavam phantasias sentimentaes a coberto dos leques. Era lá que se podiam apa-

nhar, como em photographia instantanea, os typos mais arreliosos da burguezia com joanetes alcantilados e freima patriarchal.

Era lá que as Ledas dos nossos dias se escondiam atraz das arvores, esperando a vinda de Jupiter... com chapéo alto. Era lá que, todos os domingos, se topavam os caixeiros babocas, os *pôlhos* de balcão, muito embonecados, muito merceeiraes, pelintrando com fraques de badanas curtas, á Marialva, calças estranguladas nos joelhos, á meia-polaina, botas bicudas como sapatos de palhaço de genero, gravatas de côres esbraseadas, infernaes, e os *tromblons* de gala — toda a farfalharia catitinha da elegancia patarateira, bandalhona, da rua dos Fanqueiros, a distincção palerma que, immediatamente, tresandava a *céra-moustacha*, a espirito de lucia-lima e a agua de Colonia de tres patacos cada frasco.

Era lá que os gorilhas de regresso do Brazil, intonsos, pachorrentos, brazileiravam com suas farpellas claras, seus panamás de rigor, e seus anneis pomposos, onde um grosso brilhante acceso imitava um olho farcista que ri...

Lá se encontraram as ultimas *cocottes* authenticas que Lisboa teve, as ultimas das que mais gentilmente possuiram a arte de aprisionar o amor, essa força alada e errante como o desejo, as derradeiras que passaram entre a musica dos madrigaes... e das libras esterlinas: *a Polaca*, protegida por um dos nossos mais habeis politicos e diplomatas, uma rapariga finissima, tendo a elegancia fragil do bambú, a graça subtil das flores d'agua, uma amante digna d'um banqueiro judeu ou d'um principe slavo; a Augusta Bellune, [1] uma

[1] Bellune é como que o symbolo euphonico da ultima epocha da galanteria lisboeta. Os adais da janotaria, se dispendiam suas forças vivas na frivolidade e na bagatella, sabiam tambem pôr nas suas aventuras a mundana e escandalosa nota crême d'um capitulo de Faublas, e sabiam respeitar as mulheres, até mesmo essas

madeirense que parecia trazer a Primavera nas pregas do seu vestido cantante, uma rapariga tão parisiense como as do *boulevard* dos Italianos, uma *professional-lover* que não escrêveu Memorias como Imperia, Lola Montes e Cora Pearl, nem romances como Celeste Mogador e Liane de Pougy, que não foi bailarina como a bella Otero, nem tentou penetrar o mundo violeta do theatro ligeiro como Emilienne d'Alençon, mas que morreu de tuberculose como Margarida Gautier — a rainha das alegrias prohibidas, cujo manto era talhado na purpura do seu sorriso e cujo diadema era constituido pela altiva radiação das suas graças poeticas.

Quantas senhoras frequentavam o Passeio dos ultimos tempos, bellas e na flôr da mocidade, que hoje sentem approximar se o momento em que se trava batalha contra as primeiras rugas, em que todos os aspectos da vida vão parecendo pallidos, de morta-côr, em que se não ousa já affrontar a plena luz do sol, nem os fins de baile... E quantos dos seus *habituados* d'então partiram já para a eterna viagem, em que se vae descobrir o X do problema dos nossos destinos...

---

creaturas de paixão e de coquettice, para as quaes o amor é o balão d'oxigenco que alimenta a vida.

Depois veio a decadencia. A galanteria é moeda que deixou de circular, os Lauzun não são d'este mundo que se escrophulisa na Baixa e faz a Avenida depois das 4, os versos de Dorat — o poeta d'agua de rosas — seriam sanskrito para os *verts-galants* do Chiado, para os snobistas philogynicos que passam e repassam no cinematographo da chronica periodistica.

E agora, que a barca de Watteau já não leva os amantes a Cythera, é natural que sejam as tipoias do *Bitaculas*, do *Lagarto*, do *Paço d'Arcos* e do Galvão, que os transportem ao Tavares...

XXVI

Varios botequins das immediações do Passeio. — Estabelecimentos suspeitos. — Manifestações e pasquinadas. — Prosegue-se na enumeração dos botequins. — O café do *Nobrega*. — *O Aurea*.

Tornemos á vacca fria. Em 1796 encontrava-se uma loja de bebidas á esquina da rua das Pretas e da praça d'Alegria, na mesma loja, parece-nos, em que esteve o botequim *do Friza*. Este tornou-se suspeito á policia em 1809 (*Pap. Div.*); e em 1822 sabe-se que ahi se falava em desabono do systema constitucional e dos deputados que formavam o congresso. (*Correspondencias*, etc. Maço 21). Em 1824 foi logar para conciliabulos da sucia *infantista*. Acabou em 1827.

Ahi por 1840 estava na rua das Pretas o chamado café *das Pretas*. Na parede exterior tinha pintadas umas pretas. Pela mesma epocha tambem havia nas casas da praça d'Alegria (frente ao Passeio) o café do *Navio Brilhante*. E n'uma casa abarracada, que occupava o terreno do palacio do sr. Polycarpo Anjos (na praça dos Restauradores) era o armazem do Lourenço José Pereira, appellidado o *Porquinho da India*. Só se servia com creados gallegos. Tinha varios armazens em diversos pontos da cidade. Em dia d'Anno Bom fechava-os todos, e offerecia um jantar aos seus empregados, reunindo-os na casa do Passeio.

*

* *

Em 1824, muitas lojas substituiam os parlatorios dos cafés.

Notava-se sempre grande falacia de partidarios de D. Miguel nas lojas dos mercadores Guimarães e Moreira, e na do retrozeiro Carrilho; no droguista Silvestre, defronte do cerieiro da rua de S. Roque, na loja de louça do Jeronymo Grondona, ao Calhariz; na livraria do Caetano na rua da Prata, na papelaria do Guimarães, ao Chiado, onde ia o famigerado padre Braga,[1] na botica do Placido na rua dos Algibebes, junto á ermida: na loja de ferragens do Coutinho no Chiado (o Coutinho, pae do visconde d'Ouguella), onde ia muito o padre Mexia, ex-frade dominico, que, de dia, frequentava botequins, e, de noite, lupanares e tavolagens; na botica do Bragança, ao Loreto, na loja de sombreireiro defronte dos Martyres; e, em Belem, na drogaria do Castanheira, junto ao Picadeiro, no capellista Tiburcio, e na tenda do *Perna de Pau*, na calçada d'Ajuda, (*Policia Secreta*, etc.), no cerieiro Teixeira da rua de S. Roque, no chapelleiro Duarte, á esquina do Chiado e da travessa d'Estevão Galhardo. (*Correspondencias*, etc. Maços 12 e 14).

No Rocio havia umas poucas de lojas vigiadas pelos

---

[1] O padre Braga era um scelerado. No dia da *Abrilada* prégou da janella d'um primeiro andar no quarteirão dos Padres de S. Domingos, no Rocio, dizendo «que era aquelle o dia d'acabar com os Pedreiros Livres». E passando depois ao palacio da Regencia, onde estava D. Miguel, offereceu-se-lhe para carrasco. A sua exaltação politica provinha de o não terem nomeado bispo logo que cahiu o systema constitucional, e porque julgava que uma nova ordem de coisas lhe daria esse logar. Preso no Limoeiro, embebedava-se e fazia discursos violentos.

Deu provas de que era capaz de clamar ao povo com um crucifixo n'uma mão e um punhal na outra. (*Communicação da policia secreta. Avisos*, etc. Maço 53).

espiões por causa da tagarellice politica: o chapelleiro Narcizo, o Roza serigueiro, o Mathias Roberto de Miranda, em numeros 37 e 38, João Climaco, *o Pavão*, mestre na loja do Candido chapelleiro.

Na rua de S. Roque tambem havia palradura suspeita na botica fronteira á travessa da Espera. (*Pap. Div.* Maço 11).

O livreiro francez Jorge Rey, que soffrera perseguições no tempo dos francezes, voltou a cahir sob a alçada da espionagem. Desconfiavam que se tramava alguma coisa na sua loja, no Chiado, porque, ao anoitecer, se reuniam ahi pessoas que davam muito á taramella, e que se suspeitava pertencerem, ou terem pertencido a sociedades secretas. O pessimo comportamento de Rey era notorio desde 1817, affirmava a policia. Ordenou-se ao Juiz do Crime do Bairro do Castello que procedesse a diligencia, a qual se realisou ás 7 horas da noite de 26 de março de 1824, encontrando-se reunidos na dita loja o Rey, seus tres filhos, o major Debouis, e Francisco da Silva Milheiro, empregado na Divida Publica, estes dois ultimos conhecidos por constitucionaes. D'esta feita o Rey não poude escapar á acção coerciva da policia, como d'outras vezes escapara, protegido pelo consul francez, João Baptista Lesseps (tio do constructor do canal de Suez, que aqui esteve como addido consular). [1]

Foram catrafilados n'um prompto, e postos incommunicaveis. O Intendente, com exaggerado rigor, queria que os livreiros fossem mandados para França. O processo seguiu os seus termos e foi enviado ao marquez de Palmella, declarando-se que Jorge Rey era inimigo não só do rei de França, mas d'outro qualquer rei.

Por fim, o Rey e os filhos assigaram um *termo* de não consentirem esses conciliabulos na sua loja, sob

---

[1] Lesseps tambem exerceu o cargo d'encarregado de negocios. Morava no largo do Poço Novo, 1.

pena de degredo para a Africa. (*Livro 21 das Secr.*) Não se podia dizer chus nem bus. Era dos livros...

Das pessoas acoimadas d'*infantistas* perdia-se o numero.[1] Eram os Possers, o João Gourlade, o *Pulga*, commandante do presidio de Porto Franco, o capellista Leoni, o *Pão d'Assucar*, desembargador de Pernambuco, o frade de S. Domingos, Antonio d'Annunciação, que vivia amancebado e tinha quatro filhos, o Telles procurador, o conego Moyá, da Sé, o padre João de Souza, cantor da Sé, o Francisco Maria Carrasco, que estivera preso por ladrão, mas que ia todos os dias orar, de braços abertos, a Nossa Senhora da Rocha, etc., etc., etc.

Depois da *Villa Francada* os liberaes andavam com a pelle em risco. Em S. Carlos estrondeavam os vivas absolutistas. A parte da policia de 3 d'outubro de 1823 (*Pap. Div.*) diz que no theatro de S. Carlos houvera muitos vivas a El-Rei absoluto, á Rainha, e a Fernando VII, mas que não haviam sido com tanto enthusiasmo como no fim da peça, em que, apparecendo um homem de casaca, dentro da caixa do theatro, dissera: — «Por ordem superior estava encarregado d'avisar o publico que Cadiz tinha succumbido, e que estava salva

---

[1] Como se haviam espalhado na capital e no reino noticias de que existiam partidos a favor de differentes membros da Familia Real, e de que alguns capellistas do arruamento respectivo, particularmente o Coutinho, vendiam cintos para senhoras, com a legenda *Partido d'El-Rey*, o que era ocioso e desnecessario (dizia o officio), ordenou-se ao Juiz do Crime do Castello que os apprehendesse e enviasse á Intendencia.

No anno seguinte (1825) avisaram se os juizes do Crime do Castello e d'Andaluz de que nas lojas de penteeiro da rua Nova do Almada se fabricavam uns anneis de marfim azues e brancos, allusivos ao laço que se usara *no tempo revolucionario*. Foram mandados apprehender e quebrar. O capellista Salles foi preso por vender botões tendo o distico *Constituição*. O alfayate Martins Chaves, incumbido de fazer as librés para os creados do conde de Sub-Serra, antes de partir para Madrid, pregou os taes botões nas ditas librés, motivo por que foi preso no segredo da cadeia do Castello. (*Correspondencia confidencial*. Corte. N.º 1. 223-297).

a Familia Real.» A musica tocou logo o hymno, e foram geraes os vivas á Familia Real Portugueza, a Fernando VII, e ao exercito defensor da Hespanha. Mas que, na rua, a maior parte dos homens ia dizendo que não era verdadeira a noticia, «porém que sempre era bom dar palmas, porque não era possivel ter succedido aquella novidade em Cadiz no dia 28 de Setembro, e no dia 3 d'outubro, já se saber em Lisboa».

Os pasquins começavam a apparecer. Na vespera d'aquella manifestação encontraram um pregado n'uma esquina da rua do Ouro. Dizia assim: «A que ponto chegará o nosso soffrimento? Até quando soffreremos nós os furores e o despotismo de semelhante governo? E' tempo, cidadãos, corramos ás armas: Salve-se a Patria da vergonhosa oppressão em que geme: morra a tyrannia, viva a liberdade, viva a constituição de 1822.» (*Pap. Div.*)

*

* *

Com a entrada das tropas auxiliares britannicas, em 1827 (divisão commandada por Clinton), prohibiu-se o conservarem-se abertos os cafés depois da hora do estylo, ficando sem effeito as licenças concedidas para tal fim. Todavia, muitos reclamaram.

Tambem o vice-almirante Beauclerk, commandante da esquadra ingleza, pediu para que se conservassem fechadas as tabernas da Junqueira, das 6 ás 8 horas da manhã, por causa das desordens que faziam os marinheiros. (*L.º 24 das Secr*).

Estas reclamações não eram novas. Já em 1813 W. Peacocke, commandante das forças britannicas, officiava ao ministro inglez, Carlos Stuart, para que a policia obstasse á entrada dos soldados inglezes nas tabernas da estrada de Belem, a que elles tinham posto o nome de *Boulay Bay Street*, alludindo a este fóco de vicios e desordens. (*Avisos*, etc. Maço 23.)

Pela mesma epocha, houve em Lisboa duas casas de pasto muito afreguezadas: *a do Padre Santo*, á esquina da calçada do Carmo e da rua do Principe, agora a drogaria dos Azevedos, e *a das Ostras* n'uma sobreloja que então possuia o predio que torneja da rua Nova do Carmo para a do Principe.

Na Ribeira-Velha, contiguo á Casa da India e junto ao Ver-o-Pezo, existiram as tabernas chamadas *do Mal Cozinhado*. Foram mandadas remover d'esses locaes em 1830. (*Avisos*, etc. Maço 66).

Cabe a vez de falar d'um café dos mais conhecidos de Lisboa — o café *Aurea Peninsular*. Esta antiga loja de bebidas da rua do Ouro teve como predecessora uma casa de jogos de bilhar, cartas e gamão, pertencente a José Manoel d'Aguiar, que, em 11 d'agosto de 1819, foi preso por não ter licença para jogos, mas, pouco depois, mandado soltar, pagando 38$400 réis de multa. O estabelecimento tinha então os numeros 92 e 93. (*L.º 33 das Secr*).

Em 1827 era dono d'essa casa o José Joaquim da Nobrega, que lhe poz o nome de café *do Nobrega*. Este novo proprietario tomou mais duas portas, e a loja ficou assim occupando de numero 89 a 93.

O Nobrega era filho d'um antigo empregado do Arsenal de Marinha.

Em 1855 já aquelle homem fallecera, porque se annunciou que no café da Viuva do Nobrega se vendia cerveja de Guichard, do Porto. (*Braz-Tizana*. Porto).

O antigo café *do Nobrega* terminou em 28 de junho de 1855, dia em que foi feito leilão do mobiliario constituido por dois bilhares, mezas com pedra, ditas de madeira para jogo de cartas, com seus pannos, cadeiras, candeeiros de gaz e de azeite, relogio, etc.

Foi corretor A. O. Guimarães. O café pertenceu a novo proprietario que o reformou *de fond en comble*, supprimindo-lhe as antigas sobre-lojas e chrismando-o em café *Aurea Peninsular*.

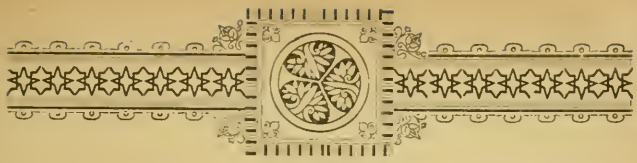
O *Jornal do Commercio* de 16 de outubro de 1855

participava a inauguração do botequim nos seguintes termos: — «Hontem abriu-se no antigo botequim do Nobrega um café denominado café Aurea Peninsular; pertence ao proprietario do do largo de Santa Justa. E' um estabelecimento dos mais decentes de Lisboa. Parece ter pouca luz em consequencia de ser bastante escuro o papel que forra a sala e a casa do bilhar. A cozinha está bem arranjada e com exemplar aceio».

Tal era o café *Aurea Peninsular* que acabava de soffrer, pela terceira vez, outra reforma.

O café *Electrico*, na rua dos Algibebes, deve a sua fundação a um inglez. Tem uns sessenta annos de estabelecido. Ha quarenta annos tomou o nome de café *Electrico*.

Ha uns trinta annos, pouco mais ou menos, havia dois cafés na rua do Alecrim: o café *de Paris*, defronte do actual *Chat Noir*, pertencente ao José Maria, que morreu corretor do hotel *Alliance*, e o café *do Hoffmann*, n'um primeiro andar junto ao Arco Pequeno.



XXVII

Descida á Ribeira Nova. — Cantos escuros. — Na ultima escaleira do vicio. — Botequim famoso. — A Ribeira Nova civilisa-se, muda de modos e de mascara. — Tunantes e tunantices.

Antes da Maria da Fonte estabeleceram-se muitos cafés de lépes pelo sitio da Ribeira Nova, que se poderiam pôr á parelha com o *Pepino* de Cima do Muro — o tripeiro, e com as bodegas fandangueiras da Porta dos Carros, onde se emborcavam, de grande, os pichôrros de verdasco, e onde echoavam as notas do fado corrido ou as toadas minhotas, monotonas como soidos de sanfôna:

Toma o limão verde
O' da fresca limonada!

e o *regadinho*, quando não era algum *Ta ra ra boum de day*[1] provinciano, alguma d'essas cantilenas populares em que parecem haver os rebolidos candongueiros das vasquinhas de serguilha, os peneirados lubricos, os balouços sensuaes de quadris das cachopas guapas de Villar d'Andorinha, de Lavadóres, da Bandeira e de Grijó, e em que, por inexplicaveis effeitos

[1] Canção creada por Lottie Collins, cantora de *music-hall*, que se popularisou em Inglaterra.

de suggestão auditiva, julgamos sentir o traquinar diligente das tamanquinhas ponteagudas das regatôas zoinas do Anjo, das padeiras de Vallongo, das leiteiras de Valladares e das lavadeiras de S. Mamede d'Infesta.

Todos aquelles cafés pelintras — completos muladares do vicio, paludosos marneis do crime — eram infestados por maritimos frecheiros, valentões blasonadores, fadistas, e loureiras pirangas, ancillas do prazer vendido a moeda refêce, que, á hora das Trindades, baixavam, aos magotes, da Bica de Duarte Bello, da Bica Grande, do largo de Santo Antonino e das travessas proximas. (*Mysterios do Limoeiro*, vol. II).

Escutava-se o ruflar azafamado das saias engommadas das moçoilas, descobrindo pedacitos de gambias magricellas ou de pernaças gorduchas como as pernas das sanjoanneiras da Foz.

Passavam penteados altos, luzidios de banhas e de pentes d'aço, olhos cavados por perpetua febre, mas dardejando significativas olhadellas d'esconso, boccas rasgadas, escarlates, sangrentas, como um gilvaz talhado por uma cimitarra, faces precocemente enrugadas como maçãs reinêtas, mas retocadas a alvaiades para tapar os senões; cordoveias do pescoço inchadas como varizes, peitos flacidos, bamboantes, arquejando com esses movimentos precipitados e ondulatorios que as comicas teem nos momentos solemnes das portentosas emoções theatraes, garupas carnudas que resaltavam, sob os vestidos, em boleados provocadores, ancas que se alargavam como ventres d'amphoras.

Essas mulheres de pouco mais ou menos, umas descaradas, deixavam após si um rasto de perfumes enjoativos que estavam para as essencias finas como o vinho ao quartilho estava para o Tokay.

Havia um estrupido macisso de tairocas, um chinel-

lar de pantufos de trancinha — tudo de cavallinho, muito chinfrin. As *pêgas* chocalheiras e chocarreiras bacharelavam a torto e a direito, riam as estopinhas, estridulamente, a trancos, chalaceavam, empregando um vocabulario muito conhecido dos lexicologos da rua do Capellão.

Percutiam-se as notas mais asperas da extensa gamma do vocabulario porcalhão, expelliam-se larachas com um pico de colorau, phrases d'um luzitanismo apenas comprehensivel ás orelhas da Madragôa.

Tudo isto aguilhoava os nervos da canalha, escouceava-lhe os desejos, espicaçava-lhe os instinctos, promettia-lhe manojos de flores eroticas, colhidas nos canteiros bem estrumados da Severa.

A Ribeira Nova não era sitio muito agradavel. Link, que viajou em Portugal de 1797 a 1799, dizia o seguinte a respeito da Ribeira Nova: — «Em uma das ruas mais frequentadas, perto do rio, para os lados da Ribeira Nova, apenas se encontra um carreiro estreito, junto ás casas, onde se possa pôr pé. Imaginem, continua elle, a quantidade de pessoas que se cruzam a cada momento, os gallegos carregados de pesos enormes, e que não pódem afastar-se, as seges que andam o mais perto possivel das casas, a fim dos cavallos não ficarem enterrados na lama, e, o que é peior ainda, as porcarias que se lançam sobre os transeuntes».

No tempo da Maria da Fonte tudo isto mudara, as circumstancias eram muito outras; a segurança, porém, é que continuava a ser muito problematica.

Os botequins eram perigosos. Ainda hoje existe na rua da Ribeira Nova, numeros 18 e 20, o botequim *dos Macacos*, assim chamado porque tinha dois simios pintados nas paredes. Pertenceu a um tal Caraças no tempo dos francezes, em que foi frequentadissimo por marinharia estrangeira, principalmente por tripulantes

da esquadra russa do almirante Siniavinn. Mas a sua fundação remonta a epocha mais afastada, porque chegou a ser frequentado pelo Bocage, que tambem ia ao bilhar *da Marinha* no boqueirão da Ribeira Nova, antecessor, ao que nos parece, do café *da Marinha* que estava no Caes do Sodré em 1816.

Modernamente, o botequim *dos Macacos* tinha frequencia d'ovarinas, de peixeiros, e de marinheiros inglezes, quando vinha ao Tejo alguma esquadra britannica.

O rabiscador d'estas linhas teve occasião de vêr, como visinho que era, os formidaveis banzés que os inglezes ahi armavam.

Cá fóra, a multidão pasmada fazia meia lua. Lá dentro uma berrata, um reboliço, um inferno, fervia bordoada de crear bicho. O dono, que não era para graças, tinha a cara transformada n'um bolo, os guitas apanhavam para o seu tabaco, os moços da loja andavam em palpos d'aranha.

N'esta nova especie de circenses, as armas d'arremesso eram os bancos de pinho. A inglezada, espiritada pelos licores, creava alentos, punha tudo em polvorosa.

Como dissemos, ha cincoenta annos todos esses botequins da Ribeira Nova eram pontos em que se corria algum perigo. N'esses logares, algo tenebrosos, onde esfervilhavam anchas saias de chita muito maganas, onde as cantigas dos bandurrilhas punham trepidações brejeiras nas nalgas, e os fadistas velhacazes se requebravam nas gaifonas do fado batido, ou tergiversavam nos passes gymnasticos das *escovinhas*, o viandante pacifico via-se arriscado a que lhe dessem cabo do canastro.

Um antigo regedor de S. Paulo, José Carlos Nunes, fez trancar, a eito, os portaes dos botequins safardanas, e limpou o sitio d'essa revoada de crapulosos noctivagos, vindos ao chamariz do deboche.

O unico botequim que escapou da joeira regedoral foi o botequim *dos Macacos*. Ha dois ou tres annos soffreu uma reforma. Nos muros, os dois macacos tradicionaes cederam o campo a dois medalhões, devidos, talvez, ao pincel burlesco d'algum pintor troca-tintas.

A Ribeira Nova deixou ir os seus creditos por agua abaixo. Perdeu a fama de logar das zaragatas. Não mais se tornaram a ouvir as cantigas interruptoras da somnéca da visinhança, quando, a deshoras, o tepido do nosso luar banhava o velho mercado e o forte de S. Paulo. Deixaram-se d'ouvir os banaboias, que, ordinariamente, arrastavam alguma copla conhecida:

O' saloia, dá-me um beijo,
Que eu te darei um vintem,
Os beijos d'uma saloia
São poucos mas sabem bem.

ou alguma trova sentimental de navegante piegas:

Eu já vi nascer o sol
Nas alturas de Cabo Frio,
Adeus, mulatas d'Angola,
Adeus, creoulas do Rio.

* *

Alguns tunantes da Ribeira Nova deixaram fama das suas ladroeiras ou fadistices: o Pedro *Passarola*, o Manoel *Barreirento*, o *Campino*, e outros maganões que taes. O *Campino* era todo gingão, de véstia curta, o classico chapéu posto á zamparina, *cachucho* reluzindo no dedo mendinho da mão grosseirona, melenas frisadas e repuxadas adeante, á chula, deitando o pé para fóra, á facaia. Resingão, birrento, quando estava com a piela. Levadinho da bréca, sobretudo um grande corredor, tanto que, uma occasião, na rua de S. Ben-

to, D. Carlos Mascarenhas perseguia-o no seu cavallo, a toda a brida, e o *Campino*, crescendo-lhe a rebentina, bateu as azas... e voou, tal qual o passarolo da cantiga.

Era um patuscão que morria pelo chinquilho, o bom vinho, e peixe frito com salada, manducados ao sombral das parreiras da Rabicha, do José dos Pacatos, do Manoel Jorge, ou do Joaquim dos Melões. Guitarreava, ferindo toeiras novas nas cordas gemebundas do instrumento, tirando accordes *secundum artem*.

Quando cantava as glorias da Severa — essa flor estercoreira —, lacrimoso, olhos em alvo, arrastava a voz de borrachão engasgado, voz que parecia sahir com uns arrancos de quem revessa comida com grande força expultriz:

Zóra lá na mansão celeste,
Com tua banza na mão,
Farás di os anjos fadistas,
Ai! Porás tudo em confusão.

XXVIII

Pelo Chiado. — Os seus cafés. — A' porta do *Central* — Excentricismo. — Uma scena de tapôna. — *Blague* de dois humoristas. — Typos do Chiado. — O ultimo abencerrage. — Lamenta-se a decadencia do Chiado. — O Chiado do tempo Bocagiano.

Tratemos dos cafés do Chiado e cercanias. Na antiga loja da modista Lombré, depois Marso Barincou, e hoje a chapellaria Tavares Bastos, esteve, até 1834, a loja de bebidas do Baptista, italiano, que a manteve por largos annos. As duas portas de baixo — hoje camisaria Parisiense — eram de um cerieiro. Em 1840 havia o café do Thiago, junto á loja onde depois esteve o Baltresqui e agora está um armazem de machinas de cozer.

Na loja n.os 17 e 18, fronteira á calçada do Sacramento, actualmente occupada pelo armazem de modas do Barboza, era o botequim do Lourenço Manoel Fernandes. Acabou em 1836 ou 1837. O brilhante escriptor sr. Zacharias d'Aça contou, em tempos, um interessante caso acontecido n'esse café. Entrou ahi o José Maria Saloio, homem de força herculea, e destemido liberal, que teve seus dares e tomares com o moço da casa, gallego robusto e grande miguelista. Este, no auge da furia, disse não ter medo de *malhados,* ao que o outro replicou que tambem não tinha receio de *bur-*

ros. Engalfinharam-se os dois, e José Maria terminou a contenda, pespegando com o gallego debaixo da mesa.

A'esquina da travessa de Estevão Galhardo e do Chiado, (onde está uma camisaria) era o *Toscano*, pertencente a um italiano chamado Domingos Daddi. Tinha enorme freguezia e era ponto d'encontro dos artistas de S. Carlos. Jogava-se muito o bilhar, desde a *pula* e os pausinhos até ao *doublé* e ao trinta e um. O café do *Toscano* já existia em 1826.

Daddi chegou a ser preso em 1828 por consentir conversações politicas no seu café. (*Avisos*, etc. Maço 61).

Na mesma esquina onde esteve o *Toscano*, ou na fronteira onde está o Benard, era, no seculo passado, a livraria dos francezes irmãos Borel. [1]

O predio do *Toscano* pertencia então ao negociante Antonio José Ferreira.

No tempo dos francezes havia um café chamado *Toscano*, no Calhariz. (*Pap. Div.* Maço 1). Era á esquina da travessa das Chagas e ainda existia em 1828. (*Corr*, etc. Maço 138).

Os cafés do Marrare, o Minerva das Sete Portas, e o Toscano, abriam a venda da neve em dia de Corpo de Deus; o Nicola e o Grego vendiam-n'a desde o 1.º de maio.

Afóra estes botequins mais conhecidos havia uma casa que vendia neve manufacturada. Era na rua do Ouro, junto ao Terreiro do Paço. (*Gazeta* 1825).

A neve para fornecer a capital era dada em arrematação pelo senado da camara. A neve em rama vendia-se no seu privativo armazem na travessa da Par-

---

[1] Os irmãos Borel (Diogo, João Baptista, Cesario Alexandre e Pedro José) ainda estavam no Chiado em 1809. (*Registo de Cartas Regias e Decretos*. L.º 85).

reirinha, n.º 9, proximo ao theatro de S. Carlos. (*Gazeta*, 1823 e 1824).

No largo de S. Carlos n.º 6, á esquina da travessa da Parreirinha, existia o café do Luiz Cabassa ou Cabasso. Este café tinha illuminação a azeite de peixe e era servido por um gallego muito sujo. O Luiz Cabassa era um forrêta, um nico. Sustentava-se, mais o gallego, com um punhado d'arroz cosido e duas ou tres enxovas bem espremidas. Vestia sempre uma niza côr de pêllo de rato, e dizia a proposito de tudo: — *Tanto bene monta*, que se podia traduzir por: — *Tanto se me dá como se me deu.* Se o queriam vêr encavacado era ameaçal-o que lhe rompiam o panno do bilhar.

Foi elle quem primeiro vendeu em Lisboa o salame e os queijos italianos. Luiz Cabassa morreu em 1864, deixando alguns contos de réis. (*Diario de Not.* Folhetins de Midosi).

No largo de S. Carlos estava o *restaurant Pomba de Prata*, pertencente a Antonio Augusto Barrabin.

Barrabin foi proprietario do hotel d'Italia, que dava bellos jantares de peixe ás sextas-feiras, e que tinha o melhor *cognac* de Lisboa (depois do do marquez de Niza) que lhe fôra vendido pelas irmãs de caridade. (*Os Excentricos*, etc.).

Em 1819 havia um botequim junto á egreja do Loreto (*L.º 19 das Secr.*), botequim que depois pertenceu ao italiano Pedro, ao qual succedeu o chapelleiro Grezielle. Este veiu a mudar a chapellaria para a rua da Horta Secca, perto da loja onde estivera a casa de pasto do Ferreira.

O Pedro deixou fortuna, mas seu filho, um perdulario, deu com tudo em droga.

Dissemos, anteriormente, que ao pé da egreja do Loreto estacionavam vendedeiras. Em 1829, os lojistas do predio contiguo á egreja reclamaram contra a permanencia d'essas mulheres e d'um côxo que expunha uma *camara optica*. Allegavam que ferviam as descomposturas entre ellas e os vadios, e que os larapios,

aproveitando a occasião, roubavam lenços. (*Corr.* Maço 15).

Com a demolição dos casebres do Loreto desappareceram tres antigos botequins: o do Thiago, á esquina, do qual já falámos, e cujo proprietario foi casado com uma ingleza; o do José das Pernas Grandes, e ainda um outro, ambos na rua do Loreto. (*Summario*, etc.).

A policia dizia (1829) que era no botequim do Thiago que se dava o dinheiro para os hespanhoes emigrados. (*Corr.* Maço 15).

Conta-se que nos casebres do Loreto existia, em tempo de D. Miguel, um barbeiro casmurro, que tinha por costume mostrar aos que elle suppunha *malhados* um painel semelhante ao que acompanhava os condemnados ao patibulo, tocando ao mesmo tempo uma campainha e gritando: — *Olha, malhado!* — Deram-lhe cabo da pelle no dia 24 de julho.

*

* *

O derradeiro dos cafés de nomeada que o Chiado teve foi o café *Central*, á esquina da travessa de Estevão Galhardo, hoje rua Serpa Pinto. Este café desappareceu, com os seus gabinetes de sobre-loja, em 1875, cedendo o logar á loja de quinquilharias de Elie Benard. Foi o ultimo baluarte da ultima pleiade de valentes do Chiado, á qual pertenceram os Maniques, os Galaches, o marquez de Castello-Melhor, Gama Lobo (que foi morrer em Hespanha como voluntario carlista), D. José d'Avilez, D. Pedro e D. Antonio Galveias, D. Alexandre Saldanha (Ponte) e Alfredo Ruy da Silva (*o Silva Canellas*).

Foi o ultimo centro de paragem dos janotas, dos bo-

hemios, dos que conheciam todos os encantos do capricho, sem mesmo lhes escapar esse supremo pesadêlo dos governos sabios... e constitucionaes — a divida fluctuante.

O *Central* pertenceu ao Domingos Antonio, que andava sempre de sobrecasaca e chapéo alto. Ia para a cosinha fazer os *beefs*, sempre de *casquête*. Foi elle o primeiro homem que estabeleceu o serviço de *restaurant* nos cafés. Até ahi os botequins apenas forneciam ovos quentes á portugueza.

As especialidades do *Central* eram: *beefs*, linguado frito e rim grelhado.

Fallecido o Domingos Antonio, o café *Central* ficou pertencendo á viuva, que entregou o botequim a um administrador. Este illudia os freguezes, mandando, á socapa, buscar os *beefs* á taberna do Baldanza, e fazendo-lh'os servir em louça do *Central*. Os freguezes, ao principio, não deram pela marosca, mas, por fim, perceberam-n'a, e abandonaram a casa, que deu em pantana.

A's portas do café *Central* estacionavam, por noite velha, os *serenos* do Feliciano das Seges — umas tipoias parranas, de cocheiro tosquenejando no alto da boleia, e uns sendeiros com pulmoeira e alifáfes, outr'ora formosos murséllos, cardões ou russilhos d'Alter, reduzidos a *facas*, compradas ao desbarato a algum alquilé cigano na Carreira dos Cavallos.

Um dos bucephalos das tres *arcas* do Feliciano possuia uma manha singular. Logo que ouvia dizer a alguem que ia para Cintra, começava aos pinotes e desembestava coices furiosos. O Feliciano acudia immediatamente gritando: — Não diga ao cavallo que vae para Cintra, diga-lhe outra coisa. Diga o que quizer, menos isso...

O Feliciano sentava-se n'um banquinho de tapete, á porta do Central, e ahi estava, horas e horas, a ruminar no seu curtissimo cachimbo. Não dava ordenado

fixo aos cocheiros; pagava-lhes da maneira seguinte: de cada cinco tostões, o cocheiro tinha seis vintens. Se o freguez não pagava, o que acontecia muitas vezes, o Feliciano tinha ainda assim de se esportular com a sua quota parte.

Foi um dos mais famosos *batedores* de sege, e boleou até ao tempo da Maria da Fonte.

Morreu pobrissimo. Para se lhe fazer o enterro tornou-se necessario abrir uma subscripção, que foi iniciada pelo Silva Canellas.

*

* *

Ao grupo de freguezes do Central pertencia mais d'um excentrico. Citaremos Luiz Sampaio e o pianista Eugenio Mazoni. O Luiz Sampaio, pae da viscondessa do Cartaxo, e tio de Eduardo Garrido, ia diariamente para esse botequim, *para o escriptorio* dizia elle, onde se entretinha a escrever cartas e a tomar de doze a quatorze chavenas de café!

De Eugenio Mazoni contam-se muitas excentricidades. N'uma noite de carnaval fôra convidado pelo conde de Farrobo para assistir a um dos seus bailes das Laranjeiras. Não querendo faltar ao convite amavel, mas havendo sido instado por João Evangelista d'Abreu, e outros empregados superiores do caminho de ferro, para tomar parte em uma ceia nos quartos d'um dos engenheiros ao serviço do marquez de Salamanca, no palacio do Calhariz, compareceu na ceia pela uma hora da madrugada, em trajo cerimonioso, isto é, de casaca, gravata branca, peitilho tezo e espelhante como cartão bristol, *claque*, e sapatos envernizados. Sua apparição foi saudada por um *hurrah* geral e estrondoso. N'esse estrugir de *sabbat* orgiastico, e ao calor picante do Champagne jubilatorio, os convivas congestionavam-se em gargalhadas, que retiniam como aureos cruzados

novos d'el-rei D. João V cahindo n'um barnegal precioso. A ceia, para a qual haviam sido convidadas algumas bailarinas de S. Carlos, que, mascaradas em *costumes* diversos, deram a nota bargante á festa nocturna, prolongou-se de maneira que era dia claro quando terminou. Uma das dançarinas, vestida de *débardeuse*, tanto pulara no baile, que os seus sapatinhos de setim rebentaram. Não havendo tomado carruagem para se recolher a casa, foi obrigada a sahir a pé, acompanhada pelo Mazoni, até achar transporte que a levasse á sua habitação.

Em quarta-feira de cinzas e a tal hora, 7 da manhã, nenhuma carruagem encontraram até á egreja dos Martyres, onde a bailarina declarou, peremptoriamente, não poder continuar, em virtude do cansaço e das dores nos pés. Mazoni, receiando que o ar frio da manhã prejudicasse a sua companheira, propoz leval-a ás costas, se ella se prestasse a escarranchar-se-lhe sobre os hombros.

A rapariga acceitou a proposta, e o Mazoni — encasacado, de gravata branca, e *claque* na cabeça — lá foi, Chiado abaixo, até perto do Passeio Publico, onde a bailarina morava.

Os transeuntes riam-se da excentricidade, mas elle não fez caso do riso, e proseguiu, imperturbavel, com o precioso fardo.

*
* *

Narremos agora uma famosa scena de pancadaria que o café Central presenceou em 1872 ou 1873. Um escriptor muito conhecido pelo seu espirito dicaz, pelo seu bohemianismo e por se ter conservado fiel ás tradições da litteratura noctivaga, D. Thomaz de Mello, escrevera um livro — Scenas de Lisboa — em que criticava com penna ligeira, molhada em vinagre, a raça interessante dos marialvas do Chiado, ou os *abas di-*

reitas, conforme eram conhecidos. O marialvismo jurou tirar vingança.

O plumitivo em questão, pouco atreito a medos, apresentou-se certa noite no Central e abancou a uma meza. N'outra estavam sete sujeitos d'aquelles que o escriptor visara na sua obra. Mal o bisparam, vieram, um a um, reunir se em torno d'elle, censurando-o pela critica acerba, tomando attitudes provocantes como uma insolencia, agitando o guizo do escarneo, ao que o escriptor respondia com uma complacencia que era um meio termo entre a indifferença e o desdem. Alfim crearam animo, e, sem se importarem com o acto cobarde que praticavam, atiraram-se a elle.

Amancio Gago (*Fonte-Bella*) que entrava n'esse momento no café, e não conhecia o offendido, ao vêr tal cobardia, deu um repellão no casaco, cujos botões saltaram, e, para ficar mais á vontade, despiu-o. Amancio Gago cresce para os pandilhas, que lhe fazem frente, despede um soco a este, derruba aquelle com um golpe de savate, que jogava dilettanticamente, aquell'outro com um pontapé applicado a geito, furta o corpo ás bengaladas e ás agilidades de *capoeira*, realisa voltas rapidas como um cyclista americano nos movimentos sabios, fugas habeis como um virtuose da patinagem. N'um abrir e fechar d'olhos poz todos em debandada. Aquillo foi fogo viste, linguiça!

O valente rapaz, que consummia as energias impacientes do seu sangue na violencia derivativa d'este *sport*, dirigiu-se ao homem que defendera, e, o mais *gentleman-like*, offereceu-lhe e bebeu com elle uma garrafa de Porto.

O intrepido e intelligente official João Carlos Ribeiro, testemunha da acção epica, correu a abraçar *o ilheu de S. Miguel*, e descreveu-a depois ao seu talen-

toso collega sr. Henrique das Neves, que, sobre essa descripção, bordou um interessante folhetim n'um periodico insular.

*
* *

Ao café Central anda ligado um episodio litterario requintadamente curioso. Referil-o-hemos, aproveitando ainda o folhetim que acabamos de citar.[1] Guerra Junqueiro, Guilherme d'Azevedo e o sr. Henrique das Neves, sahiam uma noite do verão de 1874 ou 1875 do Passeio Publico, quando, nas alturas da rua do Principe, deram de cara com o grande poeta Gomes Leal. Trocados os cumprimentos habituaes, Gomes Leal perguntou aos dois poetas:

— Então vocês o que fazem agora?

— Eu e o Guilherme, responde Junqueiro, arrastadamente, começámos ahi uma coisa...

— Em collaboração?

— Em collaboração, está bem visto.

— E pode-se saber o que é, se não é segredo?

— Um poema.

— Olá!... não sabia! acode Gomes Leal com a voz perturbada.

— E o titulo?

— *Finis,* accentuou firme e claramente o Junqueiro. E, dizendo isto, seus olhos d'aguia fuzilavam-lhe de malicia, riam mephistophelicamente.

Trocadas mais algumas palavras, os dois poetas despediram-se e separaram-se.

Os tres amigos continuaram descendo a rua do Prin-

---

[1] Folhetim do sr. Henrique das Neves, inserto na *Persuasão* de 20 de Dezembro de 1882, reproduzido integralmente n'*O Figaro* de 16 de Janeiro de 1883, e, em parte, no *Diario da Manhã* de 11 de Janeiro do mesmo anno.

cipe. Junqueiro contou então que a tal peça litteraria não passava d'uma *blague* d'occasião para beliscar a susceptibilidade de Gomes Leal, que andava fraguando um poema, de que se mostrava comicamente cioso. Não obstante, Junqueiro e Azevedo eram concordes em reconhecer o alto talento poetico d'aquelle eminente cultor das musas.

Depois de subirem o Chiado deram fundo no *restaurant* do Matta, que então estava na rua do Outeiro, onde ceiaram, *principescamente*, o bello bacalhau guizado com pimentões assados, uma petisqueira maravilhosa, devida á fertil inventiva d'esse grande chimico culinario.

A's duas horas da noite chegavam todos tres ao Central para tomar café. A sala estava deserta. Encostados ao mostrador, os creados roncavam com a serenidade impetuosa de canudos d'orgão.

— Vamos nós continuar com esta *blague* ao Gomes Leal?... lembrou Guilherme d'Azevedo.

— Como? pergunta Junqueiro.

— Juntemos umas idéas estapafurdias em alexandrinos, e publiquemol-os como trecho do poema.

Junqueiro recostou-se *nonchalamment* no canapé e fitou as volutas azues e tepidas do seu charuto, que subiam, desmanchando-se lentamente, para o tecto. Principiou compondo versos, que o Guilherme d'Azevedo ás vezes completava, ora com a rima, ora com a idéa. O sr. Neves foi buscar o tinteiro ao balcão, puchou d'uma tira de papel, preparou a penna e foi escrevendo:

O MASTHODONTE

Eu falo pela terra, eu falo pelo sol,
Eu falo por Moysés, eu falo por Jesus;
Eu sou a planta, o ninho, o sapo, o rouxinól,
Eu sou o grande verme, eu sou a velha cruz.

Eu sou a alma agreste e enorme do rochedo;
Eu sou o evangelista erguido na montanha,
Que conserva no peito o tragico segredo,
Que prende a via lactea ao fio d'uma aranha.

Eu sou o eterno mudo, eu sou o imponderavel,
Eu sou a luz e a treva, eu sou o bem e o mal;
Eu sou a grande lucta, a lucta formidavel,
Que começa no craneo e acaba no punhal.

O CENTAURO

(TAMBEM FOI DESIGNADO MEPHISTOPHELES)

O' velha Natureza, ó Messalina antiga,
Que guardas no teu ventre os craneos dos heroes:
Eu quero repousar, ó minha doce amiga,
Ao doce clarão phantastico dos soes.

Eu quero repousar nas ervas luzidias
A minha dura fronte isenta de cuidados,
E sentir sobre mim a lua branca e fria,
Como as scintillações das lanças dos soldados.

Eu quero emfim saber, ó languida perversa,
Se acaso existe um Deus, alegre como Pan;
Se por ventura existe alguma luz diversa
Da luz efeminada e terna da manhan.

Eu quero emfim saber, ó pompa deleteria,
Que bello sabor tem as carnes ideaes,
Que estão apodrecendo no ventre da materia,
Debaixo do latim sagrado dos missaes.

Eram tres horas quando um Mascarille botequinal veio pedir, com a maxima urbanidade, para que sahissem, porque ia fechar o estabelecimento. Encostados á esquina do café, ainda Guerra Junqueiro e Guilherme d'Azevedo continuaram, com alegria lyrica e calor nervoso, o seu pilherico poema. Mas estes ultimos versos é que já não foram recolhidos pelo sr. Henrique das Neves. Voaram nas azas da brisa.

Na abobada celeste as estrellas piscavam os olhitos. A lua morria n'um circulo de oiro pallido. O vaporoso vestido roseo da aurora começava a prender-se e a rasgar-se nas arestas dos telhados e nas agulhas das torres. Repontava a manhã...

*

* *

Pelas portas do Central e visinhanças rondavam os paquetes do Chiado, uma freguezia baldeira que vivia de levar cartas e recadinhos amorosos, e de segurar cavallos. Então podia se dizer que o gaiato triumphava em toda a linha. Razão tinha Frederico Soulié quando dizia pela bocca d'um dos seus personagens romanticos: *O rei da nossa epocha é o gaiato!*

O côxo Meyrelles, o *Nini*, o *Lerias*, o Theodoro, os tres *Phocas*, o *Meio Arratel*, o Luiz das Neves, o Guimarães, o *rei Wamba* ou *rei Bambas*, e outros sujeitorios campavam. Arteiros portadores das epistolas amorosas, avisados depositarios de galantes secretos, farautes da rapasiada de juizo verde, villanazes que proporcionaveis a calida voluptuosidade das recamaras impudicas, valdevinos que conheceieis os locaes recatados em que era offerecido o bromureto da satisfação animal, onde é que paraes agora? Coitados! No campo da egualdade, no logar onde nem riquezas nem pompas são moedas valedias...

O *rei Wamba* tinha talvez a primasia. Era baixo, zanága d'um olho, bexigoso e gago. Usava sempre gabão e chapéo d'oleado, quer fôsse verão, quer inverno. Quando estava com a zangurriana tinha uma particular embirração com o mappa de Londres, que se encontrava atraz da porta do Central. Mettia o nariz, entrava, e quedava-se a embirrar com o mappa.

O velho Lodi commettia ao Meyrelles a missão de lhe segurar nos cavallos do trem, uma carrimonia sujissima que parava na travessa d'Estevão Galhardo.

O Mangerico, ha pouco desapparecido,[1] foi o ultimo typo da vagabundagem noctivaga do Chiado. Cerca da meia noite surdia á esquina do Loreto, e por ahi girava até ao romper da manhã, disposto a prestar serviços aos janotas. De *bonnet* de seda, embainhado em vasto casacão e arrimado a cebosa bengalinha, *o Mangerico*, apesar de côxo como Lord Byron, era expedito no cumprimento das arriscadas missões que lhe confiavam. Tinha fumaças de litteratiço e de poeta, e compozera um roteiro da Lisboa galante, de que *o Mangerico* tirava copias para vender.

*
* *

O Chiado já não é o que foi, e nunca foi o que hoje é. Já não quero referir-me ao Chiado dos tempos em que Antonio da Cunha, marquez de Niza, Villar Perdizes e D. João de Menezes ahi sobresahiam com a linha, a um tempo, elegante e varonil do seu dandysmo incomparavel.

Bastaria recuar trinta annos, á epocha em que a Maria Ritta *morria a rir*, *o Pomada Florestal* politicava, e o *Torniquete* — de negregada memoria — punha todos pela rua da amargura. Deixou de ser o centro da gravitação elegante e libertina.

E de suas lamas, outr'ora celebres, não mais se poderá dizer com o poeta:

> Oh, lamas do Chiado, oh, lamas do bom tom...

Vae longe a epocha em que n'esta via elegante dominava o puro janota — de triumphal memoria —, o que cingia espartilhos electricos nas valsas das Laranjeiras, rebentava as inamoviveis luvas amarellas applaudindo os cantores em S. Carlos, o que fazia correr nos

[1] Morreu em novembro de 1897.

arames da guitarra mephistophelica a brilhante cavallaria das gammas novas, as loucas chromaticas da mocidade, os harpejos diabolicos da extravagancia.

Agora é muito differente. No Chiado soberaniza o *gommoso* — successor dessórado, gelatinoso, do antigo janota, — o que usa penteado á Deveria, ou em bandós segundo a formula classica da bailarina Cléo de Mérode, collarinho 1830, gravata alta, ligando o pescoço como se tivesse soffrido operação d'um anthraz, sobrecasaca funebre, bengala voltada com o castão para baixo, barbinhas em bico sublinhando o perfil gallinaceo. São assim os titeres do nosso Guignol contemporaneo...

*
* *

Bocage dizia que o Chiado possuia sete maravilhas.

Mas dizia-o n'um verso tão fresquinho, que, quasi, capitulariamos de frigorifico. No numero das maravilhas, contavam-se o nariz apopletico da Estanqueira do Loreto, os enormes pés do Pinheiro, estampador do Contrato do Tabaco (estabelecido na porta pequena do actual deposito dos bicos Auer), o Antonio Marrare, atarracado e obeso como um porco pelo Natal, e as *M .. de Cheiro*, mamalhuda vendedeira de perfumarias e pomadas com loja na rua Nova do Almada, e que era dotada com umas opulentissimas conchas do seio, umas soberbas glandulas hemispherica, pendentes como têtas de negras tanganheiras, adiposas como protuberancias estéatopygias de femeas bochimanes — duas bisarmas. Outra maravilha era a cabeça do Batalha, estabelecido com loja de contaria á esquina da rua Nova do Almada e da calçada Nova de S. Francisco, loja que hoje é de seus successores, e que foi estabelecida, conforme diz a inscripção que lá tem, em 1795.

Ora a natureza presenteára o Batalha com um carão

phenomenal, uma mascara que deixaria a perder de vista as carêtas dos modernos gigantes carnavalescos. Uma vez passava o Bocage pelo Chiado, quando o Lopes, barbeiro do arruamento, lhe pediu que fizesse um verso ao Batalha. Bocage assentiu logo, improvisando uma quadra que apparece nas obras do poeta como dirigida á Estanqueira :

Cara, cara, cara, cara,
Cara, cara, e continua,
Temos grande novidade,
Anda pela terra a lua.

XXIX

As esperas de touros. — Batedores de mão cheia. — No torvelinho da festa. — Uma fadista incomparavel. — As tresmalhações. — Desfilada dos mortos. — Perda de pittoresco pela invasão dos modismos forasteiros.

NAS noites d'espera dos touros era certo juntarem-se ás portas do café *Central* quinze e vinte cavalleiros, que d'ahi partiam para acompanhar os bichos destinados ao toureio na praça do Campo de Sant'Anna.

As esperas de touros, cheias de movimento e de ruido como uma feira peninsular, alegres como um carnaval veneziano, eram diversão que enchia as medidas aos amadores das touradas. N'estes dias famosos brilhavam os mais acreditados batedores de praça, os que possuiam a fundo a *technica* da arte, os que chegavam sempre ao seu destino, por mais distante que fosse, com uma exactidão incoercivel, uma certeza mathematica de calculo algebrico: o *Zé Gordo*, que levava as lampas a todos elles (agora em Loures onde é proprietario), o Carlos *Bonito*, *o Bemfeito*, *o Ratinho*, o Domingos *Pingalho* (hoje com cocheira a Santos), o Paixão, o Manoel *Anão*, e o *Gradil* (actualmente com hospedaria e carruagens em Extremoz).

Ia-se nas horas d'estallar, *presto subito*. Zás, tráz! As carruagens batiam galhardamente, cambeteavam como quem vae com grão na aza, tem-te não caias,

as rodas feriam lume, os cavallicóques pareciam ter azas nas patas. O' batedor fogoso, onde te escondeste que já não ha d'isso?!

De caminho molhava-se a palavra, petiscava-se, realisavam-se collações ligeiras no Telheiro de Friellas, no Theotonio da calçada de Carriche (Nova Cintra), no *Collete encarnado* ou no *Quebra Bilhas* do Campo Grande, na tendinha do Campo Pequeno, no Salgado, ao Arco do Cego.

As esperas! Que movimento, que animação, que graça tão genuinamente iberica! Tipoias rodavam velozes. Hespanholas de grande elasterio de costumes e de muito carmim nas faces, repimpadas como se estivessem nas poltronas cebosas dos cotés, deixavam palpitar á briza as franjas das mantilhas como tremulantes flammulas n'um embandeiramento em arco.

Sobre penteados impossivelmente castelhanos, mas que tão ricamente faziam sobresahir a graça das nucas e o brilho dos olhos pestanudos, espetavam-se a classica *peineta* e o tradicional cravo á moda das *majas* de Goya. Sucios de jaqueta e chapeo redondo faziam uma chiadeira de todos os diabos.

Voavam ditinhos prazenteiros, docemente embriagadores como xarope d'ether, piadinhas *á la vinagreta* atiradas com desgarrada denguice, chalaças buffas, mordicantes, mandadas como piparotes irreverentes ao nariz da Moral, uma nariguêta que não merece, de certo, o trazeiro d'Apollo para estojo.

As guitarras faziam ouvir seus queixumes, soluçavam no ar. Os bordões das violas gemiam beliscados por unhas que não eram positivamente joaisinhas d'agatha encastoadas em alabastro. Subiam toadas elegiacas, requebradas, de fados garôtos, em que se celebravam amores d'uma ardencia vesuviana, em que se punha alguma concubina nos cornos da lua, ou em que se descreviam tardes brilhantes nos fastos toureiros.

Cavalleiros farfalhões, com palanfrorio, cavalgando azemolas do Arco do Bandeira, appareciam envoltos

no pó dos caminhos, como os cavalleiros das balladas apparecem embainhados nos rolos de bruma germanica. E o sequito da boiada colleava, estrada fóra, como uma giboia monstruosa, produzindo um fragôr ruidoso, obstinado, de maré que sobe e bate os rochedos.

N'esta lufa-lufa havia uma alegreza particular, *sui generis*, uma alegreza que parecia escoar-se de tudo: do *frou frou* dos vestidos, da flabellação das ventarolas, das subidas chromaticas da gamma do riso, do tilintar dos chocalhos, do tropel dos cavallos, do estalar dos chicotes, dos barretes dos campinos, dos aros das esporas, do ganir delgado dos rafeiros, e até dos mugidos dos touros, que, de hastes afiadas e focinho negro erguido no ar, haviam d'ir, no dia immediato, receber as farpas agudas dos bandarilheiros e os dichotes rombos do *sol*, emquanto a banda dos Cegos da Casa Pia desafinava conspicuamente e os charutos dos *affeiçoados* choviam na arena.

A boiada, conduzida pelas chocas, fazia alto nas Marnotas. Ahi, o honrado boi, *honest bull* como lhe chamou um poeta inglez, lambiscava na resteva, emquanto os campinos — de pampilho sob a perna — fumavam o seu cigarro brejeiro. Antes da manada entrar na praça tinha outro descanço na Alameda e outro no Campo Pequeno. Em mais remotos tempos era aqui, n'estas noitadas, á claridade dubia das estrellas, que o conde de Vimioso batia o fado ao compasso da guitarra da Severa — uma virago —, a qual, de cigarro ao canto da bocca, tamancos e meias azues, cantarolava obscenidades d'entresôlho do Bairro-Alto, cantilenas d'uma poesia bebeda, melopêas ratonas em que se adivinhava a nostalgia do esterquilinio.

A Severa conquistava ahi, n'esses intermedios musico-fadistaes, um triumpho reles, d'esses triumphositos que ella alcançou com a sua desenvoltura acrobatica de varôa, nunca com o mimo, com os brandos toques de feminilidade, com a força de inercia particular ao sexo fragil.

Em epocha muito posterior a esta travavam-se os desafios entre afamados cantadores, como eram D. Fernando Pombeiro, o Serrano, e mais alguns que sabiam trinar na garganta os fados do Vimioso e do Anadia.

Se no meio da festança da conducção adergava haver uma intercorrente tresmalhação de gado, então é que eram ellas... Que grande pechincha! Que pandega! Os touros lá entravam pelas ruas da cidade, ás marradas, fazendo tropelias, deitando de cangalhas alguns matutos, pondo as tripas á mostra a algum infeliz bucephalo, investindo com os transeuntes, que tratavam de se pôr em côbro, fugindo a sete pés, brancos como a cal das paredes.

Que frescata! Que reinação! Isto, sim senhor. Isto provocava emoções violentas a fazer aneurismas na aorta, punha vibrações na espinha dorsal... e echymoses no resto do corpo.

A tresmalhação era um *hors d'œuvre* muito apreciado n'este festim. Tudo isso morreu, tudo se foi n'este desperecimento de todas as nossas velhas coisas.

Où sont les neiges d'antan? seria agora occasião de perguntar com Villon. Onde estão os alegres amadores taurinos d'essa epocha famosa? Dos grandes amadores da epocha, dos que jámais faltavam a uma espera, uns baldêaram-se á sepultura, outros ha muito já que se limitam a desfiar o piedoso rosario das suas recordações. Desappareceram o marquez de Bellas, José Horta, Frederico Ferreira Pinto (*o tio Frederico*), Domingos Ardisson, o Anadia, Polycarpo Machado, o Frederico de *Cavallaria*, José Gama, o Granate d'Alfandega, o gordo padre Matheus, o Thomaz Jorge, o *Chalaça*, os Roquettes, Alexandre Linhares, o marquez de Castello-Melhor, o Antonio Manique, o Antonio Galache, D. Manoel Ponte, Fernando Antas, e quantos mais...

Onde estão as frécheiras que davam a suprema nota

festiva á diversão, as mulheres que viviam ao sabor da phantasia... e do vento que soprava? Umas encontram se nos registos dos cemiterios, outras gastam o resto da vida a rebocar-se com cosmeticos *pour réparer des ans l'irréparable outrage.*

N'este momento[1] tenta-se restabelecer as esperas de touros. Os nossos velhos costumes teem desapparecido ou teem-se abastardado. Vão-se lentamente dissolvendo no cosmopolitismo banal, vão-se nivelando sob a rasoira da civilisação, apagando sob a acção do internacionalismo.

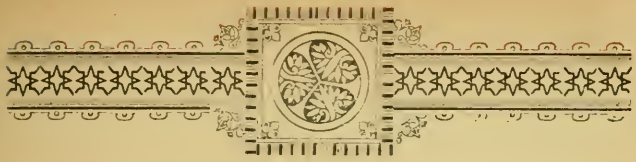
D'aqui a pouco não temos costumes nacionaes, como não temos arte, navegação e industria, e, quasi, já não temos idioma, o nosso idioma tão opulento e tão bello, vilmente conspurcado pelos noticiaristas d'escada abaixo, tatibitatis que *não teem expressões,* segundo a formula consagrada pelos annuncios gratulatorios dos periodicos.

Já Theophilo Gautier lamentava que, sob falso color de progresso, se fossem uniformisando as modas, perdendo-se, pelo tanto, parte do interesse de pittoresco e de imprevisto, de tal guisa que as viagens se iam tornando desnecessarias, completamente inuteis. O que o auctor do *Traz-los-Montes* disse das modas póde dizer-se do resto.

Ora que os innovadores pancracios se vão com a trúpia.

---

[1] Escripto em Abril de 1897.



XXX

Do Chiado ao Rocio — *O Freitas* — A ala dos valentes. — Um typo. — Outros cafés. — O theatro de D. Maria II e o Paço da Regencia. — Ainda no Rocio — A pretalhada. — Typos das ruas.

Desçamos do Chiado ao Rocio. O *Gonzaga* do Rocio, em numero 117 antigo, depois café *Freitas* (o moderno café do Gelo), deveu sua creação ao Gonzaga, «um bem caracterisado burguez alemtejano, nedio como os cevados da sua terra natal, baixo, roliço, vermelho, olhos redondos de mocho, e umas pernas talhadas á guisa de fiambres,» conforme o descreve Luiz Palmeirim. Bondoso, liberal e franco, perdoava as dividas aos credores insoluveis, e jogava o bilhar com os clientes, não querendo jámais que o parceiro pagasse a partida, se perdia.

Pertenceram á clientella da casa, até depois da Regeneração, o Costa Camarate, que morreu general, Daniel da Silva, notavel mathematico e lente da Escola Naval, o dr. Luiz da Costa Pereira, Rebello da Silva, Mendes Leal, o Cabral Maneta (um grande miguelista), Luiz Augusto Palmeirim, Pinto Carneiro, que falleceu em general de divisão, o folhetinista Lopes de Mendonça, o actor Rosa pae, Gonçalo Lobo, um destemido que deixou fama de suas valentias, José Vaz de Car-

valho, um rapaz corajoso, um campeão audaz (*Os Excentricos*, etc.), e o Figueiredo do 14 e o Sant'Anna e Vasconcellos, dois athletas *sans peur et sans reproche.*

A psychologia do tempo mostra nos haver uma tendencia esgrimidora, a bravura sem farfanteria, quando ainda se desconheciam o *sport*, o *lawn tennis*, o *football*, e todos esses barbarismos d'importação ingleza.

Então, que o athletismo parecia tomar uma fórma cultual como na antiga Grecia, era numeroso o *clan* dos valentes: José Maria Saloio, grande jogador de pau e corista de S. Carlos; Gonçalo e José Lobo, que foram, no seu tempo, dos mais valentes estudantes da Universidade; José Maria Christiano, o bravo soldado das campanhas liberaes; Thomaz Jorge, cornetim do Gymnasio e professor da banda dos Cegos da Casa-Pia; os Schiappas, os Fragosos das Alcaçovas, João d'Aboim, poeta e jornalista; Luiz Forjaz, Diogo de Macedo, mais tarde engenheiro florestal; Francisco Pinto de Campos, ainda ha dois annos fallecido em Villa Franca, com 77 annos, cuja valentia e força herculea eram notorias. Caçador consummado e toureiro amador, grangeou a estima do conde de Farrobo e do conde de Vimioso, que o convidavam sempre para as suas caçadas e touradas. Entrara nas luctas da Maria da Fonte, e fôra amigo do conde das Antas.

A fanfarra estridente das requestas e aventuras alargava se em orchestrações poderosas, retinia em vibrações potentes, das quaes mal nos chegam os echos amortecidos. Pugnazes, mas esthetas, pugiles, mas namoradiços, a indole esgrimidora d'esses *leões* não dava de mão ás exuberancias do sentimento. Arremessavam-se, d'animo leve, ao festival das grandes alegrias, ora estonteadoras como os turbilhões polychromos da Loie Fuller, ora delicadas como os idyllios de Gessner.

Almas cheias d'uma philosophia larga e amante, retemperavam-se no culto paroxysta da Belleza e da Valentia, quando ainda não era conhecida a tuba chocalheira do reporterismo para lançar aos quatro ventos

a noticia das façanhas epicas, quando ainda não existia a buida secção do *high-life*, Capitolio réles destinado a alvidrar e sagrar os zelotes da moda, que ora se pavoneam pelo Chiado... para gloria dos sastres.

N'um folhetim que o indefesso escriptor, sr. Brito Aranha, publicou no *Diario de Noticias* de 21 de setembro de 1896, se diz que, depois da Maria da Fonte, conspirava se por toda a parte, e que um dos botequins mais frequentados pelos conspiradores era o *do Freitas*. Uma noite — quando já se boquejava sobre revolta de sargentos de caçadores 2 — sahiu d'alli um pequeno grupo, em que iam Moraes Mantas, Manoel de Jesus Coelho e o sr. Brito Aranha. O grupo, que foi engrossando pelo caminho, palmilhou até Valle de Pereiro. Chegado aqui, soltaram-se vivas á causa popular e a caçadores 2, vivas que foram acolhidos de uma maneira rebarbativa, porque a guarda do quartel apressou se a formar, carregando armas. O calar bayonetas, a roçadura das varêtas nos canos metallicos, e o bater marcial de cassoletas das carabinas arripiaram os cabellos aos manifestantes. Tanto bastou para augmentar a força motriz aos membros locomotores dos revolucionarios pacatos, que... deram á sola, receiosos de que lhes pozessem as uvas em pisa.

A's portas do *Freitas*, assim como ás do Marrare, roldava o Pessoa, homem imberbe, com grande papeira, e... muitos saberêtes espertalhões. Andava por alli á roda, como peixe que anda á lambugem da pedra. Sua occupação consistia em levar objectos que os janotas lhe davam para empenhar em mãos d'onzeneiros. Ainda não eram conhecidas as casas *de prego* com fiança no Governo Civil. Os mais notaveis usurarios eram o Marreca do Chiado, um anão, o Prado, chapelleiro do Rocio, *o Carvoeiro*, hervanario de Santa Justa, e o José Confeiteiro, da rua do Ouro. (*Bohemia Antiga*. D. Thomaz de Mello). O Pessoa talvez alliasse a malignidade de Mascarille e de Frontin aos tru-

ques de Scapino. Os Leandros, os Gérontes e os Jorges Dandins algo poderiam dizer a tal respeito.

O *Freitas* devia datar de 1845, epocha em que o duque de Cadaval terminou a construcção dos predios, a que fôra obrigado para regularisar o Rocio. O *Periodico dos Pobres*, do Porto, referia-se a essa terminação nas palavras seguintes:

«Estão-se demolindo com toda a actividade os barracões do Rocio; o novo theatro (o de D. Maria II) é provavel que se não abra para 29 de Outubro; as casas proximas já estão todas arrendadas, e com armazens e lojas de bebidas.»

Perto do café *Freitas*, á esquina do Rocio e do largo de Camões, esteve o café do *Barão*, pertencente a um homem que tinha este appellido.

Ahi por 1854 ou 1856 era o café *Moreira*. Em 1860 chamavam-lhe o botequim do *Hespanhol* ou do *Canto do Muro*, porque muitos dos seus frequentadores faziam recordar o local assim designado no Pinhal d'Azambuja. Tornejava para a rua do Principe. Finalmente em 1868 introduziram-lhe melhoramentos e puzeram-lhe o titulo de *café Europa*. Fechou em 1872, succedendo-lhe a livraria Mattos Moreira, que abriu em 1873.

Ao tempo que se construia o quarteirão do duque de Cadaval construia-se o theatro de D. Maria II, ou theatro da Gloria, theatro do oiro e theatro *Agrião*, como tambem lhe chamavam. Na noite de 29 de outubro de 1845, não estando ainda o theatro concluido, houve n'elle uma recita para festejar o anniversario natalicio d'el rei D. Fernando.

Representou a companhia do theatro da Rua dos Condes, a que pertenciam Emilia das Neves, Talassi, Rosa pae, Epiphanio e Sargedas

Subiram á scena a ode cantata *A manhã de um bello dia*, de Mendes Leal, a comedia em 5 actos de Dumas, *O sr. de Dumbiky*, traduzida por João Baptista Ferreira, o *Musica*, e a farça lyrica em 1 acto *Um par de luvas*, de Silva Leal.

O theatro foi inaugurado, officialmente, em 13 de abril de 1846. Representou novamente a companhia da Rua dos Condes, levando á scena, em 1.ª representação, o drama em 5 actos, *Alvaro Gonçalves ou os doze d'Inglaterra*, original de Jacintho Heliodoro Faria d'Aguiar Loureiro.

Todos sabem que este theatro occupa parte do terreno em que assentava o paço dos Estâos, o qual, arrasado pelo terramoto de 1755, foi substituido por outro edificio mais pequeno, obra do engenheiro militar e architecto Carlos Mardel. N'elle estiveram successivamente a Inquisição,[1] o embaixador hespanhol conde de Fernan Nuñez, a Regencia nomeada pelo principe Regente antes da sua fuga para o Brazil, a Regencia intrusa de Junot e a intendencia de policia de Pierre Lagarde, outra vez a Regencia depois da retirada dos francezes, o governo provisorio do reino em 1820 (tomando então o nome de paços da Regencia), em 1825 a escola normal d'ensino mutuo e a Academia Real de Fortificação (que esteve primeiro na Fundição, e depois no Real Palacio, ao Pelourinho, e no palacio ao Calhariz), a Camara dos Pares em 1826, a Eschola do Exercito depois d'esta data, a Intendencia Geral de Policia em 1829 (transferida por aviso datado de Queluz aos 20 d'outubro e enviado pelo conde de Basto ao intendente Antonio Germano da Veiga)[2] e o The-

---

[1] A fim de obstar ás desordens e tumultos que se deram por occasião de se franquear a visita aos carceres da Inquisição, em 1821, determinaram as Côrtes que se tomassem as providencias necessarias, comtanto que todos os carceres fossem fielmente mostrados. Tambem, por deliberação das Côrtes, o Ministerio do Reino ordenou ao Intendente que mandasse examinar os citados carceres e os mais que esse extincto Tribunal possuia no reino, e informasse se podiam ser demolidos sem prejudicar os edificios a que pertenciam Expediram-se avisos aos Corregedores de Coimbra e Evora, e ao Intendente das Obras Publicas. (*Avisos, etc.* Maço 40).

[2] Em Dezembro de 1822 foi ordenado que a Intendencia occupasse, interinamente, a parte do 1.º andar, onde estivera a Secre-

souro Publico nacional ou o *Erario*, com a secretaria da fazenda, a junta dos juros e a repartição do sello, desde 1833 até 14 de julho de 1836, dia em que ardeu.

N'esse palacio se reuniu D. Miguel com seus conselheiros no dia 30 d'abril de 1824, por occasião da revolta chamada *a Abrilada*, e ahi nomeou novo ministerio. Em quinta-feira santa de 1834 foi ainda no palacio do Rocio que se realisou a ceremonia do Lava-Pés, á qual assistiu o duque de Bragança.

O palacio da Regencia tinha lojas para o largo de S. Domingos e Rocio.

Nas primeiras estava o armazem de vinhos do Barbosa, cuja porta de entrada — ladeada por janellas de grade — correspondia pouco mais ou menos á actual porta d'entrada para a caixa do theatro. Nas que deitavam para o Rocio estavam: na porta n.º 4 a administração da illuminação da cidade,[1] na porta n.º 6 a botica de Antonio Joaquim Raymundo Bessa, que vendia agua das Caldas, agua-ferrea da quinta das *Zibeiras*, agua-ferrea carbonisada da quinta das Borras, aguas da Allemanha, e aguas de pós de soda para extemporaneamente se fazer a agua. (*Gazeta*. 1824 e 1825). Na porta numero 10 era o botequim do Madre de Deus.

As lojas da rua do Jardim do Regedor (sob o jardim) pertenciam ao palacio do Rocio. Ainda em 1830 encontrámos um annuncio dizendo que se alugava a loja n.º 4, pertencente á extincta Inquisição.

A casa que torneja do largo de Camões para o largo

---

taria da Guerra. E, em Setembro de 1826, que todos os moradores das aguas furtadas e altos do palacio despejassem no prazo de 48 horas. (*Idem*. Maços 42 e 54.)

[1] A loja n.º 4 servia, em 1821, para cavallariça dos cavallos das ordenanças da Policia. Era tambem n'ella que se recolhiam os cavallos do presidente do conselho do Santo Officio, que deixou de os ter pela invasão franceza. (*Correspondencias*, etc. Alfama. Maço 1.)

do Regedor, agora occupada por photographo, casa de bomba, sentinas, etc., foi a que substituiu outra que pertencia ao palacio da Inquisição, e onde outr'ora estavam os supplicios.

Ainda lá existem abobadas da primitiva edificação. N'uma casa do beco do Forno (hoje travessa) demolida ha poucos annos, e substituida por outra que tem os numeros 19 a 23, foram n'essa occasião encontradas masmorras subterraneas com esqueletos, que, evidentemente, remontavam aos tempos inquisitoriaes [1].

Depois do incendio de 1836, as ruinas do palacio conservaram-se até 1842. N'este anno, quando o Costa Cabral subiu ao poder, houve uma illuminação no palacio incendiado, em cujas janellas foram collocados transparentes com luzes interiores, o que produzia um effeito magico.

Já depois do incendio, estabeleceu-se nas lojas (frente a S. Domingos) um botequim chamado *Camões*.

*

* *

Sem nos desejarmos alongar em considerações ácerca do Rocio, sempre diremos que n'elle se viam, em abundancia, os pretos caiadores de casas, que assentavam arrayaes na emboccadura da rua do Amparo, onde, de canna e pincel, transaccionavam, barganhavam *seus meritos artisticos* por dez réis de mel coado. Esta negreria constituia uma celebreira lisboeta como a com-

---

[1] Quando ha pouco tempo (Julho de 1898) se procedeu a excavações no largo de S. Domingos para montagem dos volantes destinados ao cabo do elevador de S. Sebastião da Pedreira, descobriram-se muitas ossadas humanas, que, a principio, se desconfiou serem de suppliciados da Inquisição. Mas o posterior apparecimento de tulhas em tijolo e de cereaes carbonisados levou a aventar a supposição de que pertenceriam a victimas do hospital de Todos os Santos, derrubado pelo terramoto de 1755.

panhia dos negros do guindaste da Alfandega, chamada *a Roda*, em que se recrutavam os carolas da irmandade de S. Benedicto erecta no convento de S. Francisco da Cidade (*Gazeta*. 1823), como os pretos charamelleiros de S. Jorge, como as pretas que se acocoravam ao sol na rua do Amparo, como as negrilhas vendedeiras de fava rica com seu *aio aio zeriguitaio*, como os aguadeiros com o seu melancholico *aú!* pregão que experimentava variante se a agua apregoada era do Poço do Borratem [1] — *E' da bica! E' da bica!* —, como outras figuras typicas, emfim, que esse contra-regra chamado Civilisação tem posto fóra da scena do theatriculo alfacinha.

E a vendedeira de castanhas assadas com pouso ao portal das tascas? E a assadora de sardinhas ás portas das vendas de vinho? E as palmilhadeiras de meias de seda que assentavam quitanda nas escadas de alguns predios da Baixa, e das quaes uma das mais famosas, por sua arte e seus donaires, era a do Rocio, na escada junto á botica Azevedo? E os maltezes que estacionavam nos sitios mais concorridos, trazendo um sacco enfiado no braço, sacco que de vez em quando chocalhavam para advertir os viandantes de que podiam cambiar o seu dinheiro?

D'estes ultimos ainda conhecemos um que exercera esse mister antes de 1820, e que depois teve loja de cambio e d'aljubeta no largo de S. Paulo n.º 2 Era o Caetano Camelier ou Caetano *Maltez*, que morreu em 1871 ou 1872 Deixou boa fortuna. Tinha uma phrase favorita para se desculpar com alguem ou para despedir os pobres: *Dá lá pacienzia, filha.*

---

[1] Os aguadeiros e creados que tiravam agua d'este poço davam umas esmolas para a Irmandade de Santo André e Almas da freguezia de Santa Justa. Em 1818 a auctoridade reclamou os titulos em que se baseava o direito á recepção d'essas esmolas. (*Avisos*, etc. Maço 34.)

A Irmandade queixava-se, depois, da falta das esmolas, que recebia desde tempos immemoriaes. (*Idem*, Maço 36.)

XXXI

No largo de Camões.—*O Suisso* e o *Martinho*.—No tempo da Maria da Fonte.—Rasgos de valentia —Degenerescencia da intrepidez nacional.

Os terrenos no largo de Camões (lado do Norte) pertenciam á Camara Municipal. Eram os restos do antigo jardim da Inquisição. Porquissimos, sujissimos, converteram se em sentinas ao ar livre, tornaram-se o local predilecto, onde os vadios iam catar toda a bicharia parasitaria que lhes habitava a epiderme.

N'esses terrenos (lado da rua do Principe) existiam duas figueiras.

Uma foi derrubada quando se edificaram os predios, a outra conservou-se no saguão da casa onde está o café *Suisso*. Poucos annos ha que seccou esta figueira quasi historica, visto que a ella se referiam os versos feitos por um preso, que gemeu sob ferros nos carceres da Inquisição, e que, da fresta da masmorra, apenas divisava aquella arvore.

Em 1842, o sr. Antonio José da Silva (ferrageiro na rua das Portas de Santo Antão, esquina do becco do Forno), pae do actual proprietario do predio onde está o café *Martinho*, comprou essa larga faxa de terreno á Camara Municipal, e construiu dois grandes predios, cuja edificação terminou em 1845, quasi ao mesmo tempo em que acabava a do theatro de D. Maria II e a do quarteirão Cadaval.

O café *Suisso* foi fundado na mesma epocha do café *Martinho*, isto é, em 1845. Deve seu estabelecimento a dois suissos, um dos quaes, o João Meng, tinha uma padaria á esquina da rua da Escola Polytechnica (Collegio dos Nobres) e da rua da Penha de França. Quando a loja abriu, ainda o predio não estava concluido.

No começo foi pastelaria e café, depois foi só café. Com o decorrer dos annos o café pertenceu apenas ao João Meng, e este legou-o aos seus dois caixeiros, que o trespassaram ao actual proprietario.

A' porta do *Suisso* aconteceu o seguinte caso, que Julio Cesar Machado narra, com o seu estylo pittoresco, n'um livro [1].

Passavam uma vez, pouco antes da meia-noite, pela porta do *Suisso*, o actor Rosa pae e Costa Cascaes (festejado auctor do *Alcaide de Faro*, do *Mineiro de Cascaes* e d'outras peças), quando se encontraram com dois marujos inglezes muito ebrios, um dos quaes atirou um socco de tal ordem ao Rosa, que o estendeu no meio da calçada. O notabilissimo comediante estrebuxava, tentava de balde levantar-se, emquanto os inglezes tagarellavam expansivos, desengonçavam-se em gesticulações, zig-zagueavam como patinadores no *skating-rink*.

— O' sr. Cascaes, o sr. que sabe falar inglez, entenda-se com esses homens!...

— Eu sei cá falar inglez a estas horas da noite, replicava Cascaes. Levante-se e vamo-nos embora!

A scena, contada depois a Julio Machado, fêl-o desquadrilhar de riso.

---

[1] *A Vida Alegre* pag. 23.

*
* *

O café *Maranho* teve por fundador a Martinho Bartholomeu Rodrigues. Em maio de 1845 ainda este botequim não estava aberto, porque seu dono annunciava na *Revolução de Setembro* do dia 10 que vendia neve em rama no seu armazem da rua da Figueira, 14, e travessa da Parreirinha, 2 A, e que na sua loja de bebidas na praça do Commercio vendia neve manufacturada. Não citava, porém, o café *Martinho*.

O mais afamado producto d'este botequim eram os sorvetes, que alli possuiam todo o hyperboreo e saboroso encanto dos gelados napolitanos.

A neve para os manipular vinha de cinco ou seis enormes poços que o Martinho conservava perto de Santo Antonio das Neves, na serra da Louzã.

Quando o inverno envidraçava de neve as serranias da Estrella — desde os valleiros ás cumiadas —, os poços enchiam-se d'ella, e era cautelosamente resguardada do calor estival, sendo coberta por espessas camadas de palha. O lisboeta encalmado tomava-a durante o verão, confeiçoada em sorvetes e carapinhadas pelo copeiro do Martinho.

O escriptor F. M. Bordallo, que publicou na *Imprensa e Lei* de 1875 um estudo intitulado *Viagem á roda de Lisboa*, escreveu ácerca d'este café: — «O principal café do largo do Camões é designado pelo nome do seu proprietario; chama se o Martinho como outros cafés de Lisboa se intitulam — o Freitas, o Marcos Felippe, o Bernardo, o Tavares: não se usa entre nós baptisar estas lojas com designações pomposas; apenas como excepção temos o café Grego e o Suisso. O botequim a que nos referimos tem uma grande sala d'arcarias, cujas columnas são forradas d'espelhos, e um gabinete elegantemente mobilado e ornado para senhoras. Pena é que, para chegarem a este logar reservado, tanto as formosas como as feias tenham de

passar por entre nuvens de fumo de tabaco, o que fará dizer ás damas que já visitaram Paris: *Çà me semble un caffé estaminet!* Horrivel insulto para o primeiro café de Lisboa, frequentado pela nossa boa sociedade d'ambos os sexos, principalmente nas calmosas noites d'estio, em que o sorvete é tão appetecivel».

Bordallo bosqueja depois alguns typos do *Martinho*, e o seu bosquejo induz-nos a crer que, não só nos factos d'ordem politica, mas em todos os outros, é eternamente verdadeiro o pensamento d'Alphonse Karr: — *Plus çà change, plus c'est la même chose.* Da eloquencia laxativa dos opiniaticos prosistas botequineiros ao falario diuretico dos pernosticos, do berregar dos politicótes que falam a lume de palhas até á *fumisterie* dos que andam sempre de candêas ás avessas com o senso-commum, tudo subsiste, pouco mais ou menos, sem damno de maior monta. Deus seja louvado!

Sobretudo de ha vinte annos para cá, *o Martinho* professa um conservantismo britannico. Encontram-se sempre os mesmos aperitivos, os mesmos papelistas, as mesmas facecias geladas, o mesmo Valentim de bico adunco, as mesmas observações satyricas dos tertulios, os mesmos manequins da critica, as mesmas má-linguas que apolilham as reputações como as termites carcomem a madeira, e o mesmo espirito, que alguns porfiam ser fino e fulminante—acido prussico em frasco de lapis-lazzuli —, mas que outros garantem revelar, simplesmente, as qualidades soporiferas do hydrato de chloral...

*

* *

Conta o sr. Bulhão Pato na sua obra *Sob os Cypreses*, (pag. 195), que, na primavera de 1856, quem fôsse de tarde ao Passeio Publico e entrasse de noite no Martinho, encontraria, com raras excepções, ou

sentados n'um banco sob as arvores ou em volta d'uma meza do café, cinco homens, cujas physionomias, para logo, lhe captivariam a attenção. Eram dois professores: Magalhães Coutinho e Thomaz de Carvalho; e tres jovens estudantes: José d'Avellar, o contista Rodrigo Paganino e João Luiz Gonçalves, a quem já nos referimos no 1.º volume da *Lisboa d'Outros Tempos* (pag. 306).

A graça de Paganino agitou, um instante, o seu fulgido clarão para se apagar ao sopro frio da morte; e o talentoso Gonçalves expirou com vinte annos apenas, em Carnaxide, quando a frescura molle dos musgos e o verde pensativo das relvas se perlavam das primeiras chuvas, quando a alma outomnica voava envolta nas folhas seccas...

*

* *

O café *Martinho* teve seu momento de celebridade historica em 1847, logo depois da revolução do Minho, logo depois d'essa epocha agitada em que os labregos *pés-frescos* pegavam de fouces roçadouras e de forcados ao som do *leva arriba* bimbalhado nos sinos do campanarios, do hymno da Maria da Fonte patuleado nos instrumentos subversivos das chulas minhotas, logo depois d'essa quadra revolucionaria em que os rapazes de sangue na gueira expunham seus peitos aos pelouros cabralistas e cantavam com voz ronca o hymno popular — impetuoso como uma carga commandada pelo Saldanha, enthusiastico como um rasgo tribunicio de José Estevão, electrisante como o rolar da trovoada dos canhões:

Eia ávante, portuguezes!
Eia ávante, não temer!
Pela santa liberdade,
Triumphar ou perecer!

A penna brilhante do distincto poeta e prosador sr. Bulhão Pato descreveu um caso de rara valentia acontecido então n'esse botequim (*Memorias* Tomo I, pag. 97) Alguns rapazes do batalhão academico — dois dias depois de haverem desembarcado, vindos da Torre de S. Julião — encontravam se no café *Martinho*. Estavam com elles os tres valentes Guedes de Carvalho e Menezes: Joaquim, Vasco e João, capazes de luctarem, barba por barba, com os mais intrepidos justadores. Alguem os avisou de que no Largo do Camões e no Rocio andavam grupos dos batalhões nacionaes do Algarve e da Carta, aguardando occasião propicia para os assaltarem. Responderam que não insultavam ninguem, mas que não supportariam offensas. Pouco depois, grande numero de homens armados de sabres e bayonetas entravam no café emquanto outros ficavam ás portas.

Os assaltantes atacaram sem tir-te nem guar-te.

Os tres irmãos e os seus companheiros arrostaram o embate com a serenidade dos bravos. Travou se a escaramuça. As garrafas, as taças, os copos, as bandejas, as mezas, os bancos, aos pedaços, voavam pelos ares! Cada pancada que Joaquim Guedes descarregava com o braço esquerdo — porque o direito estava ferido desde o combate no Alto do Viso — era um homem que rolava no chão, bumba!

Os atacantes afrouxaram, porque não esperavam encontrar tão energica resistencia, tão impavida defeza, e retiraram a pedir auxilio a outros marotos. N'este comenos chegou uma força de infanteria e cavallaria municipal, e o marquez de Fronteira pediu aos academicos que o acompanhassem ao Carmo, emquanto os animos não readquiriam a perdida serenidade.

Estes lances de bravura foram frequentes na epocha ominosa, em que o Costa Cabral mantinha, em sua mão de ferro, a balança incerta dos destinos nacionaes. N'uma noite do verão de 1848, os ricos proprietarios do Algarve, cartistas façanhudos, entreti-

nham os momentos de lazêr descadeirando os *patuléas*. Seis d'elles entraram no botequim *das Parras*, ao Rocio. Lopes de Mendonça encontrava-se lá, sósinho e desarmado, quando os picaros o ameaçaram de que lhe dariam uma tareia de o pôr em lençoes de vinho. Lopes de Mendonça havia seguido a purpura da banbeira insurgente, combatera ás ordens do Salter, e não só floreava a sua penna diamantina na arena do folhetim, mas era libellista politico, gladiador da imprensa.

Entrementes, alguem correu a avisar o official de marinha e escriptor, Francisco Maria Bordallo, que morava no principio da calçada do Duque. Bordallo que estava em mangas de camisa, arrancou da espada, botou uma capa aos hombros, e partiu direito ao botequim, onde a vida do delicioso folhetinista estava correndo tão grande risco.

Ao entrar a porta do café deixou cahir a capa, deu duas pranchadas que prostraram dois dos sicarios, e exclamou com a sua voz forte. habituada ao commando de bordo: — Canalha, para a rua!

Os birbantes, que não contavam com tal revirête, desappareceram n'um prompto.

Bordallo embrulhou-se novamente na capa, mandou buscar uma garrafa de Champagne ao Marrare, e, erguendo o primeiro copo, disse para Mendonça:

— Rapaz, deixa vêr se voltam aquelles cães, que nós lhes faremos as contas.

Mas esperou em vão, porque a matula não reincidiu na picardia.

Desenganado, disse para o companheiro:

— Não tornam cá; são uns miseraveis. Vamos embora, amigo.

E só abandonou Lopes de Mendonça á porta de casa.[1]

No verão de 1847, F. J., filho d'um conhecido negociante inglez, entrou no Marrare *das Sete Portas* e pediu um capilé. Junto ao balcão estavam dois sargentos do batalhão da Carta. Um d'elles dirigiu-se-lhe com modos provocadores:

—Não seria melhor um grog?

O testo F. J.. com essa fleugma que é apanagio dos britannicos, ordenou ao servente:

—Traze um *grog* a ferver. A ferver, ouviste?

O creado, apesar do ar calmo com que estas palavras foram pronunciadas, notou qualquer coisa d'anormal no jogo physionomico do cliente.

Os sargentos repararam então melhor nas formas robustas do inglez, na como confiança da propria força, e a sua serenidade mudou logo como um casaco que se volta do envéz; ficaram perplexos, hesitantes.

O moço trouxe o *grog* raquesitado por F., que, dirigindo-se ao sargento provocador, disse simplesmente:

—Beba.

O sargento deu um passo á rectaguarda, e, vendo que a integridade do seu focinho periclitava, interpellou:

—O sr. está brincando?

—Beba,—quando não metto-lh'o pela bocca abaixo.

Palavras não eram ditas, e o sargento apanhava com o copo do *grog* na cara, que lhe ficou a escorrer sangue.

F. J. tirou os terçados aos dois militares, e, em-

[1] Bulhão Pato. *Sob os Cyprestes*, pag. 85.

quanto o demonio esfrega um olho, pôl-os a sôcco e a pontapé no meio da rua!

Depois foi necessario metter empenhos para elle restituir as duas *rapières* dos guerreiros tosados. [1]

N'uma tarde de 1851, pouco antes do triumpho da Regeneração, estava á porta do *Marrare de polimento* um grupo de rapazes, todos contrarios ao governo dominante. Entre elles achava-se um terceirense, marcial e vigoroso, chamado Manuel Lourenço de Souza Rocha, que estivera na Universidade e pertencera ao batalhão Academico, e a quem os condiscipulos appellidavam o *Rocha ilheu*.

O visconde da Luz, uniformisado e a cavallo, subia a ladeira do Chiado. Acompanhavam-n'o o seu ajudante e duas ordenanças.

O Rocha atirou um salto, deitou mão ás redeas, e gritou: — Abaixo os Cabraes!

E' de notar que, no dia antecedente, a cavallaria municipal acutilára o povo no largo de S. Carlos.

O visconde, prudente e generoso, proferiu apenas umas palavras brandas para acalmarem a excitação do mancebo enthusiasta, e seguiu o seu caminho. [2]

Fôra um atrevimento, que lhe podia sahir caro.

Temos outro rasgo de valentia, mas este agora acontecido já em tempo da Regeneração, no anno de 1851, e motivado por causas differentes. Sant'Anna e Vasconcellos recebera nomeação de secretario geral do

---

[1] B. Pato *Memorias*. Tomo I, pag 104.
[2] B. Pato. *Memorias*. Tomo II, pag. 261.

districto da Horta, e, uma noite, antes da partida, reuniu-se com varios amigos a uma meza do Martinho. Serviu-se neve. Momentos depois entrava um capitão de navios bastante conhecido, acompanhado d'um allemão musculoso, de busto de formidavel envergadura. O maritimo soffrera um desaire de Sant'Anna, quando estava no Rio.

O homem, que era de reserva, apresentou, muito cortezmente, o allemão, que foi recebido por Sant'Anna com a affabilidade que lhe era habitual. Após algumas phrases trocadas, Sant'Anna e Vasconcellos despediu-se, mas, quando ia a retirar-se, o allemão deitou-lhe os gadanhos á gola do fraque, rasgando-lh'a. Sant'Anna recuou um passo e despediu-lhe um murro. O tudesco baqueou redondamente no solo! Ergueu se, rebellão, accommetteu outra vez, mas outra vez tambem cahiu por terra.

O bilhostre dava ao diabo a cardada. Ensaiava-se para nova arremettida, quando Sant'Anna, estimulado, o agarrou e jogou sobre uma meza como quem joga uma péllа! D'esta feita não poude refilar; as forças trahiram-n'o, e o sujeito desmaiou.

Voltando a si, sahiu, cambaleando, encostado ao braço do capitão.[1]

Tinha ido buscar lã e vinha tosquiado...

Que ricos tempos esses!

Havia coragem, a coragem pura, sem liga que lhe desprimorasse os bons quilates; havia brio, desprezo da vida, crenças e enthusiasmo; levava-se da durindana a cada passo; sellavam-se os pleitos de pundonor com uma rubrica physiologica.

---

[1] B. Pato. *Memorias*. Tomo II. Pag. 275.

Ai! Mas parece que nos viraram de dentro para fóra. A' maneira dos mascarados nos bailes publicos, perguntamos aos estranhos se nos conhecem, e todos respondem, peremptoriamente, que nunca nos viram mais gordos.

Tão outros estamos!

Agora, a falar verdade, somos uns timoratos, uns fracalhões; no logar cerebral onde os nossos antepassados tinham a bossa da combatividade, temos simplesmente um buraco. Eis em bem claro modo porque os desmandos Cabralinos deram a Maria da Fonte, e o tabefe inglez de 1890 deu... as manifestações bombasticas dos patrioteiros estapafurdios, que se tingavam, bondava ouvirem os modilhos dos ruysenhoes da policia!

Hoje faz se mais gymnastica do que nunca, as praças de touros triplicaram, constituiram-se sociedades athleticas e cynegeticas; temos o cyclismo, as carreiras de tiro, o jogo de pau, as regatas, o pugilato do *box*, tão amado de Ricardo III e de Byron; nenhum dos que disputam os laureis do *chic*, nenhum dos que se curvam aforçuradamente ao jugo tyrannico da moda deixa de trazer na idéa a tinêta d'esgrimir o florete como Grisier, a espada como Saint-Georges, ou d'atirar á pistola como Junot; mettemos uma bala de carabina no alvo com a mesma pericia d'um atirador aos pombos de Monte-Carlo; entregamo-nos aos exercicios physicos com todo o fervor de nossas almas e de nossos nervos; somos muito caroaveis do sportismo e somos *globe-trotters*, cyclophilos em movimento continuo como bielles de locomotiva. Honramo-nos de possuir escola de tourreio e velodromos, as grandes solemnidades hyppicas das corridas cavallares e o pedestreanismo — o diabo a quatro!

Possuimos um rôr de coisas para nos tornarmos tão possantes como os epicos brutamontes hemericos, mas, qual carapuça! estamos uns trinca-espinhas, sem tirar nem pôr. Ora simulamos a energia firme d'um espirra-

canivetes, ora affectamos a serenidade calma d'um britannico que se repetena na *ship-chair* sobre o tombadilho d'um paquete... e, afinal de contas, as pernas tremelicam-nos como no fim d'um brodio em que se bebesse Champagne demais, põe-se-nos um nó na garganta como se estivessemos a pique de sermos atacados de faniquitos!... As chronicas das viagens maritimas, das conquistas e dos feitos d'armas, foram substituidas... pelas chronicas jornalisticas em que os frivolos acontecimentos mundanaes passam rapidos, mas vivazes, como as vistas cinematographicas.

O contraste entre o que fomos e o que somos faz-nos chorar bagadas como punhos, até faz chorar as pedras!

XXXII

Na Trindade. — O theatro de S. Roque. — Theatriculos. — Companhias do theatro de S. Roque. — Fala-se, incidentalmente, de Garrett e da sua viuva. — O Café Concerto. — Can-can e cancanistas. — Do Mabille ao largo da Abegoaria. — Ponto final.

CERRAREMOS a historia dos velhos botequins lisboetas — se historia se lhe póde chamar — com o café Concerto, á esquina do largo da Abegoaria e travessa da Trindade, mas, antes d'isso, diremos duas palavras ácêrca do sitio da Trindade, do largo de S. Roque, e do theatro que existiu n'este local.

Da travessa da Trindade até defronte do theatro d'este nome havia uns casebres, parte dos quaes foram derrubados para se construir o edificio do café.

A' esquina d'aquelle largo, tornejando para a rua Nova da Trindade, estava um casebre com seu pateo interior. Demolido poucos annos ha, o fallecido dr. Lourenço d'Azevedo fez edificar ahi dois bons predios.

N'este casebre esteve uma fabrica de gesso. Não sabemos se ainda era a antiquissima fabrica de gesso que por alli houve, pois que, em 1779, foi estabelecida uma no chão que fôra de Feliciano Velho, defronte do

convento da Trindade. (*Gazeta*. 1779.) N'esse tempo não existia a rua Nova da Trindade, que foi aberta depois de 1834 no espaço occupado por parte do convento. A egreja do convento dos *Trinitarios* era no actual largo da Trindade, no sitio fronteiro ao theatro, onde depois (em 1835) o sr. Jacintho José Dias de Carvalho, antigo director do banco de Lisboa e primeiro director do Asylo de Mendicidade, mandou construir um grande predio.

O convento chegava até á rua larga de S. Roque, para onde deitavam as cellas, e até á actual fabrica de cerveja do sr. Domingos Moreira Garcia, cujo salão de venda era então o refeitorio. O cemiterio do convento partia com as trazeiras dos predios da rua da Oliveira, ao Carmo.

A rua Nova da Trindade, que occupa parte do terreno do convento, foi mandada abrir pela Camara Municipal, de que fazia parte o famoso *Bota-Abaixo*. Para este fim, e para ampliação do largo de S. Roque, foram derrubadas as barracas que ahi existiam, a velha torre de Alvaro Paes, pertencente aos antigos muros da cidade do tempo de D. Fernando, o Postigo do Condestavel (Arco de S. Roque), e a capella do *passo* do Senhor dos Passos, que acostava ao dito muro.

Em 1834, desde o actual largo de S. Roque até ao pateo do marquez de Penalva, havia um dedalo de beccos, de pateos immundos e quasi ignorados da policia; era uma ladeira bordada d'enxames de mulheres perdidas. O chamado Pateo do Patriarcha formava a cabeceira d'essa encosta. Ahi esteve estabelecido o theatro do Bairro-Alto.

Silva Tullio, louvando-se nas declarações do velho actor Matta, o *Mata Castelhanos*, diz (no *Archivo Pittoresco)* que este theatro abriu em fins de 1815. Mas a verdade é que se inaugurou em 1814, como se vê no

pedido para a sua abertura feito por José Thomaz Costa em 16 de Julho d'este anno. *(L.° 14 das Secr.)* Antes do theatro se estabelecer no palacio, expozeram-se n'uma das salas *as figuras pintorescas*, trazidas por um hespanhol refugiado *(L.° 16 das Secr*, fls. 39). O hespanhol era D. Simon Sadinos, director do Theatro Pittoresco, casado, de 46 annos, e que tivera loja de bebidas em Madrid antes da entrada dos Francezes, conforme declarou e assignou em 24 de Dezembro de 1812. *(L.° de notas das pessoas a quem se dão bilhetes para transitarem pelo districto da Corte.* L. 258-279). Effectivamente, a *Gazeta* de 4 de Janeiro de 1813 annunciava que o director do Theatro Pintoresco e Mechanico ia estabelecer a sua machina na sala do pateo do palacio velho da Patriarchal, junto á egreja de S. Roque, que o divertimento principiava ás 6 horas e meia da tarde, que aos dias santos se dariam duas diversões (uma ás 4 e outra ás 7 horas), e que os preços eram: assignatura 320 réis, geral 240 réis e varandas 160 réis.

Estas sombrinhas, a que então chamavam *figuras pintorescas*, não eram as primeiras que se exhibiam na capital. Já em 1784 o francez Nicolau Bourg expozera ao publico um pequeno theatro n'uma casa do largo do Pelourinho. O theatriculo chamava-se *Espectaculo da Natureza de Subtilezas Physicas e Mathematicas.* (*Registos, Alvarás e Avisos.* Liv. 83-246, fls. 105 v.)

Em 1791 permittiu-se a Santos Gendre para mostrar diversas *Machinas e Figuras Automatas. (Idem*, fls. 26..). E o pelotiqueiro Martin tambem expunha *sombrinhas* no theatro do Salitre em 1804, mas impediram-n'o de continuar, porque apresentava figuras de pessoas que haviam tido papel na Revolução Franceza. *(L.° VIII das Secr.)*

O proprietario do theatro do Bairro-Alto era Dionysio José Monteiro de Mendonça, que tem uma biographia muito accidentada.

Em 1792 desempenhava o cargo de Juiz dos Aggravos e Appellações Crimes das Ilhas. *(Liv. para se lançarem as culpas dos réos.* L. 245, fls. 7). Em 1817 morava na travessa da Queimada, n.º 39, era escrivão do Crime do Bairro-Alto, mas estava preso na Cadeia, e d'ahi foi mandado embarcar no navio *Princeza Carlota* em 20 de Novembro. O capitão teve de assignar termo de que entregaria o preso na Côrte do Rio de Janeiro, segundo fôra ordenado pela Secretaria dos Estrangeiros e da Guerra. *(Corr. com as auctoridades.* L. 11, fls. 1.) Mendonça estava de regresso e no exercicio do seu logar em 1821.

Era um absolutista contumaz. Quando, n'aquelle anno, um preso lhe mandou um requerimento, no qual citava dois artigos da Constituição, Mendonça, muito irado, exclamou:

— Tolos! Tudo é falar em Constituição... Por isso hei de conservar o preso mais quatro dias no Limoeiro.

O caso chegou aos ouvidos governamentaes, e José da Silva Carvalho ordenou, em portaria, que se indagasse a conducta civil e politica do escrivão. *(Policia,* 331, fls. 29 v. Collecção vinda do Min. do Reino.)

Em 1827 exercia os logares de administrador interino e de Fiscal da Fazenda da Real Casa Pia. (Intendencia. *Casa Pia.* Maço 8).

No theatro do Bairro Alto representaram companhias portuguezas, hespanholas, inglezas e uma franceza. A primeira *troupe* ingleza de que temos noticia é a de Guilherme Southby. Compunha-se de equilibristas, e trabalhou de 1817 até ao entrudo de 1818.

A segunda é a de Gamet, em 1827. Dava titeres, e, nos intervallos, danças hespanholas e o solo inglez.

A companhia hespanhola de José Henriques de Brito requereu, em 1829, para continuar com as representações que ahi estava dando havia cinco annos. Da

companhia faziam parte: a primeira dama Maria Santos Saavedra, o primeiro galã Manuel Cabello, os bailarinos que formavam a companhia Aquilina, José Stefene, primeiro bailarino, e o *gracioso* Leon Fernandez, que tinha obrigação de cantar, dirigir e repartir as partes das farças (*Corr. dos Ministros dos Bairros*, Maço 15.) Leon, que possuia muito chiste e se embebedava com um respeito hieratico-bacchico, veiu a morrer (ó ironia da sorte!) vendendo agua-fresca na praça de touros do Campo de Sant'Anna.

Da companhia portugueza fez parte Marianna Torres, a figura dramatica predominante nos nossos palcos durante o primeiro quartel d'este seculo. Marianna Torres teve muitos admiradores, entre elles José Agostinho de Macedo, cujas homenagens ella desprezou (quando estava no Salitre) por amar deveras uma creança loura e formosissima, Carlos Morato Roma, homem, depois, tão circumspecto e respeitavel, diz Paulo Midosi. (*Diario de Noticias*, de 12 Dez. 1881.)

No theatro do Bairro Alto subiu pela primeira vez á scena, em 1821, a tragedia *Catão*, de Garrett, desempenhada por estudantes e curiosos. Foi na segunda recita do *Catão* que o poeta travou conhecimento com sua futura esposa, D. Luiza Candida Midosi.

Aproveitamos a opportunidade para dizer que esta senhora casou, em segundas nupcias, com Mr. Désiré L'Étrillard, e que falleceu em Paris aos 20 de Maio de 1892, sobrevivendo, portanto, trinta e oito annos a Garrett. Seu segundo marido contava amigos e parentes em Lisboa.

Em Paris recebia e obsequiava muito amavelmente os portuguezes das suas relações, ou que lhe iam recommendados. A viscondessa de Almeida Garrett era prima 3.ª do finado Dr. Paulo Midosi, e do sr. Dr. Henrique Midosi.

Gomes d'Amorim diz (nas *Memorias Biographicas de Garrett)* que o francez era conductor d'omnibus ou coisa similhante. Ora esta indicação de Gomes d'Amorim—garrettophilo intransigente—é menos verdadeira. Contou-nos o sr. Henrique Midosi que o L'E'trillard pertencia a uma familia de pequenos lavradores de Soissons, fôra empregado n'um collegio de jesuitas, e, depois de casar, negociou em *bric-à-brac*, no que adquiriu rasoaveis bens de fortuna. No exercicio d'esse mister veio, por differentes vezes, a Lisboa. Com o que já possuia, e com o que herdou de sua mulher, vivia muito rasoavelmente, quando falleceu d'uma congestão em 24 de Maio de 1897.

Apesar da differença d'edades, L'Etrillard tratou sempre muito respeitosa e attenciosamente sua mulher, cuja cabeça branca se circumdava d'uma aureola de poesia.

*

* *

A empreza do Café Concerto constituiu-se com o capital de quarenta contos de réis, divididos em acções de cincoenta mil réis. O seu fim era estabelecer uma loja de bebidas, com jogos licitos, e sala para dar concertos vocaes e instrumentaes, bailes de mascaras, etc.

O Café Concerto inaugurou-se na noite de 26 de dezembro de 1857 com um beneficio a favor das familias das victimas da febre amarella. Cahiu lá o Carmo e a Trindade...

N'essa noite houve sopapo por uma pá-velha, em consequencia da empreza não permittir a entrada a *pessoas de comportamento irregular*, e apparecerem duas francezas *irregularissimas*, recem-chegadas de Paris e moradoras a S. Roque, que, ao cêvo do escandalo, desejavam entrar á viva força. Soccaram o major da guarda-municipal, e fizeram um estrupido horrivel. As

duas bohemias do amor dourado cahiram sob *manu militari*.

O Café Concerto teve por director o Zagallo e por administrador o Augusto Figueira, mais tarde emprezario do salão da Trindade.

A empreza do Café Concerto obteve licença (por alvará de 14 de junho de 1858) para, durante seis mezes, abrir um estabelecimento no Passeio Publico a fim de dar espectaculos de physica e chimica, concertos vocaes e instrumentaes, scenas comicas, e mais peças de musica em uso nos estabelecimentos d'esta ordem.

O Café Concerto tomou, mais tarde, o nome de *Casino Lisbonense*. Seus sobrados tremeram a bom tremer com as gymnasticas felinas, com os pulos *cancanisados* das dançarinas de cabotagem, que os emprezarios do estabelecimento circumspectamente engajavam para darem a lubrica nota parisianista aos bailes mascarados.

A' cadencia desesperada da quadrilha infernal as *chahuteuses* passavam e repassavam, fazendo resoar os tacões *Benoiton* das botinas de pellica, e patenteando os seios de neve rosada, com o adoravel desgarro de quem offerece dois sorvetes de leite na dupla meia-taça do *corsage*.

Tomavam attitudes excentricas, que, se não lembravam exoticas estatuetas inspiradas por estheticas mortas, lembravam as *poses* que se tomam nos gabinetes particulares... ás quatro horas da manhã.

As cancanistas pulavam como locustas, davam bordos como marujos ebrios, tinham elasticos saltos tigrinos, movimentos obliquos, lestas piruetas não subordinadas á pauta e ao compasso dos compendios de dança, voluptuarias flexibilidades de corpo — toda a graça capitosa da choreographia franceza. Redemoinhavam ao estrepito marcial dos cobres e ao rufar viril dos tambores, mais furiosos que os sistros dos antigos. Tripudiavam

n'uma hypercrise nervosa, até que, bacchantes artificiosas e recivilisadas, iam cahir, não sobre uma pelle de panthera com garras d'oiro, mas... deante d'uma meza do botequim, onde os satyros pacificos lhes faziam tomar bebidas de guerra.

Eram as sylphides do *Mabille* e da *Closerie des Lilas*, as successoras da Pomaré e da Rigolboche. Eram as que, nos bailes mascarados da velha Opera, se prestavam a esse espectaculo epileptiforme — o *can-can*, ao som da orchestra conduzida pelo pae Strauss, perante todo um mundo de *noceurs* e de *noceuses*, no meio do qual destacavam as grandes sacerdotisas do galanteio, as que, durante o segundo imperio, prostraram a seus pés a multidão idolatra, o rebanho servil dos philogynicos. Eram, por seu turno, as predecessoras da *Rayon d'Or*, da *Goulue*, da *Grille d'E'gout*, da *Sauterelle*, da *Nini Patte en-l'air*, de todo esse original corpo de baile que não se matriculou na aula de Mr. Mérante na Grande Opera, mas que cursa o Bullier e o Moulin Rouge.

As companhias de baile succederam se no Café Concerto. A Moral, a respeitavel matrona, irritava se, ouriçava se como um porco-espinho. E a castidade, a santa castidade adorada pelas Vestaes, pela biblica Suzana, e por S. José, não era d'esse mundo... em que apenas o *can-can* e o *grog* faziam escutar as suas vozes.

A empreza do *Casino Lisbonense* foi atacada d'uma profunda anemia... na bolsa, e o estabelecimento fechou em 1876. O edificio passou a ser occupado por um estabelecimento de estofador, que lá se conserva.

*

* *

N'este modesto livro tratámos, além da parte historica dos antigos botequins lisbonenses, de factos mun-

danos e de factos historicos secundarios, por assim dizer, episodicos, anecdoticos. Comtudo, estes factos não deixam, geralmente, de ter certo interesse para o estudo de qualquer epocha. E ahi está o que obrigava Prosper Mérimée a confessar, algures, que daria, de boa mente, Thucydides pelas Memorias authenticas d'Aspasia ou d'um escravo de Pericles. Os *Memorialistas* veem, benevolamente, á barra da historia, como testemunhas que se escutam com proveito, algumas vezes, e sempre com prazer.

As Memorias — genero litterario pouco cultivado entre nós — occupando-se de casos particulares, mas que, frequentemente, se prendem com os successos historicos parallelos, ministram importantes elementos subsidiarios ao historiographo, fazem-nos conhecer os bastidores da historia. Porque ha historia e bastidores da historia. A historia é a peça representada para toda a gente, com palavras que se levantam sob as phrases como espadas debaixo das capas, com scenario, guarda-roupa e arrebiques; os bastidores da historia são a verdadeira comedia reservada para os frequentadores do palco, os que cumprimentam os machinistas, cortejam as actrizes e trocam apertos de mão com os actores. Por isso Pinheiro Chagas tinha carradas de razão, quando exclamava no final do artigo de critica ás memorias posthumas do general Marbot: — Não ha como as Memorias, para nos fazerem penetrar nos bastidores da Historia! [1]

Mas, embora nos occupassemos d'alguns d'aquelles factos secundarios a que acabamos de nos referir, o que chamou especialmente nossa attenção foram os antigos cafés de Lisboa. O café é o espelho onde se reflecte a vida politica, o grau de cultura, e até o estado economico d'uma localidade. «O café, diz Garrett,

[1] Artigo do *Correio da Manhã* de 2 de Maio de 1892.

é uma das feições mais caracteristicas d'uma terra. O viajante experimentado e fino chega a qualquer parte, entra no café, observa o, examina-o, e tem conhecido o paiz em que está, o seu governo, as suas leis, os seus costumes, a sua religião.»

N'estas linhas, ao correr da penna, enfeixámos todos os elementos que conseguimos colher, no respeitante a velhos botequins lisboetas.

NOTAS

Pag. 7, linha 29

A personalidade odiosa de Madame de Paiva continua a seduzir as pennas dos escriptores. Acaba de sahir á luz, em Paris, o romance *Femme qui a connu l'empereur*, de Hugues Rebell, cuja acção se desenrola em torno de Madame de Paiva, mascarada com o nome de Jeanne la Flamme.

Sabe-se que aquella aventureira — tão famosa no Bosque de Bolonha como na fria avenida de Lichtenthal — poz em jogo os mais habeis artificios da tactica feminina e representou um papel de primeira ordem na obra tenebrosa de investigação clandestina e permanente que os allemães praticaram em França durante a epocha em que governava *Badinguet* e se cantava com enthusiasmo :

Partant pour la Syrie
Le jeune et beau Dunois...

E sabe-se mais, que no seu faustoso palacete dos Campos-Elysios se centralisou o serviço da espionagem allemã. O livro de Rebell é, pois, o estudo d'uma d'essas mulheres mysteriosas, de que a historia de França apresenta tantos exemplares, desde a falsa Maria Antonietta, a quem Madame de La Motte apresentou o cardeal de Rohan, uma noite, no parque de Versailles, até á desconhecida que actuou enigmaticamente na morte de Gambetta, e á *dama velada* do recente processo Dreyfus.

Pag. 15, linha 22

A rua Nova d'El-Rei, parte da qual, nos começos do seculo XVII, era ladeada pelas lojas dos ourives e lapidarios tinha tambem ricos estabelecimentos de livros, porcellanas, velludos, sedas e outros artigos.

O Senado da Camara mandara collocar bancos, ao longo d'ella, para os mercadores se sentarem. (Freire de Oliveira. *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa.* Tomo VIII, pag. 294, nota.)

Pag. 16, linha 7

Um dos actos iniquos, endossados á responsabilidade do marquez de Pombal, é a prisão do poeta arcadico, Pedro Antonio Correia Garção. Innocencio, no seu Diccionario Bibliographico, apresenta as hypotheses que varios escriptores teem formulado a respeito das causas determinantes d'este encarceramento. Por ultimo, dá a versão tradicional na familia do poeta. É, em resumo, o seguinte. Garção habitava na sua casa da Fonte-Santa, e junto d'ella, n'outra casa do poeta, vivia o coronel inglez Mac-bean com uma sobrinha. No numero de frequentadores da casa de Garção contava-se um peralta de appellido Avila, segundo parece, o qual, apesar de ser casado, fez o assedio da filha d'Albion com todas as regras da estrategia amorosa. Como ignorasse a lingua ingleza, pediu a Garção que lhe escrevesse uma carta para a namorada; mas, obtido o rascunho, em vez de o copiar por sua mão, cahiu na asneira de o dar a um creado do coronel, a quem aquelle a foi entregar.

O inglez exacerbou-se com o atrevimento, visto a carta aconselhar a fuga da *miss* (que já tinha capitulado...), e correu a mostral-a ao marquez de Pombal, que, muito irritado, e, talvez, aproveitando o bom momento, ordenou a prisão do poeta.

Adiante publicamos a ordem de prisão e a ordem de soltura de Garção. Na segunda figura um Avila, naturalmente o peralta referido.

«Para o Corregedor do Crime do Bairro de Belem.»

El-Rey Meu Snr. he servido que V. M.ce logo que receber este aviso procure com todo o cuidado prender a Pedro Antonio Correa Garção, morador na sua quinta á Fonte Santa, e a

Manuel Joseph que se chama seu criado grave, e os conduza ás cadêas do Limoeiro, onde devem ser conservados em separados Segredos: E logo que Vm.ce executar esta Real Ordem me dará Conta para ser presente ao mesmo Snr. Deus guarde a V. M.ce. Paço a 8 de Abril de 1771.

Marquez de Pombal.»

(*Avisos*. N.º 3.º Classe 1.ª, N.º 14 de ordem, fls. 93. Coll. vinda do Min. do Reino.)

«Para o Cardeal da Cunha.

Emin.mo e R.mo Snr.

Sua Magestade he servido que V. Em.ª mande soltar a Pedro Antonio Correa Garção e a Francisco Antonio Lobo de Avilla, que se acham presos na Cadêa da Corte por ordem do mesmo Senhor:

Assignando os sobreditos presos um termo perante o Corregedor do Crime do Bairro da Rua Nova, de sahirem da referida cadêa para fóra d'esta Corte, á qual não poderão voltar emquanto S. Magestade não mandar o contrario.

Deus guarde a V. Em.ª. Paço em 10 de Novembro de 1772.

José de Seabra da Silva.»

(*Idem*. fls. 109).

Pag. 25, linha 10

Entre as folhas d'um livro da Intendencia Geral de Policia depararam-se-nos algumas amostras de sedas e setins vindas d'Inglaterra em 1793, e destinadas á princeza D. Carlota Joaquina e ás suas damas-camaristas.

Quatro amostras de seda branca, castanha e ás riscas, eram para D. Thereza de Portugal e D. Helena de Mascarenhas; e onze amostras de setins e sedas, branca, amarella e branca, azul, ondeada, e cor de flor de alecrim, eram para a princeza. As ultimas estavam cosidas a um papel com o distico: — «From N.º 1 to N.º 11 are all for Her Royal Highness and to be Derected A Sua Alteza Real a Serenissima Princeza Nossa Senhora Q.m D.a G.de mt.os Annos.» (Liv. 264. Coll. vinda do Governo Civil.)

Pag. 32, linha 2

Domenico Pellegrini, pintor retratista veneziano, demorou-se em Lisboa alguns annos. Pelo recibo passado por Antonio Esteves Costa, em 10 de Dezembro de 1808, se vê que Pellegrini morava no 3.º andar das casas que aquelle negociante possuia a Buenos-Ayres, e que pagava 50$000 réis de renda semestral. Outro recibo prova que em 1809 occupava uma loja e um segundo andar do mesmo predio, de que pagava egual renda. *(Papeis diversos.* Maço 10.) E uma denuncia dirigida á policia em 2 de Outubro de 1809 diz que Pellegrini habitava um primeiro andar da rua do Prior, e que no segundo andar residia o Delaborde, francez naturalisado, suspeito de jacobino. *(Idem.* Maço 1.)

Pellegrini pintou, entre outros quadros, o retrato do seu eminente collega Domingos Antonio de Sequeira, uma Venus para a galeria da condessa d'Anadia, e o retrato do barão de Quintella, sua mulher e seus dois filhos, que existia em casa do mesmo barão. *(Dict. Historico-Artistique du Portugal.* Raczynski.) Além d'estes fez o retrato de Lord Wellington pela quantia de duzentos e quarenta mil réis em metal. *(Pap. Div.* Maço 10.)

Foi, quiçá, para este fim, que Mr. John Charles Villiers, ministro plenipotenciario da Grã-Bretanha, lhe escreveu um bilhete, que encontrámos n'este maço e que diz: — «Mr. Villiers fait ses complimens à Mr. Pellegrini — Il vient de parler à L. Wellington qui sera bien aise de le voir chez lui demain sur les neuf heures.»

Um recibo de Pellegrini, de 8 de Novembro de 1809, declara que recebeu vinte moedas de oiro por haver pintado um retrato ao capitão Scott, do regimento N.º 45 de infanteria ingleza.

Por alguns recibos de diversas pessoas se prova mais que o pintor commerciava, de sociedade com o negociante italiano Agostinho de Poli, em diversos generos que importava, como eram: cacau, canella, assucar, café, marrasquino de Zara, saccas de algodão, etc. *(Pap. Div.* Maço 10.)

Pellegrini teve de sahir de Portugal em 1810 por causa da *Setembrizada.*

Foi n'este mesmo anno que falleceu o seu distincto collega Pedro Alexandrino, cujo espolio era annunciado, para leilão,

na *Gazeta* de 13 de Setembro: — «No dia 24 do corrente mez de Setembro, pelas tres horas da tarde, se ha de proceder a leilão na Calçada de Sant'Anna, n.º 90, em casa de José Maria de Lara, para se arrematar a mobilia de Pedro Alexandrino de Carvalho, Pintor Figurista, em que entrarão as suas Pinturas, e huma boa camara-othica com Estampas grandes, muitas d'ellas illuminadas pelo mesmo Author; e hum Crucifixo grande de marfim que representa o Senhor em agonia.»

A *Gazeta* de 8 de Dezembro ainda annunciava a venda da quinta, junto ao chafariz da Povoa de Santo Adrião, que pertencera a Pedro Alexandrino, e que constava de casas nobres, vinha e pomar de fructa de caroço e pevide.

Pag. 60, linha 6

Junot recebeu o titulo de duque d'Abrantes como premio da occupação de Lisboa e de parte de Portugal. Damos, a seguir, a carta em que Mr. Legoy pede ao vice-consul de França para mandar lavrar o registo da procuração do duque d'Abrantes (cuja copia está junta), procuração que Junot conferiu para lhe serem dadas e passadas em Paris as Cartas Patentes de duque do Imperio, e para a constituição de um morgado, ao qual ficaria adstricto o novo ducado.

A copia tem um carimbo dizendo: — «Commissaire G^al^. des Relons. Com^ales^. à Lisbonne,» e está transcripta no respectivo livro de registos, no qual assignaram o duque de Abrantes, as testemunhas e o chanceller do consulado.

Segue a carta e a procuração:

«Lisbonne le 21 Avril 1808.

Monsieur,

J'ai l'honneur de vous adresser ci joint le projet d'une procuration à donner par S. E. le Duc d'Abrantes. Je vous prie d'avoir la complaisance de la transcrire à votre registre pour ensuite en dresser une expédition.

S. E. signera à la minute, sur la présentation que je vous serai obligé de lui faire de votre registre.

On aura besoin de l'expédition pour le départ du 1er courier.

Je profite de cette occasion de vous présenter l'assurance des sentiments les plus distingués.

Legoy.»

«Par devant nous Alexandre Mure vice-consul Chancelier Gérant *ad Interim* le Consulat Général de France à Lisbonne fut présent Son Excellence Monseigneur J. Andoche Junot, Duc d'Abrantes, Grand Aigle de la legion d'honneur, commandeur de l'ordre Royal de la Couronne de fer, Grand-croix de l'ordre de Christ de Portugal, grand officier de l'empire, Colonel général des hussards, Gouverneur de Paris et Général en Chef de l'armée de Portugal, etc. Le quel a fait et constitué pour son Procureur Général et spécial Mr. Pierre Caragnary, demeurant à Paris, auquel Son Excellence donne pouvoir de pour elle et en son nom, en exécution des Statuts impériaux du 1er. Mars 1808, l'un portant création des titres, et l'autre relatif à l'établissement des Majorats, obtenir la délivrance des lettres Patentes qui doivent être délivrées à sa ditte Excellence constituant, en sa qualité de Duc de l'Empire, les faire publier et enrégistrer, acquitter tous frais et Droits pour l'éxpedition des dites lettres patentes et pour leur publication et enrégistrement, en rétirer quittance.

Comme aussi présenter toutes requêtes pour la formation d'un Majorat auquel será attaché le Duché de Son Excellence, se soumettre en consequence à l'accomplissement et exécution de toutes les conditions prescrites pour les Statuts impériaux précités, désigner et affecter au dit Majorat spécialement tous les biens que Sa Magesté l'Empereur et Roi voudra bien lui donner en dotation, et en cas d'insuffisance, en affecter d'autres pour le complément, remplir à cet egard toutes les formalités prescrites pour les dits Statuts, se soumettre également à avoir un hotel à Paris où sera son domicile politique et civile, déclarant Sa dite Excellence être dejà proprietaire d'un hotel à Paris, rue des Champs Elizées. N.º 6. Désigner dans le cas ci-dessus le dit hotel et même l'affecter au dit Majorat, mais faire reserve pour sa dite Excellence de disposer comme lui semblera du dit hotel dans le cas où il ne formerait pas partie du dit Majorat, et dans le cas contraire d'exécuter les conditions d'aliénation, d'échange ou remploi dans les formes prescrites par le second Statut Impérial du 1er. Mars 1808 ; et Généralement faire tout ce que les circonstances exigéront, en donnant plein pouvoir, promettant avoir le tout pour agréable.

Dont acte fait et passé à Lisbonne en la Chancellerie du Consulat Générale de France le vingt un Avril mil huit cents huit en presence de Mrs. Jean Baptiste Felix Legoy et Benoit Fisson, citoyens français — temoins requis qui ont signé au

Présent avec Son Excellence Monseigneur le Duc d'Abrantes après que lecture leur en a été faite par nous susdit et soussigné.

J. B. Felix Legoy.

Le Duc d'Abrantes.
Fisson.

Adre. Mure.»

A procuração tem esta nota á margem : «Duc d'Abrantes, Grand Aigle de La Legion d'Honneur, Commandeur de l'ordre Royal de la Couronne de fer, Grand Aigle de l'ordre de Christ de Portugal, Grand Officier de l'empire, Colonel Général des hussards, Gouverneur de Paris, et Général en Chef de l'armée de Portugal.

Approuvé le renvoi ci-dessus.

Adre. Mure.»

(Intendencia. L. 263. *Chancellerie du Consulat. Registe des Actes N.º 18.* fls. 2.)

Legoy, o signatario da carta, estava addido ao estado-maior du *Bureau des Petitions*, estabelecido na rua da Emenda N.º 8, ao qual tambem estava addido o chefe d'esquadrão, Carrion de Nizas (*Pap. Div.* Maço 10), que tanto assoalhou nos jornaes estrangeiros as aventuras amorosas de Junot.

No citado livro do consulado francez ha mais procurações de francezes. Entre ellas vemos a de João Baptista Prilleux, creado de quarto de *monseigneur* o duque d'Abrantes, a de João Camescasse, filho, pagador geral da segunda divisão do exercito de Portugal, e a de Mr. Adrien Jacques Maurice Cambis, ajudante commandante empregado no estado-maior general do exercito de Portugal e estribeiro de S. A. I. a Princeza Carolina. (Fls. 3, 4 e 7.)

Pag. 65, linha 16

O palacio do conde da Ega soffreu sequestro, quando o proprietario foi julgado como traidor á patria. O conde, sua mulher e duas filhas, refugiaram-se a bordo d'uma nau russa, d'onde passaram para uma galera ingleza, por elles fretada, que sahiu a barra em 15 de Setembro de 1808, com destino a Inglaterra, mas que os largou em Quiberon (Bretanha) em 15 de Outubro.

Deixou em Lisboa seu filho Antão, entregue a seu cunhado, o conde d'Almada. A condessa da Ega, fugindo, estava dentro do seu papel. Como a heroina cantada por Donizetti, ella seguia o regimento...

Depois de se proceder a devassa pelo Juizo da Inconfidencia, o conde da Ega foi submettido a julgamento, condemnado á morte e á confiscação dos bens.

O marquez de Campo-Maior, general Beresford, habitou, desde 1809, o palacio do Pateo do Saldanha. O aviso de 15 de Março d'aquelle anno mandava apromptar o palacio do conde da Ega para os officiaes das Guardas Reaes de S. M. Britannica, havendo toda a cautella e cuidado na conservação e segurança dos moveis; e o aviso de 12 de Março mandava preparar os alojamentos precisos para os officiaes do estado-maior do marechal Beresford, que deviam ser acommodados nas visinhanças da sua habitação. (*Avisos*, etc. Maço 5.)

D. João VI, querendo recompensar os serviços d'aquelle official inglez, deu-lhe, por Carta Patente datada do Rio de Janeiro, o almoxarifado de Torres-Novas [1], em tres vidas, e, de juro e herdade, a casa do Pateo do Saldanha e tudo mais annexo á dita casa.

Beresford e os *blue-jackets* desde 1810 que provocavam animadversão de militares e paizanos, como se vê de uma denuncia de espião policial de 25 de Abril de 1810, que dizia: — «de que se queixavam que era desaforo e pouca-vergonha o que os commandantes inglezes e elle Beresford praticavam no exercito com os nossos nacionaes, e que haviam de ter desgosto grande se o Governo não desse providencias serias a este respeito, de que geralmente duvidavam que o Governo as podessem dar, pois se deixava governar pelos chefes inglezes,» etc. (*Pap. Div.* Maço 10.)

Beresford, que durante annos esteve no commando superior do nosso exercito, foi ao Rio de Janeiro e voltou a Lisboa em

---

[1] A portaria de 7 de Outubro de 1835, assignada pelo marquez de Saldanha, mandou suspender a mezada mensal de 866$665 réis que Beresford recebia por portaria de 24 Janeiro de 1827, além dos dezeseis coutos de réis annuaes que D. João VI lhe conferira, em troca do almoxarifado de Torres-Novas, de que lhe fizera mercê.

10 de Outubro de 1820, a bordo da nau ingleza *Vingador*, procedente d'aquelle porto em 58 dias, e que fundeou em frente da Junqueira á uma hora da tarde Vinha munido de poderes extraordinarios, mas o Governo Supremo não o deixou desembarcar.

A indisposição publica contra o marechal, e até contra as familias que com elle de mais perto conviviam, manifestou-se de varios modos : em ameaças de que, se desembarcasse, seria morto, em versos satyricos que se espalharam em grande numero, e na espera que lhe fizeram alguns officiaes de infanteria 1, na noite de 13 para 14 d'Outubro, no caes de Belem, onde suppunham que elle desembarcaria e onde tencionavam espancal-o. Até esta emboscada deu logar a um equivoco, porque, saltando d'um bote para terra o *Porna-dente*, homem assáz conhecido no bairro de Belem, e que vinha envolto n'um capote, preparavam-se para o sovar, quando reconheceram o engano. (*Pap. Div.* Maço 16.)

O palacio da Junqueira conservou-se na posse de Beresford. Mas a sentença lavrada a favor do conde da Ega, em 18 de janeiro de 1823, mandou relaxar os sequestros ou embargos a que em seus bens se procedera, e foi em virtude d'esta sentença que aquelle titular exigiu de Beresford a restituição do historico palacio do Pateo do Saldanha. Beresford não quiz restituil-o, e por esse motivo empenhou-se uma demanda, que, depois de ter corrido pelos tribunaes portuguezes e inglezes, foi ganha pelo conde da Ega (Antão) em 1839. O marechal teve de ceder o palacio, mas pediu e obteve uma indemnisação do nosso governo, allegando que lhe fôra dado em remuneração de serviços. Depois foi comprado pelo abastado capitalista e negociante de grosso trato, barão da Folgoza, a cuja familia pertence.

A sala principal d'esta casa era sumptuosa. Tinha oito grandes columnas sustentando o tecto (que se elevava em forma de cupula), e tanto este como as paredes tinham preciosos relevos e pinturas ; ao fundo havia uma estatua n'um nicho, as portas eram revestidas d'espelhos, e dos tectos pendiam cinco magnificos lustres.

Pag. 66, linha 5

Os numerosos amores que Junot teve em Portugal, e que durariam (quem sabe?) o espaço d'uma noite, provocaram esta *decima* d'um folheto do tempo :

Em Francez diz certo author[1],
Portanto estou de má fé,
Que em Toulon, que em Nazaré,
Junot mostrara valor.
Se não mente o tal senhor,
(O que he muito natural)
Digo então que em Portugal,
As mulheres, jogo e dança
Fizérão n'elle a mudança,
Que em Capua teve Anibal.

Pag. 66, linha 23

O sr. Alberto Telles, no seu livro *Lord Byron em Portugal*, cita diversos escriptores no intuito de provar que a chamada convenção de Cintra não foi ratificada no palacio de Seteais. E conclue, com José Accurcio das Neves e o sr. Chaby, que a convenção foi ajustada e assignada em Lisboa (a respeito do que não ha duvidas), ratificada em Torres-Vedras, onde Dalrymple estabelecera quartel-general, e que, por consequencia, é erro manifesto tirar differente conclusão. Soriano, pelo contrario, affirma que foi ratificada em Cintra, embora a sua assignatura se effectuasse em Lisboa entre o coronel Murray e Kellermann, e que d'aquella localidade tirara o nome por que é conhecida.

O sr. Alberto Telles rebate esta asseveração com um trecho recortado das Memorias de Hew Dalrymple, em que este general confessa que a denominação é impropria e pouco feliz. Tambem a duqueza d'Abrantes diz não comprehender o motivo porque se deu o nome de Cintra á convenção, a não ser que fôsse por Lord Wellington e os outros generaes terem habitado a casa do Marquez de Marialva. (*Memorias*. Tomo 7, pag. 438, nota.)

A convenção foi assignada a 30 d'Agosto e ratificada a 31. Entretanto os diccionarios geographicos de Bouillet, de Bescherelle, de Dezobry e Bachelet, o *de la Conversation et de la lecture*, e a Encyclopedia Britannica, dizem que foi assignada a 22 de Agosto! Ora 22 de Agosto é, simplesmente, a suspensão de armas combinada em Torres-Vedras entre Wellesley e Kellermann. *Et voilà justement comme on écrit l'histoire.*

---

[1] O author da Galeria Militar no art. Junot.

Dalrymple assentou quartel-general no palacio dos Seteais. O coronel Peacock, commandante das forças inglezas em Lisboa foi (em 1810) para o palacio do visconde de Anadia, palacio de que se haviam roubado, no tempo dos francezes, e por ordem assignada por Geouffre, grande quantidade de objectos, entre elles a bibliotheca e duas mil e trezentas garrafas de vinho. (*Avisos*, etc. Maço 4.) O Commissariado Britanuico esteve em 1810 no palacio do Dr. José de Mello, na travessa de André Valente, e de 1810 até 1817 no palacio do largo do Poço Novo, pegado á egreja dos Paulistas, pertencente á viuva do Provedor dos Armazens, casa onde esteve a secretaria do quartel-mestre general inglez em 1811, onde morou Fontes Pereira de Mello, e que pertence, agora, ao sr. José Vianna.

Apesar do assêrto do sr. Alberto Telles e da affirmação da duqueza de Abrantes, a verdade é que na familia do actual dono do palacio dos Seteais mantem-se a convicção de que a convenção de Cintra foi assignada alli. Tanto assim que ainda hoje se conserva n'uma sala d'essa casa a meza, o tinteiro e a penna que (é tradicção) serviram para a assignatura referida.

O palacio dos Seteais foi mandado edificar no seculo passado pelo opulento hollandez Gerardo Devisme (cujo retrato existe em casa do sr. conde d'Azambuja), que tambem mandou construir a vivenda de S. Domingos de Bemfica, onde habitou, durante muitos annos, e morreu a infanta D. Izabel Maria. Mas, no reinado de D. Maria I, Devisme teve pendencias com o governo portuguez, e sahiu d'aqui para não voltar mais. O marquez d'Abrantes comprou a vivenda de Bemfica, que depois foi propriedade da infanta; e o marquez de Marialva comprou o palacio dos Seteais, onde deu esplendidas funcções, e recebeu a visita de D. Maria I, com a maior pompa e grandeza. Foi elle quem mandou collocar no arco do palacio, em 1802, o trophéo ornamental, com os bustos do Principe Regente e de D. Carlota Joaquina.

Beckford, nas suas Cartas, gaba immenso a quinta do marquez de Marialva, em Cintra, o jardim, e o elegante pavilhão desenhado por Pillement, artista que tambem pintou dois gabinetes da morada de Bemfica.

Como o 5.º e ultimo marquez de Marialva morresse sem filhos, o palacio passou á irmã, a 3.ª marqueza de Louriçal, e como esta tambem morresse sem filhos, quem o herdou foi seu sobrinho, o 2.º marquez e 1.º duque de Loulé. Por seu fallecimento, coube ao sr. conde d'Azambuja.

No palacio de Palhavã, actual propriedade d'este titular, residiram e deram festas soberbas os marquezes de Louriçal.

Pag. 67, linha 6

Existem hoje tres netos de Junot. Uma neta (filha da filha mais velha do general) casada com o conde de Mouy, antigo embaixador; outra neta casada com o visconde de La Ferrière; e Joanna de Abrantes, casada com o 3.º duque de Abrantes, que recebeu este titulo por occasião do seu casamento em 1869. Os dois ultimos netos de Junot são filhos do coronel Alfredo, 2.º duque de Abrantes, morto na batalha de Solferino.

O 3.º duque de Abrantes è filho de um corretor de cambios chamado Le Rey. (*Mémoires* de Marie Colombier. pag. 99.)

A que mãos foi parar este ducado metaphorico!

Pag. 69, linha 17

Um folheto da epocha pintava assim o Lagarde e o Hermann:

Por ministro da Intendencia
Foi Lagarde nomeado:
Homem nescio e sem clemencia,
Porém bixo consummado
Na esbirratica sciencia.

. . . . . .

Em ministro das Finanças
Foi sem demora provido
Um besta de russas tranças,
Que era d'antes conhecido
Por mestre de contradanças.

A's meninas, derretido,
Mil finezas tributava:
E sem dentes presumido
O velhaco não pensava
Ser d'ellas escarnecido.

Consta-nos que este brejeiro
Dissera que voltará,
Antes do mez de Janeiro:
Póde ser; porém será
A vender vidros de cheiro.

Pag. 69, linha ultima

A titulo de curiosidade damos dois documentos emanados das pennas de Hermann e de Junot. Um é o aviso em que Hermann ordena, em nome de Junot, que as armas da Casa de Bragança sejam apeadas dos edificios do Estado. O outro é a nomeação de Lagarde para o cargo de Intendente Geral da Policia.

Fevereiro 24. Do Interior.

«Em consequencia das ordens do Ill.mo e Ex.mo Sr. General em Chefe do Exercito Francez em Portugal, remetto a V. S.ª o decreto da copia inclusa, assignada pelo conselheiro Joaquim Guilherme da Costa Posser, official-maior da Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, encarregando a V. S.ª da sua execução pelo que respeita ás Armas da Casa de Bragança, que deverão ser tiradas de todos os Edificios Publicos d'estes Reinos, em fórma, porém, que esta operação não deturpe, seja a belleza do Edificio, seja algum seu ornato principal de Architectura, ou Esculptura, que deverá conservar-se em toda a sua perfeição, quanto ser possa. Exceptuando da execução d'esta ordem as Armas da Decoração da Estatua Equestre, collocada na Praça do Commercio, e quaesquer outras semelhantes; e exceptuando outrosim qualquer ornamento interior das egrejas. Tambem fica a cargo de V. S.ª a execução do abatimento de todas as Taboletas de privilegios, que são declarados insubsistentes e nullos: E a estes fins mandará V. S.ª sem perda de tempo passar as ordens necessarias.

Francisco Antonio Hermann.»

(*L. 1.º de Registo de Cartas Regias, Decretos e Avisos.* L. N.º 85 de ordem, fls. 97 v.)

«Em Nome de S. M. o Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederação do Rheno.

DECRETA

Mr. de la Garde he nomeado Intendente Geral da Policia do Reino de Portugal.

As suas funcções são independentes das differentes Secretarias de Estado, e trabalhará directamente com o General em Chefe.

O Secretario de Estado do Interior e das Finanças fica incumbido da execução do presente Decreto, pelo que respeita ás authoridades portuguezas, para fazer reconhecer a Mr. de la Garde, como tal Intendente Geral da Policia.

Dado no Palacio do Quartel General em Lisboa a 25 de Março de 1808.

Junot.»

(Intendencia. N.º 2.º Classe 2.ª-2-328, fls. 95. Coll. vinda do Min. do Reino.)

Pag. 74, linha 22

A Feira da Ladra (a que em Paris corresponde *Le Temple*, e em Madrid *El Rastro* e *Las Americas)* mudou para a rua Occidental do Passeio Publico e Praça d'Alegria em 1809. Mas as vendedeiras permanentes do Rocio já haviam sido transferidas para a referida praça em 1773, conforme o prova este documento :

«Para o Marquez d'Alvito.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

El Rey Meu Senhor he servido que V. Ex.ª passe as ordens necessarias para que no dia de ámanhã, que se hão de contar quinze do corrente, se ache antes do meyo dia na Praça da Alegria, que antes se chamou do Supplicio, huma companhia de Cavalleria, para que assista á mudança dos Lugares, que para a referida praça sita na Cotovia de baixo, hão de fazer as vendedeiras da do Rocio ; a fim de que se evite todo o ruido e dezordem nas posses das mesmas vendedeiras : Devendo para o sobredito effeito hir instruido o capitão, que commandar a dita companhia com a ordem de seguir o que pelo Conde Presidente do Senado da Camara, ou pela pessoa que por sua commissão fôr assistir á dita mudança, lhe fôr participado.

Deus guarde a V. Ex.ª Oeyras em 14 de Fevereiro de 1773

Marquez de Pombal.»

(*Avisos*. N.º 3.º Classe 1.ª N.º 15 de ordem. fls. 133. Coll. vinda do Min. do Reino.)

Pag. 96, linha 22

Francisco Bartolozzi, o insignissimo gravador, era natural de Florença, cavalleiro da ordem de Christo, e morreu em Lisboa aos 7 de Março do 1815, contando 86 annos, 5 mezes e 6 dias de edade. Celebre em toda a Europa pela correcção do seu desenho e pela perfeição a que conseguiu levar a arte de gravura, esteve em diversos paizes, deixou em Londres discipulos eximios, veio a Portugal chamado pelo soberano, e, entre nós, creou eschola, ensinando e deixando alguns seguidores notaveis.

Trabalhou até quasi ao fim da vida, porque só um mez antes de morrer abandonou o exercicio da sua arte.

Foi sepultado na egreja de Santa Izabel, sendo posto o seguinte epitaphio na pedra sepulchral :

Bartolozzo, qui tot vitas auxit, at annos,
Post septem Martii non datur una dies.

(*Gazeta de Lisboa*. 27 de Março de 1815.)

Pag. 118, linha 6

Antonio Marrare possuia uma casa de pasto no Campo-Grande, N.º 98, em 1837. (*O Gratis*. 25 Fev. 1837)

Pag. 120, linha 3

A cantora Barili tinha o temperamento fogoso das transteverinas... e muito má creação. Quando se encontrava no seu camarim em S. Carlos, insultava com frequencia a Boccabadati — sua rival —, logo que sabia que esta estava tambem no camarim respectivo. Certa vez, correu, de faca em punho, atraz de Vicente Corradini.

Outra occasião encontrou D. Alvaro Romo (chefe dos *boccabadistas*) no largo de S. Carlos, e exclamou com voz em que pareciam assobiar todas as serpentes do odio :

— *Che bruta faccia!*

Ainda outra vez tornou a encontral-o ao fundo do Chiado. Vêl-o e saltar fóra da sege em que ia foi obra de um momento. Dirigindo-se a D. Alvaro, disse-lhe, com intimativa, n'um italiano mesclado de portuguez:

Bruto macáco! La prima volta che tu vai patear-me in teatro ti arranco le orecchie!

Uma noite, ao cantar uma aria, parece-nos que na *Gemma di Vergy*, enganou-se, e principiou a atacar uma aria differente. Corradini avisou-a dos bastidores.

Quando a Barili retirou de scena, disse para o Corradini: — *Que quer, enganei-me, tenho sempre aquelle diabo atravessado na garganta...*

Aquelle diabo era a Boccabadati!

Pag. 121, linha 3

Catharina Barili morava na rua da Figueira (rua Anchieta), N.º 13, 1.º andar, predio que pertencia aos Verdiers. N'essa mesma casa esteve a Ferlotti.

Luiza Boccabadati, a emula da Barili, morava na rua da Horta Secca, N.º 16, 2.º andar. Foi a Agencia Commercial que fez leilão da mobilia, na qual se comprehendia um rico piano forte de seis e meia oitavas, author Bamgardten, de Hamburgo. (*O Gratis*. 14 de Junho de 1842.)

A Barili partiu de Lisboa para Madrid, onde deu á luz uma menina, que viria a ser a gloriosa cantora Adelina Patti. Ha quem diga que nasceu no camarim de sua mãe, escripturada no theatro *del Circo*, mas a verdade é que veio ao mundo na calle de Fuencarral, N.º 6 moderno, 3.º andar, lado direito, em casa da generala Dona Dolores Zárate de Rojas.

Barili casara com Salvador Patti, tenor decadente. Todavia, uma lenda, que chegou até nossos tempos, affirmava que o pae de Adelina era um *dilettante* de S. Carlos, J. C. de F. J., o qual, por seu cego enthusiasmo pela cantora Barili, provocara as famosas luctas entre *barilistas* e *boccabadistas*.

Pessoas contemporaneas dos successos asseveram-nos, porém, que F. J. nunca passou de simples admirador platonico.

da Barili, e que, portanto, a lenda não tem realidade objectiva.

A Patti naturalisou-se ingleza em 1898, e por essa occasião teve de apresentar a certidão de edade, que foi reproduzida nos jornaes de Inglaterra. Por ella se vê que fôra baptisada na freguezia de S. Luiz de Madrid, pelo cura D. José Lozada, em 3 de Abril de 1843, havendo nascido ás 4 horas da tarde de 10 de Fevereiro do mesmo anno; que era filha legitima de Salvador Patti, professor de musica, e de Catharina Chiesa, natural de Roma. Serviram de padrinhos, José Sinico, professor de musica, e sua mulher Rosa Monara Sinico, e de testemunhas, Julian Huezal e Casimiro Garcia, sacristães da parochia.

A incomparavel *Rosina,* que mereceu a idolatria dos heroes da alta vida parisiense da epocha imperial, casou em 1868 com o marquez de Caux, estribeiro-mór de Napoleão III e director dos *cotillons* nas *segunda-feiras* da imperatriz. Quando contrahiu segundas nupcias, com o tenor Nicolini, em 1886, dirigiu convite a J. C. de F. J. para assistir ao casamento E annuncia-se agora (1898) que a preclara diva vae casar (pela terceira vez) com um barão sueco.

Toda a gente sabe que a castellã de Craig-y-Nos é a mais rica artista lyrica do presente e do passado, e, o que precisa accentuar-se, sua fortuna provem exclusivamente do exercicio systematico e nunca interrompido da sua arte durante quarenta annos. Sob este ponto de vista tambem esta aristocrata do canto não tem rival.

Uma neta da Boccabadati, Elena Varezzi Boccabadati, teve escriptura em S. Carlos na epocha de 1877-1878. Era filha de Cecilia Boccabadati, que cantou duas unicas vezes em publico, quando o conde de Farrobo fez representar a *Cenerentôla* no seu theatro da quinta do Farrobo (Villa Franca) em 19 e 20 de Agosto de 1840.

Dois filhos da Barili vieram a Lisboa: o violinista Carlos Patti em 1865, e Adelina Patti em 1886, escripturada por Campos Valdez, e em 1887-1888 reescripturada pelo mesmo emprezario.

Da primeira vez brilhou, como sempre, no *Barbeiro de Sevilha,* opera d'estreia, e na *Traviata,* em que se apresentou com joias deslumbrantes; e na segunda vez estreiou-se com a *Traviata* em 15 de Dezembro de 1887.

O segundo marido da Patti veiu a Lisboa, escripturado por Campos Valdez, em 1870. Trajava sempre casaco de belbutina castanha, calças da mesma fazenda, e chapéo de aba larga. Fazia-se acompanhar de um cão de caça, que offereceu a el-rei D. Luiz. N'esse tempo era casado com uma italiana, filha d'um fabricante de vellas de cebo, mulher extremamente mal educada. Uma noite, no camarim, insultou tanto o marido, que este, azedando-se, tirou um punhal que tinha á cinta, e com que entrava no quarto acto da *Lucia*, e arrancou para ella. O guarda-roupa do theatro, sr. Augusto da Silva, metteu-se de permeio, obstando assim ao desvario, prestes a ser commettido pelo cantor.

Não é de admirar que Nicolini tivesse escolhido para esposa uma mulher de tão baixa extracção. O nosso conhecido Malvezzi casara com uma pobre creatura, que vendia favas torradas á porta dos quarteis.

Pag. 122, linha 23

Dissemos que Vicente Corradini não tinha este nome. O sr. Dr. Henrique Midosi, advogado no processo de habilitação dos herdeiros, viu-se em grandes difficuldades para conseguir provar que Vicente Corradini usava de nome supposto.

Corradini veiu para Portugal no tempo das luctas entre D. Miguel e D. Pedro. Era oriundo de Forli (na Romagna), ainda hoje cidade revolucionaria e foco do socialismo. Elle e seus irmãos tinham ahi uma loja de violeiro.

A maçonaria secreta creara fortes raizes na Italia, onde se tornou proverbio que os tres inimigos do paiz eram o typho, os allemães e os frades — *tifo, tedeschi e frati.*

Corradini achou-se envolvido n'um *complot* de carbonarios, a cuja seita pertencia, e que tinha por fim dar cabo dos frades. Mas a conspiração foi descoberta, e Corradini mais dez dos seus companheiros foram presos, encarcerados n'um forte e condemnados a pena ultima. A filha do carcereiro, que era sua namorada, conseguiu salval-o. Forneceu-lhe umas cordas, por meio das quaes elle e o seu amigo Francisco desceram até cahirem sobre umas latrinas, que havia junto á prisão, e por onde os fugitívos se escaparam, quasi milagrosamente.

Fartaram-se de andar, gastando tres mezes em chegar a

Livorno, no grão-ducado da Toscana, onde se consideraram seguros, porque o grão-duque não permittia a entrega de refugiados politicos. Embarcaram a bordo do navio em que regressava a Portugal o Manoel Machado, que depois teve a empreza do Gymnasio, e a quem devemos estes apontamentos.

Vicente Corradini e o seu amigo Francisco dirigiram-se ao Porto, então assediado pelo exercito miguelista. Corradini combateu no cerco, e veiu depois para Lisboa ; mas o seu amigo morreu lá.

Emquanto aos outros companheiros de Corradini na conspiração, esses foram todos executados na praça do Popolo, em Roma. Manoel Machado viu-os ir para o supplicio, uniformemente vestidos de casaca azul com botões amarellos, calça de ganga assucarada e chapéo alto.

Nenhum quiz receber os soccorros da religião, e nenhum foi enterrado em sagrado. No dia immediato, as sepulturas dos justiçados appareceram cobertas de flores.

Aproveitando a opportunidade, contaremos um caso que se relaciona com a volta de Machado. Fortunato Lodi, architecto constructor do theatro de D. Maria II e reconstructor do das Laranjeiras, estava em Roma. O seu *atelier* recebia amiudadas visitas de Machado, que ahi ia procurar um amigo, o pintor Fonseca, estudante de pintura n'aquella cidade. Fortunato Lodi, então muito novo, mantinha relações amorosas com a amante do cardeal Alboni. Estes amores foram descobertos, e o Lodi recebeu uma carta da amante, exactamente quando estava no *atelier*, carta em que ella o prevenia e, ao mesmo tempo, lhe aconselhava a fuga, visto estar sujeito a cahir sob o gladio temivel da Inquisição. *Niente meno.*

Machado opinou que, sem demora, partisse para Genova, onde se lhe iria juntar no hotel *Globo*. O Lodi nem sequer teve tempo para vestir outro fato. Seguiu com o que trazia no *atelier*, e com uma pequena caixa, arranjada muito á pressa. Passados oito dias, Lodi e Machado estavam em Lisboa. Este ultimo pagara todas as despezas, que, depois, lhe foram integralmente satisfeitas pelo conde de Farrobo.

O Quintella ausentara-se por causa das perseguições politicas, e o Lodi escondeu-se em casa de Magdalena Caleri, depois mestra das costureiras de S. Carlos. Ahi se conservou por espaço de um anno, sahindo apenas, a occultas, de noite.

Fortunato Lodi voltou, rodados largos annos, para Italia, ainda veio a Lisboa, e, por fim, retirou-se de todo para aquelle paiz.

Seu tio, o italiano Francisco Antonio Lodi, exercitara um officio mechanico, fôra medico de embarque, emprezario e administrador de S. Carlos, e negociante. Sua prima D. Marianna, casou com o 2.º barão de Quintella. Este casamento deu occasião a varios incidentes, em que se encontraram envolvidos os condes da Cunha (tutores do Quintella), Garcia Nogueira (curador do mesmo menor), o Lodi e seu genro, Anselmo Magno de Sousa Pinto, morador na quinta de Palhavã. *(Avisos,* etc. Maços 32 e 35. *L. 19 das contas para as Secretarias.)*

Pag. 123, linha 3

Até 1861, a loja mais antiga do Chiado era a do bahuleiro Rodrigues, estabelecido na porta n.º 126, agora pertencente á Casa Havaneza. O predio que torneja para a rua Nova da Trindade *(T. do Secretario de Guerra)* foi então comprado por Antonio d'Oliveira Guimarães, o qual intimou-ordem de despejo aos inquilinos, porque desejava re-taural-o.

Antes do terramoto, segundo consta de escripturas, não existiam grandes predios n'aquelle sitio, e algumas habitações eram apenas barracas.

Veiu do Brazil um certo Antonio Simões da Costa, que morreu ahi por 1831 com mais d'um seculo d'edade, e chegou, talvez, no proprio anno da catastrophe, levantou o predio que ahi existe, e comprou, ou elle mesmo estabeleceu, a loja de bahuleiro.

Suppõe-se, todavia, que a comprára. De Antonio Simões passou a loja para o Rodrigues, que já contava mais de 80 annos, podendo, portanto, affirmar-se que aquelle estabelecimento era não só o mais antigo do Chiado, mas de Lisboa, visto que alli permaneceu, ininterruptamente, durante 105 annos. *(Jornal do Commercio* 1861.)

Na actualidade, as lojas mais antigas do Chiado [illegible]: a livraria Bertrand (hoje de José Bastos), a mercearia da [illegible]nymo Martins (fundada em 1792), e a loja de ferragens de José Alexandre (fundada em 1823.)

Pag. 127, linhas 7 e 8

Dissemos alli que o Manuel *Hespanhol* arrematou o café Marrare, do Arco do Bandeira. *O Gratis* de 7 de Março de 1810 inseria um annuncio, dizendo que no domingo, 8, abria a loja de bebidas do Arco do Bandeira, que fôra do Marrare, «reformada a gosto de França e Inglaterra.»

José Marrare, sobrinho do velho Marrare, protestava, no dia immediato e na mesma folha, contra o nome que, abusivamente, se dava áquelle café, porque tal nome só pertencia ao seu botequim do Chiado.

Os caixeiros do Marrare abriram uma casa de pasto, *Hotel des Amis*, no Campo Grande, em 1839, mudando-a, passado pouco tempo, para Cacilhas.

Pag. 133, linha 6

A festa que o Senado da Camara de Lisboa, presidido pelo marquez de Olhão, deu no theatro de S. Carlos na noite de 12 de Outubro de 1814, foi dedicada á officialidade do exercito.

As seges dos convidados chegavam pela rua Nova dos Martyres e sahiam pela de S. Francisco.

A *Gazeta* dizia que se escolhera para o apparatoso baile o amplo theatro de S. Carlos, e o espaçoso terreno que lhe fica á esquerda para formar a sala da ceia, dada em ambigú e copiosissima. Nivelou-se o palco com a plateia, figurando o todo uma sala Regia em peristyllo. Dois grandes coretos para a musica e dois camarins bem mobilados completavam a sala de baile.

A sala da ceia, de 222 palmos de comprimento por 84 de largura, apresentava maravilhoso aspecto. Tinha coreto para a banda marcial, e decorações brancas, verde-gaio e oiro, imitando o mais apurado gosto grego. Riscara e dirigira a construcção de tudo o habil architecto Luiz Chiari.

[illegible] da tarde de 12, duas companhias de infanteria da Guarda Real da Policia formaram alas desde a porta do theatro até á entrada da sala de baile, onde, ao anoitecer, se apresentou a corporação do Senado da Camara para receber os convidados. A condessa de Castro-Marim fazia as honras da casa. Os procuradores da cidade e os escrivães da Camara e da Fa-

zenda do Senado desempenhavam os logares de mestres de cerimonias. A direcção superior pertencia ao Marquez Monteiro-Mór.

Quando os convidados eram já numerosos, distribuiram-se os refrescos, tocando alternadamente as duas orchestras. Seguiu-se o baile e, depois, a ceia, que, servida por turnos a 500 convidados, principiou á uma hora da noite, prolongando-se até perto da madrugada. Quando o baile terminou era dia claro.

Assistiram os Governadores do Reino, a principal nobreza, o marechal Beresford, generaes, officiaes de terra e de mar, officiaes inglezes, empregados dos tribunaes, negociantes, etc., fazendo ao todo cerca de 3:000 pessoas.

Na policia externa empregaram-se uma guarda de infanteria e muitas partidas de cavallaria da Policia.

Pag. 139, linha 10

A Guarda Avançada de 13 de Março de 1835 extracta um artigo do *Voltigeur* (jornal redigido por alguns officiaes que acompanharam D. Pedro IV), onde se diz que Lisboa sem o Caes do Sodré seria um corpo sem alma, e comparava o que elle era então, «o *rendez-vous* de todas as nações, do prazer, do bom tom», com o que fôra em tempos de D. Miguel, dos caceteiros ou dos algozes.

Pag. 141, linha 25

O Universal de 10 de Dezembro de 1834 noticiava a prisão de Manoel Fortes, homem pardo, conhecido como um dos principaes cabeças da quadrilha, que, com grave escandalo, havia mais de seis annos infestava as ruas do Alecrim, Ferregial de Baixo e das Flores.

Pag. 141, nota

Em nota a esta pagina damos a morada de Gomes Freire. Podemos accrescentar agora as moradas de outros indiciados como tomando parte na conspiração de 1817. João Carlos de Moraes Palmeiro, capitão-mór de Alhandra, morava n'esta villa; Francisco Leite Sodré da Gama, em Santarem; Manoel Monteiro de

Carvalho, [1] coronel de milicias reformado e ex-major de infanteria 4, no Alto do Salitre n.os 152, 153 e 154, 1.º andar; Verissimo Antonio Ferreira da Costa, ex-tenente-coronel de infanteria 15, author do papel *Sobre o estado da nação*, que se dizia escrivão da Alfandega do Tabaco, na rua da Procissão, n.º 8, aguas-furtadas; o barão de Eben, Frederico, que fôra brigadeiro do exercito inglez, mas ao serviço do portuguez, na rua Nova do Carmo, n.º 37, 2.º andar, ou em n.º 36, hospedaria; o coronel João Antonio Bilstein em Elvas; o abbade de Carrazedo na rua do Passadiço, a S. José, e José Ribeiro Pinto parece que vivia com elle; José Dionysio da Serra, capitão do Real Corpo de Engenheiros, na rua da Saudade, n.º 18, 1.º andar; Manoel Ignacio de Figueiredo, antigo creado de servir e empregado no Commissariado, na travessa do Açougue Velho, bairro de Andaluz, Antonio Cabral Calheiros Furtado e Lemos morava na rua Direita da Graça, n.º 79, ultimo andar, lado direito; Cypriano Lopes de Andrade, capitão de Guias, ao Rocio; Pedro Ricardo de Figueiró, ex-capitão de infanteria 13, na rua do Quelhas, n.º 40, 1.º andar, esquerdo; José Campello de Miranda, n'uma propriedade fronteira ao convento da Encarnação, freguezia da Pena; e Francisco Antonio de Souza, architecto, na rua da Fabrica da Seda, [2] n.º 1, sobre-loja, quarto inferior áquelle em que residia D. Maria da Piedade Lacerda.

Este ultimo habitava na casa em que actualmente residem os srs. duques de Palmella, e que tem uma historia interessante. Manoel Caetano de Souza (pae do conspirador), architecto da Casa do Infantado, das Tres Ordens Militares, e, mais tarde, das Obras Publicas, obtivera, por auctorisação de D. Maria I, um pedaço de terreno pertencente á Casa dos Jesuitas da Cotovia, depois Collegio dos Nobres, e um auxilio pecuniario do Erario Regio, a fim de construir um predio que substituisse o que elle herdara de seus paes, á esquina da rua dos Jasmins e Patriarchal Queimada, e fôra demolido para a edificação, em projecto, do Erario Novo.

Construiu-se a casa como lá está, chata, pesada, sem estylo architectonico, segundo um acanhado risco do proprietario, que morreu subitamente em 1802, quando, perante o Principe Regente, o ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho lhe fez certas accusações.

Tanto o palacio como os empregos foram herdados por seu filho, o architecto Francisco Antonio de Souza. Compromettido

---

[1] Suppomos que era parente da celebre pintora *Joanna do Salitre*.

[2] A antiga rua da Fabrica da Seda tem hoje o nome de rua da Eschola Polytechnica.

na trama revolucionaria de 1817, teve ordem para ser preso no domingo, 25 de Maio, depois da meia-noite, e posto incommunicavel na Cadeia da Cidade, apprehendendo-se-lhe todos os papeis, que seriam lacrados e sellados. Mas, tendo-se evadido pelo jardim do palacio, só se conseguiu a captura ao fim da tarde de 26, ficando retido no Limoeiro, e sendo-lhe passada busca ao domicilio, onde lhe apanharam alguma papelada, que foi posta n'um bahu, fechado e lacrado, e remettido ao Intendente.

A sentença do tribunal condemnou-o a degredo perpetuo para Angola e á confiscação dos bens. E no seu palacio do Rato installou-se então a Intendencia Geral da Policia.

A *Gazeta* de 1818 publicou, successivamente, os annuncios de que na casa do Juizo do Fisco por Inconfidencia, na rua Nova do Carmo, 7-G, se arrendariam os bens confiscados a Gomes Freire, se procederia á arrematação da casa nobre da rua da Fabrica da Seda, pertencente aos herdeiros do architecto Manuel Caetano de Souza, se procederia á arrematação d'umas casas no largo do Limoeiro, pertencentes ao réo de alta traição, Maximiano Dias Ribeiro, que se haviam posto editaes chamando os credores com direito ao preço das casas do réo Francisco Antonio de Souza e mais herdeiros do pae d'este, e que se havia de arrematar um casal do dito Francisco Antonio de Souza.

Um irmão do ultimo, Diogo Ignacio de Souza, e sua mulher, requereram aos Governadores do Reino para que se declarasse que a existencia da Secretaria da Intendencia Geral da Policia na casa que haviam herdado de seu pae e sogro, e de cuja propriedade era comparte o réo confiscado, não obstasse a qualquer lançador que a houvesse de arrematar para sua habitação. A portaria de 17 de Fevereiro de 1818 deferiu o pedido.

O palacio do Rato foi adquirido pelo opulentissimo capitalista, conde da Povoa (n'esse tempo barão de Teixeira). Francisco Antonio de Souza, que, com os co-réos sobreviventes, havia sido perdoado em 1822, reclamou do governo constitucional (em 1833) a restituição da sua casa, mas nada conseguiu e morreu pobre. O palacio entrou na herança da filha do conde da Povoa, mãe da 3.ª duqueza de Palmella, e pertence agora a esta titular, tão notavel pela mais delicada das virtudes — a caridade, como pelo seu peregrino talento artistico, que foi exalçado pela penna gentil de Pinheiro Chagas nas linhas seguintes: — «Podia ser simplesmente esculptural, quiz tambem ser esculptora. As suas mãos ducaes manejam o escopro com a habilidade de um grande artista. Consubstancia d'essa forma em si propria duas entidades que costumam ser distinctas:

modelo de estatuas e creadora de estatuas, Victoria Colonna e Miguel Angelo.»

Por occasião do seu casamento, as salas do palacio do Rato franquearam-se ao publico, que ahi acudiu em grande numero e poude admirar os magnificos objectos que encerravam, as jarras do Japão, de Saxe e de Sèvres, os quadros de valor, os tremós sobre os quaes sorriam *libelots* preciosos como as reliquias gloriosas, as louças de alto preço, as bellas columnas e os bustos de marmore e de jaspe, mil chinezices e n elegantes *étagères*, e a casa de jantar, onde, sobre a meza posta, e sobre os aparadores, se expunha a riquissima baixella de prata, mandada, segundo parece, fazer em Londres pelo barão de Teixeira (conde da Povoa), e que, no nosso paiz, só tem superior na da Casa Real. *(Correspondencia conf. com as auctoridades.* Corte e Reino. L. 222-293, *L. 17 das Secr.*, *Avisos e Portarias.* Maço 31, *Gazeta de Lisboa.* 1815 e 1818, *Jornal do Commercio.* 1863, *O Occidente.* 1879.)

Pag. 159, linha 1

Luiz Palmeirim citou, evidentemente por *lapsus calami*, a companhia de cavallinhos do Avrillon, quando devia citar a companhia de Laribeau, creador do circo de Madrid, em 1845. Em 1847 trabalhou n'este circo a companhia de Mrs. Cocchi e Achilles Polletti, ex-bailarino de S. Carlos. Madame Polletti, antiga segunda bailarina do mesmo theatro, dançava graciosamente a *cracoviana.*

Um volatim da companhia Laribeau executava uma pantomima que constituia prato de resistencia nas festanças dos circos d'aquelles tempos. Era a pantomima *D. Pedro no cerco do Porto.* Um annuncio de *O Patriota* dizia que vestidos, accessorios e penteados haviam sido feitos por artistas que trabalharam para o imperador durante o cerco.

Ora o Avrillon já a tinha desempenhado no circo Olympico, ao Poço Novo, onde apresentava o cavallo Mahomet, o mosca, o Colibri, e o Bil, que pertencia ao conde de Farrobo. Além do *immortal D. Pedro no cerco do Porto*, exhibia mais pantomimas a cavallo, como eram : o grande Napoleão, o dragão francez, o gladiador romano, o lanceiro portuguez defendendo o estandarte da liberdade, etc. Da sua companhia faziam parte Madame Cabanel, o alcides francez Turim Junior, e o jogador indiano Medua ou Medina Samme, que trabalhara primeiro no Tivoli da

rua da Flor da Murta e trabalhou depois no theatro de S. Carlos.

A companhia de arlequins do Gymnasio Lisbonense (theatro do Gymnasio) tambem se permittiu exhibir, em 1845, a pantomima do *immortal D. Pedro no cerco do Porto*, executada pelo sr. Fructuoso.

Pag. 190, linha 4

Em 1773 existia a estalagem *do Bosque*, que ficava na visinhança da rua dos Algibebes. Um aviso do marquez de Pombal, datado de Oeiras aos 8 de Outubro de 1773, ordenava que fossem presos n'essa casa, e conduzidos ao Limoeiro, o Juiz de Fóra de Arronches e o escrivão do Crime da mesma villa. *(Avisos.* N.º 3.º Classe 1.ª, N.º 15 de ordem. Coll. vinda do Min. do Reino.)

Pag. 197, linha 24

No começo do seculo, um bom chale de cachemira custava entre sete mil e dezesseis mil francos. Mas as imitações inglezas baratearam e, por consequencia, vulgarisaram tanto este artefacto, que a sua moda principiou a decahir depois do reinado de Luiz Filippe.

O cachemira chegou a ter a applicação mais extravagante e inesperada. Durante a guerra da Criméa, Galiffet seguia, commodamente, a rectaguarda do exercito n'uma tenda ornada de cachemiras da India.

Nas Indias, o cachemira conserva seus antigos creditos, e figura no numero dos objectos preciosos, que os principes indianos enviam, regularmente, como tributo á rainha Victoria. Em Hespanha, principalmente na Andaluzia, continua a usar-se o chale de tonkin, que ahi chamam *manton de Manila* ou *pañuelo de crespon.*

Pag. 250, linha 11

O café Suisso inspirou a creação de um semanario, *O Suisso*, cujo primeiro numero sahiu a lume em 26 de Novembro de 1898, e cujo programma foi traçado nas seguintes linhas de abertura:

«Um programma em duas palavras : — *O Suisso* não é reclamo feito a qualquer botequim portuguez, nem a qualquer cidadão da republica helvetica ; é um symbolo d'esses clubs de porta aberta, onde se conversa sem pedantismo, criticando ligeiramente os acontecimentos do dia e as pessoas que passam no *trottoir*, ou abancam a nosso lado. É a academia das sciencias baratas, onde, entre um gole de café e um calix de cognac, se belisca e se elogia tudo e todos, que se movem no nosso meio, na pequena evidencia d'esta terra, ou no grande palco do mundo.

Jornaes, livros, peças de theatro, portarias, amores, intrigas, duellos, novenas e divorcios, tudo que póde constituir o esplendido *bric-à-brac* da nossa sociedade mexeriqueira, passará pelas columnas d'este jornal, em prosa e verso, sem cruezas nem indiscrições, para que ninguem se irrite nem promova querellas. Amen.»

INDICE

PAG.

I — Origem dos cafés. — Os antigos cafés parisienses. — Os cafés no Segundo Imperio. — Gabinetes particulares e orgias nocturnas. — Algumas das que conquistaram a corôa de rosas e diamantes do hetairismo. — A fina flôr das elegancias. — Os *viveurs*. — Sombras frivolas. — Os clubs. — Origem da gorgêta em França. — A gorgêta em França. — A gorgêta em Portugal 1

II — Philosophia dos botequins lisboetas. — Os botequins lisboetas no seculo XVIII. — Fala-se do marquez de Pombal. — A Opera do Bairro-Alto e El-Rei D. José 13

III — O botequim do Marcos Filippe. — Um pouco de historia contemporanea. — O botequim do *Casaca* e outros. — Parlatorios politicos. — O Pina Manique entra em scena. — *Os Mouchards*. — Modas femininas 19

IV — O botequim mais antigo de Lisboa. — Filinto Elysio. — As denuncias. — Jogatina. — A Arcada do Terreiro do Paço. — A *Gazeta de Lisboa*. — Todos jacobinos! — Os bilhetes de residencia. — Procedimento anti-patriotico 27

V — O café *do Grego*, assembléa de revolucionarios. — Lojas suspeitas á policia. — Odysséa d'um botequineiro. — O copeiro de Luiz XVI. — Um antiquissimo freguez do *Grego*. — Os cafés do Cáes do Sodré. — Casas de pasto 35

PAG.

VI — A segurança publica no fim do seculo passado. — A gatunagem. — Creação da Guarda Real de Policia. — Rondas civis. — Ruas e casas perigosas. — Navalha e guitarra. — O bandidismo nas provincias. — Medidas governamentaes... 41

VII — O café do Nicola. — O italiano Nicola. — Bocage. — Vem á baila o José Agostinho de Macedo. — Seu temperamento. — Audacia da fradaria. — O Pina Manique corta-lhe os vôos. — Um trovador tonsurado..... 49

VIII — Contenda de bardos. — A Estanqueira do Loreto e o seu grande nariz chimerico — Fala-se novamente de Bocage. — Nicolau Tolentino. — Medidas prohibitivas do Intendente Geral de Policia. — Carne em dia de jejum. — Os officiaes do exercito francez frequentam o Nicola. — Aspecto d'este botequim. — A' porta do Nicola. — O Nicola do Campo Grande. — Mais outro Nicola..... 55

IX — Junot, *o conquistador*. — Casas que foram destinadas para seu alojamento. — Algumas linhas a respeito d'este homem de presa. — Os seus manuscriptos. — Intenção dos seus herdeiros. — Depredações dos francezes em 1808. — Geoffroy Saint-Hilaire..... 65

X — O Rocio em 1808. — Capotes e *jozésinhos*. — Cita-se a duqueza d'Abrantes. — Modinhas dos bons tempos. — As habitações no Rocio. — Os adellos da rua do Arsenal. — Feiras e vendedores ambulantes. — O *Bota-Abaixo*. — A Praça da Figueira. — Outras feiras..... 73

XI — O botequim *das Parras*. — José Pedro *das Luminarias*, a gazeta viva. — Tertulia de poetas. — José Pedro *das Luminarias*, o pacificador. — Centro de conspiratas..... 79

XII — Odios de José Agostinho de Macedo. — Seu feitio de luctador. — Sua linguagem. — O jornalismo antigo e o jornalismo moderno. — Serviço de José Agostinho. — Penna venal e peccado venial. — A vaidade de José Agostinho.. 83

XIII — Volta-se ao botequim *das Parras*. — No tempo dos Francezes. — José Pedro, festeiro-mór d'estes reinos. — Um patriota... á antiga. — Uma anecdota. — Morte de Bocage. — Elogio de José Pedro *das Luminarias*..... 91

XIV — Medidas policiaes. — José Pedro. — Sua vida —

PAG.

Suas anecdotas. — Sua morte. — As batotas de 1810 a 1817. — Jogadores. — Uma rifa interessante 99

XV — Antigos estabelecimentos do Rocio. — A botica do Azevedo. — Soneto de Tolentino. — Aguia de folha. — Conciliabulos na botica do Azevedo. — Lojas conhecidas. — Historia do *passo* do Senhor dos Passos da Graça. — No tempo de D. Miguel. — Os *mauvais lieux* da calçada do Duque 105

XVI — Na rua do Jardim do Regedor. — Palacio da Inquisição. — O café das *Sete Portas* e o café *Montanha*. — Antonio Marrare, reformador dos botequins lisboetas. — Os italianos. — Os cafés do Marrare. — O *Marrare* de S. Carlos. — Uma campanha em S. Carlos. — Um excentrico. — O mais antigo lojista do Chiado 113

XVII — O Marrare do Arco do Bandeira. — Vintistas acerrimos. — O Manuel Hespanhol. — Mudança de clientella. — João da Matta e as suas subtilezas gastronomicas. — Os *restaurants* do Chiado e os seus sophismas culinarios. — O Marrare *de polimento*, quartel-general do dandysmo. — Descreve-se o *Marrare*. — Scenas marrarenses. — Depoimento de testemunhas oculares. — O Ferrari. — Uma curiosidade zoologica 125

XVIII — A segurança publica em 1820. — Vendilhões, vadios e mendigos. — Na quinta da Bemposta. — Plethora de larapios. — Duas proezas notaveis. — A limpeza das ruas. — Bocage em situação assaz critica. — Um feito de Diogo Alves 137

XIX — Pasquins. — Protestos e protestantes. — Revolta d'infanteria 4. — Alexandre Herculano. — O chapeu alto em Portugal. — O inventor do chapeu alto. — Este chapeu cobre o craneo dos mais refinados elegantes. — Um chapeu alto no seculo XV. — O chapeu armado. — Uma pirraça feita a José Agostinho de Macedo 143

XX — Crapula batoteiral. — O *Manéta* do largo do Soccorro. — Jogadores emeritos. — Os *salsifrés* de D. Claudia e a sua nota patusca. — Um solo de bengala. — Sumiço de D. Claudia 153

XXI — Botequins de S. Roque. — Um livreiro antigo. — O café Tavares. — Uma pagina de historia politica. — Rei Chegou. — Perseguições. — O Miguel Alcaide. — A biltraria dos caceteiros. —

PAG.

Justiça popular. — O diabo e D. Miguel não eram tão feios como os pintavam. — Liberaes fingidos e liberaes verdadeiros..... 161

XXII — Prosegue-se com a historia do café Tavares. — Os irmãos Tavares. — Freguezes do café Tavares. — O novo café..... 177

XXIII — *Chez ces dames* — Reuniões de constitucionaes. — *O Chicoria.* — Soneto a este alcaiote. — Disposições de policia. — *A Casa da Estopa* e o Recolhimento da Cordoaria..... 181

XXIV — Os botequins em 1824. — O café *do Bosque* e outros. — Barracas do largo do Passeio Publico. — *O Troca.* — Seu valimento..... 187

XXV — As tabernas do largo do Passeio. — Diogo Alves e Companhia. — Origem de dois ditos vulgares. — O Passeio Publico antigo. — A Lage. — Nova referencia ao capote. — O Passeio Publico moderno. — Sob a batuta magica de *Madame* Amann. — O Passeio ao domingo. — Fantoches e fantasmas..... 193

XXVI — Varios botequins das immediações do Passeio. — Estabelecimentos suspeitos. — Manifestações e pasquinadas. — Prosegue-se na enumeração dos botequins. — O café do *Nobrega.* — *O Aurea*.. 205

XXVII — Descida á Ribeira Nova. — Cantos escuros. — Na ultima escaleira do vicio. — Botequim famoso. — A Ribeira Nova civilisa-se, muda de modos e de mascara. — Tunantes e tunantices..... 213

XXVIII — Pelo Chiado. — Os seus cafés. — A' porta do *Central.* — Excentricismo. — Uma scena de tapôna. — *Blague* de dois humoristas. — Typos do Chiado. — O ultimo abencerrage. — Lamenta-se a decadencia do Chiado. — O Chiado do tempo Bocagiano..... 219

XXIX — As esperas de touros. — Batedores de mão cheia. — No torvelinho da festa. — Uma fadista incomparavel. — As tresmalhações. — Desfilada dos mortos. — Perda de pittoresco pela invasão dos modismos forasteiros.. 235

XXX — Do Chiado ao Rocio. — *O Freitas.* — A ala dos valentes. — Um typo. — Outros cafés. — O theatro de D. Maria II e o Paço da Regencia. — Ainda no Rocio. — A pretalhada. — Typos das ruas..... 241

XXXI — No largo de Camões. — *O Suisso* e *O Martinho.* — No tempo da Maria da Fonte. — Rasgos de

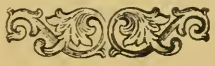
PAG.

valentia. — Degenerescencia da intrepidez nacional..... 249

XXXII — Na Trindade. — O theatro de S. Roque. — Theatriculos. — Companhias do theatro de S. Roque. — Fala-se, incidentalmente, de Garrett e da sua viuva. — O Cafe Concerto. — Can-can e cancanistas. — Do Mabille ao largo da Abegoaria. — Ponto final..... 261

Notas..... 271

Por lapso de revisão veiu em pag 117, linha 2 — «para não pagar meio por cento que pertencia á egreja do Loreto», em logar de — «para não pagar meio por cento de todas as fazendas que importava, e que pertencia á egreja do Loreto». Em pag. 135, linha 14, veiu a palavra — «aforador», em logar de — «afuroador». E em pag. 283, linha 39, veiu — «5.º e ultimo marquez de Marialva» — em logar de — «6.º e ultimo marquez de Marialva.»



DP
756
G8
v.2

Guedes Pinto de Carvalho,
José
Lisboa d'outros tempos

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 08 06 06 004 5